Imortais a Meu Lado

Rosemary Brown

Tradução: Amadeu António

IMORTAIS A MEU LADO

Rosemary Brown 1974

Índice

1 O Despertar
2 Testando os espíritos
3 Inteligência após a morte
4 Padrões de mediunidade
5 A minha própria busca
6 Preparação para o destino
7 Perceção crescente
8 Chegando ao público
9 A cruzada solitária
10 Felicidade para toda a humanidade
11 Tovey fala
12 Os mandamentos de Tovey para os músicos
13 Sombras de Shaw e Shakespeare
14 Shaw adensa a trama
15 Exame de consciência e Jung
16 Chopin apoia-me
17 Identidade, as suas raízes e o seu significado
18 O piano que tocava sozinho e outros fenómenos
19 A mensagem de Liszt para o mundo
20 Fantasmas fazem notícias para jornalistas
21 De onde e para onde
22 Vozes da eternidade
23 Inspiração poética
24 JohnLill

Apêndices 1 Uma mensagem recebida por Rosemary Brown de Bertrand Russell, na qual ele comenta as tendências atuais

2 A música – uma opinião do Professor Ian Parrott

A chave para a imortalidade reside dentro de nós: nós giramos a chave na fechadura quando nos identificamos com o Espírito Infinito 9 de abril de 1974 (De Tovey em espírito)

CAPÍTULO 1
O Despertar

Escorregamos para esta vida vindos do útero da nossa mãe. Entramos numa existência independente em vez de sermos parte do corpo da nossa mãe. Tornamo-nos uma vida separada que pode ser sustentada por meios externos. No princípio dos tempos, seríamos nós parte de uma Consciência Cósmica da mesma forma que fomos outrora parte do corpo da nossa mãe?

Teremos nós deslizado para fora do útero da Eternidade para experienciar uma consciência *separada*? Existirá uma grande Fonte de Vida de onde brotámos e à qual um dia regressaremos?

Estas são perguntas que parecem virtualmente sem resposta. São perguntas que refletem todo o mistério da Vida, da Morte e do Além.

Se acreditamos que somos criaturas com alma, e não apenas uma massa de componentes físicos que servem uma função transitória, temos de acreditar na nossa própria imortalidade essencial. A carne perece, mas o Espírito não pode perecer porque a sua própria natureza é imperecível. Independentemente do que acreditemos ou não, a origem da Vida, os seus propósitos e o nosso futuro são temas que despertarão algum interesse na maioria de nós.

Dos vastos salões do Espaço e do Silêncio surgiu a Vida. No entanto, nada pode vir do nada, portanto a Vida deve ter existido sempre. A Vida, neste sentido, é o que algumas pessoas chamam Deus, mas a palavra Deus tem sido usada para significar tantas coisas diferentes que é provavelmente menos confuso se a substituirmos pela frase "a Força Criativa". É difícil provar que Deus existe como uma Pessoa, mas a evidência dos nossos próprios sentidos pode mostrar-nos que uma Força Criativa existe certamente.

Para muitos de nós neste mundo, já é mais do que suficiente lidar com os seus problemas prementes e urgências, e suportar os seus prazeres e dores. Por isso, milhares de pessoas podem dedicar pouco mais do que um pensamento passageiro a qualquer coisa que não sejam as suas próprias preocupações imediatas. Aqueles de nós que se expandem em pensamento para horizontes mais amplos podem encontrar-se em mares desconhecidos se se aventurarem além das conceções estereotipadas do ser Humano e do seu Criador.

No entanto, o próximo passo lógico na nossa evolução parece ser a expansão da nossa inteligência para além das limitações dos nossos sentidos físicos.

Ao longo das eras, para sobreviver, tivemos de nos concentrar em conquistar o nosso ambiente e utilizar os seus recursos para a preservação da vida. No meio do turbilhão de nações em conflito, no meio da corrida desenfreada pelo ganho material, por aquisições pessoais, prestígio e poder,

podemos ignorar o facto de que dentro de nós podem residir as sementes de poderes interiores que nos poderiam dar uma compreensão mais profunda de nós mesmos e um maior domínio da Vida. A maioria de nós negligencia ou ignora estas potencialidades interiores ou descarta-as como inexistentes sem sequer fazer qualquer tentativa para descobrir se elas de facto existem.

As minhas próprias experiências em Perceção Extrassensorial, e especialmente as minhas comunicações com aqueles que rotulamos erroneamente de "mortos", fizeram-me perceber que existem mundos dentro de mundos e mundos fora do nosso mundo. Para mim, esta perceção deu à Vida um significado mais pleno, enriqueceu a minha perspetiva e aprofundou a minha consciência de Deus ou da Força Criativa.

Muitos daqueles que comunicam do Próximo Mundo fazem-no porque querem ajudar as pessoas que procuram uma compreensão maior; querem ajudar-nos a evoluir e a tornar-nos espiritualmente despertos. É difícil para muitos neste mundo tornarem-se plenamente esclarecidos porque estão tão cercados por tradição, superstição e vários dogmas. No próximo mundo, parece que é alcançável uma visão mais abrangente que permite ver que existem muitos caminhos para a Verdade e para Deus.

No meu primeiro livro, *Sinfonias Inacabadas*, descrevi como vários grandes compositores do passado comunicaram comigo e transmitiram muitas das suas novas obras musicais. O objetivo deste exercício não é simplesmente dar ao mundo mais composições, mas mostrar, através de um derrame de música inequivocamente característica deles mesmos, que continuam a viver além do Vale da Morte.

Porque haveriam estes compositores de querer provar que a Morte não é o fim? Será para nos tranquilizar, para nos confortar, para ajudar a acalmar os nossos medos e dar-nos esperança? Eles dizem-me que há muito mais do que isso, o que é uma das razões para eu escrever este livro.

Um número crescente de pessoas está a tornar-se consciente de níveis mais profundos de consciência dentro de si, que lhes podem dar raros lampejos de perceção sobre coisas e eventos: lampejos que fornecem informações que não poderiam ser obtidas por elas através de qualquer dos meios normais e reconhecidos. Ao longo dos séculos, qualquer investigação sobre tais assuntos foi desencorajada por várias instituições. Teriam as instituições receio de que a população viesse a saber demais? Ou teriam medo por si mesmas, temendo que os resultados de qualquer investigação pudessem desafiar algumas das suas doutrinas?

De uma coisa podemos estar certos: aqueles que valorizam a verdade acima de todas as outras considerações não estarão entre os que se opõem à busca de maior conhecimento, quer esse conhecimento esteja relacionado

com os aspetos materiais e físicos do Universo, quer com os espirituais e psíquicos.

Para muitas pessoas, a Fé é o seu único consolo perante a morte. Existem vários casos bem documentados de comunicação do além-túmulo, alguns excelentes exemplos dos quais foram citados num livro escrito por um membro bem conhecido da Igreja Católica Romana. Se casos como estes fossem mais amplamente divulgados, uma grande vaga de tranquilidade poderia ser dada àqueles que se esforçam fielmente por acreditar, enquanto talvez se perguntam se existe algum fundamento real para a sua fé tenaz, mas ténue.

A Igreja Anglicana neste país realizou um longo e cuidadoso inquérito sobre o Espiritualismo, mas suprimiu o seu relatório, que era favorável. Um bom clérigo que conheço expressou a sua opinião de que foi sensato suprimir o relatório, para o caso de este levar as pessoas a afluírem indiscriminadamente a médiuns como resultado. Existem muitos bons médiuns, mas também muitos medíocres, e os inevitáveis fraudadores, por isso temos de nos precaver contra a credulidade e lembrar que nenhum médium é infalível — embora eu própria tenha encontrado mais do que um que afirma que a sua mediunidade nunca falha! Esta afirmação de que a sua mediunidade nunca falha foi invariavelmente contradita por algumas das suas manifestações.

A questão vital é se nos vamos contentar em continuar a funcionar a "meio gás", metaforicamente falando, usando apenas parte do nosso cérebro, e fechando os ouvidos à voz da intuição e os olhos às nossas faculdades Extrassensoriais. Terá a religião de ser estática ou poderá marchar em frente como uma vanguarda nobre, conduzindo-nos a grandes e novas revelações?

As religiões são invariavelmente fundadas numa crença na continuação da Vida após a Morte, caso contrário teriam pouco significado. A religião cristã não é exceção a isto, com toda a sua estrutura a depender das comunicações de Jesus após a morte. Apesar disto, há pessoas que proclamam que é errado comunicar com os chamados mortos ou, dito de outra forma, errado que os mortos comuniquem connosco. Citações do Antigo Testamento são frequentemente a munição favorita usada para disparar esta crítica descabida, sendo um aviso que foi proferido contra a comunicação de natureza indesejável interpretado como incluindo comunicações de todos os tipos.

É bom ter fé, e ainda melhor é acrescentar conhecimento à fé. Bem-aventurados aqueles que acreditam em Deus e deixam tudo o que não é imediatamente compreensível nas Suas mãos; mais bem-aventurados ainda,

talvez, são os pioneiros dedicados que enfrentam os ventos da crítica e as marés do fanatismo nos seus esforços para aumentar o nosso conhecimento através de uma investigação minuciosa nos reinos intangíveis do espírito.

Será que estas palavras despertam uma faísca de resposta no íntimo do seu coração e mente? Se sim, talvez seja uma das vastas almas no mundo de hoje que acreditam ser nosso dever reunir sabedoria e dedicá-la à melhoria da Humanidade, que acreditam com todo o coração na justeza da busca pela Verdade.

Podemos dar crédito a qualquer crença de que Deus deseja que enterremos as nossas cabeças, como avestruzes, nas areias da ignorância? Ou podemos aceitar que a Vontade do Todo-Poderoso seria que expandíssemos a nossa inteligência até aos seus limites máximos no esforço de nos tornarmos maiores no sentido mais elevado? A escolha é nossa, se tivermos a coragem de a fazer.

Neste livro, descreverei as visões de alguns dos compositores e outros que habitam no Mundo Espiritual. É interessante ver como algumas das suas ideias sobre Deus e a Vida mudaram desde a sua partida do mundo material. Como Chopin me observou uma vez, "A matéria é como uma venda que impede as pessoas de verem a luz. Só quando atingimos o estado pós-morte é que somos capazes de ver quão cegos muitos de nós temos sido."

Questionamo-nos que tipo de revelações poderemos experienciar quando passarmos do denso mundo da matéria para os reinos mais subtis do espírito. Nós somos, claro, espírito aqui e agora neste mundo; mas, envoltos na carne como estamos, podemos ser iludidos a pensar que os nossos corpos físicos são a soma total do nosso ser. De facto, a menos que tenhamos experienciado uma consciência "fora do corpo", poderemos achar difícil imaginar como poderíamos continuar a funcionar sem o corpo físico. Existem casos registados em que pessoas se viram capazes de observar o que está a acontecer enquanto os seus corpos estão inconscientes sob uma anestesia geral; e casos em que pessoas morreram temporariamente e, antes de serem ressuscitadas, se viram a experienciar uma perceção totalmente desligada do seu corpo momentaneamente morto.

Eu sei que estas experiências fora do corpo podem acontecer e acontecem, porque tive muitas experiências desse tipo, geralmente durante o estado de sono. Como experiência, enquanto separada do meu corpo, escolhi locais para observar que sei com certeza nunca ter visto ou ouvido descrever; anotando cuidadosamente detalhes que poderiam facilmente escapar ao olhar de qualquer pessoa, exceto ao do observador mais atento, consegui certificar-me, ao visitar realmente esses locais numa data

posterior, de que as minhas observações fora do corpo estavam corretas. Isto provou que existe alguma forma de ser capaz de ver sem depender dos sentidos físicos: que o Corpo Astral — ou Alma — tem olhos próprios ou algum outro substituto para a visão.

O Corpo Astral, talvez deva explicar para aqueles que não estão familiarizados com o termo, é o equivalente espiritual do corpo físico, no qual se funde durante a vida terrena de uma pessoa. Está ligado ao corpo físico pelo que é descrito na Bíblia como "o cordão de prata", que funciona de forma semelhante ao cordão umbilical entre mãe e filho. Na morte, o cordão de prata é cortado ou dissolve-se, deixando o espírito livre para se mover no Corpo Astral; até lá, mantém o Corpo Astral ligado ao físico.

Poderia ser possível provar conclusivamente, através de uma investigação sistemática, que podemos funcionar independentemente do corpo físico e do cérebro. Isto daria um forte apoio à suposição de que a morte não é o fim, mas apenas uma transferência para outro corpo e dimensão. Temos um caminho muito longo a percorrer ainda em tal investigação, pois temos de lutar contra uma grande dose de ceticismo, preconceito e obstrução por parte de algumas fações religiosas.

Mas é duvidoso que alguém consiga travar a marcha da Ciência, que certamente voltará a sua atenção mais plenamente para tais assuntos. Estamos apenas a emergir das influências repressivas da Idade Média; temos de nos livrar do miasma da magia negra; temos de evitar a multidão de ramificações enganosas de uma suposta natureza psíquica ou oculta. Precisamos de investigação séria sobre todo este assunto, que é de séria importância para todos nós.

Sir Donald Tovey, que comunica frequentemente do Próximo Mundo, observou-me um dia — de forma bastante incisiva: "Seitas a mais estragam a obra!"

Ele estivera a discutir comigo as numerosas seitas que surgem por todo o mundo hoje em dia. Percebi que ele estava a expressar a sua opinião de que muitas pessoas, na sua ânsia de abrir novos caminhos espirituais, estavam a ser atraídas para becos sem saída e desvios. Temos um excesso de autoproclamados messias no mundo hoje, a maioria dos quais, disse ele, são indivíduos inofensivos e iludidos; mas alguns deles têm fome de poder ou de posição, e não são verdadeiros adoradores de Deus.

"As pessoas agarram-se frequentemente a qualquer novo movimento sem analisar a sua utilidade e méritos porque estão aborrecidas ou a sofrer de um vácuo espiritual. Em vez de verdade, querem *glamour*; em vez de factos, querem fantasia; não percebem que a realidade pode ser a descoberta mais emocionante e estimulante de todas."

Assim disse Sir Donald. Ele falava da realidade espiritual, e não da realidade quotidiana monótona ou dura da vida atual. Mas lembro-me de como ele insistiu frequentemente que a realidade espiritual é intrinsecamente parte da vida quotidiana, e que a negligência deste aspeto é a própria causa de muito do rigor e da insipidez da nossa existência.

"Os seres humanos são, em essência, seres espirituais, embora o seu comportamento por vezes possa levar alguém a duvidar disso; portanto, não é irrealista procurar valores espirituais e aplicá-los às questões materiais que a humanidade enfrenta."

Quando perguntei a Sir Donald o que ele queria dizer com valores espirituais, e como aconselharia as pessoas a encontrá-los, ele respondeu que cada pessoa deve procurá-los individualmente, porque essa é a melhor maneira de adquirir um verdadeiro sentido de valores. Além disso, especificou que a escala de valores espirituais varia inevitavelmente de pessoa para pessoa, embora um fio condutor básico os atravesse. Para expressar o seu significado de outra forma, disse que cada um de nós deve cultivar a sua própria alma, e que ninguém mais poderia cumprir este papel por nós.

Desde que o meu primeiro livro foi publicado, tenho recebido um número tremendo de cartas, e alguns remetentes têm indagado sobre as implicações espirituais do meu trabalho com os compositores. Espero que este livro responda a algumas das suas questões. A vasta maioria das cartas consistiu em inquéritos e pedidos de cariz pessoal que me manteriam ocupada durante décadas se respondesse a todos. Ocasionalmente, recebi uma missiva de um dos "sabe-tudo" que a maioria de nós conhece demasiado bem.

Algumas destas almas bem-intencionadas disseram-me como eu deveria viver, em que deveria acreditar e como o seu credo particular é (segundo dizem) o único e verdadeiro caminho. É surpreendente quantos "únicos e verdadeiros caminhos" existem, de acordo com os aderentes das respetivas crenças.

Gostaria de expressar os meus agradecimentos a todos os que me escreveram com boa vontade. Lamento que seja totalmente impossível responder a todas as cartas que me chegam, mas aprecio profundamente todos os pensamentos gentis e o incentivo enviados por quem me quer bem.

Uma grande proporção das cartas provém de pessoas que pedem ajuda para os seus problemas e dificuldades pessoais. Infelizmente, não tenho o tempo, nem a energia, nem o conhecimento para fornecer soluções, mas rezo sempre para que essas pessoas tenham força para lidar com os seus problemas e para que a ajuda chegue até elas. Parece que precisamos de um

vasto exército de Samaritanos para lidar com as desventuras de inúmeras pessoas.

Surpreendente — o mais surpreendente de tudo, creio eu — foi o grande número de correspondentes que afirmam estar em contacto com um ou outro dos compositores com quem trabalho. Sei que os compositores ajudam tantos quantos podem, mas é óbvio que algumas pessoas deixam a imaginação fugir com elas, muitas vezes por desejo inconsciente. Recebi mais do que alguns pedidos para confirmar se Liszt, Chopin, Beethoven ou um dos outros está em contacto com eles; se estão definitivamente em contacto com eles, naturalmente, não precisam de qualquer confirmação; se o contacto é tão incerto que sentem a necessidade de o ter verificado, é inútil, de qualquer modo.

As pessoas — as mulheres em particular — parecem pensar que trabalhar com os compositores é algo romântico. Na realidade, é uma tarefa muito árdua que requer uma concentração terrível, o que certamente não deixa margem para o usufruto de pensamentos românticos. Não que o trabalho seja desprovido de compensações. É maravilhoso conhecer estas grandes almas como indivíduos, e partilhar com eles o momento ocasional de humor ou o sentimento de triunfo quando alguma frase musical particularmente complicada foi transmitida com sucesso por eles para mim. Conseguir que algo tão elaborado como uma peça de música passe claramente, sem quaisquer erros na transmissão, é um feito quase impossível. Imaginem a alegria dos compositores quando um deles consegue transmitir uma nova composição com precisão. Ainda maior é a alegria deles quando estas composições são reconhecidas por eminentes especialistas musicais como sendo não só fiéis ao estilo, mas portadoras da marca inconfundível da autenticidade.

Deve ser difícil para muitas pessoas imaginar que algo como este avanço na comunicação com o Outro Mundo possa ocorrer, especialmente se as suas mentes estiverem precondicionadas por uma descrença ou preconceito contra tal acontecimento. Mas acredito que estamos no limiar de um avanço generalizado na comunicação que será estabelecido, eventualmente, pela Ciência. O fanatismo religioso e a perseguição serão dissipados lenta mas seguramente pela luz do verdadeiro conhecimento, e a única coisa que provavelmente permanecerá intolerável será a intolerância.

Testemunhamos no nosso tempo uma nação poderosa a tentar libertar o seu povo da discórdia e da rutura de visões religiosas opostas, induzindo-o a adotar o Ateísmo. Talvez isto ofereça, de facto, uma fuga à distração interminável de argumentos sobre a validade de várias crenças religiosas. As páginas da história ostentam relatos nauseantes de perseguição religiosa

com um fluxo acompanhante de tortura vil e um terrível balanço de vidas humanas. Estes atos diabólicos de perseguição, longe de acrescentarem prestígio às religiões em causa, podem muito bem ter ajudado a minar a influência das respetivas igrejas e levado à atual falta de consideração por elas.

Ainda se ouvem os estrondos de tentativas de intimidação religiosa nalguns quadrantes, muitas vezes vindos de seitas não ortodoxas. A ameaça de infortúnio de algum tipo é mantida sobre a cabeça de alguém com a advertência para se juntar a algum grupo particular ou acreditar no que dizem que se deve acreditar, se não se quiser que esse infortúnio nos atinja. As ameaças variam desde a moda antiga de que o fogo eterno do inferno nos espera, ou que nos será negada a Vida Eterna, até a um folheto mais original de mais vinte encarnações neste mundo se não obedecermos às ordens da sua organização. Sim, foi-me dito com toda a seriedade que, se eu não me juntasse às atividades de uma certa pequena seita neste país, ver-me-ia forçada a regressar a este mundo repetidamente. "E então?", retorqui. Isto pareceu desconcertar a pessoa que proferia a ameaça e que acreditava, aparentemente, que tal afirmação estava calculada para instilar terror no meu coração!

Raramente parece ocorrer às pessoas que alguém convertido a uma crença através do medo não será, provavelmente, plenamente sincero. Conformar-se por medo significa, provavelmente, que se está a conformar exteriormente enquanto ainda carece de uma convicção interior. O medo deve produzir muitos hipócritas e fazer com que as pessoas jurem lealdade a certas causas na esperança de salvarem as suas próprias peles ou almas.

Queremos uma sociedade racional? Uma sociedade onde possamos raciocinar sobre as coisas juntos calmamente? Ou queremos uma sociedade onde somos espancados até à submissão, onde as pessoas, quer como indivíduos quer como grupos, conseguem o que querem através do uso da violência? É verdade que, ao longo de todas as eras, as pessoas empregaram meios violentos para obter os seus fins, bons ou maus, mas teremos de continuar indefinidamente desta maneira? Não trará a violência sempre repercussões, seja através do protesto contra tais métodos ou em vingança real?

Descobriremos que a violência se está a tornar um meio obsoleto e, em última análise, ineficaz de obter os seus múltiplos objetivos? Tornar-se-á aparente que só através da cooperação voluntária se podem alcançar acordos satisfatórios e duradouros? Podemos levar-nos a negociar pacificamente, ou deve a humanidade continuar a atormentar-se com contendas e pilhagens?

Estas são perguntas que devem surgir nas mentes de muitas pessoas pensadoras. São também perguntas com as quais muitas almas no Próximo Mundo se preocupam. Estamos, dizem eles, num cruzamento crucial no desenvolvimento humano. Podemos derivar para o caos, a agitação e a poluição, não só da nossa atmosfera mas também do espírito humano. Se não pudermos ou não equilibrarmos os recursos do mundo, e alguns grupos monopolizarem ou acumularem enquanto outros grupos permanecem deploravelmente desprovidos, eles preveem convulsões mais frequentes e desastrosas do que as que alguma vez experienciámos até agora.

Está a tornar-se óbvio para cada vez mais pessoas que a economia de cada nação reage cada vez mais depressa e de forma cada vez mais drástica noutras nações. Isto deve-se, em parte, ao intercâmbio mais rápido de mercadorias através de transportes mais velozes e de maior alcance, e em parte ao aumento do consumo de bens devido ao crescimento da população mundial. Para acompanhar o aumento da procura de bens, há necessidade de planear e organizar numa escala mais ampla e clarividente. E isto, dizem eles, exige cooperação mútua entre nações e povos, sem a qual a fome, a doença e a desordem poderiam espalhar-se pelo nosso globo acompanhadas de motins inevitáveis e prolongados.

Porque deveriam os que estão no Próximo Mundo preocupar-se connosco? Terão eles um grau profundo de compaixão por nós enquanto sofremos as investidas deste mundo enquanto eles habitam em paz, sem as perturbações dos fardos terrenos? A sua preocupação brota, em parte, da compaixão, mas eles também parecem ansiosos por preservar o nosso planeta e tentar impedir que a raça humana se destrua a si mesma. Isto leva a outra questão, que eu própria lhes coloquei.

Porque deveriam estar tão enormemente preocupados em preservar o nosso mundo quando existe outra vida depois desta, e outras esferas onde podemos continuar a existir livres das tribulações do mundo material? Isto trouxe uma resposta que poderia fornecer uma pista para a *raison d'être* do nosso mundo: que precisamos de encarnar na Terra ou num planeta semelhante para nos tornarmos conscientes de nós mesmos e nos desenvolvermos em seres automotivados, para que possamos ter um papel ativo no Universo.

Antes da nossa entrada na matéria, jazíamos inconscientes no berço da Infinidade, mudos, passivos e sem perceção. O grande Princípio da Vida despertou-nos então para o movimento e lançou-nos na nossa jornada de autodescoberta. Para simplificar muito, nascer na Terra é como uma criança ser enviada para a escola para aprender. Se aprendemos e o que aprendemos depende das nossas oportunidades e da nossa resposta.

Isto dá-nos um quadro instigante da visão do nosso mundo tal como pode ser vista a partir do Próximo Mundo. O ponto de vista distanciado daqueles que habitam nesse mundo pode ajudar-nos a alcançar um sentido mais aguçado dos valores Eternos que estão destinados a preocupar-nos a todos, mais cedo ou mais tarde, mesmo que não tenhamos interesse neles aqui e agora.

Se viéssemos a conhecer estes valores na plenitude e os aplicássemos à tarefa de viver num sentido prático, poderíamos encontrar uma solução para muitos dos nossos problemas. Isto não é pregação do Além, nem moralização, nem uma tentativa de impor um ponto de vista ou credo. Os seus esforços são direcionados para tentar dar-nos uma maior compreensão, para que possamos tirar o melhor partido da vida na Terra e estarmos melhor preparados para a nossa transição para o mundo deles.

À medida que prosseguirmos neste livro, delinearei alguns dos pontos de vista atuais de vários dos nossos grandes pensadores, como Einstein e Bertrand Russell. Haverá também bastantes comentários de Sir Donald Francis Tovey, que tem muito para dizer por si próprio a partir do Próximo Mundo. Sir Donald, um grande musicólogo, conferencista brilhante e músico dotado, tornou-se um dos principais motores da comunicação; como ele partiu em 1940, ainda vivem várias pessoas que o conheceram bem e que podem testemunhar o tom autêntico das suas conversas comigo.

Alguns dos nossos semelhantes tentariam enganar-nos, fazendo-nos acreditar que a comunicação com o espírito é errada, sem valor, sem sentido e sabe Deus que mais. Na realidade e na verdade, a comunicação pode ser esclarecedora, edificante e uma experiência bela e sagrada. Quando conduzida com bons motivos, de uma forma sensata e guiada por Deus, e a comunicação é estabelecida apenas com espíritos "bons", é como um sopro de ar puro e saudável que afasta a atmosfera estagnada da estagnação religiosa. Ao excluir o Próximo Mundo, podemos estar a excluir o caminho para a salvação deste mundo. Pois quem sabe que revelações não poderiam vir do Além?

CAPÍTULO 2
Testando os Espíritos

Não poucas pessoas que conheci parecem pensar que eu devo ser uma pessoa do tipo credulidade. Isto está longe de ser o caso, e eu coloquei-me à parte e pesei os prós e os contras do meu próprio trabalho com grande cuidado. Considero o meu trabalho como sendo em parte experimental e é,

naturalmente, imprevisível. É muito difícil testar trabalho da classe psíquica, porque não se podem comandar resultados.

Muitos membros do público saltam para a conclusão errada de que os médiuns "chamam" os espíritos. Duvido que eles chamem os espíritos nesse sentido. Os espíritos parecem inclinados a vir e ir quando escolhem, e não quando nós desejamos. O mais perto que se pode chegar de "chamá-los" é enviar uma mensagem mental solicitando o contacto — um pouco como telefonar a alguém: o número pode estar ocupado ou pode não haver resposta, ou pode até estar avariado.

Somos exortados a testar os espíritos no Novo Testamento, e este é certamente um conselho sábio. Temos de lembrar que, quando as pessoas passam para o Próximo Mundo, isso não muda a sua natureza. Se foram irresponsáveis ou perversas no nosso mundo, serão o mesmo no próximo — a menos e até que aprendam a corrigir os seus caminhos. Recomenda-se vivamente, portanto, que se tenha a certeza de manter a porta fechada contra tais tipos, a menos que se esteja deliberadamente a dirigir o que é conhecido nos círculos espíritas como um grupo de resgate, que assume a tarefa de tentar ajudar espíritos que necessitam de orientação.

Desde a infância, levei uma vida de oração, começando e terminando sempre cada dia com orações espontâneas em vez de formais. Sou uma grande crente na eficácia da oração sincera como proteção contra espíritos indesejáveis. É interessante notar que a música chegou até mim através dos compositores, inicialmente, apenas depois de eu ter estado em profunda oração. Agora, após vários anos de trabalho com eles, um breve período de oração interior ou meditação silenciosa parece bastar para me sintonizar com eles.

Tenho realizado testes extensos e constantes sobre as minhas próprias capacidades mediúnicas, e também verificado com muito cuidado cada compositor ou outro espírito que deseje comunicar. Ainda faço esta verificação até ao dia de hoje — para grande diversão de Chopin, aparentemente. Ele veio há uns dias para começar a ditar-me uma nova peça de música — uma Balada, disse ele. De repente, olhou para mim com um rosto muito solene e disse, no seu inglês imperfeito: "Ah! Esqueci-me de trazer o meu cartão de identidade. O que devo fazer?"

Isso foi tão típico da sua maneira brincalhona que foi, por si só, prova suficiente. Liszt, habitualmente mais sério do que Chopin, reage de forma diferente. Um dia, eu estava a observá-lo de cima a baixo para me certificar de que era realmente ele e não um impostor, e ele perguntou de uma forma algo irónica: "O que se passa? Não confias em mim?"

Assegurei-lhe apressadamente que confiava nele plenamente, mas que estava apenas a certificar-me de que era ele.

"Mas a esta altura já reconheces a minha presença sem teres de me ver", continuou ele. "Por isso, por favor, não percamos tempo com preliminares desnecessárias."

Era verdade. Tornei-me tão habituada à presença de Liszt e de alguns dos outros compositores que sou capaz de sentir quando estão comigo antes de os ver ou ouvir falar. Muitos leitores podem ter experienciado uma sensação semelhante de uma presença — uma presença invisível — embora possam não ter sido capazes de identificar a manifestação. Reconhecemos as pessoas que conhecemos através do uso dos nossos sentidos físicos, quer pela visão da sua aparência, quer pela audição, se estivermos suficientemente familiarizados com as suas vozes — ou possivelmente podemos adivinhar quem são através do nosso sentido do olfato, caso tenham o hábito de usar um perfume distintivo.

Ao pressentir a identidade de um espírito sem usar as faculdades da visão, audição ou olfato, um outro sentido é evidentemente chamado ao serviço. Será este tipo de perceção, de facto, um exemplo de relação telepática? Ou deveria ser mais apropriadamente chamado intuição? Ocorrerá tal reconhecimento como resultado de uma incidência sobre nós de certas vibrações ou ondas de algum tipo emitidas pelo espírito em questão?

Recorri a Liszt para obter uma resposta a esta questão complexa, e ele afirmou que cada pessoa tem o seu próprio campo dinâmico que pode ser sentido ou "captado". Este chamado campo dinâmico é abafado até certo ponto, acrescentou ele, enquanto vivemos na Terra porque a matéria tem um efeito amortecedor. Afirmou também que o campo dinâmico de cada pessoa é peculiar apenas a essa pessoa, da mesma forma que as impressões digitais são individuais. Poderia a nossa tecnologia avançada, um dia, projetar uma máquina que pudesse digitalizar ou registar estes campos dinâmicos, e talvez até gravar o impacto do campo de um ladrão ou intruso para ajudar na deteção e detenção? A tecnologia já ultrapassou os limites aos quais a imaginação comum poderia ter chegado há um século, e as suas conquistas futuras poderão atingir níveis para além dos nossos sonhos mais selvagens.

Falar de tecnologia lembrou-me de alguns testes mecânicos que foram aplicados à música que recebo de espíritos. Fui convidada a participar, em maio de 1971, num programa de televisão em Birmingham, para ser entrevistada por Wendy Cooper sobre o meu trabalho e o meu primeiro livro. Um musicólogo e matemático, Stan Kelly, apareceu connosco no

ecrã, munido de um computador que estivera a usar para analisar e avaliar a música.

O computador era um analisador multivariado que fornecia fatores de correlação. Stan Kelly, que tem uma experiência especial com computadores, processou fitas de papel representando amostras aleatórias de música escrita por Liszt, Chopin e Beethoven durante as suas vidas, e também amostras aleatórias da música que eu transcrevi dos mesmos compositores. A evidência demonstrada pelo uso desta técnica indicou uma forte correlação, especialmente com Chopin. Isto não me surpreendeu, pois Chopin parece o mais capaz de comunicar música de forma clara e rápida — ou então ele é capaz de se sintonizar comigo mais facilmente do que alguns dos outros compositores.

O Sr. Kelly disse que pontuações acima de sessenta são suficientes para mostrar correlação, e que as pontuações obtidas situaram-se nos oitenta e noventa.

O método de utilizar um computador para analisar e avaliar a música poderia provar ser, por vezes, mais fiável do que obter a opinião humana. Como sabe, as opiniões variam sempre sobre tudo. Um crítico louvará a música, exaltando não só a sua beleza, mas mantendo também que ela é fiel aos compositores nomeados. Outro não será tão entusiástico, e poderá alegar que a música é uma imitação inconsciente da minha parte. Descobri, lamento dizê-lo, que o ciúme colora frequentemente as opiniões, e isto por vezes impedirá uma pessoa de dar uma crítica realmente imparcial.

Eu sou uma nulidade musical, e irrita alguns músicos (especialmente se aspiram a ser eles próprios compositores) pensar que tanta publicidade tem sido dada ao meu trabalho. Gostaria que pudessem olhar para além das personalidades, para a música em si e para os objetivos elevados dos compositores que trabalham comigo. Eu não importo, e gostaria que dedicassem as suas atenções ao trabalho real em vez de me criticarem e conspirarem para descartar a música com explicações falsas. Mas a maioria dos músicos que examinaram o meu trabalho concederam pontos generosamente, mesmo que não estivessem totalmente convencidos da origem das composições.

Com a ajuda de amigos, por vezes agimos de acordo com um plano para obter uma opinião tão imparcial quanto possível sobre a fonte da música. Certa vez, introduzimos subitamente uma peça musical que me fora dada por Schubert num programa de obras de piano de Schubert. Depois, desafiámos o público a "detetar" a peça que não tinha sido escrita por Schubert durante a sua vida. Ninguém foi capaz de distinguir a peça, e vários foram bastante enfáticos ao afirmar que a peça que me fora

transmitida era, sem qualquer dúvida, uma das próprias obras de Schubert! Quando o meu primeiro disco estava a ser lançado pela companhia discográfica Philips (agora Phonogram), Jack Boyce, na altura gestor da divisão de Discos Clássicos, passou uma gravação numa conferência de vendas de um excerto de um Quarteto de Cordas que eu tinha "recebido" de Brahms. Anunciou então que fazia parte de um Quarteto de Cordas escrito por Brahms em 1969 (a data em que o recebi).

"Quer dizer 1869", interzeio um dos presentes na conferência.

Este público consistia em representantes de vendas e agentes e afins, incluindo pessoas muito familiarizadas com a obra de Brahms. Todos foram induzidos a aceitar o excerto como sendo genuíno de Brahms — o que é, naturalmente! Isto pode ter parecido um "golpe baixo", mas é frequentemente a única forma de levar as pessoas a serem realmente imparciais no seu veredicto.

Mesmo que as pessoas acreditem que o meu trabalho é autêntico, é preciso coragem para o dizerem. Podem ver-se ridicularizadas por céticos ou olhadas com desaprovação por instituições que estão demasiado enraizadas nos seus métodos para aceitarem uma nova conceção. É, talvez, excecionalmente difícil para alguém tomar uma posição a favor do meu trabalho se tiver uma grande reputação em jogo. Mas estarei eternamente grata a mais do que uma celebridade e especialista musical por apadrinharem o trabalho com entusiasmo e crença indisfarçável.

Um exemplo de apoio inesperado e bastante dramático ocorreu em maio de 1973. Fui convidada a participar num Festival que incluía as Artes e a Música. O organizador, Leonard Pearcey, um jovem muito dotado e capaz, providenciou para que eu fosse entrevistada por nada menos que Sheridan Morley, o filho de Robert Morley, o distinto ator. Sheridan fez-me uma série de perguntas sobre o meu trabalho, ao que se seguiu uma atuação minha ao piano de várias composições que me foram passadas pelos compositores que comunicam do Além.

O público foi então convidado a fazer perguntas, e várias pessoas fizeram-no. Um jovem levantou-se no público e disse que não tinha nenhuma pergunta a fazer, mas que gostaria de dizer algo, se lhe fosse permitido. Disse que achava que se deveria apresentar primeiro para que as pessoas soubessem que ele sabia do que estava a falar em relação ao meu trabalho.

"Eu sou o John Lill", disse ele calmamente.

Um arquejo de surpresa e deleite percorreu o público. Nunca, até aquele momento, tinha tido a honra de conhecer o John, mas tinha naturalmente ouvido falar da sua reputação como um grande pianista de

concerto. Perguntei-me o que iria ele dizer, e a minha alegria não conheceu limites quando ele afirmou sem hesitação a sua convicção de que o meu trabalho é completamente autêntico. Esta convicção, disse ele ao público, era sustentada pelo facto de ter sido informado por ninguém menos que Beethoven de que o meu trabalho é absolutamente genuíno.

Com isto, houve um alvoroço de excitação ainda maior. O John explicou que tem uma relação muito próxima com Beethoven e que é capaz de conversar com ele. Beethoven tinha-me dito que algo muito emocionante teria lugar no Festival, e que um homem no público diria algo de grande importância. Desde este primeiro encontro, Beethoven deu ao John Lill e a mim própria uma série de referências cruzadas surpreendentes e detalhadas. Ele dizia-me algo e dizia que também informaria o John.

Mais tarde, eu verificava com o John e descobria que ele tinha, de facto, recebido exatamente a mesma mensagem. Telepatia, poderiam comentar os céticos. Improvável, retorquiria eu, uma vez que as mensagens eram por vezes muito complexas e não nos chegavam, de qualquer modo, no mesmo instante temporal.

O compositor britânico Richard Rodney Bennett, cuja fama cresce rapidamente, disse que não conseguiria ter "falsificado" ele próprio a música de Beethoven, ao referir-se às minhas composições ditadas por Beethoven. Esse é, de facto, um tributo maravilhoso vindo de um dos compositores mais brilhantemente dotados do nosso tempo. O Professor Ian Parrott, do Departamento de Música do University College of Wales em Aberystwyth, escreveu que está perfeitamente disposto a aceitar a total genuinidade do fenómeno das minhas composições ditadas por espíritos. Humphrey Searle, um dos principais compositores britânicos e um especialista em Liszt, após examinar "*Grübelei*", uma composição para piano que recebi de Liszt, disse: "É o tipo de peça que Liszt poderia muito bem ter escrito, particularmente durante os últimos quinze anos da sua vida".

Poderia citar muitos mais testemunhos de especialistas musicais, muitos deles bem conhecidos, mas isto poderia ser confundido com autopromoção da minha parte, quando desejo simplesmente demonstrar que a música é considerada por muitos músicos como sendo claramente criações dos compositores em questão.

Para além da música, há frequentemente mensagens altamente evidentes para várias pessoas. Escolhi citar relatórios feitos pelo Dr. H. van der Haas sobre a minha mediunidade. Ele é um engenheiro químico qualificado e autor de *The Enterprise in Transition*, uma análise da prática europeia e americana. Conheci-o pela primeira vez em 1971, depois de ele

me ter escrito da Holanda por sugestão do Professor Tenhaeff, o distinto parapsicólogo, que já me tinha conhecido e examinado.

O Dr. van der Haas manteve um registo num gravador das nossas conversas e deu-me permissão para citar o que se segue. O primeiro encontro foi a 23 de junho de 1971, quando a falecida esposa do doutor me apareceu e eu fui capaz de a descrever em detalhe. Ela falou, relatando muitos pormenores da sua vida, e depois referiu-se a alguém que ele conhecia que estava prestes a ir para Oostende. Citando palavra por palavra o relatório do Dr. van der Haas:

"A minha filha, recém-casada, atravessou para Inglaterra via Oostende para a sua lua de mel. Eu não sabia por onde ela atravessaria. Isto foi no dia 27."

O dia 27 significava um intervalo de quatro dias entre o nosso encontro e a travessia da filha, o que excluía qualquer suspeita de leitura de pensamento. Os espíritos recordam frequentemente o passado ao comunicar, provavelmente porque é uma forma de ajudar a provar a sua identidade e mostrar que se lembram. Aqui está o meu relato de parte da conversa da Sra. van der Haas comigo, e os comentários e confirmações do marido entre parênteses.

"Ela tinha uma pequena almofada cor-de-rosa, estragada, mas ainda em uso. Tem compartimentos." (*Correto, uma pequena almofada insuflável usada em piqueniques*)

"Ela trabalhava com muita destreza em ráfia." (*Correto. A minha mulher teve de aprender isto quando tirou o curso para ensinar crianças*)

"Ela está a falar de caixas para sementes, bastante rasas, que eram colocadas umas em cima das outras e guardadas num local ligeiramente húmido com um cheiro a terra." (*A minha mulher trabalhava sempre no jardim onde há uma estufa. As sementes eram plantadas em caixas e, por volta de junho, estariam vazias e guardadas no chão da estufa, perto do transbordo da água da chuva, onde o solo está sempre húmido*)

"Ela gostava de choupos, há uma fileira inteira com pequenas falhas pelo meio." (*Correto. Há uma longa fileira num dos lados do jardim*).

"Ela gostava de cultivar trepadeiras, coisas que sobem." (*Correto. Havia várias trepadeiras na casa e ao longo dos muros do jardim.*)

"Agora ela fala de um palheiro muito perto de uma quinta, e depois um pouco mais longe há um salgueiro antigo muito bonito." (*Esta é exatamente a situação na parte de trás do jardim.*)

"Ela gostava de fazer uma espécie de panqueca que se tinha de comer logo. Cozinhava-a numa frigideira, virava-a e deixava-a ficar bastante alta,

com queijo no interior." (*Correto. Feita de duas fatias grossas de pão com uma fatia de queijo no meio, preparada com muita frequência.*)

"Ela gostava muito de pássaros e, a certa altura, houve um pássaro de estimação que pousava na mão dela." (*Amor pelos pássaros - correto. Nada se sabia sobre o pássaro de estimação, até que a minha sogra me informou que, há cerca de 25 anos, houve um na casa deles*)

"Ela diz que esteve num local recentemente onde havia uma queda de água pequena e baixa. Esteve a olhar para ela durante alguns minutos; estava escondida, de modo que a encontrou inesperadamente." (*Correto. Em Paris, no Bois de Boulogne?*)

"Foi a uma fábrica de perfumes com ela. Havia quadros das flores de que os perfumes são feitos." (*Correto. Em Grasse, a sul de Grenoble.*)

"Havia muita mimosa, de que ela gostava muito, e plantas com folhas como palmeiras, folhas afiadas e grossas." (*Correto. Uma boa descrição da planta agave*)

"Tem uma taça, uma caneca, em casa, que é uma posse estimada. Existe apenas uma; é o tipo de coisa que poderia ter sido um prémio, um galardão. Tem apenas uma asa; é feita de um metal prateado baço." (*Correto. Um prémio feito de estanho, atribuído na Indonésia, onde a minha mulher e eu passámos cerca de dez anos*)

"Sinto o odor de ervilha-de-cheiro; é o perfume dela." (*Correto, embora nunca identificado como o aroma de ervilha-de-cheiro. Ao visitar amigos em Assen, na Holanda, que eu não conhecia, mas que eram amigos muito antigos da minha mulher, descobri que tinham imensas ervilhas-de-cheiro no jardim, que tinham exatamente o cheiro do perfume*)

Investigadores psíquicos procuram todo o tipo de explicações, atribuindo frequentemente resultados à leitura de pensamento que, se fosse verdade, indicaria uma capacidade telepática notável! Mas, como o Dr. van der Haas observou, havia itens que não podiam ser explicados pela teoria da leitura de pensamento, tais como o conhecimento prévio da sua esposa de que a filha atravessaria via Oostende para Inglaterra, e a sua referência ao pássaro de estimação que o marido desconhecia.

Por vezes, a evidência surge numa língua estrangeira da qual sou completamente ignorante, fornecendo uma prova ainda melhor. Ilustrarei este ponto com um exemplo que pode ser corroborado. Diz respeito a Elizabeth Parrott, a talentosa artista esposa do Professor Parrott, M.A., D.Mus. (Oxon) do Aberystwyth University College. Um dia, visitaram-me em minha casa, quando o espírito da mãe da Sra. Parrott se manifestou ao lado dela. Este espírito afirmou estar muito próximo da Sra. Parrott e começou então a falar na sua própria língua, que era o russo. Não tendo

qualquer conhecimento da língua russa, além de ter lido nos jornais que a palavra "Niet", que significa "Não", parecia estar frequentemente nos lábios dos políticos, eu sabia que as palavras não podiam estar a emanar da minha própria mente subconsciente.

É óbvio que nada pode emergir da mente subconsciente a menos que tenha sido primeiro absorvido por ela, o que descarta a segunda teoria por vezes apresentada por investigadores de que todas as mensagens dos chamados mortos são meramente produtos desta faculdade onipresente. Repeti as palavras que estavam a ser ditas pela mãe da Sra. Parrott o melhor que pude, esforçando-me por as pronunciar da mesma forma. Foi muito difícil, mas a Sra. Parrott conseguiu compreender, apesar das minhas tentativas hesitantes de copiar os sons.

O Dr. van der Haas realizou mais testes às minhas capacidades psíquicas, e a sua esposa comunicou várias vezes. Certa vez, ela mencionou que tinha um ligeiro sigmatismo, pronunciando algumas palavras com sibilância. O Dr. van der Haas disse que isto estava correto, e que a sua esposa fazia frequentemente um som sibilante onde as palavras começam com a letra Z, que não é sibilante em holandês. Ela disse que desejava dar-lhe "muitíssimas calêndulas", e o doutor respondeu que era a sua flor favorita e que o jardim deles estava, naquela mesma altura, cheio delas. Ela falou de outro incidente de que o doutor não se lembrava. Tratava-se de uma caixa de chocolates com uma fita azul-clara à volta. O Dr. van der Haas escreveu-me a relatar que, cerca de um mês depois de ela ter dito isto, ele estava a verificar o conteúdo de uma gaveta para outro fim e encontrou a fita azul-clara, que então reavivou a memória dos chocolates.

Numa outra sessão de comunicação, surgiu a seguinte conversa. Mais uma vez, as minhas observações estão entre aspas, com as respostas do Dr. van der Haas entre parênteses em itálico.

"Recentemente, esteve envolvido numa controvérsia com alguém sobre comunicações psíquicas. Era um homem, um de um grupo de dois ou três. Um homem de estrutura atarracada; tipo de pessoa bastante fanfarrona. Tendia a ser uma influência antagónica em experiências."

(*Há alguns meses, recebi uma chamada telefónica do homem mencionado na declaração da Sra. Brown, cujas propriedades mentais e físicas coincidem exatamente com a descrição dada. Ele convidou-me a mim e a outra pessoa para discutir a realização de experiências no campo parapsicológico. Foi feita uma primeira tentativa com fotografia, mas logo se verificou que esta pessoa estava fundamentalmente em desacordo com a linha experimental escolhida. É interessante notar que a Sra. Brown*

mencionou mais do que uma vez experiências fotográficas nas suas sessões.)

"A sua esposa diz que algo aconteceu a um dos choupos. É no meio." (*Há uma fileira de choupos num dos lados do jardim. Há um ano, uma das árvores, no meio da fileira, morreu, deixando um espaço aberto.*)

"Há algo que precisa de ser aplainado — uma mesa grande de madeira branca. A superfície está áspera."

(*Uma mesa que corresponde à descrição, que era usada no jardim para fazer chá, etc., tinha sido envernizada durante tempo ventoso, de modo que a superfície está agora muito áspera devido à inclusão de grãos de areia no verniz. Esta mesa foi outrora usada no quarto da minha mulher na Indonésia.*)

"Recentemente, esteve a trabalhar com um ecrã grande, não de pano, mas parecido com isso, e houve algo que correu mal com ele." (*Este ecrã, do tipo usado para projeção de filmes, caiu recentemente do gancho quando se iam projetar diapositivos.*)

"Recentemente, quase chegou ao Banco, e depois mudou de ideias e decidiu não ir lá. Foi numa terça-feira." (*Completamente correto.*)

"A sua esposa tinha uma miniatura de um moinho de vento, deste tamanho (indicando cerca de 25 cm de altura). As velas podiam girar. De alguma forma encravaram e não giravam." (*Correto, também a altura. As velas encravaram num certo momento. É interessante notar que este pequeno moinho foi usado no último Natal pela primeira vez em anos, e que passei bastante tempo a tentar fazer as velas girarem adequadamente, sem o conseguir totalmente.*)

"Esteve numa igreja nos Países Baixos, recentemente, uma bastante grande, onde entrou como turista. Não havia serviço religioso, e é uma igreja bonita, mas sentiu que era um pouco vazia espiritualmente." (*Isto está completamente correto; a igreja é a antiga catedral de 's-Hertogenbosch.*)

No meu encontro seguinte com o Dr. van der Haas, ele entregou-me uma pequena corrente de ouro pertencente a uma senhora que é sua amiga. Aqui está o relatório do doutor sobre esta ocasião, retirado literalmente do seu próprio relato datilografado:

"Ela" — a senhora em questão — "sofre de depressões mentais, e a ideia era que numa sessão talvez pudessem ser revelados detalhes que pudessem ajudar na cura. A Sra. Brown mencionou muitíssimos detalhes sobre o passado da senhora, sobre a sua resposta ao tratamento e sobre a forma como o tratamento deveria ser adaptado. Os detalhes sobre o passado foram discutidos com a senhora, que concordou que estavam corretos. Os

detalhes sobre a resposta ao tratamento foram reconhecidos como corretos. O conselho dado sobre melhorias no tratamento foi seguido, e as primeiras indicações são de que a resposta se tornou melhor numa série de aspetos."

A esposa do doutor juntou-se a nós nesta reunião e deu mais mensagens, incluindo uma sobre um nicho perto da lareira na casa do doutor (que eu, naturalmente, nunca vi), onde ela disse que escondeu uma prenda para ele uma vez. Ela disse que gostava de lhe comprar prendas e que o provocava, não lhe dizendo onde estavam, ou dando pistas falsas. O doutor confirmou isto como sendo completamente correto.

Ele disse que, a 5 de dezembro, um banquete tradicional para os holandeses, são dadas prendas surpresa, e que ele e a sua esposa tinham continuado o antigo costume de esconder presentes. Ela escondia-os, informou-me ele, com muita astúcia, e fornecia todo o tipo de pistas, incluindo pistas falsas.

Entre as inúmeras instâncias de comunicação de cariz probatório que recebi do Próximo Mundo, há uma que se classifica como particularmente interessante, pois diz respeito ao Professor Einstein. O interesse do Professor Hermanns, da Universidade de Stanford, E.U.A., foi despertado quando leu no meu primeiro livro o relato do meu contacto com Einstein. Ele conhecia Einstein muito bem e ficou, naturalmente, tanto mais intrigado ao pensar que eu poderia estar em contacto com ele.

O Professor Hermanns veio a Londres, onde nos encontrámos a 19 de junho de 1972. Começou a questionar-me de perto sobre o contacto com Einstein, e fiquei muito feliz por ver que se juntou a nós o próprio grande homem em espírito. Einstein começou a falar de forma bastante volúvel sobre a sua vida e o seu trabalho, mencionando uma série de detalhes que o Professor Hermanns verificou estarem corretos. Foi certamente um encontro muitíssimo emocionante — é sempre uma grande sensação descobrir que as grandes almas não se extinguiram simplesmente com a morte, mas mantêm uma mente que funciona de forma tão aguçada como sempre. O que mais se destacou na minha mente como um ponto alto do encontro com o Professor Hermanns — e o Professor Einstein — foi a resposta humorística dada por Einstein a uma pergunta colocada pelo Professor Hermanns. Ele pediu-me para perguntar a Einstein se se conseguia lembrar de algo em particular sobre ele, e a resposta de Einstein foi definitivamente inesperada, mas totalmente precisa.

"Sim", veio a réplica de Einstein, "lembro-me de que ele comia sempre a comida depressa demais."

Esta observação de Einstein, que repeti para o Professor Hermanns ouvir, arrancou uma gargalhada ao secretário de Hermanns, Ken Naughton, que estava connosco nesta reunião transcendental.

"Ainda o faz", voluntariou o Ken, enquanto o Professor Hermanns ainda parecia um pouco espantado por Einstein se recordar dos seus hábitos alimentares!

Como é bom pensar que os nossos amigos que partiram para a Próxima Vida são capazes de se lembrar tão bem de nós! Embora possa haver algumas coisas sobre nós que preferiríamos que eles esquecessem!

Vimos, pelos relatos dos encontros com o Dr. van der Haas, que aqueles em espírito podem estar conscientes de nós, do que estamos a fazer e de onde estamos. Parecia que os espíritos nos podem observar com bastante liberdade, mas Liszt diz que isso depende do grau de interesse sentido, e que normalmente são aqueles que nos amam em espírito que mais nos vigiam e tentam ajudar.

Os detalhes relatados pelo espírito também demonstram que eles mantêm muitas memórias da sua vida terrena. Como Liszt declarou há instantes, enquanto eu estava a dactilografar este capítulo, "O fio da vida não termina com a morte; é simplesmente transferido para outra bobina."

CAPÍTULO 3
Inteligência após a morte

Se a Vida de facto continua após a Morte, até que ponto permanecemos os mesmos, e continua essa semelhança indefinidamente? Estas são duas perguntas que vejo serem frequentemente feitas pelo investigador sério. Duas perguntas que fiz a mais do que um dos meus contactos "espirituais" para ver o que eles teriam a dizer sobre o assunto.

Citarei, antes de mais, Bertrand Russell, uma vez que as suas declarações após a morte deverão interessar a muita gente.

"Após expirar o último folgo no meu corpo mortal dei por mim num tipo qualquer de extensão da existência que não apresentava paralelo, tanto quanto conseguia estimar, nas dimensões materiais. Que tinha recentemente experimentado. Observei que ocupava um corpo que apresentava similitudes predominantes com o físico que eu tinha abandonado para sempre; mas esse novo corpo em que agora eu residia era virtualmente sem peso e muito volátil, e capaz de se mover em qualquer direção ao menor esforço.

Comecei a pensar que sonhava e que em breve acordaria para aquele velho mundo, de que me tinha cansado um tanto, para dar por mim aprisionado uma vez mais nessa forma sujeita a envelhecimento que encerrava um cérebro que também tinha ficado cansado e que nem sempre queria pensar quando eu queria que ele pensasse.

"Por diversas vezes na minha vida chegara a pensar que ia morrer e tinha-me conformado à melhor das vontades que conseguia reunir para deixar de existir. A Ideia de Bertrand Russel não mais a habitar o mundo não me incomodava indevidamente. Sentia que o mundo já tinha quanto bastava de mim, e certamente que eu tinha tido quanto bastava do mundo. De modo condizente penei em dar ao 'rapaz' (A mim próprio) um enterro decente e em deixá-lo ir à vida. Agora aqui estava eu, ainda o mesmo que era, com a capacidade de pensar e de observar apuradas a um grau incrível. Senti que a vida terrena subitamente parecia muito irreal quase como se nunca tivesse acontecido.

Levou-me um tempo considerável a compreender aquele sentimento até perceber por fim que a matéria é decerto ilusória, embora na realidade tenha existência; o mundo material agora não parecia nada mais do que um mar fervente, inquieto e em mudança dotado de um volume e de uma densidade indetermináveis. Como pudera ter pensado que isso fosse a realidade e a última palavra da Criação da Humanidade?

"No entanto é completamente compreensível que esse estado em que o homem tem a existência, embora temporâneo, constitui a realidade passageira que deixa de ser uma realidade quando passa."

O primeiro contacto que tive com Bertrand Russel sucedeu como uma completa surpresa para mim. Porque deveria um homem de sublime intelecto querer comunicar comigo? Bem, evidentemente ele provavelmente não quereria comunicar comigo em absoluto, mas via-me como um possível canal de comunicação com o mundo. Indiquei-lhe (desnecessariamente, sem dúvida) que se eu passasse o que ele transmitia, não haveria garantia de que isso fosse aceite como mensagens idóneas da sua parte. Mas ele respondeu:

"A influência que tive no pensar das massas foi insignificante, mas um estranho capricho na natureza humana leva mais certamente certas pessoas a prestar uma maior atenção às mensagens dos supostos seres desencarnados do que alguns provenientes da boca e da caneta dos mortais. Daí que tenha a esperança de que os meus enunciados desencarnados sejam pelo menos uma fonte de diversão entre aqueles que promovem uma atitude de maior respeito dos mortos do que dos vivos."

Quando ele disse isso, suspeitei que ele estava a proceder a um astuto estudo quanto ao tipo de pessoa que fica de boca aberta com cada palavra proferida pelo Mundo Seguinte, como se fosse uma revelação formidável oriunda do alto. Não que eu excluísse a possibilidade de grandes revelações do Além, mas eu sabia bem - e os investigadores sérios sabem - que uma enorme quantidade de banalidades emerge do contacto com o comunicante médio do pós-morte.

Ao mesmo tempo, precisamos recordar que essas mesmas banalidades são a carne e o vinho da nossa conversa social de todos os dias, e não vejo porquê deveríamos surpreender-nos quando aqueles que tiverem passado continuam a mostrar indulgência nessa prática habitual. Suponham que conheciam um homem que vivia na rua do lado, e que o principal interesse que tinha na vida fossem as partidas de futebol e uma caneca de cerveja; se ele "morresse" e tivesse a chance de comunicar convosco, esperariam que ele jorrasse uma corrente de pia eloquência? Não se sentiriam tentados a duvidar da sua identidade por ser quem era e agir e falar na sua maneira usual reconhecida?

"Um exame superficial dos factos raramente revela a verdade. Há aqueles cuja consideração sumária que fazem de um assunto controverso repudia a opinião que têm como frívola e imatura."

O que quereria Bertrand Russel dizer com aquilo, fiquei eu a imaginar. Mas ele explicou em termos mais simples que conseguia apreciar agora, a partir do ponto de perceção alargada que tinha da mente das pessoas em que se encontrava, que a maioria de nós não damos uma opinião realmente considerada em muitas questões.

"Não percebi quanta gente há que não está disposta a considerar todas as possibilidades com relação aos aspetos hipotéticos da religião. Existem tantas possibilidades que pretendem excluir sem refletirem ou permitirem que outros lhes dê qualquer atenção. Não estamos mais na Idade Média em que um homem não podia questionar a existência de Deus ou o que quer que fosse relativo a Ele exceto a dor da morte. Devemos deixar que se faça luz, e perceber que se Deus existe e constitui um ser razoável Ele preferirá qualquer pensador sinceramente duvidoso a qualquer cretino crédulo."

Achei o termo "cretino crédulo" demasiado abrangente, e disse-o. Pela primeira vez nas conversas que tinha comigo, ele mostrou-me alguma irritação.

"Se vai assumir a função de editar tudo o que eu disser, eu direi coisas ainda mais ultrajantes e insistirei que não as expurgue."

Eu sentia-me um tanto divertida, dado que achava ter o a faca e o queijo na mão e que podia optar por omitir qualquer porção dessas

observações sempre que quisesse. Por outro lado, esforço-me por ser um repórter fiel e não cumpriria com a minha missão se começasse a apagar todas as passagens que decidisse deixar de fora. Continuarei, pois, a citá-lo literalmente como na perspetiva seguinte que ele apresentou do carácter humano.

"A avaliação do valor de todo homem assenta não só no são juízo daqueles que se sentam a julgar mas também numa penetração profunda nos atributos ocultos e tortuosos labirintos desses processos mentais. Nenhum ser humano é tão simples na função psicológica conforme deveria ter sido interpretado há um século ou dois. Raramente uma suposição direta merece com justiça ser alvo da confiança que refira a atitude composta do homem; invariavelmente o motivo acha-se misturado com subcorrentes variadas e subtis nos próprios interesses do indivíduo que ergueriam uma perspetiva cínica que não considerarmos o motivo principal como o verdadeiro indiciador do carácter.

"A mente humana trabalha muito com base no princípio da computorização caso se veja dotada de uma inteligência salutar e se se vir provida de um conhecimento adequado; ela pesará todos os aspetos programados para o seu prognóstico desse modo tomando no seu passo tanto os cenários (foros) altruístas como os pessoais. A decisão final em qualquer assunto poderá ser uma questão clara e é muita vez atingido de forma prematura antes que o computador inerente da mente tenha permissão para assimilar todos os factos conhecidos e complete a sua estimativa.

O segredo da atividade eficiente da mente assenta numa completa e efetiva programação; mas com que frequência poderemos ter a certeza de que a programação que fazemos seja absoluta e exata, imparcial de falsa propaganda oriunda do mundo externo e das influências de distorção provenientes do nosso íntimo?

"Poderemos alguma vez ser cem por cento dogmáticos em qualquer das opiniões que formulamos sem arriscarmos o fiasco de uma data qualquer futura em que uma maior perceção de nós próprios e do mundo em que vivemos venha a nós por algum acidente ou desígnio? Vivemos num mundo de valores cambiantes que a maior parte das pessoas distorce para ajustar aos seus próprios propósitos, raramente procurando a verdade por si só. Como poderemos, pois, encontrar uma esperança certa e segura para qualquer fundação lógica em que nos mantenhamos firmes procuremos uma causa inesperada de reversão de perspetiva?"

Ele fala nesta passagem como se ainda se encontrasse no nosso mundo, porventura adotando ainda um grande interesse na evolução da

mente humana que fosse como permanece entre nós. Numa outra conversa que teve comigo, pareceu evidente que ele tinha alterado algumas das suas conclusões desde a transição que fizera para o espírito. Aqui está:

"O cientista não pode ser censurado se o seu estudo e pesquisa por vezes o tiverem conduzido a conclusões erradas que descobertas posteriores o tenham levado a recuar. Esses cientistas e filósofos que têm a coragem e a sinceridade de admitir os erros dos seus conceitos merecem o nosso respeito e demonstram que são discípulos que discernem a verdade que estão dispostos a seguir independentemente do acúmulo crescente contradizer alguns dos seus próprios padrões de crença das deduções prévias.

"O hábito de praticar uma maior latitude nas nossas atitudes mesmo quando parecem ser suportadas por princípios e leis irrefutáveis contribuirão muito para uma recuperação mais rápida de uma posição que se tenha tornado indefensável após o surgimento de informação nova que desatualize aquela que já tiver sido reunida.

"Um exame do processo do pensamento evolucionário revelará que possui um ímpeto direcional como uma mola de relógio que tenha sido libertada da sua tensão e estenda os seus anéis concêntricos, libertando-se de ser equipada para o tempo. O cérebro primitivo pode lidar somente com o momento presente do tempo; um cérebro mais sofisticado é capaz de rever o passado e de prever o futuro. Até no mundo da matéria é possível transcender o tempo pelo pensamento e pelo facto efetivo a um grau diferenciado afastando-nos por viagens rápidas do tempo provinciano. O tempo e o local acham-se inextricavelmente interligados a tal ponto que se começa a conceber que esse tempo é um local em vez de um processo."

Numa outra ocasião, ele dirigiu-me o seguinte discurso:

"Verter luz no caminho da humanidade não vai ser uma tarefa fácil, quem quer que o tente. Ideias e ideologias podem somente ser introduzidas lenta mente se fazer isso ainda estiver limitado à comunicação pessoal por entre milhões que permanecem até ao presente num semi analfabetismo ou num analfabetismo total.

As facilidades de rádio, televisão, e das rotativas podem abundar no Hemisfério Ocidental, mas serão menos acessíveis a populações mais densas em comparação, e de longe mais heterogéneas; alcançar essa gente irá ser uma tarefa longa e difícil, em especial quando elas já tiverem sido doutrinadas em políticas insulares e medidas ditatoriais.

"Por todo o mundo, muitos são os que se convencem, senão aos demais, de que a sua linha de raciocínio é superior e melhor para a população em geral. O teste ácido do preparo da população passa pelo tubo

de ensaio da experiência que se segue para quantos se encontrem sujeitos ao processo da instrução. Será a sua experiência mais rica material ou mentalmente e serão mais salutares ou felizes por terem tido certas ideias moldadas na sua mente? Estarão a viver de forma mais construtiva e estarão a levar vidas de uma maior cooperação em resultado de terem submetido a inteligência que possam ter possuído às manipulações dos outros?

"A história tem demonstrado que muitos ditadores começam com motivos benignos totalmente destinados a ocupar a posição do salvador autonomeado do seu povo, somente para caírem vítimas de um sentido sobre desenvolvido de poder e de presunção que os conduz a ousar uma maior autoridade do que aquela que é capaz de brandir com sabedoria e de forma benéfica. Mais cedo ou mais tarde isso leva ao descontentamento e à rebelião, e o ditador dá por si derrubado e substituído por um outro indivíduo ou corporação de competidores depostos que possam provar ser ainda menos salutares. Se um governante ou governo desejar ser duradouro, parecerá sensato ser maleável mas insensato ser demasiado maleável.

"Parece difícil que as nações adotem um sistema de governo que seja satisfatório para toda a população, e sempre haverá dissidentes que não podem concordar com as políticas praticadas pelo atual líder ou líderes. Por uma aberração estranha da perspetiva, quase todos os dissidentes são considerados influências sediciosas - como de facto poderão provar ser em muitos casos; mas o resto que não pode ser assim classificado consiste em benfeitores genuínos cujos objetivos são unicamente o de introduzirem reformas que venham a retificar diversos males, tanto social como em termos económicos."

Quando Bertrand Russel me dirigia a palavra, eu prestava cuidadosa atenção e procurava registar fielmente cada palavra que ele pronunciava. Claro que existem dificuldades na comunicação entre o mundo da matéria e o mundo do espírito, e nem sempre as mensagens poderão chegar com clareza. Eu tive uma mensagem certa vez da parte de Sir Donald Tovey que enviei ao Dr. George Firth, de Edimburgo para ler. O Dr. Firth inquiriu uma palavra - 'flagrante' - que ele pensara estar incorreta.

Eu verifiquei devidamente junto do Sir Donald na primeira oportunidade e descobri que estava, de facto, incorreta; o termo devia ter sido evidente, mas era tão parecido no som que Sir Donald precisou pronunciar-mo letra a letra antes que eu o entendesse. O texto de que essa questão surgiu encontra-se aqui incluído, num capítulo mais à frente. Quando essa dúvida surgiu Sir Donald observou que nas tentativas que faço

por transcrever os seus discursos eu era fiel no esforço senão no efeito - típico da sua fraseologia, conforme Firth me assegurou.

Bertrand Russel disse-me certo dia que ele tinha concluído quando neste mundo que havia muitas questões sobre o Cosmos e a Criação para as quais, porventura, não existiam respostas, ou se existiam, seria quase virtualmente impossível nós obtê-las.

"Eu cria positivamente conhecer as respostas às muitas questões incluindo à incómoda respeitante à probabilidade de adotar uma nova vida após o término desta. Uso o termo 'probabilidade' em vez de 'possibilidade' por acreditar na possibilidade de muitas coisas improváveis, e preferir considerar os problemas à luz da probabilidade em vez de à meia-luz das possibilidades."

A ciência passou nas últimas gerações dos domínios da matéria básica para reinos mais etéreos. Agora sabemos que a atmosfera que nos rodeia com incontáveis ruídos, imagens e ondas em relação às quais estamos abstraídos, somos agora capazes de detetar alguns conforme demonstrado pelo rádio e pela televisão, para designar apenas alguns exemplos. Viremos a ser capazes de construir aparelhos um dia que nos habilitem a todos a perceber e a escutar os espíritos? Quem quer que responda a essa questão com um enfático 'não' estará provavelmente a ser demasiado convencido, e em perigo de ter que engolir o que afirma numa dada futura.

E se eventualmente viermos a conceber aparelhos que nos capacitem a comunicar com aqueles do Mundo Seguinte? Se existir um Mundo Seguinte, não parecerá demasiado absurdo presumir que devam existir alguns meios de o contactarmos; afinal, aqueles que tiverem passado tê-lo-ão alcançado sem qualquer aparelho especial. Até agora temos que depender largamente na mediunidade, da vidência, das 'visões divinas', etc., como vislumbres nesse mundo. Mas isso significa que muita gente precisa depender de outros para qualquer contacto com o Mundo do Além desde que não podemos ser todos médiuns.

Isso significa igualmente confiar na integridade e eficiência dos médiuns que possam prover esse serviço, embora o envolvimento do factor humano seja para sempre falível. Que tipo de repercussão deveria tal aparelho causar? Ele realçaria, por exemplo, o status da religião ou desvirtuá-lo? Vejamos a religião oficial da Grã-Bretanha, o Cristianismo: de que modo seria afetado? Provar que a vida após a morte seja uma realidade comprovará a questão mais importante, e poderia levar a uma grande renascimento na crença Cristã, talvez com algumas modificações em certos aspetos.

Poderá parecer ao moderno adorador do pensamento que devamos estar preparados para avançar com os tempos consagrando a nossas fé mas aceitando uma expansão da perspetiva onde seja consistente com os princípios do Cristianismo. E essa disposição para estar preparado para progredir no panorama aplicar-se-ia a pessoas de todas as religiões se estivessem abertos a novas ideias, a novos desenvolvimentos e a uma nova luz no seu caminho.

Liszt tem muita vez conversado comigo sobre a interminável busca da verdade que o homem empreende e as suas variadas crenças.

"A crença está muita vez baseada no conhecimento fragmentado que tem sido passado através de diversos meios incluindo relatórios feitos por pessoas que não são, não será preciso dizê-lo, infalíveis. Essa gente frequentemente teve as palavras que proferiram mal traduzidas, mal interpretadas e mal aplicadas. As pessoas não podem ser culpadas caso não compreendam as obscuridades e discrepâncias manifestas nos livros sagrados. Mas podem ser culpadas se possuírem uma inteligência normal e ainda assim agirem deliberadamente de um modo que provavelmente seja prejudicial por qualquer forma para os seus companheiros."

Essa parece ser a atitude resumida que têm no Mundo Seguinte, a de que não é tanto aquilo em que acreditamos que importa quanto a forma como nos comportamos. O que quer que um homem semeie, isso deverá igualmente colher, foi-nos dito há muito tempo. Isso, dizem eles, aplica-se a cada um de nós, e nós estamos aqui e agora a construir o nosso futuro. Eles asseguram-nos que a partir da sua própria experiência eles sabem que essa máxima é verdadeira. Encontramo-nos neste mundo possivelmente para aprender; e sem dúvida que haveremos de descobrir que ainda temos muito a aprender no Mundo Seguinte... e talvez no mundo a seguir a esse, e no seguinte.

Neste mundo parecemos condenados a aprender através do sofrimento; no seguinte, podemos aprender por uma felicidade maior por meio de um serviço contente aos demais. Tudo isso, é-me dito, não representa nenhuma piedade insossa, mas uma realidade prática; uma realidade alegre que podemos implementar neste mundo quando obtivermos uma maior compreensão de nós próprios e dos outros e da própria Vida.

Por falar em aprendizagem e na teoria de que este mundo é uma espécie de escola, se apenas tivermos uma vida aqui, dificilmente pareceria dar a cada alma uma hipótese razoável de alcançar um volume adequado de sabedoria. Isso suscita a questão da reincarnação, um tema altamente controverso que pode mesmo lançar-nos em águas mais fundas se nos

permitirmos ser arrastados por algumas das alegações que avançadas em suporte da ideia. Para poder conceder a alguém uma gama justa de oportunidades na vida terrena, poderá parecer que o único caminho deveria ser através da distribuição de mais do que uma encarnação.

Por exemplo, pareceria grosseiramente injusto que uma alma vivesse uma vida extremamente limitada em condições primitivas, privada de educação e de qualquer outro meio de desenvolver a sua mente, enquanto outra tem acesso a escolas, bibliotecas, museus, universidades e a tudo o que a cultura moderna pode oferecer. Em algum lugar, em algum momento, se a justiça reina suprema, deve haver as mesmas oportunidades e privilégios para cada alma individual; se não houver, então a ideia de Deus é um escárnio e um mito.

Podemos, claro, descobrir que tudo o que perdemos nesta vida nos aguarda na próxima; mas poderá um mundo de espírito constituir um substituto bem-sucedido para todas as experiências disponíveis na terra? Poderemos nós, por exemplo, compreender realmente tanto o papel feminino como o masculino sem encarnar alternadamente como mulher e homem? Seria absolutamente justo para nós termos uma vida apenas como mulher ou apenas como homem? Seremos sempre um ou outro, por todo o tempo que virá? Seremos homem ou mulher pelo facto de ocuparmos um corpo masculino ou feminino? Ou seremos masculinos ou femininos dentro de nós mesmos?

Estão agora a ser conduzidas experiências por hipnotizadores conceituados em "regressão", isto é, retraçando a história de um indivíduo hipnotizado movendo-o para trás no tempo por sugestão hipnótica. Esta técnica poderá eventualmente lançar muita luz sobre a controversa questão da reencarnação, uma vez que parece que alguns indivíduos foram regredidos para um período anterior ao nascimento e deram relatos de vidas passadas nas quais foram do sexo oposto ao atual. Alguns destes relatos de aparentes encarnações anteriores poderiam, contudo, ser invenções de uma mente subconsciente imaginativa e precisam de ser testados de alguma forma quanto à sua precisão.

As pessoas que afirmam lembrar-se de uma vida anterior sustentam frequentemente que foram alguma grande figura da história — o que leva a suspeitar que se estão a compensar de um sentimento de inferioridade, providenciando a si próprias uma alternativa como uma personagem grandiosa. Estive uma vez numa pequena reunião onde vários convidados afirmavam ter sido reis, rainhas, grandes guerreiros, eminentes estadistas, nobres, heróis, todos eles. Uma senhora virou-se para mim com um ar algo paternalista e perguntou-me se eu conseguia recordar quem tinha sido.

"Oh, suponho que tenha sido uma ajudante de cozinha ou algo assim", respondi, não tendo razão para acreditar que tivesse sido anteriormente alguma pessoa exaltada.

A senhora em questão olhou para mim de forma bastante malévola e houve alguns segundos de um silêncio desconfortável na sala, durante os quais percebi que eu era suspeita de ironia.

Noutra ocasião, presenciei duas senhoras quase chegarem a vias de facto porque ambas afirmavam ter sido a esposa de um grande faraó. Já tinha conhecido outras duas senhoras que acreditavam firmemente ser a esposa do faraó em causa, e perguntei-me se não teria havido uma verdadeira briga generalizada se elas tivessem estado presentes também. É estranho que as pessoas queiram tanto ter sido certas figuras conhecidas.

Afinal de contas, as pessoas proeminentes no nosso mundo estão muitas vezes longe de ser boas, agradáveis ou simpáticas! Aquelas de quem ninguém ouve falar têm tantas probabilidades, ou talvez mais, de serem as que realmente valem a pena conhecer.

Muitas vezes questionamo-nos, também, que bem pode ser alcançado ao insistir em vidas passadas. Se a memória delas nos ajudar de alguma forma a levar vidas melhores agora, ou auxiliar na resolução de alguns dos nossos problemas atuais, muito bem. Caso contrário, pareceria apenas um desperdício de tempo e energia tentar escavar demasiado o passado que terminou e não pode ser alterado.

É suficientemente fácil apresentar argumentos tanto a favor como contra o caso da reencarnação; é suficientemente fácil apresentar argumentos a favor e contra a maioria das coisas. Para ajudar a resolver tais argumentos, precisamos de chegar aos factos. Possivelmente, as experiências em regressão fornecerão alguns desses factos. Possivelmente, aqueles que comunicam de forma verdadeira e lúcida do Próximo Mundo podem ajudar a esclarecer alguma da confusão relativa a este assunto. Pelo menos poderão saber mais do que nós sobre a reencarnação, mas se não puderem dar provas definitivas num sentido ou noutro, o caso continuará por provar.

No meu primeiro livro, "*Unfinished Symphonies*", delineei as visões de Liszt sobre a reencarnação: ele sustenta que a mesma pessoa nunca encarna mais do que uma vez, mas que cada vida é uma expressão única da alma que pode infundir parte de si mesma naquilo que ele chama de "um veículo terreno" — isto é, um corpo físico. Por outras palavras, ele está a dizer que o eu total não regressa, mas que se pode projetar parte de si próprio numa existência terrena.

A lógica diz-nos que o eu idêntico não poderia nascer mais do que uma vez na terra, uma vez que isto exigiria os mesmos pais, que teriam também de ser exatamente os mesmos que foram anteriormente. Isto envolveria uma cadeia interminável de antepassados idênticos e condições idênticas num mundo onde as condições estão continuamente a mudar e as pessoas continuamente a evoluir. A afirmação de Liszt relativa à reencarnação parece muito mais plausível do que qualquer ideia de retorno total.

Ou talvez uma analogia dada por Einstein expresse o processo de uma forma majestosa:

"O sol em si não visita a terra, mas os seus raios alcançam, tocam e fundem-se com o mundo. Assim também a alma irradia para a existência terrena, como um raio do seu próprio centro tornando-se revestido de matéria."

CAPÍTULO 4

Padrões de Mediunidade

Ninguém que se tenha aventurado nos campos da mediunidade, colhendo mensagens e informações em busca de uma boa colheita, precisa que lhe falem sobre o trigo e o joio que brotam lado a lado. Tenho recebido mensagens altamente evidentes e muito úteis de outros médiuns de tempos a tempos; também tenho recebido um rol de disparates de alguns. Não só os padrões de mediunidade variam bruscamente, como existem imensos farsantes e cabeças de vento espalhados por aí para enganar os incautos. Isto enfatiza a conveniência não só de testar os espíritos, mas também de sondar a sinceridade dos médiuns. Algumas das experiências que tive com outros médiuns mostraram-me quão cautelosa é preciso ser, como ilustra a história seguinte.

Em fevereiro de 1971, os editores organizaram a minha ida a Paris para a promoção do meu primeiro livro. Acabou por ser um fim de semana vertiginoso. Para começar, houve um período de atraso nas viagens aéreas devido a uma greve que obrigou os passageiros a voar por uma companhia aérea diferente. Finalmente, aterrei no Aeroporto de Orly, onde fui recebida por representantes dos editores de Paris. Mal pus os pés em solo francês, fui levada para uma série frenética de gravações para Televisão e Rádio. Finalmente, tinha sido organizada uma grande conferência de imprensa, na qual me foi pedido que respondesse ao habitual dilúvio de perguntas e que tocasse alguns exemplos da música dos compositores que trabalham

comigo. Por fim, este evento chegou ao fim, mas as pessoas ainda se acotovelavam à minha volta pedindo mais detalhes, quando uma mulher se atravessou à minha frente e disse dramaticamente: "Olhe-me nos olhos! Eu também sou médium."

Senti um toque do fiel Liszt que sussurrou apressadamente: "Não ligues a esta mulher." Ele não precisava de ter sussurrado, de qualquer modo, pois ninguém mais poderia ter ouvido — e a autoproclamada médium também não ouviu, isso era óbvio. Ela continuou dizendo que eu não devia voar de volta para Londres, que devia cancelar o meu voo e ir de *ferry* em vez disso.

"Vejo algo terrível para si se voar", afirmou ela.

O que estaria ela a planear, perguntei-me? Esperaria ela assustar-me para que eu lhe desse ouvidos? Consegui reunir francês suficiente para responder que não tinha medo porque sabia que estaria segura. Ela pareceu um pouco desapontada com isto — seria porque estava genuinamente receosa por mim, ou porque estava dececionada por não conseguir perturbar-me? De qualquer forma, voei para casa como planeado e voei várias vezes desde então sem qualquer percalço. Perguntei-me se ela teria algum plano em mente para afirmar que tinha evitado um desastre para mim com o seu aviso sinistro. Ou pensaria ela realmente antever um desastre para mim? Pior ainda, desejaria ela um desastre para mim por ciúmes? Liszt disse que ela estava apenas a tentar "agitar" a minha calma. Talvez, embora duvide, a sua afirmação fosse uma forma estranha de tentar testar a minha própria mediunidade.

Tive muitas profecias feitas por vários médiuns. De todas elas, apenas uma — a menos provável — acabou por ser correta. Foi uma profecia feita há alguns anos. Teve lugar em 1963, quando me juntei a um pequeno grupo de pessoas numa casa no sul de Londres que se reunia semanalmente para rezar pelos doentes. Havia um homem neste grupo que por vezes entrava em transe, durante o qual um espírito falava através dele. Uma semana, este espírito, que afirmava ter vivido na China há muitos séculos, virou a sua atenção para mim.

"Em menos de dez anos, será mundialmente famosa, senhora", anunciou ele num tom de voz muito positivo.

Fiquei demasiado espantada para responder. O que é que no mundo me poderia tornar famosa, perguntei-me silenciosamente. Eu parecia uma candidata muitíssimo improvável à fama, e era uma perspetiva distintamente aterrorizante no que me dizia respeito. Adoro a quietude e ambientes pacíficos; prefiro viver sem ser notada, uma vida modesta e simples. Decidi que o espírito estava a brincar ou enganado. Talvez, pensei de forma algo faceta, o nome deste "guia" chinês devesse ser "*Foo-ling-you*" [está a enganar-te]. Agora tenho de engolir essas palavras não ditas,

pois a sua profecia foi bem e verdadeiramente cumprida dentro do intervalo de tempo por ele nomeado.

Na altura em que essa profecia foi feita, eu era uma viúva muito empobrecida que lutava para criar os meus dois filhos sozinha. Esfalfava-me em cozinhas de escolas, a esfregar o chão e a arear panelas para conseguir pagar as contas. No final do dia de trabalho pesado na cozinha, tinha ainda todas as minhas próprias tarefas domésticas para fazer, bem como os filhos para cuidar, tentando ser mãe e pai para eles. Todos estes trabalhos não deixavam tempo ou energia para quaisquer outras atividades; de facto, a reunião de oração semanal era quase a minha única diversão, sempre que conseguia que um amigo ficasse com os meus filhos enquanto eu lá ia. As minhas hipóteses de fama — que eu certamente não queria, de qualquer modo — pareciam ser nulas.

Houve uma profecia que me foi feita repetidamente por mais do que um médium: a de que eu me casaria uma segunda vez. Mas penso que foi uma profecia falsa feita, possivelmente de toda a boa-fé, por pessoas que pensavam que isso me confortaria. Mais de doze anos se passaram agora desde que o meu marido faleceu, e a passagem do tempo diminuiu qualquer hipótese de novo casamento, mesmo que eu o quisesse.

Não há necessidade de listar as inúmeras outras profecias que, deprimente ou às vezes misericordiosamente, não se realizaram. Houve momentos divertidos, também, como a vez em que outra médium me informou com toda a seriedade que Liszt lhe tinha dito que queria que eu deixasse o cabelo crescer e o usasse em tranças, que usasse vestidos *dirndl*, e sabe-se lá que mais! Ela era uma médium bastante conhecida e, apesar do absurdo das sugestões, senti-me inclinada a levá-la a sério ao início. Mas depois perguntei eu própria a Liszt sobre as afirmações dela. "Queres realmente que eu deixe crescer o cabelo e o use em tranças, e que faça todas aquelas outras coisas que ela disse?", perguntei — de forma algo indignada, devo admitir, porque achava que isso me faria passar por tola.

Liszt olhava para mim seriamente.

"Porquê", perguntou-me ele, muito senhor da sua dignidade, "Por que haveria eu de ir a outra médium dar-te uma mensagem quando posso falar contigo diretamente?"

Isso pareceu responder à questão. Não gostava de pensar que a senhora estivesse a inventar tudo deliberadamente, mas, se não era uma farsante, pelo menos perguntei-me se não seria apenas um pouco desmiolada! Não creio por um momento que Liszt estivesse minimamente interessado no meu estilo de penteado ou no de qualquer outra pessoa — ele tem assuntos mais sérios a tratar com a sua missão de ajudar a humanidade.

Houve depois o médium que jurou que eu fora George Sand na minha última vida.

"Ah, mas George Sand está no Mundo Espiritual", disse eu, "E mais, ela falou comigo."

Isso acabou com aquela ideiazinha! George Sand aparentemente queria dizer-me que ela e Chopin tinham "resolvido as suas diferenças", e foi o que ela veio dizer um dia.

Tudo isto deve soar como se eu tivesse pouca fé nos médiuns em geral, mas, de facto, conheci muitos médiuns excelentes que compensam largamente os fraudadores e falsificadores. O que podemos, então, fazer para eliminar aqueles que praticam o engano deliberado? Ou refrear aqueles cujas intenções são boas, mas que estão iludidos pela sua própria imaginação? Esta não seria uma tarefa fácil, uma vez que há tantas pessoas a aspirar ser médiuns hoje em dia, e os trapaceiros trabalharão naturalmente furtivamente nos bastidores. O próprio Movimento Espírita esforça-se por manter algum tipo de controlo sobre os médiuns que chegam ao seu conhecimento, e o Editor do *Psychic News*, Maurice Barbanell, está sempre alerta para médiuns fraudulentos. O Sr. Barbanell, um expoente capaz e incansável do Espiritualismo, seria o primeiro a expor qualquer falso médium de reputação duvidosa. Os médiuns fraudulentos e os incompetentes dão um mau nome ao Espiritualismo e prejudicam as suas hipóteses de participar num grande despertar espiritual.

Para os médiuns melhorarem o seu padrão de mediunidade, é essencial que sejam completamente honestos consigo mesmos e com os outros, e que aprendam a distinguir entre comunicação imaginária e real. Pode ser muito difícil para alguns distinguir entre imaginação e a coisa real; a linha divisória entre as duas pode ser muito ténue, e apenas por uma vigilância constante se pode impedir que a nossa própria mente se infiltre nos processos de perceção psíquica. Quando as manifestações psíquicas se tornam mais palpáveis, como na voz direta, ou ainda mais tangíveis com a materialização, a interferência da imaginação não colocará tanto um problema.

Se o Espiritualismo conseguir convencer as pessoas a esforçarem-se por enobrecer as suas almas, e não apenas procurar mensagens dos chamados mortos, a sua imagem aos olhos das Igrejas poderá ser mais brilhante. É, afinal, registado neste país como uma religião reconhecida, embora muitas pessoas estejam provavelmente alheias a este facto. Embora a tolerância religiosa seja necessária hoje em dia, especialmente tendo em conta as diferentes crenças religiosas de imigrantes que agora se estabelecem em países que não os seus, existe uma deplorável falta de tolerância entre certas seitas. Os espíritas estão muitas vezes na linha de fogo até aos dias de hoje devido às suas crenças, e podem ser vítimas de ataques escandalosos que, nalguns casos, lhes dariam o direito de processar por calúnia ou difamação.

Já foi há tanto tempo como 1937 quando o Dr. Cosmo Gordon Lang, então Arcebispo de Cantuária, estabeleceu uma comissão sobre o Espiritualismo, que elaborou um relatório altamente favorável. Quando um jornalista perguntou ao Dr. Mervyn Stockwood, Bispo de Southwark, por que razão o relatório da comissão não fora publicado, ele respondeu: "Eles não tiveram a coragem de o publicar."

A razão oficial para a não publicação foi que "a guerra o tornou inoportuno". O Dr. Stockwood disse que pensava que o oposto teria sido o caso.

"Em tempos de emergência nacional — e especialmente naquela altura, com as forças destrutivas de Adolf Hitler aglomeradas contra nós — os homens estão mais prontos a considerar a perspetiva da morte e o que, se é que algo existe, pode estar além dela", comentou o Bispo.

Tivesse este relatório sido disponibilizado a todos, poderia ter aliviado a angústia de muitas pessoas enlutadas, e talvez ajudado muitas a serem mais corajosas perante a morte, sabendo pelo relatório que ela não é o fim. Tem alguém o direito de reter a verdade das pessoas? Quem se atreve a privar as pessoas do conhecimento seguro e certo de que a vida continua após a morte? Durante quanto tempo continuará a evasiva e a verdade não será dada a conhecer a todo o mundo? É seguramente tempo de o público ser informado dos factos, juntamente com um aviso contra o envolvimento com poderes psíquicos de uma forma irresponsável.

Os poderes psíquicos, como quaisquer outros poderes, podem ser mal utilizados: daí, sem dúvida, o aviso no Antigo Testamento tão frequentemente atirado à cara dos médiuns por pessoas que tomam um significado específico como sendo geral. Os cientistas, bem como os parapsicólogos, estão a começar a virar a sua atenção para as misteriosas faculdades extrassensoriais que algumas pessoas possuem. Quando estas faculdades forem totalmente compreendidas, deixarão, naturalmente, de ser misteriosas. Isto poderá desapontar aquelas pessoas que gostam de criar mistério e palavreado oco em torno de coisas que devem estar sujeitas, como todas as coisas, às leis naturais. Enquanto considerarmos a comunicação com o Próximo Mundo e tudo o que tenha a ver com capacidades psíquicas como algo não natural, estes assuntos continuarão a inspirar uma certa dose de apreensão que poderá dificultar o derrube das barreiras entre nós e outros planos de consciência.

Há tantas coisas aparentemente estranhas a ocorrer no mundo hoje em dia; lâminas de barbear rombas deixadas durante a noite dentro de um modelo de cartão de uma pirâmide voltam a estar afiadas pela manhã; uma dona de casa de Leninegrado consegue fazer uma bússola girar ao olhar fixamente para ela; outra dona de casa de Leninegrado consegue separar a clara de um ovo partido da gema ao olhar fixamente para ela; uma senhora de uma aldeia nos Urais consegue ler com o cotovelo — sim, com o

cotovelo. Quanto existe, de facto, que não sabemos sobre nós mesmos e as forças invisíveis que nos rodeiam? De nada serve virar as costas a estes assuntos e dizer que não queremos saber. Alguém, em algum momento, vai investigá-los, e é melhor estarmos preparados para notícias surpreendentes sobre os poderes latentes dos nossos próprios seres e a gama inexplorada de ondas de energia.

Uma coisa parece certa: que nos podemos tornar, ou já somos, transmissores de energias que ainda não compreendemos totalmente. Tendo em conta isto, não é tão irrealista como o descrente pensa rezar pela paz, rezar pela cura, rezar por algo construtivo, porque a oração concentrada e fervente pode estar a libertar grandes ondas de energia. Podemos ser verdadeiros geradores que apenas precisam de aprender a libertar e direcionar os seus poderes potenciais.

Precisamos de avançar com mentes abertas se não quisermos permanecer ignorantes sobre o nosso verdadeiro eu, sobre a nossa relação plena com o mundo e sobre a nossa interação com tudo o que nos rodeia. Precisamos de nos conhecer para nos gerirmos e dirigirmo-nos para os melhores resultados possíveis; se não o conseguirmos, continuaremos a ser marionetas nas mãos das nossas próprias naturezas inexploradas, lançados de um lado para o outro sem uma voz real no processo.

Aqueles que forem perspicazes começarão a ver cada vez mais claramente a importância de nos familiarizarmos o mais plenamente possível com todas as nossas faculdades de perceção extrassensorial, não apenas num esforço para construir uma rede de comunicações com o Próximo Mundo e outras esferas, mas também para mergulhar mais fundo em todo o nosso ser para descobrir e fazer bom uso de cada potencial. Não hesitamos em utilizar todos os recursos materiais do mundo; para estabelecer um verdadeiro equilíbrio, e talvez restituir à Humanidade a sua devida estatura espiritual, deveríamos também fazer um uso sábio de todos os nossos recursos interiores da mente e da psique.

Aqueles que desejam manter fechadas as vias para o esclarecimento psíquico podem, de facto, estar a dificultar o avanço espiritual da humanidade. Usei a expressão "esclarecimento psíquico" deliberadamente, pois a busca deve ser pelo esclarecimento e não para fins pessoais, se o objetivo for o desenvolvimento superior da Humanidade.

Como Bertrand Russell disse, ao comunicar recentemente: "Se surgirem revelações que apresentem um desafio a algumas das nossas ideias atuais, devemos aceitá-las e designar a sua posição no esquema das coisas. Todas as formulações do mundo não impedirão a maré do pensamento avançado de varrer conceções falsas e falsos deuses."

"O intelecto no Homem tem sido usado para observar e registar factos da Natureza, ou seja, o mundo material. Só em tempos recentes é que foi voltado para uma interpretação do próprio Homem, dos seus hábitos

mentais e aptidões. O próximo passo no autodomínio reside no avanço da ciência mental e da psicologia paranormal."

A menção ao intelecto traz-me a outro ponto relacionado com a perceção extrassensorial. Das observações de investigadores e da minha própria experiência, parece que o intelecto tem pouca ligação com a função da perceção extrassensorial, e tem sido observado que os médiuns são frequentemente pessoas de limitadas pretensões intelectuais. Existem, contudo, vários médiuns que não são apenas altamente inteligentes, mas altamente cultos. Suspeita-se que os tipos intelectuais possam ter uma quantidade igual de faculdades percetivas extrassensoriais, quer dormentes quer ativas, mas que com a intelectualidade pode, em alguns casos, vir um orgulho intelectual que os leva a desdenhar quaisquer aspetos não intelectuais de si próprios ou de outros. A maioria dos médiuns e videntes que chamam a atenção são mulheres; mais uma vez, isto pode não se dever simplesmente a uma maior aptidão feminina, mas ao facto de poder haver uma tendência nos homens para considerar as faculdades extrassensoriais como estando em desacordo com a dignidade masculina.

Em qualquer sociedade verdadeiramente civilizada, a dignidade masculina e feminina seriam igualmente valorizadas. O que me traz à memória as estranhas exortações de uma médium — uma mulher — que tentou ditar-me leis. Alegava estar em contacto com Liszt e procedeu a dizer-me que eu devia obedecer-lhe em todas as coisas porque ele era um homem e eu uma mulher(!), obter sempre a sua permissão antes de aceitar qualquer convite para almoço, jantar, etc., e geralmente curvar-me perante ele. Era obviamente uma das demasiadas pessoas que adotam uma atitude servil perante aqueles que comunicam do Mundo Espiritual. Há que ter em conta que as pessoas continuam a ser apenas seres humanos mesmo quando fizeram a transição para espírito. Colocá-las em pedestais é procurar problemas, tal como se procuram problemas ao colocar qualquer pessoa deste mundo num pedestal.

Liszt, tendo trabalhado comigo durante um tempo considerável, deve ter conhecido a minha perspetiva, que é aquela que nos reconhece a todos como iguais aos olhos de Deus, embora possamos estar em diferentes estádios de desenvolvimento. Ele também saberia que eu sou alguém que opta por tomar as minhas próprias decisões e que não lhe perguntaria a ele, ou a qualquer outro compositor, o que deveria fazer, mas que me voltaria para Deus em busca de orientação. Pensei que a senhora que me estava a dar estas alegadas mensagens de Liszt pudesse ter um motivo ulterior. Se ela me conseguisse convencer de que estava realmente em contacto com Liszt e prevalecer sobre mim para que me curvasse em servidão, poderia então emitir as suas próprias ordens fingindo que elas provinham dele. Um plano astuto para me manipular para os seus próprios fins? Não seria a primeira vez que alguém tentava fazer exatamente isso.

Chopin comentou comigo um dia que "eles achavam fácil trabalhar comigo porque eu não os considerava como algum tipo de zombies ou santos com auréolas a brotar". Esta observação retrata as duas atitudes extremas adotadas por certas pessoas: ou classificam todos os espíritos como demónios ou como seres angélicos!

Chopin e Liszt sabem bem que eu seria a primeira a prestar homenagem àqueles que possuem um grande génio ou nobreza de carácter. Sabem também que todos os talentos vêm de Deus; por isso, como Beethoven diz frequentemente: "Só a Deus pertence a glória".

Partilho deste sentimento, acreditando que não podemos reivindicar crédito pela nossa inteligência ou dons, mas apenas pelo uso que lhes damos. Os dons são-nos concedidos; cabe-nos a nós desenvolvê-los laboriosamente tanto quanto as circunstâncias permitirem.

A vasta maioria dos médiuns que conheço reconhece muito bem o facto de que os espíritos mantêm os seus traços humanos, e estes mesmos traços podem manifestar-se e ajudar a estabelecer a identidade dos comunicadores. Há todas as oportunidades na vida futura para melhorar o carácter de alguém, se se fizer o esforço. O próprio Liszt disse-me um dia, com uma humildade tocante: "Expurguei-me de muitas das minhas características menos dignas e espero crescer para a perfeição através de um esforço contínuo."

Ele falou da forma como a sua alma aspirava a chegar a Deus enquanto estava na terra, mas como a sua natureza terrena o escravizava. Apontou que uma batalha semelhante ocorre em todos os seres humanos, com a natureza superior a procurar triunfar sobre a natureza terrena, com o melhor de nós a tornar-se "mais forte" através das suas lutas com o eu inferior.

"Fala", disse-lhe eu, "como se fôssemos dois eus, mas certamente isso não é possível?"

"Tens apenas um eu", respondeu ele, "o teu eu espiritual. Este é o teu verdadeiro eu. Mas quando encarnas, assumes um corpo de carne que é como uma outra entidade em si mesma. Este corpo não és tu, mas tu identificas-te com ele enquanto ele vive, um pouco como um ator que se identifica com um papel. O corpo tem uma vida própria, uma vontade própria, se quiseres, e a sua vontade pode chocar com a vontade do eu real. Então podes ser dilacerado por conflitos internos, como tantos são na terra. Todo o propósito da encarnação terrena é aprender a identificar-se com o eu real e imortal e tornar-se espiritualmente orientado. Isto não significa que tenhas de ser pouco prático; vives num mundo material e tens de lidar com coisas materiais, mas o propósito último deve ser sempre mantido em mente."

Como podem ver, nas suas conversas comigo, Liszt é uma espécie de mestre espiritual. Suponho que muita gente tenha chegado à conclusão de

que as suas visitas a mim consistiram apenas em sessões de ditado e instrução musical. Mas assim que o conheci bem o suficiente para sentir que me podia aventurar a crivá-lo de perguntas — sobre assuntos que não a música — comecei a perguntar sobre as suas visões de Deus e logo descobri que ele é uma alma profundamente devota, cujo desejo fervoroso é abrir as fronteiras da consciência espiritual para o maior número possível de pessoas.

Chopin teve uma longa conversa comigo um dia num dos seus raros estados de séria contemplação metafísica. Pelo menos, raramente revela este lado da sua natureza. Falou com reverência silenciosa sobre o Espírito Santo e não me deixou dúvidas de que esta é para ele a grande realidade que ele adora e serve com devoção constante.

Os médiuns recebem frequentemente o que às vezes se chama de "ensinamentos superiores" de certos espíritos. Por vezes, estes ensinamentos são muito belos, embora talvez nada fora do comum. Por vezes, o chamado "ensinamento superior" não passa de um rol de repetições banais de anacronismos teológicos. Tudo depende, deve-se concluir, do espírito que profere as palavras e do seu domínio da linguagem. Tais ensinamentos podem ajudar a melhorar os padrões de mediunidade quando são sinceros, esclarecedores e provenientes de inteligências "superiores". O facto de raramente fornecerem evidências de categoria pessoal não importa se o objetivo é construir uma ponte de comunhão e não apenas de comunicação. A forma mais elevada de comunicação poderia, de facto, levar à comunhão com o Altíssimo.

CAPÍTULO 5

A minha própria busca

Quando era criança, tinha sempre visões, sonhos proféticos e ouvia vozes. Loucura? Assim poderiam dizer algumas pessoas.

Mas se desejam descartar os casos das minhas experiências psíquicas e místicas como delírios, devem também descartar cada uma das visões de cada santo, místico e profeta da mesma maneira abrupta. Tal descarte certamente não seria aceitável para as Igrejas, Sinagogas e Templos, e tornaria a religião um disparate.

Podemos, se quisermos, escolher o caminho da ciência fria, não acreditando em nada que não possa ser visto, ouvido ou sentido com os sentidos físicos. Mas não podemos ter a certeza de que os nossos sentidos físicos registam tudo o que existe. Sabemos que existem sons que são inaudíveis para o ouvido humano. Sabemos que o olho nu é incapaz de ver

coisas que estão fora do seu alcance ou foco, ou demasiado infinitesimais para serem observadas.

À medida que avançamos para o final do século XX, a vida está a tornar-se mais complicada, mas muito mais rica através do nosso uso crescente de ondas invisíveis que transportam imagens e sons através do mundo para os nossos televisores e rádios. Presumir que alcançámos agora os limites máximos da descoberta seria totalmente irracional. Quantas outras coisas giram em torno de nós, sem serem ouvidas nem vistas, nem sequer conseguimos adivinhar. Aquele que rejeita a ideia de outras dimensões, de outros planos de consciência, de outras esferas de existência, é de facto temerário e terá algumas grandes surpresas!

Como tive visões e ouvi vozes desde o início da minha vida aqui, elas parecem-me fenómenos completamente naturais. O facto de poucas pessoas terem a capacidade de ver e ouvir desta forma não implica que tais fenómenos não sejam naturais. Raros, talvez — mas uma coisa não se torna não natural pela sua "raridade". É possível que tenhamos feito com que tais coisas pareçam não naturais ao enterrar as nossas cabeças, figurativamente falando, naquilo que é tangível e fingindo que o intangível não existe.

Enquanto criança pequena, não percebia que nem toda a gente podia ver e ouvir como eu. Com o tempo, apercebi-me de que parecia ser a exceção e comecei a sentir uma solidão abismal por causa disso. À medida que crescia, a minha mãe contava de tempos a tempos histórias sobre a sua "segunda visão", como ela lhe chamava. Mas as suas experiências eram raras e espaçadas, e normalmente tomavam a forma de uma perceção intuitiva de coisas e pessoas, em vez de clarividência ou clariaudiência propriamente ditas. Foi algum conforto para mim descobrir que, pelo menos, ela tinha este dom, que herdara da sua própria mãe, que era escocesa.

Um dos primeiros "espíritos" que vi foi nada menos que a mãe da minha mãe. Fiquei triste pelo facto de ela parecer infeliz com a sorte da minha mãe na vida, e prometi-lhe que faria tudo o que pudesse para tornar as coisas mais fáceis e brilhantes para a sua filha. Inicialmente um pouco apreensiva por eu ter tal acesso à minha avó, eventualmente a minha mãe ficou contente com a ligação, pois ela e a sua própria mãe tinham sido muito devotadas uma à outra. As mensagens fluíam da minha avó com grandes pormenores, o que não deixava a minha mãe com qualquer dúvida sobre a sua realidade. Cedo passei a amar a minha avó, que morrera antes de eu nascer, e à medida que a conhecia apercebi-me de que boa mulher ela era — o que a minha mãe confirmava entusiasticamente. Ela era — ou devo dizer, é — uma pessoa muito altruísta e muito devota, e a sua influência, embora estivesse noutra dimensão, era como uma estrela-guia naqueles primeiros anos.

Mais tarde na minha vida, o pai da minha mãe contactou-me a partir do espírito. Não demorei muito a perceber que ele era um homem brilhante e inteligente, e que nutria uma grande afeição pela minha mãe. As mensagens jorravam dele e achei-o tão bondoso e tão interessante que senti pena de não o ter conhecido antes da sua morte. Claramente, a minha mãe ficou aliviada por ter notícias dele e encantada com a riqueza de evidências que ele lhe deu.

Um aspeto interessante sobre o meu avô, que ajudou a ligar-me ao trabalho mediúnico, foi revelado pela minha mãe. Ela disse-me que o meu avô tinha trabalhado durante muitos anos com Sir William Crookes e o tinha assistido na sua investigação psíquica. A minha mãe disse que não se conseguia lembrar do próprio Sir William — devia ser pouco mais do que uma criança na altura — mas que o seu pai falava dele com grande admiração. Um perfeito cavalheiro, asseverava o meu avô, e um cientista de integridade inabalável e belos princípios. A minha mãe contou-me que se lembrava vividamente de uma observação profética feita por Sir William ao seu pai, que este lhe citou mais do que uma vez.

"Escreve o que te digo", preveniu Sir William ao discutir com o meu avô o sucesso extraordinário de algumas das suas investigações psíquicas, "é certo que haverá algumas tentativas por parte da posteridade para me desacreditar, de modo a lançar dúvidas sobre a natureza conclusiva da investigação."

Ainda bem que a minha mãe já tinha partido antes do esforço escandaloso feito numa publicação lançada em 1962 para difamar o carácter de Sir William — ela teria explodido de indignação! É de admirar que Sir William não regresse para assombrar o autor do livro em questão. Talvez ele encontre o autor quando este se juntar a ele na Vida Futura, e o chame à responsabilidade pelo seu ato. Proferir observações difamatórias sobre alguém que já não está presente para se defender é muito parecido com dar um golpe baixo.

A vida tinha sido catastrófica para os meus avós. A avó vinha de uma família rica e tinha feito um bom casamento na família Sugg, engenheiros de gás. Durante a infância e a juventude da minha mãe, tudo correu bem. Ela foi criada no luxo, adorada por ambos os pais e desfrutava de uma vida social em círculos cultos. Mas isto não havia de durar. Não houve uma inversão súbita de fortuna, mas um deslize gradual da riqueza para a pobreza abjeta, e tudo, se os relatos forem verdadeiros, porque o meu avô era um homem honesto.

Havia um consórcio de três homens constituído pelo meu avô e dois outros. Um dos outros homens concebeu uma espécie de camisa de incandescência para gás que desejava lançar no mercado, mas primeiro esta tinha de ser aprovada pelos outros dois membros do consórcio. O segundo homem concordou com a proposta de comercializar a camisa, mas o meu

avô não estava satisfeito com a sua qualidade. O inventor da camisa salientou que todos poderiam ganhar muito dinheiro com as vendas, mas o meu avô foi inflexível. Afirmou rudemente que, na sua opinião, vender tal camisa seria uma vigarice, uma vez que ela era definitivamente defeituosa. Isto enfureceu o homem que tinha projetado a camisa, e ele jurou que arruinaria o meu avô pela sua recusa em consentir na venda.

A minha mãe nunca me contou todos os detalhes sórdidos da lenta desintegração financeira da família. O homem que tinha ameaçado o meu avô com a ruína levou-a a cabo de forma metódica e insidiosa, assegurando-se, não por meios justos mas por meios escusos, de que o meu avô nunca conseguia quaisquer contratos, era rejeitado para qualquer cargo a que se candidatasse e ficava sem meios de subsistência para sustentar a esposa e os filhos. Tal coisa não poderia, espera-se, acontecer hoje em dia, embora sem dúvida ainda existam tais vilões.

O avô, um cientista brilhante, inventor e artista, e um grande linguista, tornou-se um homem destroçado. Teve de mudar a sua família para casas sucessivamente mais pequenas e humildes, vendendo tudo o que era vendável. O esnobismo era galopante naqueles dias, e nenhum dos seus antigos amigos quis conhecê-los após a mudança de fortuna. Não só estavam agora desesperadamente pobres, vivendo nos ambientes mais deploráveis, como não tinham ninguém a quem recorrer para obter comiseração. Tudo isto deixou uma marca terrível na minha mãe, que estava na sua adolescência, e ela permaneceu amargurada até ao fim dos seus dias.

Assim, fui criada por uma mãe cuja vida tinha passado por mudanças devastadoras, que tinha testemunhado o estilhaçar do espírito do seu pai e visto a sua própria mãe morrer prematuramente como resultado, provavelmente, das terríveis tensões e privações. Teriam sido todas estas tragédias que tornaram a minha mãe profundamente religiosa? Ou teria ela sido sempre assim? A família foi criada na tradição da Igreja de Inglaterra, mas tinha descoberto que a Igreja era incapaz de lhes oferecer qualquer consolação nos seus problemas. A minha mãe, contudo, permaneceu firme na sua fé em Deus até ao seu último dia.

Ela ensinou-me a rezar regularmente, mas não insistiu para que eu frequentasse a Escola Dominical ou a Igreja.

"Metade das pessoas que vão à Igreja são hipócritas", dizia ela frequentemente. Um dia, quando era uma rapariga jovem, desgostosa com o mau comportamento e a pura falta de bondade de alguns membros da congregação na igreja que frequentava com a família, protestou junto da sua mãe. A avó respondeu, segundo a minha mãe me contou, que não se deve esperar que as pessoas sejam boas só porque vão à Igreja, mas acrescentou uma advertência: "Não são más porque vão à Igreja. De facto, poderiam ser muito piores se não fossem."

Parece que a avó era uma espécie de filósofa. Sempre que sofria de grandes dores enquanto estava a morrer, ou antes disso, sempre que havia privações ou problemas, dizia à sua filha que talvez ela própria tivesse sido má numa vida anterior e estivesse agora a "pagar a dívida". Histórias como esta, que a minha mãe me relatou, introduziram-me cedo à ideia da reencarnação e ao seu tema acompanhante do "karma". Naqueles dias eu não conhecia a palavra designada, "karma", mas a minha mãe certamente pôs-me a pensar sobre as possibilidades da reencarnação e o seu rasto de reações em cadeia.

À medida que crescia, queria saber mais sobre todas essas possibilidades e comecei a explorar vários caminhos. Queria saber sobre outras religiões tanto quanto sobre o Cristianismo. Não parecia justo dar ouvidos apenas a uma Fé — e como poderia alguém saber se as outras religiões eram verdadeiras ou não sem as estudar? Assim, parti na minha longa e contínua busca por Deus — ou por aquilo que designava, de forma algo ingénua, como "A verdade final".

Fui a tantas igrejas diferentes quanto possível, abrangendo tantas denominações quantas consegui encontrar. Com a lógica prática da adolescência, tentei raciocinar por que razão existiam tantas formas diferentes de Cristianismo. Se todos acreditavam numa só coisa, por que não estavam unidos? Por que pareciam competir uns com os outros em vez de trabalharem juntos? Por que discutiam tanto sobre certos pontos? Comecei a sentir que havia demasiado preciosismo, demasiadas picuínhas mesquinhas e pouco espírito cristão.

Frequentei a nossa própria Igreja Paroquial durante algum tempo. Infelizmente, foi demolida recentemente, pois tornara-se uma estrutura perigosa devido ao ataque do caruncho e do besouro-relógio-da-morte. Chamava-se Saint Stephen's e era uma igreja muito pitoresca no que era então uma estrada tranquila. Foi-me dito por um membro que era uma Igreja bastante "*low*" [baixa]. Devo dizer que não achava que qualquer Igreja digna do nome devesse ser chamada de "baixa", mas acabei por descobrir o que se pretendia dizer com o termo.

Quando comecei a assistir aos serviços nesta Igreja, toda a congregação se levantava quando o Coro entrava. Depois, deu-se uma divisão de opiniões entre os fiéis sobre se a congregação deveria ou não estar de pé quando o coro aparecia. Tudo aquilo me parecia tão tolo. Se nos levantássemos, bem, era como ser educado com os convidados quando eles chegam. Como uma saudação. Se permanecêssemos sentados, bem, certamente o Coro não ficaria melindrado com isso! Mas a cisão aumentou, trocaram-se palavras duras e toda a questão tornou-se um problema de vulto.

Certa manhã, enquanto o Coro entrava, eu não tinha a certeza do que fazer. Não achava que importasse realmente de uma forma ou de outra.

Mas a maior parte da congregação permaneceu firmemente colada aos seus bancos, e perguntei-me se o Vigário lhes teria pedido para o fazerem. Uma ou duas figuras desafiadoras levantaram-se, e nunca esquecerei a senhora à minha frente que saltou de pé como se um sargento-ajudante lhe tivesse berrado uma ordem. Estava vestida de forma muito sóbria, de preto, usando luvas pretas compridas que estavam cuidadosamente abotoadas.

Muitas vezes observava-a nos serviços enquanto ela virava as páginas do seu Livro de Orações ou do seu Livro de Hinos com as mãos ainda envoltas naquelas luvas, e perguntava-me como é que ela conseguia fazê-lo. Lá estava ela, naquela ocasião, com um chapéu preto empoleirado no alto da cabeça. O chapéu tinha uma longa pena de avestruz a brotar da aba, e nunca esquecerei como aquela pena absolutamente eriçou e estremeceu de indignação virtuosa enquanto ela mantinha a sua postura rígida e inflexível.

Todo aquele assunto era bastante caricato, e a atmosfera naquela Igreja estava carregada de hostilidade. Num momento, pensei quão cómica a situação se tinha tornado; no momento seguinte, senti-me um pouco desgostosa por a espécie humana poder entregar-se a tal mesquinhice.

Tudo acabou em desastre para o Vigário. Era um homem muito consciencioso e sensível, e todas as críticas constantes e a perturbação que irromperam da rutura no seu rebanho minaram a sua saúde. Como resultado, teve um derrame que quase lhe custou a vida e o deixou parcialmente paralisado de um lado.

Teve de ser nomeado um novo vigário e, quando assisti à Tomada de Posse, fiquei muito comovida ao ouvir o Bispo ter de repreender a congregação pelo seu comportamento pouco cristão.

Tinha cerca de doze anos na altura e, como podem imaginar, esta infeliz série de eventos na Igreja Paroquial não causou uma boa impressão na minha mente jovem. Tentei compreender por que razão os membros desta Igreja em particular se tinham desentendido por uma questão tão menor, e vi claramente que uma religião pode ser feita ou desfeita pelos seus aderentes. A mesma desilusão haveria de me alcançar repetidamente ao longo da vida, à medida que estudava religião comparada e uma série de movimentos esotéricos. Levei muito tempo a conformar-me com a verdade de que uma crença não altera necessariamente o carácter ou o comportamento de uma pessoa.

Ao longo dos últimos dois mil anos, surgiram várias religiões principais muito nobres. O Movimento Sufi reconhece o valor de cada uma destas religiões e combina os ensinamentos nas suas cerimónias. Existem outros movimentos que amalgamam as principais religiões e filosofias do mundo, e a Sociedade Teosófica é um exemplo deste esforço de estudar e respeitar todas as crenças.

Quando cheguei aos dezasseis anos, já tinha visitado muitos centros religiosos diferentes e lido uma multidão de livros sobre as ideias das pessoas acerca de Deus. No início, foi um pouco desconcertante descobrir como as opiniões podiam variar tanto sobre a natureza de Deus e a forma como deveríamos adorá-Lo. Tantas crenças em choque, tantos sistemas conflituantes, tantas doutrinas contrastantes... onde acabariam todas elas? Estaria a humanidade sempre dilacerada por credos em guerra?

A única solução parecia residir numa religião universal aceitável para todos. Escrevi uma tese longa e complexa sobre todo este dilema, instando à incorporação da religião universal em cada Fé separada, comparando-a a uma Organização das Nações Unidas, na qual cada nação mantinha a sua própria nacionalidade e fronteiras, enquanto cooperava com todas as outras nações. Uma reflexão posterior disse-me que muitas pessoas estavam tão encrostadas na sua própria crença pessoal que nunca aceitariam a ideia de uma tolerância real para com outros tipos de crença, quanto mais a ideia de criar uma crença unificada.

Abandonei o meu ideal juvenil de me tornar uma espécie de evangelista para uma religião mundial. Um ideal de doidos, decidiria a maioria das pessoas! Não achei que fosse ser muito popular entre as seitas que lutavam para afirmar a sua crença particular como a única correta, de qualquer forma. Mas havia um raio de esperança, aventurei-me a pensar, para algum grau de reconciliação no Além — certamente que surgiria uma compreensão maior naquele reino de muitas moradas onde se tornaria óbvio que a Vida continua para todos nós e não exclusivamente para os de uma persuasão selecionada.

Durante muitos anos, fui um membro ativo da Sociedade Teosófica em Londres. Eles pareciam estudar tudo sob o sol, incluindo ensinamentos do Extremo Oriente — todos os sistemas bem conhecidos, bem como os menos conhecidos. Os ensinamentos de Krishnamurti atraíram a minha atenção e tornaram-se um interesse para toda a vida.

Em cada uma das crenças que estudei, encontrei alguma luz lançada no meu caminho. Mas embora Deus estivesse expresso nessas crenças, Ele não era as crenças em si. Eram indicadores que poderiam ajudar a mostrar o caminho, mas eu ainda tinha de trilhar a senda por mim mesma. Tinha de procurar através da meditação, da oração, da observação e através dos encontros e experiências da vida quotidiana.

Esta busca, perseguida tanto como um processo interno como externo, é o fio condutor da minha própria existência e creio solenemente que tem sido a chave que abriu as portas de uma maior consciência. Consciência não apenas de pessoas que habitam em reinos espirituais, consciência não apenas de seres exaltados e angélicos que trabalham para a nossa salvação, mas consciência da própria presença daquilo a que chamamos Deus. Não pretendo, por um momento, que o aumento da consciência me torne de

alguma forma superior aos outros. Continuo a ser muito um ser humano sujeito a limitações; continuo a ser uma aprendiz, uma partícula no vasto esquema das coisas, como de facto todos somos.

Os seres humanos são por vezes propensos a encher-se da sua própria autoimportância. Os pensadores podem supor que somos importantes apenas pela nossa contribuição para o todo. Olhando para o espaço, para as miríades de estrelas e corpos celestes que prosseguem o seu caminho, podemos sentir-nos intimidados e esmagados pelo nosso sentido de pequenez.

No entanto, a própria imensidão do firmamento pode dar-nos uma sensação de espaço para esticar as nossas almas, de fôlego para um desenvolvimento infinito, de expansão para uma expressão sem entraves. A amplitude da Criação contradiz a estreiteza de espírito que afirma que a Vida Eterna é apenas para os poucos escolhidos.

Na minha infância, ensinaram-me a considerar Deus como um ser pessoal. Creio que muitas pessoas precisam da ideia de um Deus pessoal porque são incapazes de apreender a ideia de um ser que não é um indivíduo no nosso sentido. Temos de definir as coisas dentro da nossa própria gama de experiência antes de as podermos compreender. Por isso, temos de tentar visualizar Deus, dar-Lhe uma forma, condensar aquilo que é Infinito nos confins da nossa perceção limitada. Precisamos de uma corporização da ideia de Deus, precisamos de um representante para Deus no qual possamos concentrar os nossos pensamentos e adoração.

Temos de fixar um ponto de consciência para nós mesmos na nossa abordagem à Divindade. É aqui que as grandes religiões do mundo demonstram o seu valor espiritual: elas permitem-nos, através das suas figuras centrais, dar esse passo na consciência que nos traz à consciência de Deus através das nossas próprias mentes. Pois cada um de nós só pode chegar a Deus dentro de si mesmo; não podemos fazê-lo através de mais ninguém porque não podemos entrar na consciência de ninguém.

Cada religião principal tem a sua figura central, o seu mestre, o seu líder. Frequentemente afirma-se que cada um é o único agente de Deus. A decisão quanto a isto só pode ser uma questão da consciência individual, e cada pessoa deve escolher aquele caminho que acredita ser o correto para si. Enquanto estivermos verdadeiramente a procurar Deus, a Verdade, qualquer que seja o nome que queiram usar, a forma da nossa crença é seguramente de importância secundária.

Não há muito tempo, estava a discutir religião com um padre católico romano. Fiquei agradavelmente surpreendida quando ele me disse não acreditar que Deus condenaria qualquer alma por uma descrença honesta. Depois acrescentou que, caso adquiríssemos uma convicção religiosa profunda mas não a observássemos, isso seria certamente errado. Era,

suponho, a sua forma de dizer que devemos ser guiados pelas nossas próprias consciências — que é exatamente o que Liszt sempre sustenta.

Sempre que questionei Liszt ou alguns dos meus outros contactos espirituais sobre religião, eles enfatizaram que existem muitos caminhos para Deus. Como nasci e fui criada em Inglaterra, um país supostamente cristão, onde as Escrituras eram ensinadas nas escolas, era natural que eu desejasse perguntar a Liszt especificamente sobre o Cristianismo. Em resposta às minhas perguntas, ele afirmou que Jesus foi uma figura histórica real cuja natureza era tão sagrada que o Cristo se manifestou através dele. Asseverou que o Cristo também se pode manifestar através de cada um de nós quando estamos suficientemente em união com Ele. No entanto, manteve firmemente que a Bíblia nem sempre era exata e que grande parte dela era alegórica, o que torna muito difícil para nós chegar à verdade.

Muitos anos antes de eu ter ouvido de fontes terrenas sobre o Santo Sudário, Liszt falou-me dele, declarando que era o Sudário genuíno do corpo de Jesus. Salientou que mesmo a prova conclusiva de que o Sudário outrora envolveu o cadáver de Jesus não indicaria se ele era o Messias ou não. Assim, as pessoas continuarão livres para tirar as suas próprias conclusões — ou para concluir que nenhuma conclusão firme pode ser tirada.

Quando era criança, costumava perguntar-me por que razão Deus não se manifestava definitivamente para que não pudéssemos duvidar da Sua existência. Estava a pensar, claro, em termos de um ser pessoal. Na adolescência, cheguei ao raciocínio de que um Espírito Infinito, um Ser Imensurável, não poderia condensar todo o Seu Ser num único local num único momento no tempo.

Pensei que isto causaria o colapso de todo o Universo, uma vez que o seu espírito motor se teria esvaziado numa única e pequena secção, deixando um vácuo! Mas também raciocinei que uma única gota de água compreende os mesmos constituintes que um oceano inteiro e, de forma semelhante, o Espírito de Deus poderia ocupar um minúsculo átomo ou universos incontáveis. O macrocosmo no microcosmo, como é mais apropriadamente expresso.

Os poderes do raciocínio pouco fazem para convencer a maioria das pessoas, de um modo ou de outro, da existência de um Deus, e muitos sofismas podem ser levantados para confundir a questão. Talvez nunca saibamos com certeza neste mundo, embora milhões de nós se possam sentir seguros através de uma intuição inextinguível. Há todas as indicações, por parte daqueles com quem falei no Mundo Espiritual, de que não há lugar para qualquer dúvida sobre Deus na Vida Futura. A Lei fala por si, relatam eles. Colhe-se lá o que se semeou aqui; vive-se exatamente no ambiente que se construiu para si próprio através dos seus pensamentos,

aspirações, motivos e comportamento. A recompensa pelas ações de cada um — ou más ações — é automática.

A compensação pelo sofrimento é uma sequência natural. O Poder Motor por trás da Vida, o Espírito em Movimento, que é a Lei, é imparcial mas exato. Eles podem mudar o seu ambiente naquele Mundo mudando a sua atitude, e progredir para melhores condições ao "redimirem-se". Mesmo que tenham descido às profundezas mais baixas nesta Vida, podem ainda elevar-se às maiores alturas naquela Vida através de uma reforma de carácter. Tal melhoria em si próprio é acelerada se a pessoa se voltar para a Divindade, que é simultaneamente a Lei e o seu Administrador. A entrada no plano mais elevado segue-se apenas quando a alma se torna um com Deus, quando o Espírito de Cristo foi autorizado a inundar o coração e a mente.

Desta forma, aconselha-nos Liszt, o Espírito de Deus é o nosso Redentor, transformando-nos da imperfeição para a perfeição. Outras religiões além do Cristianismo podem empregar outros nomes que não o de Cristo; podem adorar Deus sob um aspeto diferente, com ritos diferentes; mas o Grande Espírito único abrange tudo, a Causa Divina que é também o Propósito Divino e a Consumação Divina.

Assim foram os meus estudos metafísicos aumentados pelos ensinamentos daquele Mundo para o qual todos nós, sem exceção, estamos destinados a viajar. Desta forma os habitantes do Além confirmam a nossa crença num Ser Todo-Poderoso. O Céu ou o Inferno são de nossa própria autoria: a escolha é nossa e apenas nossa.

CAPÍTULO 6

Preparação para o destino

Haverá um destino que molda os nossos fins? Isso é o que cada um poderá supor, mas olhando para trás para a minha própria vida, parece-me detetar alguma influência a trabalhar para alcançar um propósito, agindo para restaurar a ordem quando a minha vida se tornara caótica, e tecendo as pontas soltas que se espalhavam sem rumo no padrão da minha existência.

Desde o início, pareci destinada a opor-me aos desejos dos meus pais. Nasci inclusive contra os desejos da minha mãe. Quando cheguei à cena, ela já tinha dois filhos, e mais uma boca para alimentar era algo que ela queria evitar. À medida que cresci, disse-me com toda a franqueza que não me tinha querido e que se tinha esforçado para se ver livre de mim — sem chegar ao ponto de fazer um aborto que, naqueles dias, teria sido difícil de conseguir, mesmo que ela tivesse ido a tais extremos desesperados. Houve

alturas em que a vida era tão desagradável que eu desejei que ela tivesse tido sucesso nos seus esforços.

Estava sempre ocupada. Com três filhos para cuidar e um negócio para ajudar a gerir, não tinha tempo para nos mimar, e fomos criados da maneira mais dura. Os ricos podem delegar os seus descendentes a amas e governantas; os pobres têm frequentemente os seus descendentes delegados para segundo plano pelas pressões da labuta doméstica e das privações — pelo menos, deve ter sido assim com inúmeras famílias empobrecidas como a nossa naquela altura.

Não existiam aparelhos que poupassem trabalho para libertar as mulheres de alguma da escravidão do trabalho doméstico, e lá estava a minha mãe — que nunca tinha pegado numa vassoura na sua vida protegida de rapariga jovem — a ter de trabalhar todo o dia e metade da noite para manter a nossa casa grande limpa.

Havia o salão de assembleias que estava incorporado na nossa residência como parte integrante da herança dos meus pais. Este era um ativo duvidoso, porque embora o alugassem para festas, reuniões e aulas de dança, os lucros eram muito pequenos quando acabavam de pagar o aquecimento, a iluminação, os impostos e a manutenção. As reservas também variavam em número, e uma época razoavelmente boa era provavelmente seguida por várias desastrosas.

Não tardou muito até que eu fosse chamada para ajudar nas tarefas domésticas. Estava contente por ajudar a minha mãe a tentar tornar a vida um pouco mais fácil para ela, mas por vezes sentia-me a Cinderela da família. Certa noite, quando por acaso estava muito cansada, o meu pai deu-me uma tarefa para realizar em preparação para uma das reservas.

Tinha trabalhos de casa da escola para fazer e, pela primeira vez na minha vida, atrevi-me a objetar, pois receava que isso significasse que os meus trabalhos de casa não seriam feitos. Tinha notado que os meus irmãos não pareciam ser sobrecarregados com qualquer trabalho doméstico e aventurei-me a perguntar ao meu pai por que razão era sempre eu que tinha de fazer o trabalho.

Escusado será dizer que ele me fez arrepender amargamente de ter sequer feito tal pergunta, pois acreditava em medidas duras. Incidentes como este estavam calculados para me transformar numa libertadora das mulheres! Entretanto, só me restava opor-me à atitude dos meus pais silenciosamente.

A minha não foi uma infância feliz. Havia os recorrentes períodos de privação, a labuta e a tirania parental. Esta última era tão notória que uma tia minha protestou uma vez com a minha mãe sobre o assunto. Uma das minhas primas contou-me como ouviu a minha tia — irmã do meu pai — a dizer à minha mãe que era uma vergonha a forma como me acobardavam. Parece-me agora, no entanto, que o tratamento deles me condicionou a

tornar-me cada vez mais rebelde, possivelmente como parte do plano para o meu destino. Pois certamente tive de ser algo rebelde para pensar por mim própria e enfrentar a ira dos pensadores convencionais.

Acredito que fui uma criança comum, apesar dos meus dons psíquicos. Uma criança que ansiava por afeto tal como as outras crianças e que podia ser traquina de tempos a tempos, embora a traquinice fosse muitas vezes motivada por bons motivos ou lógica infantil.

O salão de assembleias tinha um belo pavimento de ácer que brilhava como um espelho quando polido, e era o deleite das crianças pequenas nas aulas de dança. As meninas costumavam deslizar de uma ponta à outra com gritos de prazer sobre a superfície escorregadia até que a professora, exasperada, as chamasse à ordem. Um dia, pensei que seria prestável e poliria o chão do salão para a aula.

Tinha visto o meu pai espalhar um pó branco de uma lata com a tampa perfurada por todas as tábuas do soalho; depois ele pegava numa esfregona e esfregava até surgir um brilho magnífico. Encontrei o que me pareceu ser a lata de pó apropriada e despejei-o generosamente sobre o chão, pensando que, quanto mais pó usasse, melhor brilharia. Mas quando apliquei a esfregona vigorosamente, não apareceu nenhum brilho mágico. Tinha, na minha ignorância infantil, coberto o chão com pó de arear, um erro pelo qual paguei caro quando o meu pai o descobriu. Um erro que também me fez pensar quão injustos eram os adultos ao castigar alguém por algo que pretendia ser uma boa ação!

À medida que os meus poderes de raciocínio se desenvolviam, comecei a ver que tanto os meus pais como os estranhos raramente levavam os motivos em consideração ao lidar com as pessoas. Viam o resultado final, bom ou mau, e nunca paravam para descobrir que objetivo estivera por trás dele. Havia necessidade, decidi eu, de olhar para os motivos das pessoas antes de as julgar. Os meus pais tinham-me levado a dar os primeiros passos vacilantes em direção ao estudo psicológico da natureza humana.

Um dos poucos pontos brilhantes na minha vida era a aula de dança semanal. De alguma forma, a minha mãe, que era habilidosa com a agulha, conseguia arranjar meios para comprar os materiais para os pequenos fatos que usávamos na exibição anual de dança. O primeiro papel que tive de desempenhar foi o de um sapo — do qual não gostei muito, pois envolvia agachar-me sobre as ancas e saltar numa simulação desconfortável dos movimentos de um sapo. Aos quatro anos, fui um coelho, o que foi muito mais divertido. Ainda possuo uma fotografia minha no fato de coelho, completo com uma "borla" de pó de arroz fofinha para a cauda: a *bunny-girl* original, como o meu marido me provocava quando via a fotografia. Mais tarde, fui promovida a Rainha das Fadas, o que apreciei ainda mais.

A minha formação em dança, que abrangia todos os ramos, do *Ballet* à Dança de Salão, revelou-se um grande trunfo mais tarde na vida, quando fui chamada a enfrentar câmaras ou a subir a plataformas para encarar audiências tanto céticas como bem-dispostas. Através de muitos anos de prática, aprendera a caminhar para um palco sem me sentir demasiado desajeitada ou constrangida. Também aprendera a lidar com momentos embaraçosos como o que se segue.

Quando tinha cerca de dez anos, estava a executar uma dança a solo num grande teatro, quando o meu vestido caiu subitamente. Eu fora envolvida por uma peça de material diáfano sobre um fato de corpo cintilante, e estava bem no centro do palco com todos os olhos postos em mim quando o pedaço de pano fino deslizou sem qualquer aviso.

A minha mãe, que observava dos bastidores, disse que pensou que eu ficaria ou pregada ao chão em pânico ou que faria uma corrida desesperada para fora do palco. Soltou um suspiro audível de alívio quando dei um passo, o mais graciosamente que pude, para o lado da peça de vestuário infratora e continuei a dançar como se nada de anormal tivesse acontecido. Safei-me tão bem da manobra que parte da assistência pensou que aquilo fora planeado.

Para além da exibição anual, a nossa escola de dança era solicitada para atuar em diversas funções. Estas eram frequentemente a favor de várias instituições de caridade, a *Waifs and Strays Society*, *St. Dunstan's*, os *Sunshine Homes* para Crianças Cegas, e assim por diante. Também éramos convidados para locais mais ilustres, como o Teatro Scala. Recordo-me de ter dançado uma vez nas *Connaught Rooms*, e foi algo nostálgico encontrar-me novamente naquele edifício em 1970, quando a Philips Record Company organizou uma distinta reunião da Imprensa para o lançamento do meu primeiro disco.

As minhas viagens como criança-dançarina permitiram-me ver muitas facetas da sociedade. O meu coração doía pelas crianças pobres nos lares *Waifs and Strays*, algumas das quais eram aleijadas; doía pelos idosos e pessoas empobrecidas nas Casas de Trabalho que ainda existiam na altura. Nos *Sunshine Homes*, maravilhava-me com a alegria das crianças sem visão e a forma como elas corriam sem colidir com o cavalo de baloiço e outros brinquedos na sua sala de jogos.

Dancei por vezes para a secção rica da sociedade e, ocasionalmente, perante a realeza. Costumava perguntar-me por que razão algumas pessoas eram tão ricas enquanto outras estavam próximas da inanição. Estava a começar a observar as disparidades sociais e económicas que caminham lado a lado neste mundo, e a tornar-me consciente dos sofrimentos dos membros menos afortunados da comunidade.

Podia ver que havia muita coisa errada e queria ajudar a corrigi-la, como muitos outros antes de mim. O que poderia eu fazer quanto a tudo

aquilo? Orava para ser guiada a encontrar formas de ajudar a aliviar o sofrimento.

A primeira vez que dancei perante a realeza, uma das minhas ilusões infantis foi desfeita. A minha mãe achou graça quando lhe disse que a personagem real, uma princesa de idade bastante avançada, era "apenas uma velhinha de preto que nunca sorriu uma única vez". Eu esperara aparentemente uma figura glamorosa de conto de fadas, uma vez que as únicas princesas que conhecia eram as dos contos de fadas.

Quando cheguei à adolescência, sabia o que queria fazer da minha vida. Queria ser bailarina de *ballet*. Tendo frequentado aulas desde o momento em que comecei a andar, ganho muitas medalhas e passado em muitos exames, parecia a sequência natural. Fiquei chocada e de coração partido quando os meus pais se recusaram a admitir a ideia. Implorei e supliquei, mas eles não cederam.

Pensei inclusive em fugir de casa para cumprir a minha ambição, mas não fui capaz de o fazer para não desgostar os meus pais. Foi bastante irónico, na verdade: eles não se importaram com o quão desgostosa /eu/ estava! Percebo agora que provavelmente tinham o meu bem-estar em mente e achavam que uma carreira no palco seria precária e difícil. Mal podiam eles adivinhar que a minha vida viria a ser extremamente difícil de qualquer maneira.

No meu desespero, retirei-me para o meu pequeno quarto no sótão. Ali, derramei todo o meu sofrimento perante Deus e roguei-Lhe, se fosse a Sua vontade, que me deixasse seguir o *Ballet*. Para mim era mais do que apenas dançar; era uma arte sagrada a ser usada para elevar as pessoas. Acreditava que era a minha missão na Vida. Certamente os meus pais não seriam autorizados a derrotar essa missão? Bem, todos os meus rogos foram em vão. Acabei na Função Pública, quase a última coisa que queria fazer.

Tivesse-me sido permitido ter uma carreira no *Ballet*, provavelmente não estaria a escrever este livro agora. E talvez nunca tivesse tido o privilégio de trabalhar com Liszt e outros compositores. Teria sido a mão do Destino que me afastou do *Ballet*? Tinha oferecido a minha Vida com grande seriedade a Deus na idade bastante precoce de doze anos. Terá Ele me levado a sério e atribuído o trabalho que agora faço para derrubar as barreiras da ignorância e do medo? Diga o que disserem os céticos, acredito que este trabalho é a minha principal missão na Vida: uma contribuição, espero, para a felicidade da Humanidade.

Folgo em pensar que os muitos anos de formação em *Ballet* não foram totalmente desperdiçados. Como poderia eu ter enfrentado os críticos hostis sem a experiência de palco que tivera, não sei. Mas a hostilidade é algo a ser suportado por Deus, do meu ponto de vista, o que a torna menos insuportável.

A atitude dos meus pais em relação à minha ambição de seguir o *Ballet* como carreira era idêntica. Ambos desejavam que eu seguisse algo que me desse o máximo de segurança. Isso era compreensível, uma vez que eles próprios tinham passado por tantas vicissitudes e provavelmente queriam que eu evitasse passar por mais. Mas, na maioria das coisas, as suas atitudes eram divergentes, o que causava muita discórdia no lar.

Uma das maiores diferenças nas suas perspetivas residia na direção da religião. A minha mãe, como já disse, embora não frequentasse a igreja regularmente, era uma crente profunda em Deus e tentava viver a sua vida de acordo com os verdadeiros princípios cristãos. Mas o meu pai era um ateu total. Esforcei-me por compreender ambos os pontos de vista. O ateísmo do meu pai surgia, tanto quanto eu conseguia perceber, da sua descrença intransigente em qualquer Vida após a Morte. Isto era bastante estranho, porque ele era evidentemente vidente até certo ponto, e lembro-me claramente de uma aparição em particular que ele nos contou ter visto: uma aparição subsequentemente vista por outros.

Certa noite, o meu pai acordou e viu, na luz ténue que entrava no quarto vinda do candeeiro de rua no exterior da casa, uma figura vestida de branco. Ao início, pensou que a figura fosse a minha mãe na longa camisa de noite branca que ela usava. Depois virou-se e viu que ela estava na cama ao lado dele. Olhou de novo, já bem acordado e assustado, para ver a figura ainda ali parada. À pressa acordou a minha mãe, que despertou a tempo de ver também a figura branca antes de esta desaparecer.

Houve uma estranha sequência para este evento. O meu pai contou ao seu irmão, John, que vivia na casa ao lado da nossa, a sua experiência. Na noite seguinte, John acordou a meio da noite e viu, para sua consternação, a figura branca de uma senhora fantasmagórica parada no quarto. Contou ao meu pai no dia seguinte e concordaram que era provavelmente a mesma aparição, pois tinha a mesma altura e porte. Chamaram-lhe a "Dama de Branco".

Na casa ao lado da do John vivia outro membro da nossa família, uma irmã do meu pai. Na noite seguinte àquela em que o irmão John vira a Dama de Branco, ela também acordou na calada da noite para ver a aparição ali perto. Quando contou aos seus dois irmãos a sua experiência alarmante, eles observaram que a aparição parecia estar a percorrer a estrada de casa em casa. Com efeito, na noite seguinte, fez uma visita à casa seguinte da fila, onde vivia a mãe do meu pai. Começou a causar bastante alvoroço na estrada, e a senhora que vivia na casa seguinte tornou-se muito apreensiva com a possibilidade de ela a visitar a seguir.

A minha mãe contou-me que no dia seguinte encontrou a senhora — uma Sra. MacDonald — que lhe disse: "Acordei durante a noite e pensei na Dama de Branco. Oh, minha querida, tive um tal pânico no meu peitinho que não me atrevi a abrir os olhos, para o caso de ela lá estar".

Se a Sra. MacDonald teria visto a aparição caso não tivesse mantido os olhos bem fechados, ninguém quis dizer. Todos os outros que tinham visto a Dama de Branco eram membros da família, mas ela não o era, embora fosse uma amiga próxima e o seu filho, Eddie MacDonald, desse aulas de dança de salão no nosso salão de assembleias naquela altura. Mais tarde, ele viria a ser uma das figuras de proa no Mundo da Dança de Salão.

Tudo isto aconteceu antes de eu nascer. A minha mãe tinha a curiosa ideia de que a Dama de Branco poderia ter sido ninguém menos que eu, a espreitar a família à qual me iria juntar em breve. Mas quem quer que ela fosse, eu nunca a vi pessoalmente.

O meu pai adorava discorrer sobre as suas opiniões, mas qualquer tentativa de discussão terminava habitualmente em discussões violentas. Eu costumava ouvir e não dizer muito. Tinha algumas ideias fascinantes. Uma era a de que éramos todos um sonho na mente de algum Ser, e que este Ser acordaria um dia e poria fim ao sonho. Esta ideia não era muito consistente com a sua descrença em qualquer Deus, mas eu sabia que, se apontasse isso, estaria a dar início a mais uma discussão.

Talvez ele tivesse permanecido ateu até ao fim dos seus dias se não se tivesse convencido absolutamente, através da minha mediunidade, de que existe outra Vida. Depois de se convencer, tornou-se um homem mudado. Começou a fazer grandes esforços para controlar o seu génio violento, que costumava aterrorizar-me quando era criança. No dia antes de morrer, disse-me o quanto sentia que eu não tivesse tido grande vida.

"Adeus", disse ele, "Adeus. Vou morrer. Lamento... lamento imenso..."

Estava quase em lágrimas. Sabia o esforço que lhe custava proferir aquelas palavras, mas sorri para ele e afaguei-lhe a mão. Fiquei muito comovida por ele ter conseguido pedir desculpa. Sentei-me com ele a maior parte desse dia, mas quando ele acabou por falecer no dia seguinte, eu não estava na casa. Morreu em 1944, durante a Guerra, e eu tive de estar de serviço no dia da sua morte. A minha mãe e eu revezávamo-nos para estar com ele, e a forma como aconteceu proporcionou ao meu pai a oportunidade de me dar uma mensagem de cariz probatório depois de ele ter chegado ao espírito.

A minha mãe estava sozinha com ele no momento exato da morte. Nós não tínhamos telefone, mas o rés-do-chão da nossa casa fora transformado num Posto de Vigilantes de Defesa Antiaérea e havia um telefone no escritório deles. A minha mãe desceu as escadas e pediu ao Vigilante de serviço para telefonar para o escritório onde eu trabalhava para me informar do falecimento do meu pai. Eram por essa altura cerca das quatro horas da tarde. Embora o meu pai e eu não tivéssemos tido a melhor das relações, senti uma grande tristeza por ele ter partido — partido no

sentido físico, entenda-se. Saí do escritório imediatamente para regressar a casa.

Enquanto esperava por um autocarro e esperava que não houvesse nenhum ataque aéreo que me atrasasse, tomei consciência do meu pai mesmo ao meu lado. Havia algumas outras pessoas à espera na paragem do autocarro e dei uma espreitadela para ver se conseguiam ver a forma fantasmagórica do meu pai. Não, pareciam perfeitamente alheios à presença fantasmagórica. Ele começou a falar calmamente — perguntei-me se teria receio de ser ouvido pela fila?

"Olá", disse ele de uma forma muito natural, "Estou bem agora, embora ainda não me tenha situado bem. Diz à Mãe que saí do meu corpo antes de este morrer realmente. Observei-a sentada ali a ganhar coragem. Passado um bocado, ela tocou-me na testa. Depois mudou as minhas pantufas de sítio e levou o frasco."

Devo explicar que o frasco era um daqueles destinados a servir de escarrador. Ele morreu de cancro do pulmão, tendo sido um fumador inveterado, e o frasco era uma necessidade sombria.

Quando cheguei a casa, encontrei a minha mãe muito calma. Era uma alma extremamente filosófica, fruto da sua vida dura. O meu pai ainda estava ao meu lado, instando-me a passar-lhe a sua mensagem. Decidi que ela estava num estado de espírito suficientemente calmo para que eu lhe contasse, e contei. As três coisas que o meu pai mencionara foram exatamente o que ela tinha feito — tocar-lhe na testa, mudar as pantufas e levar o frasco, por essa ordem. Ficou obviamente confortada com o conhecimento de que ele estivera ali mesmo ao seu lado no seu novo corpo, o corpo espiritual.

Depois de o meu pai ter passado para o outro lado, ele e eu tornámo-nos muito melhores amigos. Acho que ele passou a compreender-me melhor; de qualquer modo, senti que a atitude dele para comigo sofrera uma mudança completa. E talvez ele pudesse ver que eu tinha bastante afeto por ele, embora ele tivesse sido o flagelo da minha vida em muitos aspetos. Tinha muitas qualidades excelentes que compensavam o seu génio desagradável — o qual talvez ele não conseguisse realmente evitar.

Era uma pessoa de integridade total e princípios elevados, tal como a minha mãe; na verdade, estas qualidades comuns podem tê-los unido. Tinha muito a agradecer-lhe, pois ele encorajara-me a pensar por mim própria e fora fundamental na minha introdução ao Movimento Espírita. Após obter as provas através da minha mediunidade que o tinham convencido de uma Vida Depois da Morte, decidiu investigar o assunto mais a fundo. Assim, obteve livros sobre o tema, que me deixou ler também, e começou a frequentar reuniões espíritas públicas, onde a minha mãe e eu o acompanhávamos.

A primeira médium que vi foi Estelle Roberts, famosa pela sua maravilhosa clarividência e clariaudiência. Os meus pais e eu tomámos os nossos lugares no grande salão londrino — creio que era o Aeolian — e enquanto esperávamos que a reunião começasse, senti um poder tremendo a reunir-se à nossa volta. Reconheci que se tratava de uma presença espiritual muito poderosa e sagrada. Quando a Sra. Roberts apareceu na plataforma, a concentração de poder intensificou-se ainda mais. Ela entrou calmamente em transe enquanto eram feitos os anúncios sobre futuras reuniões. Depois levantou-se, de olhos fechados, e começou a dirigir-se ao público. Só que não era a Sra. Roberts a falar. Era a voz profunda, ligeiramente gutural, de um homem: era Red Cloud, o seu guia principal.

Os recém-chegados à comunicação espiritual — ou mesmo os mais experientes — ficam por vezes algo desconcertados pelo facto de bastantes "guias" serem originários de outras nacionalidades, incluindo índios norte-americanos, chineses, egípcios, e assim por diante. Mas se esperamos que os guias sejam sempre pessoas da população branca, devemos suspeitar de nós próprios de discriminação racial. Não há dúvida de que alguns dos povos de civilizações antigas eram altamente cultos e altamente inteligentes, e poderíamos aprender muito com eles.

Quanto aos índios norte-americanos, dos quais Red Cloud era um, devemos perceber que não eram todos um bando de selvagens primitivos e que algumas das tribos mais avançadas tinham uma cultura própria e grande inteligência. A isto junta-se o ponto saliente de que um "guia" no espírito é frequentemente apenas isso: alguém que atua como guia para um ser superior que não pode comunicar diretamente devido a falta de perícia ou falta de conhecimento das complexidades envolvidas em tal comunicação. Red Cloud, segundo ele próprio nos informou, enquadrava-se nesta categoria, atuando como mensageiro de alguém superior a si mesmo.

Fosse o que fosse ou quem fosse Red Cloud, o seu discurso impressionou-me muito. Era o discurso de uma alma obviamente esclarecida, instando o público a despertar para o facto de que a Vida continua após a Morte e que devemos todos enfrentar as nossas ações quando passarmos para a Próxima Vida. Mas não foram apenas as suas palavras que me impressionaram tanto; havia um sentimento inegável de se estar na presença da bondade, uma atmosfera sagrada que pode não ter sido aparente para todos os presentes. Imaginação da minha parte?

Por que haveria eu de imaginar algo assim? Não tinha ido à reunião à espera de qualquer manifestação desse género. Continuo convencida até hoje de que por trás de Red Cloud estava um espírito sagrado que se esforçava por elevar a consciência humana.

O meu pai levou-me também a demonstrações públicas de clarividência. A Sra. Roberts derramava as mais espantosas mensagens

cheias de provas, mas o que foi mais significativo para mim foi a revelação que trouxe quando percebi que eu conseguia ver e ouvir os espíritos que ela conseguia ver e ouvir. Por vezes via-os até antes de ela se aperceber deles, e fiquei bastante aliviada quando uma senhora espiritual que estivera a tentar atrair a atenção da Sra. Roberts durante algum tempo conseguiu finalmente fazê-lo.

Que coisa boa foi descobrir que havia outros no mundo além de mim que conseguiam ver e ouvir o espírito! Tinha-me sentido de tal forma a exceção, aquela que era olhada como sendo estranha se mencionasse qualquer uma das minhas experiências psíquicas; agora sabia que não estava sozinha a esse respeito, e foi um alívio enorme.

Duas características importantes foram introduzidas na minha vida como preparação, se acreditarmos na tal mão do Destino, para o meu trabalho com os compositores. Uma foi a formação em palco, que me ajudou em anos posteriores a enfrentar audiências sem ser dominada pelo nervosismo. A outra foi a introdução ao Espiritualismo e à mediunidade em geral, que me inspirou coragem para seguir a minha própria mediunidade natural.

Existem muitas pessoas excêntricas no Espiritualismo, é verdade, mas também as há em muitos outros movimentos. Desconsiderando os maníacos, existe um grande número de pessoas nobres e sinceras no Espiritualismo, e o trabalho dedicado de médiuns genuínos provou ser um excelente exemplo que me incitou a ganhar alento na minha própria tarefa.

Relativamente ao meu pai, recebi uma mensagem interessante transmitida pela Sra. Ena Twigg, uma das médiuns mais dotadas do nosso tempo. Fui visitá-la a sua casa e ela começou a transmitir uma série de mensagens sobre vários contactos espirituais. Afirmou que estava em contacto com o meu pai. Sempre cética, apesar das minhas próprias capacidades psíquicas, esperei para ver se ela acrescentaria algo que indicasse estar realmente em contacto com ele. De repente, olhou-me muito diretamente e disse: "O seu pai poderia tê-la destruído".

Isto não deixou dúvidas na minha mente de que ela estava, de facto, a contactar o meu pai. Ele era um velho tirano, mas muito poucas pessoas fora da família o sabiam, e quase toda a família já falecera. Não havia ninguém que pudesse ter passado essa informação à Sra. Twigg. Ela deu-me bastantes mensagens de cariz probatório, mas houve algumas imprecisões. Isto perturbou-me, conhecendo o elevado padrão da sua mediunidade. Mais tarde, porém, li o livro sobre ela, intitulado *Medium Rare*, e fiquei mais descansada ao saber que algumas dessas imprecisões se insinuavam na sua mediunidade, habitualmente impecável. Isto, deve-se

perceber, pode acontecer com todos os médiuns, pois não são infalíveis e são frequentemente os primeiros a admiti-lo.

Outra coisa de que precisei para me preparar para as provações de ser entrevistada para a rádio e televisão, de lidar com pessoas de todos os tipos e responder a perguntas intermináveis, foi a experiência no trato com o público em geral, que adquiri como Funcionária de Atendimento nos Correios. Trabalhei em estações de correios de muitas áreas diferentes, desde as mais pobres às mais ricas, das residenciais às comerciais na City e no West End. Isto permitiu-me conhecer pessoas de todas as classes e contextos. Também estive empregada como telegrafista até passar para funções de escrita e secretariado, e isto forneceu mais uma aquisição valiosa: a agilidade de dedos desenvolvida através de muitas longas horas aos teclados dos teleimpressores.

Era necessário que eu fosse razoavelmente articulada, também, para que pudesse explicar como a música me era transmitida por compositores desencarnados e ser capaz de me defender se tal fosse exigido em qualquer altura. Nesse sentido, tive sorte. Ganhei uma bolsa de estudo na minha escola primária que me levou para uma *County High School*, o equivalente a uma *Grammar School*. Éramos tão pobres que me foi concedido um subsídio para cobrir o custo do meu uniforme escolar, caso contrário não teria podido tirar partido da bolsa. Não há dúvida de que os meus estudos nesta escola me deram as ferramentas da fala e da escrita — ou "escritora", para ser pedante. Quão valiosas estas viriam a provar-se quando enfrentei o mundo na minha missão!

Tal como as coisas aconteceram, estive muitas vezes à mercê de pessoas que não tinham escrúpulos que as impedissem de fazer inferências astutas, que equivaliam a difamação, mas não suficientemente diretas para serem travadas legalmente. Pelo menos fui educada o suficiente para ver como tentavam desacreditar-me sem se porem em perigo do ponto de vista jurídico. O mais sensato foi, na maior parte do tempo, ignorar estes ataques desprezíveis e afastar as investidas mais abertas e frequentemente maliciosas dos invejosos, dos ignorantes ou dos fanáticos.

Uma das nossas professoras costumava dar-nos conselhos sobre a nossa conduta futura no mundo. Lembro-me até hoje exatamente do que ela disse:

"Todas vós aqui presentes estareis quase de certeza, nalgum momento, sujeitas à difamação de carácter, por mais ligeira que seja. Quando vos virdes vítimas de calúnia, lembrai-vos de que esta é frequentemente o resultado da inveja e pode ser considerada um elogio indireto."

Tive de procurar num dicionário, depois, o que significava "calúnia", pois foi a primeira vez que ouvi essa palavra. Viria a saber muito bem o que a calúnia significava quando deixei os tempos de escola muito para trás e me lancei no trabalho psicomusical que me tornou o alvo infeliz de qualquer crítico mal-intencionado.

Assim, estava até preparada, de certa forma, contra a eventualidade de calúnia e difamação! Estranho como as palavras da professora permaneceram na minha mente, como se fossem um aviso dos ataques contra mim e das insinuações dos mais sub-reptícios. Poderia parecer que estive a ser preparada ao longo da minha infância e juventude, tanto no corpo como na mente e no espírito.

No corpo, pelo treino de dança que ajudou a sentir-me à vontade perante uma audiência; para o piano, através do uso constante dos meus dedos como operadora de teleimpressora; na mente, através do meu contexto familiar e da minha escolaridade; e, por último, mas mais importante de tudo, no espírito, através dos meus estudos de religião e através da meditação e da oração.

O palco estava a ser montado para a minha estreia.

CAPÍTULO 7
Perceção crescente

A Guerra tinha finalmente terminado. Deixei a Função Pública alguns anos depois para me casar. Talvez fosse essencial para mim ser esposa e mãe para me tornar suficientemente adaptável para trabalhar com os compositores. Pois não tenho dúvidas de que o casamento me ajudou a amadurecer plenamente e a maternidade, mais do que qualquer outra coisa, impele uma mulher a cultivar a máxima adaptabilidade. A maternidade também pode tornar uma pessoa modesta e discreta, dependendo das reações de cada uma a ela. Eu precisava de ser muito discreta para trabalhar com os compositores, pois isso significava que tinha de me esquecer inteiramente de mim própria e deixá-los estabelecerem-se.

Continuava a não fazer ideia do que me esperava. Instalei-me alegremente como mãe; o meu deleite não conheceu limites quando tive primeiro uma bela filha e depois um filho robusto. O meu marido ficou igualmente encantado, e folgo por ele ter tido vários anos com eles antes de ser levado para a Próxima Vida. Ele adorava-os a ambos. Eram a sua alegria e orgulho; mas o Destino decretara que ele deveria ser levado. Isto é, levado no sentido físico, pois sei que ele os vigia constantemente, com o seu afeto por eles inalterado.

O meu marido era um homem muito versátil, com um intelecto brilhante. Tinha viajado por todo o mundo e tentava sempre conhecer os povos de cada país vivendo com eles, partilhando os seus modos de vida e aprendendo as suas línguas. Eu ouvia fascinada durante horas enquanto ele descrevia as suas viagens e os seus encontros. A minha perspetiva ficou mais rica com as suas narrações, e aprendi muito sobre as lutas, costumes e crenças de outros povos.

Ele era também um grande filósofo. Conversávamos até altas horas da madrugada sobre os mistérios da Criação, Deus e o Além. Ele tinha uma crença firme numa Vida Posterior quando me conheceu, e esta foi reforçada pelas comunicações que chegavam através de mim de membros da sua família e amigos que já tinham passado para essa Vida. Ele estava muito preocupado porque algumas pessoas já tinham tentado destruir a minha crença nas minhas capacidades psíquicas devido a ciúmes agudos. Ele incutiu-me de novo a confiança, que tinha sido abalada pelos ataques que me foram feitos. Devo explicar isto mais detalhadamente.

Durante vários anos antes de nos conhecermos, eu fora atraída por mais do que um grupo ou Igreja Espírita. Havia uma pequena Igreja que eu e a minha mãe frequentávamos e, por sugestão dela, ofereci os meus serviços gratuitamente como curadora e vidente. Não quiseram saber. Era tão frustrante querer ser útil e ver-se rejeitada. Tentámos uma Igreja maior. Aconteceu a mesma coisa. Na verdade, a situação era ainda pior nessa, pois pareciam praticar uma política de supressão deliberada. Estavam sempre a dizer-me que o caminho psíquico não era para mim, nem o caminho intelectual. Isso não deixava muito! Era fútil dizer que o caminho psíquico não era para mim, porque eu não podia deixar de ser vidente, uma vez que nascera assim! Quanto ao caminho intelectual, sempre acreditei que o Bom Deus nos deu o cérebro para usarmos, não para negligenciarmos. O que eles não tiveram a perceção de ver foi que ambos os caminhos podiam convergir para levar à Verdade Espiritual.

Havia depois o pequeno círculo realizado na casa de um especialista de Harley Street. Este era composto habitualmente pelo especialista, a sua esposa, um "assistente" experiente, um psiquiatra e um ou dois outros. A esposa do especialista tinha uma ambição mórbida de se tornar médium de transe e depressa se tornou invejosa dos meus dons psíquicos, como vim a saber. Tanto o especialista como a psiquiatra encorajavam-me a dar quaisquer impressões que recebesse, e estas revelavam-se frequentemente absolutamente precisas.

A psiquiatra, uma senhora, estava fascinada. Nas suas próprias palavras, estava a acontecer algo que ela não conseguia explicar nem

refutar. Isto evidentemente inflamou ainda mais o ciúme da aspirante a médium de transe e, um dia, ela entrou, aparentemente, em transe, e começou a dizer-me coisas muito maldosas. Que tipo de espírito estaria a possuí-la, perguntei-me? A sequência foi uma revelação desagradável.

Depois deste círculo, que se realizava semanalmente, íamos todos para a Sala de Estar para tomar um refresco, chá ou café. Nesta semana em particular, a maioria dos convidados desculpou-se imediatamente após o círculo terminar. Quando se foram embora, dei por mim sozinha na Sala de Estar. O especialista já estava a dar boleia a um convidado até à estação, enquanto a sua esposa e o convidado restante estavam fechados na sala de sessões.

Havia um silêncio na casa e não pude evitar ouvir as vozes deles através das paredes finas. O convidado estava a repreender a esposa do especialista.

"Porque fizeste aquilo?", perguntava ela em voz alta, "Porque falaste assim com a Rosemary?"

Ela deve ter percebido o quão cortantes eu achara as observações da "médium" feitas durante o suposto transe. A resposta deixou claro que o transe fora uma fraude deliberada. A formulação da pergunta da convidada já mostrara que ela sabia que fora fingido.

"Pensei que isso pudesse impedi-la de dar mensagens. /Eu/ quero ser médium. Não quero que /ela/ seja médium", quase gritou a esposa do especialista.

Fiquei destroçada ao pensar que ela, de todas as pessoas, pudesse baixar-se a uma fraude deliberada. Decidi ali mesmo retirar-me do círculo sob algum pretexto, para que o especialista não se ofendesse. Mas, pelo que eu sabia, ele poderia estar em conluio com a esposa! Estas experiências, e mais algumas como estas, foram suficientes para me fazer recolher a uma concha e tornar-me muito cautelosa com as pessoas — incluindo as do Movimento Espírita. Não fosse pela preocupação e encorajamento do meu marido, eu poderia ter ficado numa concha para o resto da vida.

"As pessoas são tão invejosas, porra", disse ele. Ele raramente praguejava assim, exceto quando movido pela indignação. "Não podes deixar que eles te abatam. Não valem a pena notar, embora façam o impossível para tentarem ser notados."

Lenta e pacientemente, ele restaurou a minha coragem, embora até hoje eu tenha de fazer um esforço enorme cada vez que sou chamada a fazer uma demonstração ou a falar. Só a minha fé me permite suportar as provações, os escárnios e os contratempos.

O meu marido tinha-me ajudado a saltar mais uma vedação. Sei que ele está muitas vezes ao meu lado em espírito, ajudando-me a superar novos obstáculos. Tive muita sorte em ter um homem tão nobre ao meu lado por alguns — preciosos poucos — anos ao longo da dura estrada da vida.

Ele trabalhava como jornalista *freelance* quando nos casámos. Era uma vida precária, cheia de altos e baixos. Eu dactilografava os seus artigos para ele, sentindo alegria em ajudar no seu trabalho. Depois, um dia, ele disse que achava que seria uma boa ideia eu escrever alguns artigos. Boa prática para a escrita que eu viria a fazer depois de ele ter deixado esta vida — mas não o podíamos saber na altura. Para minha surpresa, alguns dos meus trabalhos foram aceites, mas quando os filhos chegaram, um a um, deixou de haver tempo para continuar a escrever.

Os anos seguintes foram trágicos. A saúde do meu marido começou a falhar. Desde o início do nosso casamento, houve um revés financeiro após outro devido às flutuações no seu trabalho e saúde. Ele considerou retomar a investigação científica como um possível meio para uma vida melhor, mas decidimos que a sua saúde não aguentaria o esforço. As coisas pioraram progressivamente e o último ano e meio da vida dele foi um verdadeiro inferno para ele.

O médico mandou hospitalizá-lo numa última tentativa desesperada de o salvar, mas foi tudo em vão. Foi uma mercê, provavelmente, que ele não tenha morrido em casa, onde as crianças poderiam ter testemunhado a sua partida. Embora ele tenha partido pacificamente durante o sono, não sei que efeito isso teria tido neles; adoravam o pai e, se tivessem visto a sua partida real, poderia ter sido demais para eles.

Os pais veem-se sempre confrontados com um terrível dilema quando há uma morte na família, especialmente de alguém próximo. O que dizer às crianças? Como explicar, sem ser demasiado angustiante, o que aconteceu à pessoa que conheciam ou amavam?

Esta era a segunda vez que eu tinha de lidar com este tipo de situação num espaço de um ano. A minha mãe, que as crianças adoravam, falecera uns meses antes, também no hospital. Quando me perguntaram o que lhe tinha acontecido e por que razão não vinha para casa do hospital, disse-lhes o mais suavemente que pude que o corpo dela se tinha gasto porque ela já era velhinha, por isso Deus tinha-lhe dado um corpo novo para viver e um lugar novo para habitar, um lugar lindo no céu.

"Que sorte a da Avó", comentou a minha filha, "Posso ir vê-la?"

"Não poderás ir para o céu até que tenhas um corpo novo também", expliquei, "Mas ela virá ver-nos muitas vezes. O seu corpo novo é tão

etéreo que a maioria das pessoas não o conseguirá ver, mas acho que tu poderás vê-lo às vezes."

Tive de tentar descrever o significado da palavra "etéreo", mas a minha filha tinha captado isso muito bem, pois também era vidente e propensa a visões. O meu filho, que mal tinha quatro anos na altura, pareceu bastante satisfeito com a ideia de a Avó ter um corpo novo e bonito. Fiquei surpreendida com o quão bem ele pareceu compreender.

"Os anjos tiraram-na do corpo velho e puseram-na no novo?"

"Sim, querido, tiraram. Eles fazem isso por todos nós quando chega a nossa vez."

"Vou ter um corpo novo um dia, então?", prosseguiu ele com o assunto.

"Sim, vais, tal como a tua irmã e eu também. Depois poderemos todos ir viver com a Avó."

"Ah, que bom", exclamou o meu filho, parecendo muito satisfeito.

Agora eu tinha de dar a notícia da partida do seu pai. Quanto mais cedo contasse às crianças, melhor, decidi. Tinham de saber, mais tarde ou mais cedo. Chegámos a casa e senti que o momento tinha chegado.

"Ficarão ambos contentes por saber que o Papá não sofrerá mais e já não está doente. Ele foi para o céu, como a Avó foi." A minha filha ficou em silêncio. Acho que estava entorpecida pela partida do pai apenas alguns meses depois da avó. O meu filho pareceu consternado ao perceber que o Papá não voltaria mais para casa. Depois, de repente, disse: "Agora quero um papá novo."

Aquilo realmente sufocou-me. Tinha estado a tentar ser animada, porque não achava que fosse útil para as crianças se eu cedesse ao meu sofrimento. Tive de desviar a cabeça para que ele não visse as lágrimas a brotarem-me nos olhos.

Ele nunca viria a ter um papá novo. Há poucos homens no mundo que aceitem uma viúva com dois filhos. Porque o fariam? Eles não são os filhos deles, argumentariam. Mas, de qualquer modo, eu já não era jovem nem glamorosa, e teria tido muita hesitação em voltar a casar-me, para que o padrasto deles não se revelasse insensível para com eles.

Mas durante vários anos, o meu filho pareceu muito consciente da presença do pai e dizia-me muitas vezes algo que, segundo ele, o Papá lhe acabara de dizer. Os psicólogos poderiam descartar isto como imaginação compensatória mas, fosse isso ou não (tenho a certeza de que era real), foi uma fonte de grande conforto para o meu filho órfão.

Passei os sete anos seguintes a trabalhar em cozinhas de escolas para ganhar a vida para mim e para as crianças. Mães viúvas com filhos

pequenos não recebiam muita ajuda do governo, descobri, nem financeiramente nem de qualquer outra forma. Nem sequer me concederam o subsídio completo, embora o meu marido e eu tivéssemos estado casados por mais de nove anos, e fôssemos ambos britânicos de nascimento e ascendência.

Um estranho estado de coisas num país democrático do qual se esperaria que cuidasse dos seus jovens, mesmo que negligenciasse viúvas empobrecidas! Felizmente, houve muitos amigos bondosos que nos ajudaram de várias formas, caso contrário teríamos quase literalmente morrido de fome com o subsídio de viúva reduzido e a miséria paga pelo serviço de refeições escolares naquela altura.

Ser uma viúva com dois filhos muito pequenos para sustentar ensinou-me a manter-me nos meus próprios pés, algo que também viria a revelar-se muito útil quando a publicidade irrompeu na minha vida com todas as suas exigências e clamor. Além disso, quando as pessoas tentavam comprar-me, recordava que me tinha governado por muitos anos sozinha, tendo de fazer economias rigorosas, é verdade, mas governando-me apesar de tudo. Por isso sabia que podia passar sem os seus incentivos questionáveis.

Tocarei apenas brevemente nos Anos da Guerra, porque já se escreveu tanto sobre eles. Basta dizer que fui retida na Função Pública durante toda a Guerra, estacionada em Londres, embora tendo de ser móvel de tempos a tempos. Qualquer pessoa que estivesse a viver ou a trabalhar em Londres durante todos esses anos sabe quão sombrio foi, quão enervante e, de certa forma, quão ingrato. Estávamos na Linha da Frente para todos os efeitos sem recebermos muito crédito pelo nosso poder de resistência.

Tudo parou, exceto o Esforço de Guerra — para a maioria de nós, pelo menos. Íamos trabalhar no apagão e regressávamos a casa no apagão; parecia simbólico do obscurecimento do espírito humano. Viajávamos durante os ataques aéreos e tive pessoalmente muitos escapes por um fio durante esses tempos aterradores.

Se não fosse por essa perceção extrassensorial que tenho, na qual tantos não acreditam, eu provavelmente não estaria aqui ao teclado agora. Pois fui avisada por esses mesmos seres espirituais que os céticos tentam explicar como alucinações, avisada não uma, mas várias vezes, de perigo iminente a tempo de o evitar.

Uma vez, nos primeiros dias do bombardeamento de Londres em 1940, o ataque aéreo noturno começou enquanto eu ainda estava no trabalho, no Posto de Correios de Upper Tooting, para ser exata. Havia ali um abrigo antiaéreo, mas eu preferia sempre fazer o meu caminho para casa para me juntar à minha mãe e ao meu pai quando este não estava no

turno da noite. O Metropolitano costumava fechar quando a sirene de ataque aéreo uivava, e os autocarros também paravam de circular. Só restava uma forma de chegar a casa — a pé, em escuridão total, exceto pela iluminação inconstante dos holofotes ou dos disparos... ou pelo clarão ardente dos incêndios causados por bombas incendiárias e outras.

O meu percurso para casa era o mais direto que podia tomar — sempre pela estrada principal até chegar à minha própria rua, que dela derivava. Tinha quase chegado à Estação de Balham, que ficava perto da minha rua, quando recebi um aviso urgente de uma voz espiritual.

"Não continues pela Estrada Principal. Corta pela Estação e vai pelo caminho de trás."

Eu hesitei porque ir "pelo caminho de trás" significava fazer um desvio que demoraria mais tempo e, naturalmente, eu queria chegar a casa o mais depressa possível. Já tinha tido de escolher o caminho por entre os escombros de um edifício que fora atingido pouco antes de eu lá chegar. A voz foi insistente e tornou-se mais urgente.

"Vai pelo caminho de trás! Vai pelo caminho de trás! Não importa se demora mais tempo."

Um aviso tão premente não podia ser ignorado, decidi, e saí da estrada principal, fazendo apressadamente o caminho para casa pela rota alternativa. Pouco depois disto, uma bomba de grande calibre caiu no meio da estrada principal, abrindo caminho até ao túnel do Metropolitano. Muitos dos que estavam abrigados no Metropolitano morreram. Eu teria passado por essa secção da estrada alguns minutos antes de a bomba cair, mas o espírito que me avisou não quis, talvez, correr riscos, ou não conseguia dizer exatamente quando cairia, embora sendo aparentemente capaz de prever o incidente.

Um aviso semelhante surgiu uma vez durante o dia. Eu ia a caminhar por uma rua no mesmo distrito quando as sirenes tocaram. De repente, foi-me dito pelo espírito para sair da rua onde estava o mais rápido que as minhas pernas conseguissem carregar-me. Atravessei de um lado da rua para o outro, sentindo que aquele lado poderia ser mais seguro, mas a voz de aviso disse-me que isso não ajudava, pois ambos os lados eram igualmente perigosos. Então fugi o mais depressa que pude. Estava já na segunda rua seguinte quando uma bomba caiu no centro da rua estreita que eu tinha deixado, deitando abaixo as casas de ambos os lados.

Parecia que a presença do perigo não impedia as faculdades de P.E.S. (perceção extrassensorial) de funcionarem, e que o estrondo ensurdecedor dos ataques aéreos não interferia com a clariaudiência. Sempre estive interessada em tentar determinar sob que condições a P.E.S. pode funcionar

e na investigação de tais faculdades. No geral, as minhas faculdades funcionam melhor quando estou completamente relaxada e tendem a secar quando estou tensa. Foi um alívio descobrir que podiam continuar a funcionar apesar do clamor e do stresse experienciados durante os ataques.

Houve outros casos dramáticos de avisos que me salvaram de morte certa. Certa manhã, estava prestes a entrar num autocarro para me levar de Elephant and Castle para Mount Pleasant, onde estava então a trabalhar, quando ouvi uma voz dizer-me distintamente para esperar pelo autocarro seguinte. Eu ia bastante cedo e decidi que esperaria, pois tinha tempo de sobra para chegar pontualmente ao escritório. O autocarro seguinte que apanhei foi alcançando gradualmente o anterior. Estávamos quase a chegar a Mount Pleasant quando uma bomba voadora desceu em voo picado e decepou completamente o tejadilho do autocarro que eu tinha perdido, mesmo em frente aos escritórios do *Daily Worker*.

Ao regressar do trabalho um dia, estava prestes a entrar num elétrico quando uma voz me disse para não o fazer. Por essa altura, eu já chegara à conclusão de que ignorar tais avisos era por minha conta e risco. Por isso, fiquei quieta e esperei pelo elétrico seguinte, que veio logo atrás. Entrei, e viajámos até à Kennington Park Road. Para horror de todos os passageiros, ali, deitado nos carris pouco antes do Oval, estava o esqueleto carbonizado e achatado do elétrico anterior, que uma bomba voadora tinha destruído. O elétrico ia cheio de viajantes que regressavam a casa. Se eu estivesse nele, a minha família nunca saberia o que me tinha acontecido. Eu teria sido apenas mais uma pessoa desaparecida, presumivelmente morta.

No início da minha adolescência, pouco antes da Guerra, tinha feito um estudo profundo de vários tipos de Yoga. Praticara muitos dos exercícios assiduamente e realizara as técnicas de respiração cuidadosamente. O Yoga era pouco conhecido no Mundo Ocidental naqueles dias, e eu praticava-o de forma algo secreta, percebendo que algumas pessoas o considerariam uma excentricidade. Os efeitos foram enormemente benéficos para a minha saúde e estabilidade de nervos, ambos necessitando de ser preservados ao longo dos anos de guerra.

Quando a Guerra rebentou, eu estava a estudar o Budismo de perto, embora mantendo em todos os momentos o cerne do Cristianismo como um guia indispensável. Parecia óbvio que, se todos se tornassem Budistas, não haveria guerra, nem destruição em massa, nem rasto de sofrimento desencadeado pela desumanidade do homem para com o homem. Mas lá estava a Guerra a grassar, tendo de ser combatida até ao fim para preservar a liberdade! Havia o Cristianismo, havia o Budismo, havia uma multidão de fés, todas instando o homem a viver em paz com o seu semelhante.

Tal como em milhares de pessoas, o desejo de paz mundial cresceu em mim quanto mais o holocausto durava. Mas o que pode uma pequena voz fazer? O que pode fazer um mero punhado de pessoas? Só quando as massas em todo o mundo puserem um fim à guerra é que serão poupadas aos estragos da batalha e ao possível perigo de danos irreparáveis neste planeta. Até esse dia, poderemos achar difícil não nos envolvermos de alguma forma, presos por lealdades a uma causa ou outra. A guerra interrompe a vida; acaba com a vida; pode ser dirigida à resolução de um problema, mas cria outros. Irá a humanidade alguma vez abandonar o uso da força para atingir os seus fins? Perguntamo-nos enquanto observamos pesarosamente mais um reacender de hostilidades. De nada serve simplesmente lamentar estas catástrofes. A humanidade tem de encontrar, através do pensamento, a forma de sair delas.

Isto leva-nos a algumas das conclusões a que eu tinha chegado e que a guerra sublinhou de forma crua: que a solução para muitos dos nossos problemas terrenos reside numa mudança generalizada de perspetiva, na adoção de atitudes novas e diferentes perante toda a gama da nossa existência; que temos de viver e deixar viver, para usar uma expressão muito batida mas muito verdadeira, se quisermos de todo viver.

Durante esses anos de guerra, todo o mundo parecia um palco com uma batalha terrível a grassar nele, enquanto a paz esperava e esperava nos bastidores. Finalmente, a paz recebeu a deixa e fez a sua entrada, cansada e coxa.

A minha vida, na sua forma humilde, parecera uma batalha pessoal: uma batalha para encontrar a verdade; uma batalha para aguentar os fardos, tragédias e dificuldades. Eu ainda não sabia que chegaria o tempo de entrar cansada no palco do mundo, para falar com uma língua algo hesitante sobre algumas das grandes mas frequentemente não reconhecidas realidades da Vida. Pois é disso que o meu trabalho parece tratar; não apenas a escrita de música a mando de mestres compositores que os céticos pensam já não existir, mas todas as implicações, especialmente as espirituais, que vêm em seu rasto.

Quando Liszt começou o seu trabalho comigo, quando ambos ainda aguardávamos a minha estreia, ele avisou-me de que empreender tal trabalho me traria muito sofrimento.

"Lembra-te", aconselhou ele, "estarás a lutar não apenas por nós, mas por Deus e pela Humanidade. É uma tentativa desesperada de trazer paz e esclarecimento à raça humana. Muitos te desprezarão; até os teus próprios amigos se poderão virar contra ti; mas nós nunca te faltaremos. Quando

fores menosprezada, não percas o ânimo, pois os braços eternos de Deus estão sob ti para sustentar a tua alma."

Nunca esquecerei as suas palavras. Desde então, por vezes pensei quão temerária fui ao aceitar uma tarefa tão avassaladora. Sou o alvo do ridículo tanto dos ignorantes como dos eruditos. Tenho alguns amigos maravilhosos que se mantiveram ao meu lado contra ventos e marés; também tive amigos que se revelaram falsos, que queriam estar na mó de cima quando as coisas corriam bem, mas que me abandonaram quando fui ridicularizada.

A fragilidade da natureza humana foi-me demonstrada de forma muito aguda. Isto serviu para me fazer acreditar ainda mais na importância de tentar desenvolver o carácter humano à luz da revelação de que não somos apenas carne e sangue, mas espírito. Se acreditarmos apenas na matéria, vamos comportar-nos como se nada importasse exceto a matéria. Para nos elevarmos acima das nossas limitações humanas, precisamos de acreditar em algo mais. Precisamos de acreditar na Imortalidade. Precisamos de acreditar no Espírito Infinito da Vida. As religiões ensinam-nos a acreditar nestas duas coisas.

Não nos oferecem muita prova, se é que oferecem alguma. Seguramente chegou o tempo de procurarmos a prova e de a darmos a conhecer sempre que a encontrarmos. Desiludidos pela guerra, minados pela exploração comercial, perplexos pelas reivindicações de crenças conflituantes, milhões de pessoas precisam de algo definido a que se agarrar no meio de todos os perigos e males. Poderão olhar para a Ciência para sustentar as suas esperanças vacilantes de que há algo por trás de tudo isto?

De que a Vida é mais do que uma luta desenfreada para existir ou sobreviver? De que esta Vida é apenas um capítulo no Livro da Eternidade? Se a Ciência abraçar a parapsicologia e a metafísica, poderá haver grandes esperanças. Se virar as costas a estas coisas, negar os seus impulsos e seguir vertiginosamente sem pensar nos valores e necessidades humanos, teremos de recorrer novamente às religiões. E até agora, infelizmente, estas não estabeleceram a paz entre povos e nações, nem nos tiraram do lodo do materialismo. Talvez porque nunca trabalhámos nelas o suficiente, nunca as aplicámos consistentemente à vida quotidiana. Talvez porque falte nelas uma coisa: demonstrações práticas de que a sua promessa de Vida além da Morte (a justificação fundamental para os seus ensinamentos) é apoiada por uma realidade firme.

Precisamos que o véu seja rasgado e espero que o meu trabalho esteja a ajudar para esse fim, enquanto enfrento tanto as pedradas como os ramos

de flores que Sir Donald Tovey disse a Sir George Trevelyan, através da minha mediunidade, que estariam por vir.

CAPÍTULO 8
Chegando ao público

No início de 1968, eu continuava a labutar na cozinha de uma escola nos dias úteis e a lutar para manter a enorme casa vitoriana que o meu irmão sobrevivente e eu tínhamos herdado por morte da minha mãe. Pelo menos os miúdos e eu tínhamos um teto sobre as nossas cabeças, embora fosse um teto muito furado. No meu quarto, onde as goteiras eram generosas, tinha de manter um exército de baldes e bacias para aparar a chuva. Na nossa cozinha, tinha de cozinhar e lavar a loiça debaixo de um guarda-chuva quando chovia, e a água caía sobre o fogão a gás, com o sibilar do gás a rivalizar com o sibilar da chuva a pingar nas chapas quentes. A chuva também entrava a rodos num canto da sala onde estava o velho piano. Infiltrava-se pelo teto do quarto da minha filha; infiltrava-se em quase todo o lado: como se a velha casa estivesse a chorar pela nossa sorte.

Poupava e privava-me para conseguir fazer algumas reparações no telhado, de modo a tentar manter a casa tão seca e quente quanto possível para as crianças. Era uma batalha perdida porque a casa era demasiado grande para que eu pudesse pagar o aquecimento de que necessitava. Amontoávamo-nos todos junto a uma lareira e eu aquecia os quartos das crianças com petróleo — totalmente inadequado para divisões tão grandes, mas era tudo o que eu conseguia arranjar.

O meu irmão vivia no Surrey. Fazia a deslocação para o West End todos os dias, exceto aos domingos, e não conseguia encontrar tempo para nos visitar. Ele tinha a sua própria vida para gerir, a sua própria família para cuidar, a sua própria casa para manter. Nunca poderia ter sonhado com o que estávamos a enfrentar naquilo a que chamávamos, por piada, o "Solar dos Antepassados", uma vez que fora transmitido de geração em geração. Mal sabia eu que o "Solar dos Antepassados" ia ser invadido no ano seguinte por uma cavalgada de repórteres, equipas de televisão e todo o tipo de gente interessada ou curiosa!

Antes de 1968, tinha havido o que poderiam ser considerados testes ou ensaios para a coisa real. Tinha sido apresentada em 1965 ao Sr. e à Sra. Hilary Wontner que, por sua vez, tinham interessado várias pessoas no meu trabalho musical. O entusiasmo estava a crescer, mas ninguém parecia saber muito bem o que fazer com tudo aquilo.

Os Wontner apresentaram-me em fevereiro de 1966 a Sir George Trevelyan, devido à sua filiação na *Churches' Fellowship for Psychical and Spiritual Studies*, e parecia que o trabalho que eu estava a fazer se enquadraria numa categoria que lhe interessaria. Fiquei muito entusiasmada quando ele mostrou um entusiasmo vívido e disse que falaria sobre o assunto a uma colega sua. A colega em questão era a Sra. Mary Firth, B.Mus., L.R.A.M., que ele sentia estar habilitada a pronunciar uma opinião sobre a música.

Isto foi mencionado no meu primeiro livro mas, para aqueles que não o leram, devo referir o assunto brevemente. A Sra. Firth, que conheci em outubro de 1966 pela primeira vez, também ficou muito entusiasmada, mas na altura hesitante em contar ao marido, pois sentia que ele poderia não ser compreensivo. Entretanto, Sir George continuava a exortar-me a ser algo reservada sobre toda a questão. A sua secretária escreveu-me uma carta estranha dizendo que não podiam "dar-se ao luxo de estar envolvidos em níveis exteriores com estas coisas do tipo fenómeno de nível astral".

Essa atitude, que foi ecoada por várias outras pessoas, fez-me sentir como se eu fosse apenas algo a ser varrido para debaixo do tapete! Não parecia muito elogioso para Liszt, Chopin, Schubert e Beethoven (os principais comunicadores na altura) falar do seu trabalho como "coisas do tipo fenómeno de nível astral". Refleti sobre o facto de que a própria secretária acabaria, um dia, por se tornar uma coisa do tipo fenómeno de nível astral!

Mas, claro, temos de ler nas entrelinhas e tentar determinar as intenções das pessoas. Numa outra carta escrita uma semana depois, a 15 de janeiro de 1967, ela escreveu: "Deve parecer-lhe que fizemos uma mudança de atitude bastante súbita após a sua visita".

Como ela tinha razão! Quando visitei o Attingham Park College para conhecer a Sra. Firth pela primeira vez, e novamente para ficar lá para um Curso de Ano Novo que decorreu desde o final de dezembro até ao mês seguinte, tudo foi um entusiasmo e uma excitação tremendos. Discutiram-se planos para publicar algo numa revista adequada sobre a música, e também se examinaram meios de gravar parte da música, possivelmente em fitas — planos e meios que não foram apresentados por minha iniciativa, mas pela deles. Parecia haver uma grande promessa de que finalmente algo seria feito em relação ao avanço dos compositores, e eu estava maravilhosamente feliz por eles.

Depois veio o raio — um tipo de raio que eu viria a encontrar repetidamente depois de as pessoas se convencerem da genuinidade do meu trabalho, mas que "se acobardavam" quando chegava a altura de dar

qualquer testemunho público. Um correspondente de um jornal nacional e o produtor do *Woman's Hour* da B.B.C. tinham ouvido algo sobre a música e ambos desejavam entrevistar-me sobre o assunto. Escrevi, naturalmente, a informar Sir George e a Sra. Firth, uma vez que ambos tinham mostrado tal interesse e grande entusiasmo. A Sra. Firth escreveu a Sir George:

"A ideia do *Daily Telegraph* e do *Woman's Hour* da B.B.C. enche-me de horror; embora estes sejam canais de notícias comparativamente razoáveis, a perspetiva do tipo de material sensacionalista que poderia seguir-se é impensável tanto para si como para mim."

Cito da carta que Sir George me escreveu, datada de 15 de janeiro de 1967. Como é óbvio, eu não podia esperar que eles tomassem uma posição pública em meu nome, e escrevi para deixar claro que estava preparada para "enfrentar a música" sozinha, para usar uma expressão apropriadamente aplicada por Maurice Barbanell. Mas, infelizmente, o caminho estava agora bloqueado porque a Sra. Wontner, que pretendera apresentar-me ao correspondente do *Telegraph* e ao produtor da B.B.C., achou prudente acatar os desejos de segredo de Sir George. Quão gratos devem estar Liszt e os seus colegas por ela se ter finalmente arrependido e organizado a minha entrevista em sua casa, onde foi feita uma gravação para uma emissão da B.B.C.

O que tinha acontecido, segundo Liszt me disse, foi que Sir George tinha sido "pressionado", para usar a expressão moderna. No dia seguinte à minha saída de Attingham, no final do Curso de Ano Novo, chegou um músico para tentar pôr em marcha o seu plano de apresentar algumas das suas composições no Colégio. Infelizmente para mim, Sir George começou a entusiasmar-se com o avanço musical dos compositores no Mundo Espiritual, e isto provocou tal inveja no músico — que anteriormente fora um dos meus mais ardentes defensores — que ele disse a Sir George que o meu trabalho era regressivo, o trabalho de "entidades", e uma série de coisas ainda menos elogiosas. Os Wontner, que me tinham apresentado a este músico, ficaram horrorizados com a reviravolta completa demonstrada por este homem. Assim, as pessoas que tinham dado todos os indícios de me apoiar tinham-me abandonado ou estavam hesitantes, e num relance soube que isto poderia acontecer a toda a hora.

Eu teria de estar pronta para ocupar o palco sozinha, para travar uma batalha solitária contra probabilidades enormes. Se eu não tivesse coragem para tomar uma posição firme por aquilo que acreditava ser verdade e de algum valor possível para a humanidade, estaria a falhar no meu dever. Jurei naquele instante prosseguir firmemente com o trabalho, acontecesse o

que acontecesse. Por agora, o palco seria apenas meu, embora mais tarde outros viessem e fossem em papéis secundários de vários tipos.

A primeira coisa que o público ouviu sobre o meu trabalho foi através de uma emissão feita em outubro de 1967, em resultado do encontro organizado pela Sra. Wontner em sua casa com o produtor do programa *Woman's Hour* da B.B.C. Esta foi a primeira pequena faísca que eu esperava que acendesse uma multidão de velas para lançar um pouco de brilho na escuridão do mundo.

Também deu início a um fluxo interminável de cartas que por vezes se tornavam totalmente impossíveis de gerir, uma vez que eu não tinha meios para pagar ajuda de secretariado.

O gelo estava quebrado. As reações pareciam favoráveis, a julgar pelas cartas. Sir George e a Sra. Firth, talvez um pouco mais tranquilos, começaram a formular os seus próprios planos para apresentar o trabalho numa forma adequada. Organizaram a realização de uma reunião no *College of Psychic Science* em Kensington, selecionando e convidando cuidadosamente a assistência... mas excluindo cuidadosamente a imprensa, incluindo o Sr. Barbanell, o Editor do *Psychic News*, que parecia ser a pessoa mais óbvia a estar presente. Todo o evento correu suficientemente bem, mas não prometia promover o trabalho, porque o programa era mais de discussão do que qualquer outra coisa.

A cena seguinte no desenrolar da peça de eventos foi uma que me colocou em mais um dos intermináveis dilemas que o trabalho apresentava. Um especialista na área da Alta Fidelidade tinha-me sido apresentado antes do evento no *College of Psychic Science*. Ele ofereceu-se muito gentilmente para gravar todo o procedimento em fita, e Sir George e a Sra. Firth consideraram que era uma excelente ideia. Imediatamente após a sessão ter terminado, e enquanto as pessoas ainda estavam reunidas, o especialista em Alta Fidelidade veio ter comigo com outra proposta, que era a de formar uma empresa para produzir fitas da música e colocá-las à venda.

Respondi que, uma vez que Sir George e a Sra. Firth estavam por essa altura envolvidos, considerava que o assunto deveria ser discutido com eles. Ambos acharam a ideia sensata e decidiram ir por diante, com a adesão do Dr. Firth, uma vez que, por essa altura, ele já sabia tudo sobre a música e era uma parte interessada.

Como é minha prática habitual, procurei o conselho de Liszt, porque a música vinha dele e de outros compositores, e era apenas justo e adequado que eles fossem consultados sobre qualquer procedimento. Liszt aconselhou-me a não ir por diante — o que pareceu surpreendente, pois o

especialista afirmara que venderia as fitas como pãezinhos quentes. De facto, o homem trabalhava em Alta Fidelidade há cerca de vinte anos e era habilidoso e capaz não só nessa área mas também como promotor e vendedor.

Mas ainda assim Liszt disse firmemente: "Não". Poderia ser a única oportunidade dos compositores terem a sua música enviada para o mundo, pensei eu. "Não", continuou Liszt a dizer. Eu estava agora numa posição muito difícil. Não tinha desejo de ofender o cavalheiro da Alta Fidelidade mas, se Liszt era tão irredutível, devia haver uma boa razão.

"Consulta o teu advogado, e talvez compreendas", ordenou ele.

O advogado abriu-me os olhos para os possíveis perigos de entrar na empresa conforme proposto. O especialista, percebendo quão pobre eu era, sabia que eu não podia colocar dinheiro na empresa. Sugeriu começar com cem libras em ações, dizendo que eu poderia adquirir apenas uma ação que me custaria apenas uma libra, para que eu me tornasse oficialmente acionista. Mais tarde, informaram-me, se eu tivesse posses, poderia adquirir mais ações.

"Ah", disse o advogado, "Estaria a colocar-se numa posição muito vulnerável. Cada vez que os dividendos fossem devidos, a senhora, como detentora de apenas uma ação, receberia apenas um dividendo. Mas aqueles que detivessem, digamos, cem ações, receberiam cem dividendos. Além disso, cada vez que fosse feita uma votação sobre qualquer ponto, a senhora teria direito a um voto, mas aqueles com cem ações teriam cem votos."

Comecei a ver os escolhos. O advogado disse que, sem dúvida, as intenções do meu amigo eram as de me ajudar ao colocar a música à venda, mas supondo que algo lhe acontecesse... as suas ações passariam para outra pessoa que poderia não ser tão honesta e poderia decidir fazer algo contra os meus desejos. Eu estaria indefesa, uma vez que seria apenas uma acionista minoritária e poderia ser afastada da empresa por votação.

Ah, quão tortuosos são os aspetos comerciais do mundo! Eu poderia ter sido privada de qualquer benefício que não fosse um benefício financeiro nominal por todos os meus trabalhos. Eu não estava a fazer o trabalho por lucros comerciais, mas tinha suado durante anos, forçando cada nervo e fibra, para transcrever a música dos compositores. Seria moralmente justo que outros fizessem capital à custa disso enquanto eu, que tinha feito todo o trabalho pesado, ficasse de fora?

"Não!", trovejou Liszt, acompanhado por um Chopin indignado, "Tu suportaste todos os fardos e recebeste todos os desprezos. Se render alguma

coisa, é legitimamente teu. Tirar-to seria equivalente a roubar e seria arrancar o pão da boca dos teus filhos e da tua."

Argumentei com Liszt que o proponente da empresa estaria a fazer todo o trabalho de formação e gestão da mesma, e teria direito a alguma recompensa.

"Assim é", foi a resposta, "Mas uma empresa é uma organização precária porque podem surgir muitas contingências imprevistas. Atende ao conselho do teu advogado."

O pronunciamento final do advogado foi que, se eu fosse mesmo por diante, deveria insistir em ter o voto de qualidade.

"Afinal de contas", concluiu ele, "Os acionistas estariam a fazer capital a partir do seu cérebro e do seu trabalho. Pelo menos a senhora deveria ter sempre a última palavra em qualquer decisão e ser capaz de levar avante os seus próprios desejos."

O homem da Alta Fidelidade recusou aceitar a ideia de eu manter o voto de qualidade. Isso resolveu a questão. Eu estava a tentar em todos os momentos cumprir os desejos e planos dos compositores e, se eu não tivesse um voto de qualidade, não só eu poderia ser vencida, como também os compositores o poderiam ser. A minha lealdade para com eles venceu o dilema.

Muitas pessoas surgiram com várias propostas para fazer algo em relação ao trabalho. Mas, naturalmente, queriam sempre fazer as coisas à maneira deles, que raramente era a maneira dos compositores. Alguns ofereceram-me fortunas, mas não se pode comprar os que estão em espírito, por isso não podiam comprar os compositores! Alguns queriam meramente ter-me nas suas mãos para me manipularem para os seus próprios fins, ou tentarem ganhar poder. Alguns eram muito subtis, mas Liszt frequentemente me "avisava" em relação a tais pessoas.

O Dr. Firth surgiu a seguir com uma proposta que parecia ser feita de boa-fé. Tratava-se de abrir um Fundo fiduciário (*Trust Fund*), como descrito em *Unfinished Symphonies*. Ele seria o tesoureiro e fiel depositário conjunto com Sir George, e o fundo estaria aberto a contribuições de qualquer pessoa interessada. Ser-me-ia paga uma pequena mesada para me permitir dedicar-me mais plenamente à música e abandonar o meu trabalho nas cozinhas escolares.

Esta parecia ser uma oportunidade justa para os compositores transmitirem mais música sem eu correr o risco de os assuntos me serem retirados das mãos. Liszt parecia favorável. Aceitei. Tudo prometia ser canja, mas estavam a formar-se tempestades. Havia agora o apoio de três pessoas: Sir George, o Dr. Firth e a sua esposa. Já não ia ser uma batalha

solitária e amarga. Ou assim pensei. Demiti-me do Serviço de Refeições Escolares em maio de 1968. Em menos de três meses, iria arrepender-me.

A tempestade que desabou sobre a minha cabeça foi o resultado de um mal-entendido infeliz. Sir George e a Sra. Firth decidiram agora enfrentar a imprensa em meu nome, uma decisão que receio terem vindo a lamentar. Organizou-se uma reunião em casa dos Wontner e enviou-se um convite ao correspondente do *Telegraph* que há tanto tempo desejava entrevistar-me. Desta vez, Maurice Barbanell também foi convidado.

Fiquei ali sentada, muda, enquanto Sir George se esforçava valentemente por defender o meu caso. A Sra. Firth secundou-o com todos os seus poderes de persuasão e perícia musical. Infelizmente, parece ter caído em terra estéril. O próprio correspondente tentava manifestamente manter a paz e conservar uma atitude de simpatia para comigo — mesmo que pensasse que eu estava louca.

Mas o seu companheiro, um importante e brilhante crítico musical, descartou tudo como um disparate total e saiu disparado. Era católico romano. Teria isto colorido a sua opinião? Teria sido a forma como apresentámos o assunto? O que tinha corrido mal? Teria ele reagido de forma diferente se soubesse que tenho uma enorme simpatia pela Religião Católica?

Après le déluge... os Firth anunciaram que não estavam convencidos de que a música proviesse dos compositores nomeados. Intrigada, escrevi-lhes pedindo que tornassem as coisas mais claras para a minha pobre e confusa mente. A resposta não lançou luz sobre a minha escuridão nem trouxe conforto. Eu pensava que eles acreditavam... se não acreditavam, por que razão tinham fundado o Fundo? Desgostosa e incapaz de compreender, escrevi um apelo a Sir George. Antes de ele ter tempo de responder, estava previsto eu visitar Attingham ao mesmo tempo que os Firth. Entretanto, a minha saúde fora abalada por um vírus que me fez atrasar a chegada ao Colégio em alguns dias.

O meu filho estava ansioso pela visita e por ficar no campo uns dias. Seriam as nossas únicas férias desse ano, pois não podíamos pagar outras. A minha filha não quis vir e convidou uma amiga para ficar com ela. Eu não estava realmente bem o suficiente para viajar, mas não queria desapontar o meu filho. Por isso, recompus-me e lá fomos nós.

Fomos recebidos na Estação de Shrewsbury pela secretária de Sir George, que aproveitou a oportunidade para me atacar em termos inequívocos à frente do meu filho, por me atrever a incomodar o "Sir" (como ela chamava a Sir George) e os Firth, que eram todos pessoas muito

ocupadas e não tinham tempo para mim, disse ela. O meu filho ficou boquiaberto.

"Mãe", protestou ele, quando ficámos sozinhos no nosso quarto. "Nem tínhamos chegado ao Colégio e ela começou logo a atacar-te. E o que é que eles estão a fazer, a mexer na tua música, se não acreditam nela? Vamos mas é já para casa."

"Não", disse-lhe eu, "não podemos fazer isso. Tenho de descobrir o que aconteceu e se é verdade o que ela disse sobre Sir George e os Firth."

Momentos depois a secretária reapareceu e disse-nos perentoriamente que Sir George e os Firth estavam à minha espera no Gabinete do Diretor. Sir George era, na altura, Diretor do Colégio. Fomos ao Gabinete e o meu filho foi mandado sair abruptamente. Eu deveria ter tido o bom senso de insistir para que ele ficasse, mas fui apanhada desprevenida.

O que aconteceu a seguir foi como um pesadelo. Os meus amigos, que eu pensava estarem do meu lado, pareciam estar alinhados contra mim. Os três sentaram-se numa fila solene à minha frente como se fosse um conselho de guerra. De repente, Mary — a Sra. Firth — disse: "Isto não é justo. São três contra um". Ela saltou e veio sentar-se ao meu lado. Por esta altura, eu perguntava-me o que estaria para vir!

Liszt — o querido e bondoso Liszt — tinha-me avisado mais uma vez antes de eu partir para Attingham de que algo estava errado.

"Não fiques demasiado perturbada com o que acontecer", foram as suas palavras, "E não deixes que eles te mandem", acrescentou, com o queixo cerrado naquela linha firme que eu estava a começar a conhecer tão bem.

Agora começava a compreender o seu aviso. Sir George começou a acusar-me de todo o tipo de coisas, todas elas sem qualquer fundamento. Tentei argumentar com ele calmamente — a minha mãe tinha-me ensinado a tentar manter sempre a minha dignidade — mas ele parecia muito indignado. Continuava a ameaçar fechar o Fundo e devolver o dinheiro a toda a gente. O meu ânimo afundou-se num desespero frio. Eu tinha-me demitido do meu posto e ele já tinha sido preenchido.

Tinha os filhos para sustentar e, a menos que o pequeno salário que ganhava fosse substituído, íamos ficar realmente numa situação terrível. Pensei em Liszt a dizer para eu tentar não ficar demasiado perturbada e contive as lágrimas que quase me sufocavam.

Sir George continuou a acusar-me de ter dito algo na minha carta para ele que eu sabia que não tinha dito de todo. A instrução de Liszt para não deixar que me mandassem relampejou na minha mente. Com toda a audácia que consegui reunir, exigi ver a carta, afirmando ter a certeza de

que não escrevera nada desse género. De forma algo relutante, perante a minha insistência, Sir George apresentou a carta e disse que a ia ler em voz alta. Eu estava consciente de Liszt ao meu lado.

"Rápido, tira-lha e lê tu própria", exclamou ele.

A tremer de indignação virtuosa, quase a arranquei da mão de Sir George, dizendo que a leria eu mesma. Percorri toda a carta. Sabia que não tinha escrito o que ele alegava, mas tinha de verificar se a carta tinha sido adulterada de alguma forma. Passei a carta rapidamente à Mary, antes que Sir George a pudesse recuperar. Ela leu-a com cuidadosa deliberação.

"Ela não disse isso, George", disse ela calmamente para Sir George. Depois passou-a ao marido para que este a lesse.

"Devo ter interpretado mal", foi a explicação de Sir George.

Ele não podia ter apenas interpretado mal. Ou nunca a tinha lido realmente, tendo-lhe sido o seu conteúdo relatado em segunda mão; ou tinha apenas olhado para ela à pressa, sendo uma pessoa muito ocupada, e de alguma forma a alegação fora semeada na sua mente depois. Teria alguém tentado maliciosamente virá-lo contra mim? Havia muita gente invejosa a fazer-lhe a corte devido à sua posição e cargo.

No entanto, ele continuou a ameaçar fechar o Fundo, mas eu sabia que a palavra de Sir George era sagrada e não podia acreditar que ele levasse a cabo uma ameaça tão cruel. Claramente, alguém andara a tentar criar problemas, e ele continuava muito irado. Sabia que não conseguiria facilmente outro emprego com a minha idade, mas decidi que teria de o fazer o mais depressa possível.

O pior ainda estava para vir. Sir George continuava a dizer que a música era trivial e pouco convincente, e pedia aos Firth que corroborassem a sua opinião... o que eles fizeram! Agora deparava-me com uma revelação ainda mais avassaladora: ou o julgamento musical dos Firth tinha estado errado anteriormente, ou tinham-me deixado pensar que a sua opinião sobre a música era elevada quando não era nada disso. O mundo parecia estar a desmoronar-se à minha volta e os meus amigos de confiança a falharem-me.

Finalmente, aquela entrevista terrível chegou ao fim. Senti que nunca mais poderia confiar em ninguém. Mary era a minha última esperança. Era uma mulher, como eu. Apelei a ela quando saímos para o corredor.

"Mary", implorei, "não achas realmente nada da música convincente?"

"NÃO!", foi a sua resposta enfática.

Tive de tentar descobrir se eles me andavam a enganar. Tinha de saber a verdade, mesmo que fosse a verdade terrível.

"Nem uma única peça?", supliquei.

"Não! Nem uma única peça", respondeu ela.

Olhei para o seu rosto, que parecia frio e severo. O meu último resquício de esperança desapareceu. Então vi Liszt ao lado dela, a olhar para ela com uma severidade inacreditável.

"Não é verdade", disse-me ele, com o queixo a tremer de indignação, "É convincente. Mas eles não têm coragem de o dizer."

Pobre Liszt. Ele também estava a sofrer, o repúdio de todo o seu trabalho.

Sir George deve ter-se arrependido das suas ameaças. Não fechou o Fundo, mas o mal estava feito. Nunca mais conseguiria estar feliz com aquilo, nem sentir-me segura. Ele podia mudar de ideias outra vez ou fazerem-lho mudar. Pus-me a procurar novo emprego, ao mesmo tempo que tentava cumprir a minha parte do acordo com o Fundo.

Liszt implorou-me para aguentar, profetizando novas oportunidades. A minha saúde estava no seu ponto mais baixo. Anos de penúria, de privações para dar aos filhos o melhor que podia, de suportar a angústia desoladora da viuvez, estavam a cobrar o seu preço. Tentei continuar o trabalho musical, mas muitas vezes desabava num mar de lágrimas quando estava sozinha, porque sentia agora que tudo era tão desesperado e que os meus amigos, Sir George e os Firth, não tinham fé em mim nem na música.

Até os Firth diziam não acreditar que a música proviesse dos compositores... e que não estavam convencidos, e durante meses continuaram a dizer a mesma coisa. O Dr. Firth, ficando frenético, suponho, por se ter colocado a si e à esposa na linha de fogo, pressionava por provas, música, informações, e dizia nas suas cartas que mas arrancaria como um dentista a arrancar um dente! Destinado a ser engraçado, talvez, mas não fazendo nada para me deixar à vontade.

Sob tais circunstâncias, não era surpreendente que o contacto com os compositores começasse a esmorecer. Beethoven, decidindo que estava a perder o seu tempo se as pessoas iam apenas negar que era ele a comunicar, desapareceu durante semanas a fio. Liszt permaneceu fielmente comigo, juntamente com Chopin dando um apoio solidário para me consolar. Descobri que Chopin conseguia ser bastante impetuoso com indignação perante o tratamento que eu recebera. Uma vez agarrou-me na mão e escreveu a grande velocidade através dela — eu segurava uma caneta na altura para escrever música. Escreveu em francês.

Quando decifrei depois, traduzindo o melhor que pude, descobri que ele estava furioso com um homem em particular que tentava meter o nariz no assunto, dizendo que não permitiria que esse homem interferisse na sua

música! Liszt estava determinado a não deixar a sua causa cair. Acho que ele é uma das pessoas mais determinadas que alguma vez conheci.

"Encontraremos formas. É a Vontade de Deus e não pode falhar", dizia ele com a sua calma segurança.

Ainda estava a tentar arranjar novo emprego quando me pediram para dar uma palestra-recital na Igreja de Jovens Espíritas de Sutton. Este foi o primeiro passo em direção ao sucesso real. A agitação de eventos que se seguiu em resultado de Peter Dorling ter ouvido falar de mim através deste marco na minha vida (embora eu não soubesse na altura que o era) está descrita no meu primeiro livro.

Antes de ter tempo de recuperar da surpresa, lá estava eu na Televisão da B.B.C., parecendo uma velhinha pobre e acabada, pensei eu, mas finalmente as notícias do trabalho chegavam ao mundo.

Sir George e os Firth tinham-me dito que eu nunca deveria ir à televisão. Seria posta em ridículo, disseram. Mas os compositores indicaram que eu deveria seguir corajosamente em frente, e assim fiz. Quando chegou a hora, Sir George e os Firth decidiram participar, embora eu tivesse dito estar preparada para manter a minha posição sozinha.

Estávamos agora em 1969 e as coisas começaram realmente a mexer. Seguiram-se entrevistas na imprensa, apareci em novos programas de televisão. A Philips começou a gravar um disco de parte da música, e assim continuou. O Canal 3 da B.B.C. começou a preparar um documentário sobre o meu trabalho. Sir Victor Goddard, que me conhecera no *College of Psychic Science*, disse-me que eu não deveria prosseguir com isto porque, segundo ele, o Canal 3 era um canal altamente intelectual que iria apenas despedaçar-me.

Liszt disse que eu deveria prosseguir e não me preocupar, pois seria um sucesso. E foi em grande parte graças a Liszt que foi um sucesso, porque ele transmitiu-me a peça chamada "*Grübelei*" — com os responsáveis do Canal 3 da B.B.C. a observar parte do tempo. Isto foi destacado no programa, juntamente com uma análise muito favorável de Humphrey Searle, o especialista em Liszt.

Liszt parecia certamente estar a dar o seu melhor para confundir quaisquer oponentes. Mas eu pensava frequentemente que para ele estava tudo bem, confortavelmente fora do alcance das línguas dos críticos, que eram por vezes muito mordazes; eu era quem suportava todo o embate — uma tarefa ingrata. Ele continuava a dizer-me que tudo valia a pena e que ajudaria muita gente, por isso acreditei na sua palavra e lutei para seguir em frente.

"Haverá sempre céticos", dizia ele frequentemente, "Mas é o plano de Deus e não pode falhar."

Mas continuava a haver pessoas a tentar fazê-lo falhar! Pessoas cujos motivos eram frequentemente interessados ou até malévolos. É uma batalha contra a natureza humana mais do que qualquer outra coisa; contudo, paradoxalmente, é uma batalha PELA natureza humana.

CAPÍTULO 9
A cruzada solitária

O ano avançou e as coisas não abrandaram de todo. As exigências que me eram feitas eram tremendas e, por vezes, absolutamente irracionais. Tinha-me tornado um objeto de curiosidade para muita gente; esqueciam-se, aparentemente, de que eu era também um ser humano com limites de resistência. Tudo isto teve de ser atravessado como parte do desenvolvimento do trabalho e da sua apresentação ao público.

Parecia que o mundo inteiro estava à minha porta, clamando por isto ou por aquilo. Para nossa consternação, muitas pessoas localizaram-nos e não davam descanso nem a mim nem à minha família. Apareceram os maníacos, em demasiada quantidade; apareceram os aspirantes a "penduras"; pessoas que antes não queriam saber de mim viram-me subitamente como um ativo desejável. Tivemos de deixar de atender à porta da frente para preservar os últimos vestígios da nossa privacidade. A fama tinha chegado, e eu não gostava nada dela. Era mais uma coisa a ser suportada como parte da missão. Mas todas as frequentes intrusões sobre nós, todas as exigências — muitas vezes egoístas — estavam a interromper o trabalho com os compositores, para o qual eu precisava de paz e solidão. Desejava de todo o coração poder mudar-me, e mudar-me para um destino secreto...

Alguns dos incidentes mais angustiantes foram causados por homens que viam numa viúva um possível alvo para as suas atenções. Alguns tinham "intenções honrosas" e queriam casar comigo. Outros tinham intenções que eram tudo menos honrosas. Um homem, já bastante avançado em anos, que vim a descobrir mais tarde ser casado, procurou-me, afirmando ser amigo de Leonard Bernstein.

Fiz uma pequena verificação sobre ele e descobri que estivera associado durante muitos anos ao Movimento Espírita. Mas não consegui verificar a sua história sobre Bernstein — que se provou falsa — até mais tarde. Disse que Bernstein lhe tinha pedido para tentar obter de mim alguma informação sobre um compositor, e que parecia que eu era a única

que poderia ser capaz de a obter. Assim, tolamente, como vim a perceber mais tarde, aceitei vê-lo. Lentamente, apercebi-me de que tipo de homem ele era. Quando o admiti em minha casa, fiz-lhe saber que a minha filha e o noivo dela, bem como o meu filho, estavam lá.

Tive uma intuição desagradável assim que pus os olhos nele, e senti ser sensato deixá-lo saber que não estava sozinha. Quão verdadeiro isto era, tornou-se claro quando ele tentou tornar-se familiar comigo. Continuava a dizer que não tinha inibições e, como a minha mente não segue os caminhos que a dele obviamente seguia, não percebi durante algum tempo o que ele queria dizer. Finalmente, a feia verdade atingiu-me e tirei-o de casa o mais depressa que pude.

Ele continuou a importunar-me, aparecendo em minha casa e escrevendo-me, pelo que não tive outra escolha senão escrever e dizer rudemente que nunca mais o queria ver. Ainda assim ele persistiu e, finalmente, tive de ir à polícia e pedir a sua ajuda.

Após este incidente, era improvável que eu permitisse a quaisquer estranhos chegar até mim. Ainda menos provável que os permitisse entrar em minha casa. Parece de facto ridículo que estranhos absolutos achem por bem aparecer à minha porta sem aviso prévio e esperem que eu os convide a entrar! No entanto, isto continua a acontecer. Convidariam eles alguém a entrar, sem saber nada sobre essa pessoa ou sobre os seus motivos? Sem saberem ao certo se estariam a receber pessoas indesejáveis, bisbilhoteiros ou até pessoas mentalmente perturbadas?

Frequentemente, os visitantes têm uma boa história para contar ou uma "conversa da carochinha", como a minha mãe costumava dizer. É muito comum dizerem que viajaram metade do mundo para me ver (seriam eles realmente tão temerários ao ponto de fazerem isso, sem saberem se eu estaria em casa ou no estrangeiro?). O estratagema seguinte, também comum, é a notícia de que partem nessa noite ou na manhã seguinte para os E.U.A., Índia, China... ou Timbuctu, e que TÊM, portanto, de me ver ali mesmo!

Não lhes ocorre que eu poderia estar — e habitualmente estou — já ocupada em alguma atividade? Alguns deles podem ser visitantes genuínos que apenas não param para pensar. Outros são, sem dúvida, tipos espúrios que apenas desejam forçar a sua presença sobre mim. As pessoas genuínas compreenderão, espero — se tiverem sido mandadas embora —, por que razão nos recusamos a admitir visitantes ocasionais. É engraçado que não pareçam pensar em escrever primeiro.

As pressões tinham sido excessivas. Muita maldade pura fora descarregada sobre mim por críticos mal-intencionados e pelas penas de

ponta ácida de algumas secções da imprensa. Porque são as pessoas tão cruéis? O facto de alguém não acreditar em algo não justifica descer ao nível da maledicência; deve haver um motivo ulterior — inveja, fanatismo ou algum tipo de instinto pervertido. Um dia, talvez, eles saberão melhor! Até lá, pioneiros como eu devem suportar os escárnios e as zombarias dos ignorantes e dos venenosos.

Pelo menos, por essa altura, os Firth tinham escrito para declarar que estavam "agora convencidos, e desejavam convencer outros". Mas parecia demasiado tarde para contrariar a primeira impressão dada pela sua negação. Tive de tentar superar todas as repercussões desagradáveis que se tinham seguido. Ser-me-ia atirado à cara muitas vezes que os Firth — que eram meus amigos, sublinhavam — eram músicos de toda a vida e, se eu não os tinha convencido, o que poderia esperar de pessoas que não eram minhas amigas? Eu esforçava-me galantemente por defender os Firth e a mim própria, balbuciando que eles tinham as suas reputações musicais em que pensar, o que apenas parecia piorar as coisas com algumas pessoas.

Houve outro ataque vindo de um quadrante inesperado. Sir Victor Goddard dactilografara um longo documento sobre o meu trabalho e circulara-o entre um círculo de conhecidos seus. Fui a última a saber. Nesse documento, ele estipulava que eu nunca deveria ser autorizada a tocar as composições e que os Fiduciários, aos quais enviou cópias, não deveriam permitir mais publicidade para o meu trabalho. Eu pensava que ele estava do meu lado como alguém que também acreditava na Vida após a Morte; isso também foi estilhaçado quando percebi com horror que as suas ações poderiam ter o efeito de minar o meu trabalho.

Escrevi imediatamente aos Fiduciários para dizer que, se seguissem o seu conselho e não permitissem mais publicidade, eu me demitiria de imediato. A minha tese era a de que, se alguém tivesse uma luz, mesmo que fosse a mais pequena vela, não a deveria esconder debaixo de um alqueire. Afirmei — como fizera muitas vezes a Sir George — que tinha a certeza absoluta de que o meu trabalho deveria ser dado a conhecer ao maior número de pessoas possível para lhes dar qualquer ajuda que pudesse. Não teria, naturalmente, arriscado a exposição a mais insultos se não acreditasse com todo o meu coração, mente e alma que era meu dever falar sobre o meu trabalho. Qualquer tentativa de reter o meu trabalho da humanidade era errada aos meus olhos; as pessoas tinham o direito de ouvir falar dele, mesmo que não pudessem acreditar nele.

Com tantas pessoas alinhadas contra mim, incluindo aquelas de quem erroneamente pensei que receberia apoio solidário, sentia cada vez mais a amargura da minha cruzada solitária. Apenas a minha fé em Deus me

mantinha em marcha. Mas o meu corpo, nunca completamente robusto, não aguentou o esforço. Sucumbi a uma cistite severa, sentindo-me no limite das minhas forças. Lutei para recuperar a saúde, apenas para ser atingida pela epidemia de gripe que grassava, a qual se complicou com uma bronquite.

O Dr. Firth queria que eu me submetesse a novos testes de P.E.S., testes de carácter psicométrico a serem realizados por um amigo seu, o Professor Beloff. Eu estava a ser fustigada por críticos adversos, importunada por maníacos e doidos, inundada por exigências e perguntas intermináveis, e não estava em condições de saúde para lidar com isso. Sentindo que não podia fazer justiça ao Fundo, uma vez que me era impossível cumprir os requisitos, tomei a decisão de que me devia demitir.

Retirei-me tão tactosamente quanto pude do Fundo, expressando a minha gratidão pelo que tinham feito e dizendo que esperava que isso não fizesse diferença para a nossa amizade. Estava disposta a continuar a partilhar o que o Dr. Firth chamava de "fenómeno musical", e escrevi nesse sentido. Não era uma questão de querer uma mudança, mas de precisar de uma pausa do papel de cobaia que parecia ter-se tornado, mais ou menos, a minha sorte. Dava-me uma sensação claustrofóbica de estar estereotipada.

Maio de 1970 trouxe o lançamento do disco pela Philips com parte da música para piano. Terminou também a minha ligação com o Fundo Fiduciário, mas não com os Fiduciários e a Sra. Firth. Na primavera de 1968, a Sra. Firth fizera uma gravação de algumas das peças para piano nos *Craighall Studios*, em Edimburgo. Fora feito um lote de quinhentos discos a título privado a partir desta gravação, servindo como uma amostra preliminar.

O Dr. Firth informou-me de que não eram devidos direitos de autor sobre este lote de discos, uma vez que estes não são pagos em discos de produção privada — mas tudo o que importava era que um pouco da música fora gravada. Fiquei grata por a Sra. Firth se ter encarregado de executar algumas das composições para esta apresentação privada. Agora, com o disco da Philips a sair, recebi um adiantamento sobre os direitos de autor e imediatamente houve um clamor em certas publicações da imprensa — incluindo a revista *Time*. Houve alegações de que eu estava a "fazer tudo pelo dinheiro", e o adiantamento foi ostentado como se fosse uma pequena fortuna.

Não foi salientado que eu não receberia mais nada a menos que o disco vendesse além do valor do adiantamento. Era tudo tão irónico; lá estava eu, com os meus dois filhos ainda na escola, a receber alguma recompensa por todo o meu trabalho exigente, e no entanto havia pessoas

suficientemente mesquinhas para me invejarem os direitos de autor arduamente ganhos! Pessoas que provavelmente ganhavam muito mais do que aquilo em poucos meses ou talvez até em poucas semanas! Havia claramente quem distorcesse os factos ou se baixasse a quase qualquer truque para tentar desacreditar o meu trabalho.

Em outubro de 1968, chegou ao conhecimento da Sra. Firth que estavam a ser oferecidas para venda fitas de parte da música faturadas a quatro libras cada. Estas fitas continham algumas das suas interpretações da música e algumas das minhas próprias interpretações, mas nenhuma de nós tinha sido consultada, e as fitas tinham circulado durante cerca de oito meses inteiramente sem o nosso conhecimento. Tratava-se, naturalmente, de uma violação dos direitos de autor e tivemos de mandar enviar avisos às pessoas responsáveis para que cessassem as suas atividades ilegais. Foi outra complicação, outra traição da minha confiança na natureza humana. Começava a perguntar-me cada vez mais em quem podia confiar. Na verdade, começava a sentir que as únicas pessoas em quem podia confiar eram os meus colegas e amigos espirituais!

As recompensas por todo o trabalho eram poucas. Certamente não estava a fazer o trabalho por dinheiro, e o dinheiro era bem pouco quando chegava, porque uma quantia fixa como o adiantamento dos discos teria de durar por um período muito longo, talvez anos. Recebi mais "pontapés nos dentes" do que qualquer outra coisa e tive de suportar sugestões de que era uma fraude, uma charlatã e sabe Deus que mais. As pessoas insinuavam que eu era desequilibrada e alguns dos meus chamados amigos abandonaram-me por medo de serem associados, na estimativa do público, com algo que era controverso.

Houve uma quantidade enorme de stresse e tensão a suportar, devido às pressões incessantes das exigências feitas por muitos membros do público. A desilusão quase total na natureza humana que inevitavelmente cresceu da difamação acumulada sobre a minha cabeça, e da traição da minha confiança, bem como das tentativas de me explorarem para ganho ou outros fins, tentaram-me a questionar se valia a pena continuar com o trabalho. Mas decidi que isso era razão acrescida para tentar contribuir com algo para ajudar outras pessoas.

Houve compensações, como oportunidades de conhecer celebridades em vários campos. Em maio de 1970, fui convidada a Dublin para participar numa emissão em direto. Sentado mesmo ao meu lado, participando também, estava o campeão de corridas Jackie Stewart. Maravilhei-me com a calma coragem e bom humor deste grande piloto, e pensei como o meu irmão, que fora membro do *Junior Racing Drivers'*

Club em Brooklands na sua juventude, teria ficado entusiasmado por conhecer o Jackie. Este foi o primeiro de muitos encontros com pessoas grandes e famosas nas minhas viagens. Algumas discutiam o meu trabalho comigo e davam as suas visões. Quando conheci Colin Davis, o distinto maestro, ele disse-me que sempre pensara que a morte significava a aniquilação completa, mas que eu o tinha feito pensar de novo. Para algumas pessoas, a aniquilação não soa tão aterradora quanto parece, pois poderia significar o fim de todos os seus problemas!

O público chega a conhecer um aspeto de uma pessoa; Jackie Stewart, campeão de corridas — o que mais sabem sobre ele, exceto que tem uma esposa corajosa e encantadora e filhos? Colin Davis, maestro — provavelmente um mistério completo para as pessoas além das suas aparições no estrado. Quão pouco sabemos realmente sobre figuras públicas. Quão estereotipadas elas são! O mesmo acontece comigo: tornei-me conhecida como a dona de casa que recebe música vinda do nada, uma curiosidade parapsicológica, um mistério musical. As pessoas julgam-me sem sequer me terem conhecido, sem saberem nada sobre mim; e todas as figuras públicas provavelmente têm de suportar o mesmo julgamento mal informado.

Uma vez estava numa reunião social — uma festa grande — e diverti-me a ouvir um grupo de pessoas a definir-me. "Deve ser tonta", disse um homem. "Um monte de disparates", comentou uma senhora. "Como se pode esperar que alguém acredite nessas coisas?", questionou ainda outro. Um dos elementos do grupo, olhando por cima do ombro, viu-me ali parada sozinha no meio da multidão. Puxou-me para a conversa, talvez sentindo um pouco de pena por eu estar sozinha.

"O que acha desta mulher, Rosemary Brown, acho que é esse o nome dela?", convidou ele à minha opinião. Achei melhor confessar quem eu era.

"Eu sou a Rosemary Brown", murmurei com bastante mansidão.

Houve exclamações de consternação do grupo que me estivera a criticar, seguidas de desculpas.

"Não se preocupem", tranquilizei-os, "estou habituada a ser criticada."

Conversaram comigo durante algum tempo, fazendo imensas perguntas. Agora que me tinham conhecido realmente, disseram eles, tinham uma impressão bastante diferente. Espero que tenham falado a sério e que não estivessem apenas a tentar branquear os seus comentários anteriores!

Se nada mais estava a acontecer, eu estava a conhecer a natureza humana mais a fundo, o que é algo importante quando se procura a verdade sobre a raça humana, como eu procuro. A enorme desconfiança em relação

ao "Desconhecido", que é um fator natural e comum, é uma barreira entre nós e o conhecimento.

No entanto, é uma barreira que a maioria de nós fará bem em manter, a menos que tenhamos mentes preparadas para considerar ideias que nos são estranhas. A maioria de nós gosta de se agarrar àquilo que nos é familiar, tanto no nosso ambiente e relações como nos nossos pensamentos. Quando algo novo nos é apresentado, temos de fazer um esforço para o compreender, o que não nos deterá se for algo que realmente queremos saber. O território que abranjo no meu trabalho é território desconhecido; se os nossos cientistas e parapsicólogos conseguirem explorar esse território, serão sem qualquer dúvida capazes de dissipar muito da nossa apreensão em relação a ele.

Poderiam ajudar a conquistar o medo da morte e, assim, tornar esta Vida muito mais agradável. Poderá ser impossível para mim escapar a ser estereotipada na imaginação do público, mas o meu verdadeiro papel é o de uma buscadora da verdade e de uma investigadora. Seja qual for a visão que as pessoas tenham do meu trabalho, talvez ele possa lançar alguma luz sobre o tema da P.E.S. Talvez possa abrir novos mundos e ajudar a ligar-nos ao Próximo Mundo.

Para simplificar a vida, estereotipamos muitíssimas pessoas. Dizemos que fulano é "simpático", que outra pessoa é "mandona", etc. Escolhemos o que é para nós a característica principal de uma pessoa e classificamo-la em conformidade. Isto pode ser muito enganador e é muito vago. Os seres humanos são um aglomerado de diferentes ingredientes, e todos nós temos as nossas facetas "simpáticas" e as nossas menos atraentes. No próximo mundo, as pessoas são as mesmas — pelo menos, quando acabam de passar para lá: o que é algo que parece ser instintivamente reconhecido por vezes pelos entrevistadores.

Mais do que uma vez houve a sugestão de que, porque Liszt nesta vida era um mulherengo, ele poderia andar atrás de mim — uma ideia tão ridícula que é risível. Sou uma pessoa comum, de meia-idade, sem qualquer fascínio feminino que eu saiba. Mesmo que fosse jovem e bonita, é lúdico pensar num espírito a perseguir uma alma encarnada; estão em dimensões totalmente diferentes. Se Liszt fosse ainda da mesma natureza que era na terra e desejasse continuar a sua perseguição ao belo sexo, ele poderia e certamente iria localizar uma presa desejável no seu próprio mundo.

Assim, descobri que mesmo as almas que passaram para o Próximo Mundo permanecem estereotipadas aos nossos olhos. As atenções ardentes de Liszt para com as mulheres fizeram dele um tema de escândalo, segundo

os relatos. O seu comportamento, como o de muitos homens, era governado pelos apetites físicos aos quais estava sujeito. Tendo-se despojado do corpo físico, já não se pode estar sujeito aos seus desejos, fomes, fraquezas ou dores e sofrimentos.

Manter a imagem idêntica de uma pessoa, independentemente de quanto tempo ela esteja no Além, é criar um quadro falsamente estático do seu carácter. Neste mundo, é provável que mudemos algumas das nossas visões e gostos e aversões, e estamos sujeitos a alterar os nossos padrões de comportamento, especialmente se houver alguma revolução nos valores e padrões sociais. Quanto maior ou mais rápida essa mudança pode ou não ter lugar na Vida Futura, não o conseguimos determinar, embora possamos supor que as mudanças serão ainda controladas pelo esforço e resposta do indivíduo.

O mesmo acontece com Beethoven. As pessoas falam dele até hoje como um homem descontente e propenso a explosões de génio violento. Duvido que este quadro dele esteja sequer perto da verdade sobre ele agora, e eu própria nunca testemunhei qualquer demonstração de mau génio, apenas a ocasional exibição de impaciência quando ele é incapaz de comunicar de forma clara ou rápida para convencer um mundo descrente de que ainda está vivo no Mundo Espiritual.

O velho ditado sobre dar um mau nome a um cão parece ser verdadeiro. Quando uma alma foi libertada dos fardos físicos e das pressões materiais que podem ter sido o terreno fértil de certos traços indesejáveis, seria de esperar que fosse relativamente fácil para ela erradicar esses traços. Remova-se a causa, e o efeito deverá desaparecer nos casos em que este apenas poderia continuar enquanto a causa perpetuadora continuasse.

Várias vezes fui contactada por um psicólogo bem conhecido que se encontra agora no Mundo Espiritual. Para evitar qualquer discussão sobre a sua identidade, chamar-lhe-ei simplesmente Professor Y. Certa vez, ele quis incutir-me os perigos de cair no hábito de classificar as pessoas em categorias fixas e de as manter permanentemente nessas "caixas".

"A natureza humana é cheia de surpresas, embora pareça mudar pouco no seu todo. Encontrará o bem inesperado no mau, e o mau inesperado no bom. É impossível tabular com exatidão qualquer pessoa. Só podemos ter uma ideia geral da natureza e tendências de alguém, e devemos lembrar-nos de que ainda não descobrimos formas de avaliar todas as possibilidades do indivíduo. Podemos ver alguém com mau génio uma ou duas vezes e concluir que ele ou ela é mal-humorado. Para analisar a situação com mais precisão, deveríamos antes considerar que a pessoa está a ter uma

experiência de mau génio, em vez de ser propriamente mal-humorada. A experiência de mau génio pode repetir-se várias vezes e confirmar a nossa impressão de que a pessoa é de uma disposição irascível. Estaríamos mais corretos em diagnosticar a pessoa como alguém que está sujeito a crises de mau génio da mesma forma que diagnosticamos alguém que está sujeito a crises de depressão."

Esta era, talvez, uma forma indireta de dizer que Beethoven foi vítima de um mau génio que foi, com toda a probabilidade, gerado pelas circunstâncias da sua vida, pela sua saúde precária e pela sua trágica surdez. Eu estava a pensar que este tipo de perspetiva parecia perdoar o mau génio e outras falhas, mas o Professor Y evidentemente leu os meus pensamentos, pois acrescentou:

"Ser vítima de mau génio ou de qualquer outra fraqueza não é razão para não fazer todos os esforços para a curar, tal como ser vítima de uma queixa física não é razão para deixar de tentar a cura."

É manifesto que o Professor Y considera que existem desvantagens em praticar um estereótipo rígido no campo da psicologia, algo que muitos psicólogos podem fazer, tanto quanto sei. Muitos de nós podemos, inconscientemente, criar pequenos moldes e tentar encaixar neles as pessoas que conhecemos, sentindo a tentação de ficar exasperados quando elas simplesmente não cabem nesses moldes!

Como eu não tinha estudado as vidas dos compositores e sabia muito pouco sobre eles, conheci-os com a mente aberta e fui-os conhecendo através das minhas próprias impressões diretas, em vez de quaisquer relatos existentes sobre eles. Ainda bem, pois, afinal de contas, a maioria deles está no Próximo Mundo há muito tempo e, naturalmente, modificou-se em alguns aspetos. Pensar neles exatamente como eram deve ser nutrir ideias falsas a seu respeito. Descobri que Liszt é uma alma devota, generosa, direta, sempre pronta a ajudar os outros, e não vi sinal de ele continuar a ser um Casanova. Chopin revelou-se gentil e solidário, e um grande brincalhão, mas sempre cavalheiro, mesmo quando movido pela indignação perante alguma injustiça.

A presença de Beethoven pode sentir-se vibrante de poder, mas ele tem uma nobre simplicidade que ajuda a que nos sintamos à vontade perante a pura majestade da sua alma, que poderia ser avassaladora; nunca houve qualquer indício do génio desagradável que lhe é atribuído.

Estes três e alguns dos outros compositores com quem estive em contacto não corresponderam precisamente aos retratos batidos das suas personalidades. Eu diria que tudo o que há de melhor neles foi perpetuado; que quaisquer imperfeições que tivessem desapareceram.

Com o tempo, no Além, poderemos talvez atingir a perfeição através da graça do nosso Criador. Então, possivelmente, seremos estereotipados como santos!

Capítulo 10

FELICIDADE PARA TODO O GÉNERO HUMANO

"Será a felicidade para toda a Humanidade um ideal impossível? Talvez seja, mas isso não nos deve dissuadir de o cultivar tanto quanto pudermos."

Isso foi o que Bertrand Russel me disse numa das suas visitas astrais.

"Para começar, devemos dar lugar à eventualidade de que a natureza humana nem sempre é terreno arável, tal como o solo nem sempre é arável para alongar um pouco a metáfora. Também a natureza humana pode ser tratada para a tornar mais fértil alimentando a imaginação, uma boa esteira que lhe enriqueça a fundação antes de termos a esperança de lançarmos as sementes que venham a trazer-nos uma boa safra na pessoa de um membro afortunado da sociedade que por sua vez traga felicidade a outros membros da sociedade.

“Um enorme volume de tempo e de energia foram gastos na busca de felicidade por parte de muita gente desde o começo dos tempos. Dados os fundamentais pré-requisitos para a saúde corporal e o bem-estar, a felicidade pareceria razoavelmente fácil de conquistar, poderemos

presumir. Mas nós sabemos pelos elevados números das pessoas com depressão e pelo número crescente dos suicidas, que isso é uma falácia total. Que nos assegurará, pois, a felicidade, quando todas as causas óbvias de desconforto e de sofrimento tiverem sido excluídas?

"Não pode existir nenhuma panaceia universal de felicidade que seja óbvia para toda a gente que tenha estudado, como eu estudei, as causas da felicidade e do seu contrário. A felicidade é um estado que é criado dentro de nós por um vasto e diversificado número de factores. Um homem fica contente com nada menos do que uma mansão ou uma propriedade de luxo e uma frota de carros velozes; outro homem é feliz na sua cela de monge dotada de pré-requisitos mínimos de vida. Portanto, poderá parecer que não é o que realmente possuímos que nos fornece a felicidade, mas as reações que geramos àquilo que possuímos. O segredo da felicidade, à semelhança do reino dos céus, e a chave para ele está na atitude que temos para com a vida e em especial para com a nossa vida pessoal.

"Poderemos ensinar as pessoas a ser felizes do mesmo modo que as podemos ensinar a somar e a subtrair, multiplicar e dividir? Para isso precisaríamos ensiná-las a ler a si mesmas do mesmo modo que leem literatura. Isso significaria começar pelo alfabeto da análise de si mesmo que não poderia ser facilmente ensinado às crianças já que os padrões do comportamento comparativo carecem ser estudados antes que a análise pessoal possa ser empreendida de modo eficaz. As crianças não teriam suficiente experiência nessas normas para ser capazes de absorver o significado da análise de si mesmo. Se ensinarmos às crianças a parar e a pensar "Porque me estou a portar assim" em cada estágio do seu dia de trabalho e brincadeiras, eles poderão incorrer no risco da perda da espontaneidade que constitui a própria fonte de que brota a sua alegria.

"Nós percorremos o círculo completo e regressamos ao ponto em consideração, designadamente se poderemos ensinar as pessoas a ser felizes. A observação que fazemos das crianças levar-nos-ia a pensar o contrário, e a acreditar que a felicidade pode melhor ocorrer como um acontecimento puramente involuntário. Será isso o mais próximo que poderemos chegar da solução, ou seja, inferir que a felicidade seja algo que simplesmente acontece a uma pessoa e que não possa ser induzida?

Conseguimos pensar em muitas coisas que são calculadas para nos trazer prazer como distintas da pura felicidade e sabemos que o prazer pode resultar em felicidade mas que nem sempre são uma e a mesma coisa. Uma

bebida alcoólica, por exemplo, pode trazer prazer ao palato, mas não transmite necessariamente qualquer alegria ao cérebro nem conforto ao corpo. Podemos ter toda a riqueza do mundo, e ainda ser suficientemente infelizes embora essa riqueza seja mais do que suficiente para comprar todos os prazeres que o mundo tem a oferecer. Contudo, a ideia de que a riqueza forneça os meios de obtenção da felicidade persiste na mente humana de forma obstinada, e constitui o terreno fértil do capitalismo.

"A felicidade depende em larga escala da nossa disposição. Dizemos que alguém tem uma natureza feliz e que outra pessoa não passa de um verme miserável. Precisamos descobrir como conceder uma disposição afortunada às pessoas e a idade em que isso poderá ser melhor conseguido. A infância parecerá o período da vida para criar uma melhor disposição por na maioria das pessoas a disposição desenvolvida na infância permanece com elas pelo resto das suas vidas. A questão está em saber se as crianças no geral possuem uma disposição intrinsecamente afortunada, o que certamente parece aplicar-se no caso das crianças saudáveis. Se, parecerem que nasçam com uma disposição afortunada, pois, parecerá uma tendência natural, uma tendência que muita vez é despojada à medida que crescem.

"Se a felicidade for a nossa tendência natural, tudo quanto precisamos fazer é descobrir como reter essa tendência ou evitar tê-la impedida ou destruída. Isso leva-nos à questão do ambiente e da educação, da educação e da experiência generalizada, uma pletora de considerações que não podem ser adequadamente cobertas neste ensaio. Em qualquer dos casos, estas questões só poderiam ser discutidas num sentido muito amplo por os historiais diferirem tanto e apresentarem tanta complexidade.

"Certos ambientes não são obviamente conducentes à saúde e por conseguinte não levam à felicidade. O mesmo se aplica à criação, e estende-se igualmente à questão da educação, que tem o objetivo de inculcar conhecimento sem se preocupar com nada de intelectual como a busca da felicidade. A experiência generalizada é algo sobre o que não temos muito controlo, e precisamos pegar no que temos e conseguir o melhor disso. A atitude de uma pessoa pode capacitá-la a erguer-se acima das tragédias pessoais e ainda encontrar felicidade no viver, demonstrando que a experiência geral, seja em que forma for que nos chegue, não precisa privar completamente da nossa serenidade interior.

As reações que movemos às nossas atitudes, as quais são amplamente ditadas pelas últimas, são factores chave na busca que empreendemos pela

felicidade. Parece, por conseguinte, que as influências que determinam as nossas atitudes sejam de primordial importância. Temos que admitir que as nossas atitudes na sua maior parte são determinadas para nós pelos outros, pelo menos até alcançarmos uma idade em que consigamos raciocinar e pensar pela nossa própria cabeça.

"A saúde, que poderá ser designada felicidade corporal, depende de uma dieta variada, de um ambiente salutar, de suficiente exercício e repouso. A saúde da mente, que aceitamos como sinónimo da felicidade mental, deve depender de condições similares. A mente carece de variedade para evitar o tédio, que é uma das principais causas de infelicidade, e certamente necessita de um clima mental que seja propício ao seu bem-estar. Também precisa ser exercitada de modo a mantê-la em perfeita forma de modo que o seu interesse na vida possa manter-se agudo e repelir o ataque do tédio. O repouso da mente é provavelmente um dos requisitos mais essenciais para a sua felicidade, porque o cansaço e o entusiasmo não podem andar de mão em mão, e a felicidade necessitar de entusiasmo."

Entusiasmo pelo viver e interesse pela vida são coisas essenciais à felicidade. Isso decerto faz sentido por observarmos frequentemente que uma pessoa perde o entusiasmo pela vida ao se aposentar a menos que tenha algo que lhe interesse aparte do trabalho que desempenhe. Quando ficamos sem cor, ficamos sem apetite pela comida; de modo similar, quando ficamos com a mente exausta, deixamos de sentir entusiasmo pela vida A abordagem de que usamos para com a vida pode dar-nos uma maior ou menor acesso à felicidade, de acordo com a perspetiva que tivermos.

As crianças brincam com entusiasmo e são entusiastas no espanto que experimentam para com o mundo que as rodeia. Talvez nós crescidos achemos que o entusiasmo seja coisa infantil dado que parecemos perde-lo de forma constante ao crescermos. Cultivamos um comportamento mais sóbrio, tornamo-nos fatalmente sérios (fatalmente por ser o tipo errado de seriedade que tem o efeito da insensibilização) e se parecer que vivamos despreocupados, os outros adultos poderão olhar-nos com desaprovação, e até acusar-nos de sermos irreverentes e irresponsáveis. Talvez precisemos de facto tornar-nos como as criancinhas pequenas para podermos entrar no reino dos céus, ou, por outras palavras, num estado de felicidade.

Aqueles seres com quem estou em constante contacto nas esferas do espírito dizem-me que trabalham incessantemente pela felicidade do género

Humano Quando um belo dia ponderava nisso, Liszt, o principal porta-voz, disse que isso não era por tentarmos ser virtuosos, mas por reconhecerem que as pessoas felizes provavelmente sejam mais amáveis para os outros, e que essa amabilidade ajude no estabelecimento de uma boa relação. Isso, por sua vez, prosseguiu ele, poderia ajudar à criação de uma paz mundial que é necessário promover para que a Humanidade possa evoluir satisfatoriamente. Muito poderia ser dito em apoio das declarações de Liszt.

Os educadores sabem que crianças felizes e salutares são capazes de aprender com um maior êxito do que aquelas que são infelizes ou que vivem na indisposição, que se veem dificultadas pela ausência de saúde. A teoria avançada por Liszt, de que podemos evoluir de uma forma mais vantajosa num estado de paz ou felicidade parece praticável de acordo com tais observações. Isso não põe de lado os casos em que os indivíduos tiverem aprendido através do sofrimento a exibir coragem e resistência, e, em certos casos, a tornar-se mais compassivos para com os outros. Podemos sempre aprender se nos dispusermos a fazer um esforço, segundo ele diz, mas evoluiremos melhor em condições de harmonia e de bem-estar.

Liszt diz que ele e muitos outros estão a tratar da nossa felicidade neste mundo; mas quais serão as perspetivas que temos no mundo seguinte? Foi Sir Donald Tovey quem me deu a resposta a essa pergunta.

“Em grande parte a vida no Além não apresenta problemas para além deles próprios, problemas que são acentuados pelo facto de estarmos face a face com a realidade e não nos podermos enganar nem aos outros quanto às nossas naturezas, intenções, aspirações, crenças, atitudes e limitações. No mundo da matéria torna-se possível escapar à nossa natureza interior perseguindo uma série de atividades febris, conseguindo os prazeres da carne ou tornando-nos estupefactos com a bebida, as drogas e outros expedientes paralisantes.

“Aqui não existe qualquer via de escape, e a verdade respeitante a nós olha-nos sem pestanejar nos olhos. Ver-nos exatamente como somos e não como desejaríamos ser ou como poderemos fazer por ser, pode ser a mais desconcertante e humilde das experiências. Contudo, há uma medida de consolo, em sabermos por fim onde nos encontramos e que qualidades precisas possuímos ou nos faltam. É sempre definitivamente melhor saber do que supor ou especular. Então poderemos definir a tarefa, se a tanto estivermos dispostos, de corrigir as nossas deficiências.

Neste pós-vida um certo poder deu-nos o dom de nos vermos conforme somos, e não meramente como os outros na terra nos viam; porquanto precisamos ter em mente que os outros nem sempre vêm os nossos verdadeiros eus já que não nos podem conhecer minuciosamente a partir do interior. Há uma forte propensão entre os seres humanos para se julgarem mal mutuamente, e as opiniões que têm uns dos outros podem ser inteiramente falsas. A verdade relativa a nós vem diretamente numa autorrevelação ativada pelo Espírito Infinito, o nosso Criador.

Como a questão das perspetivas que temos na Vida Seguinte foi suscitada nessa altura, é apropriado citar mais Tovey na matéria.

"As cerimónias fúnebres raramente são conduzidas de modo a transmitir aos enlutados qualquer vislumbre de insight quanto ao paradeiro da alma que partiu para quem as supracitadas cerimónias são executadas. Em verdade é duvidoso que alguns ministros tenham algo mais do que uma vaga ideia do estado em que o recém-falecido pode encontrar-se após ter passado pela inevitável porta da morte. Os oficiantes da Igreja de qualquer denominação são, precisamos conjeturar, parciais a uma crença solene numa continuada existência de algum género que siga a vida na terra, porventura acreditando que esteja disponível unicamente para quantos subscrevam as perspetivas da sua particular Igreja.

"Certas religiões estipulam requisitos específicos como qualificações necessárias para uma entrada na Vida Eterna. Todos estamos familiarizados com a doutrina de que devemos ser 'salvos' antes de podermos herdar a Vida Eterna. Essa doutrina da sobrevivência seletiva após a morte deve ter sido a causa de muita aflição da mente, tanto por entre aqueles que morrem como por entre os enlutados. É frequentemente usado como arma para levar os descrentes a conformar-se, o que para a mente é sem-sentido, desde que conformar-se através do medo não representa uma verdadeira conversão.

"Aqueles que acreditam que seja traçada uma distinção por altura da morte, em que só os escolhidos entram numa outra vida, deveriam parar para considerar o quão anómalo isso seria em comparação com a entrada no mundo material. Quando uma alma encarna na terra parece existir apenas um aparente requisito: que duas pessoas do sexo oposto se juntem numa relação conjugal que resulte no desenvolvimento de um feto humano e o seu subsequente nascimento. Isso provê o necessário veículo físico que a alma poderá habitar durante a sua jornada terrena.

A Lei Suprema cria vidas individuais na terra que não tenham que satisfazer nenhum requisito categórico para além da provisão dum corpo material. Porque deveríamos, pois, presumir que o começo da vida noutras esferas ou dimensões devam depender de alguma coisa para além da equipagem de um corpo adequado ou veículo em que funcionar? A afirmação de que o Espírito Infinito pratique um sistema de discriminação com respeito à admissão na Vida depois da Morte surge em desacordo com as leis que governam a entrada pelo nascimento na Vida antes da Morte.

A mente lógica percebe a inconsistência de tal linha de pensamento, e questionará a implicação de que num estágio a Lei da Vida consagra a existência de forma incondicional, apenas para a consagrar condicionalmente num estágio posterior. Isso, para aquele que for versado na lógica, indicará que a Lei se encontre sujeita a flutuações de natureza imprevisível, o que significaria que a Lei seja instável. O cientista previve-nos de que a lei é estável, e nós não podemos, por conseguinte, conceder crédito à ideia numa Criação Instável."

No nosso mundo, muitas vezes a Religião e a Ciência chocam. A Religião tende a exortar-nos a acreditar sem fornecer uma ampla substanciação para a crença; a ciência exorta-nos apenas com respeito àquilo que pode ser cientificamente provado. No mundo seguinte eles parecem incapazes de reconciliar a religião com a ciência. Têm a vantagem de saber que existe Vida depois da Morte; nós só podemos presumir que a Vida continue, a menos que estejamos entre os afortunados poucos que tenham recebido comprovação irrefutável de que prossegue.

Por saberem no mundo seguinte que a morte não é o fim mas um começo para uma nova vida, eles desenvolvem naturalmente uma atitude diferente para com a Morte. Para eles não constitui a tragédia final e medonha que parece a muitos na terra. É a libertação do sofrimento físico e dos fardos materiais, além de uma jubilosa reunião com parentes queridos e amigos que passaram antes de nós. Sir Donald tinha muito a dizer acerca da felicidade da vida seguinte.

"Deixe que lhe faça uma descrição de um acontecimento que eu testemunhei em muitas ocasiões desde que parti do vosso mundo. Da esfera em que atualmente fixei residência, nós observamos a considerável incerteza e a não menor apreensão que despertam na mente humana com respeito à experiência da morte e à transição para uma outra vida. Um incontável número de pessoas não tem a menor noção do processo pelo

qual uma alma abandona a veste terrena, o corpo físico, e viaja para o seu destino celeste. Digo destino "celeste" já que a vasta maioria das pessoas prossegue para um estado que para elas constitui um céu.

"Eu próprio não podia acreditar que tinha passado através da porta da morte ao chegar aqui; toda a experiência é de tal modo natural, tão automática, tão serena, e tão impercetível do aspeto da alma. Aqueles que receiam que alguma passagem estranha ou debilitante os possa aguardar a seguir ao momento real do falecimento, poderão descartar a sua apreensão como completamente infundada. No instante da morte ou antes desse instante, a consciência é suspensa e a alma liberta do cadáver flutua livre para a sua nova morada.

Eu assisti à chegada de almas aos meus arredores espirituais, e verifiquei que parecem elevar-se através de um mar de luz, suave e lentamente, e sem esforço, suportadas de forma segura nos seus novos corpos que são providos para as suas almas no instante da cessação da sua existência física. De facto, esses novos corpos já existem embora estivessem fundidos com os corpos físicos e ligados a eles pelo cordão de prata, conforme é conhecido. Na Morte, esse cordão é dissolvido ou cortado, e pode ser comparado a um cordão umbilical que é igualmente dispensado após o nascimento. A morte, afinal, é como um outro nascimento num outro mundo, exceto que o nosso novo corpo constitui um duplicado do recentemente desocupado corpo físico.

Quando nascem na terra, entram num corpo fornecido pelos vossos pais; quando nascem no Mundo do Espírito, emergem no duplicado desse corpo no estado que ele tiver alcançado, à exceção de que não comporta defeitos, por os defeitos constituírem características do mundo da matéria e não do mundo do espírito. Parecerá isso demasiado rebuscado para que alguns compreendam? Vocês hão de compreender um dia que o espírito é íntegro, pelo que nada lhe falta na manifestação; mas a matéria é incompleta e consequentemente acha-se sujeita a muitas imperfeições.

"Quando a alma que se elevou recupera a consciência, desperta em arredores de paz onde encontra parentes e amigos a espera de a saudar e a levar a sentir-se em casa. Estou a referir-me à alma média e não àquelas cuja consciência foi nublada pelas sombras de uma vida descontrolada ou obscurecida pelo afundar em lúgubres profundezas de atividades questionáveis.

Reconhecemos aqui que a pessoa mediana não é caracterizada por uma natureza má, embora poucos de nós passemos pela existência terrena sem cometermos alguns erros que em grande medida representam ofensas menores que ocorrem em resultado da nossa falta de conhecimento ou devido a que as circunstâncias nos tenham levado a bem ou a mal a tornar-nos imprudentes ou irrefletidos.

"Depois de uma alma se ter ajustado à sua nova vida ela pode, se assim o desejar, fazer um inventário da sua vida passada e extrair o bem o levar por diante, deixando para trás aquilo que agora descobre ser sem valor. Esse parece ser um processo simples, mas não é fácil abandonar os hábitos de uma vida ou reorientar rapidamente uma perspetiva desinformada. Em verdade há alguns que se agarram com tenacidade às suas velhas crenças mesmo quando deveria ser óbvio que são falsas; medo de soltar ou o falso orgulho reterão as pessoas de um progresso para a iluminação.

"Uma coisa torna-se rapidamente clara para as almas recém-chegadas; é a ordem divina da natureza das coisas. Todas as almas enfrentam aqui os seus justos merecimentos, não porque sejam ministradas por uma deidade superintendente, mas por ser literalmente verdade que se colhe o que se tiver semeado. Se nos tivermos esforçado por facilitar a vida a muitos na vida terrena e procurado promover o bem-estar e a felicidade do nosso semelhante, então daremos por nós num ambiente agradável por entre os companheiros amigáveis, e capazes de nos adaptarmos sem dificuldades ao novo modo de vida.

Mas aqueles que tiverem deliberadamente privado outros dos seus direitos materiais e necessidades humanas ou tiverem sem querer provocado sofrimento, darão por si por sua vez privados e aprisionados pela maldade inerente à perspetiva que tiverem alimentado. O que não quer dizer que se vejam presos para sempre num inferno da sua criação; Assim que uma alma vir e confessar os delitos passados e os tentar retificar, abre-se-lhes o caminho da evolução para a luz. Um verdadeiro arrependimento, como o que as Igrejas pregam, é chave para o perdão e a salvação.

"Esta exposição corre o risco de se tornar num sermão, e nenhum de nós tem o direito de pregar sermões aos outros. Acreditamos aqui em aprender juntos, e ninguém se atreve a ver-se como superior aos demais; por percebermos, caso não o termos conseguido já na terra, que somos todos iguais aos olhos de Deus, e que só pela Sua Vontade possuímos os

nossos talentos individuais. Testemunhamos ser verdade como conforme um homem pensa no seu íntimo, assim ele é. Vemo-nos uns aos outros precisamente como somos, o que não poderá causar-nos uma consternação menor numa primeira instância. Todas as mentiras delicadas que as pessoas dizem tornam-se transparentes sem poder algum de dissimulação. Quase podemos ver num relance se julgamos mal ou se deixamos de valorizar os outros ou se os teremos superestimado. Este é de facto um mundo de Verdade e de Realidade, de que o mundo material não passa de um espelho que desfigura."

Sir Donald prosseguiu descrevendo a felicidade que pode ser experimentada na Vida Seguinte.

"A maior das alegrias para a maioria das almas que se elevaram é a de existe todo uma extensão de desenvolvimento harmonioso da expressão pessoal. Toda a amargura da frustração desaparece à medida que cada um desdobra os seus dons e se capacita a dar felicidade aos outros por intermédio do seu uso. Eu próprio nunca consegui considerar o suficiente em vida na terra embora tenha lido extensivamente; fui um ávido leitor aqui nas bibliotecas esplendorosamente equipadas que se acham estabelecidas nos diversos planos da consciência.

Descobri prontamente nas excursões de leitura que empreendi por este domínio que muitos contos de fadas são baseadas em factos, e que não poucas são as coisas que são solenemente consideradas como verdade de facto, ao invés, não passam de produtos da imaginação.

"Eu acreditei, por exemplo, que um homem é um homem não apenas em razão do corpo masculino que habita, mas devido a uma qualidade (ou qualidades) qualquer não definida da sua natureza, e que uma mulher é uma mulher com base no mesmo antecedente. Desde que aqui cheguei, e prolonguei os meus estudos nesta matéria, alterei não sem algum espanto as ideias que tinha com respeito às diferenças. Está a tornar-se entendido no mundo, talvez com relutância da parte de algumas das reservas de homens, que a linha de distinção entre os dois sexos não é a muitos títulos tão marcada ou constante quanto anteriormente se acreditara. Isto é uma maior aproximação à verdade fundamental do que poderá ser imaginado. Somente agora estou a começar a compreender a verdade da questão, ou seja, que todo ser humano, independentemente do sexo, possui uma essência idêntica embora se manifeste em diferentes formas.

"Aqueles que tiverem encarnado na aparência feminina ficam geralmente alegremente surpreendidos ao descobrir que no Mundo do Espírito não existe distinção entre macho e fêmea, por esses serem simples aspetos reconhecidos da existência física e não têm qualquer relação com a natureza eterna da alma. Ficam agradavelmente surpreendidos por dar por si num mundo ou esfera onde não mais são objeto de discriminação ou privados dos vários direitos e oportunidades por causa do sexo. No Além somos estimados de acordo com as qualidades inerentes que possuímos e os méritos cultivados, e a questão do sexo não é considerada.

"Aqueles que encarnaram na aparência masculina sentem-se por vezes desconcertados ao descobrir que a sua superioridade masculina, se assim a tiverem considerado, não tem qualquer continuidade na vida após a morte. A inteligência, o carácter e até mesmo a resistência física é tão patentemente independente do sexo no plano terreno que não devia envolver qualquer dificuldade para o que tem perceção deduzir que um físico masculino não garante necessariamente a posse de superioridade em qualquer desses aspetos e que a posse de um corpo físico feminino não desqualifica a superioridade.

Somos limitados, é verdade, pela forma que adotamos no mundo da matéria; mas um macho pode ser um fraco ou um deficiente mental, e uma mulher pode ser dotada de poder muscular e de capacidade intelectual. Assim, os papéis masculino e feminino não são categoricamente definidos conforme os nossos antecessores poderão ter pensado, ou seja, não com respeito às suas capacidades mentais e físicas.

"A humanidade desperdiça muitos dos seus recursos femininos, ou tem-no feito até recentemente, ao reter a prerrogativa masculina com respeito á vasta maioria das questões, o que lançou o fardo dos assuntos do mundo nos ombros masculinos. O meu contemporâneo Bernard Shaw sugere curiosamente mas não quixotescamente que esse status quo é devido ao facto da astúcia feminina ter prevalecido no homem para assumir as responsabilidades dos negócios e o estado e assim aliviar a mulher desses fardos.

"Oportunidades para todos de desenvolver as suas capacidades e de as pôr a uso ao serviço da comunidade deviam estar ao dispor independentemente da classe, da cor, do credo, da nacionalidade ou do sexo, caso o mundo deva beneficiar dos seus recursos humanos. Verifica-se um desperdício deplorável da capacidade em todas as secções da sociedade.

Isso contribui para as misérias concomitantes de um planeta povoado por povos cuja vasta percentagem é composta de desprivilegiados e de sobre explorados. Com a rede de comunicações e as facilidades de deslocação a puxar os habitantes para um maior contacto, a necessidade de garantir que nenhum grupo ou nação seja privada ou oprimido transforma-se numa questão vital que não tolerará mais protelação ou negligência."

Sir Donald referiu-se ao palco do nosso mundo da mesma forma que Bertrand Russell, não mostrando interesse pelos atuais desenvolvimentos, mas comentando alguns dos problemas dos presentes dias.

"Observamos com admiração os vossos grandes cientistas e filósofos e psicólogos a aplicar as suas energias a fim de penetrar nos domínios desconhecidos dos mundos materiais, mental e abstrato. Vastas descobertas foram feitas no século passado que empurraram para a frente o ritmo da vida e alargando-lhe o alcance. O tenor da vida na terra mudou desde uma série de acontecimentos ostensivamente desarticulados e isolados para um padrão mais apertado interativo que parece a cada dia mais enredado nos seus compromissos não cumpridos e conflitos por resolver.

"A complexidade da política moderna torna-a cada vez mais difícil de compreender os objetivos das federações e confederações nacionais e internacionais. Assim, muitos são os grupos que se acham divididos contra eles próprios num vale tudo em que cada um parece preocupado somente com os seus benefícios imediatos; poucos parecem gozar da previdência que os capacitaria a perceber que nenhuma secção individual ou separada pode obter a completa satisfação das necessidades e carências a menos que sejam compatíveis com a vida integral que as rodeia.

"A humanidade tende a usar o seu intelecto como arma de destruição contra os outros em vez de como força construtiva, e a sua força para instalar o medo em tudo e todos, em vez de poder de proteção dos interesses e bem-estar de todos os seres humanos, em especial os desamparados, os indefesos e os desprivilegiados.

O elemento destrutivo tornou-se preponderante e irrompeu em manifestações que muita vez degeneram na desordem e na violência e que raramente alcançam alguma coisa exceto aversão por tais métodos da parte dos cidadãos respeitantes da lei, e danificam a imagem do seu caso, seja sólida ou irrazoável. Nenhum resultado duradouro estimável posição pode alguma vez ser obtido pelo uso da persuasão pragmática ou táticas tirânicas já que isso infalivelmente provoca ressentimento em algumas áreas onde

isso arderá numa ameaça incómoda para a continuidade das práticas ou princípios que tiverem criado descontentamento."

Sir Donald então voltou a sua atenção para os problemas dos jovens de hoje:

"As crianças de hoje estão a ter uma maior consciência das incertezas dos seus pais, e quando alcançam a mocidade são suscetíveis de ter descoberto as suas próprias soluções de forma prematura antes que o seu juízo tenha tido oportunidade de se desenvolver pela experiência! Assim temos os jovens a agitar-se contra as condições que nem sempre são tão aceitáveis quando alegado para o juízo maduro, em cujo caso os mais velhos se encontram perdidos para captar o carácter exagerado do problema. Alguns dos de menor discernimento por entre as gerações mais jovens desejam que determinadas drogas sejam legalizadas, embora seja sabido que tais drogas acarretam o risco médico de uma dependência intensificada. Trata-se de triste veredicto do clima que predomina nos dias atuais que haja quem ache que precisa recorrer às drogas de modo a capacitá-las a lidar com o ritmo da vida. Parecemos estar a perder a espinha dorsal.

"Existem, evidentemente, problemas diversificados e urgentes e flagrantes injustiças que afetam as pessoas de todas as idades e grupos. A humanidade encontra-se no cadinho das suas próprias emoções ao rubro, e o calor pode inflamar muitos indivíduos normalmente calmos em discursos abrasadores e esforços febris que por vezes se provam lamentáveis e se desvanecem em fumo.

"Muito para além da turbulenta maré de contenda e de luta, existe uma era de promessa onde muitas queixas se terão tornado obsoletas, e muitas novas formas de lidar com problemas individuais e de massas serão descobertas e postas efetivamente em prática. Na disputa por si mesmo, incontáveis números são negligenciados, e permitem uma medonha discriminação e vitimização, em certos casos contra aqueles menos capazes de pressionar o seu próprio caso ou de considerar coerentemente as suas circunstâncias difíceis ou direitos frustrados.

"Há uma outra maneira de encarar a vida que muito raramente é vista pela humanidade no seu todo. É duvidoso que um estado de existência completamente satisfatória possa ser obtida atendendo somente às necessidades imediatas tais como requisitos corporais como alimento, água, abrigo, calor e necessidades similares do foro da vida salutar. O homem

não pode viver somente de pão, a despeito do facto de muitos alegarem que pode, usando o pão para me referir às necessidades materiais. O homem tem uma necessidade espiritual, por mais que isso seja controverso. A maior parte das pessoas concordará que existem necessidades de recreação, de descontração, e interesses não comerciais. Esses são de importância tão vital para a saúde mental e do corpo como especificações nutricionais básicas. Com o aumento do tempo-livre para um número crescente, as necessidades adicionais devem ser atendidas a fim de repelir o tédio e o descontentamento.

"Mais importante que tudo, embora os de mentalidade materialista acreditem ser inconsequente, são os requisitos intrínsecos espirituais de cada indivíduo. Contudo, eles só podem ser satisfeitos pela descoberta pessoal, chegando a termos satisfatórios mas não satisfeitos consigo mesmo, e pela descoberta de uma orientação harmoniosa com o mundo, com a Lida, com o Homem, e com aquele Infinito a que chamamos Deus. Deus pode passar sem o homem, mas o homem não pode passar sem Deus."

Capítulo 11

TOVEY FALA

É triste pensar que seja pouco provável que o público em geral conheça o nome de Sir Donald Francis Tovey; triste por ele ter sido não só um músico brilhantemente dotado mas também um excelente carácter de grande sensibilidade e sagacidade. Eu própria nunca o conheci neste mundo, mas tive o raro privilégio de o chegar a conhecer na 'forma desencarnada,' conforme ele põe a coisa.

Ele começou por se dar a conhecer a mim em 1966, embora eu suspeite que ele tenha andado a avaliar-me muito antes dessa altura e a planear utilizar os meus poderes psíquicos. O seu nome era-me desconhecido, e eu nada sabia acerca dele. Da primeira vez que apareceu, Sir George Trevelyan envolveu-se numa conversa privada comigo sobre os meus espíritos compositores músicos. Tendo-se anunciado simplesmente como 'Tovey,' ele pediu-me para dizer a Sir George que eu o conseguia ver, e para lhe descrever a aparência. Isso foi o que fiz, mas Sir George disse que não conhecia o aspeto de Tovey, e que precisaria verificar a descrição junto da Sra. Firth, que era uma das últimas alunas de Tovey.

Descobriu-se que a descrição era exatamente a aparência aue Tovey tinha tido. Ficamos satisfeitos por eu ter visto por via clarividente um espírito que se - por meio das suas comunicações verbais de que não era outro senão o Tovey que alegava ser. Dado que Tovey é uma pessoa de grande verbosidade, e este livro tem que comportar menções a uma série de temas que outros, a par com os comunicados de Tovey, não é possível citar tudo quanto ele disse no 'telefone celeste' como ele lhe chama por brincadeira. Uma observação particular é de especial menção, já que pareceu ser factor decisivo para o Dr. Firth. Tal observação que me foi feita por Tovey e passada ao Dr. Firth foi a seguinte:

"A minha mente foi uma mente de explorador tanto pelo traço herdado como pelo diligente cultivo."

O Dr. Firth escreveu a dar-me conta de que isso tinha sido absolutamente verdade embora ninguém pudesse ter tido consciência disso. Para citar de uma carta enviada por a Sra. Firth, datada de 27 de Outubro de1973, "a questão estava em que a Sra. Weisse sempre dera a impressão de que as capacidades do Donald (de génio ou o que quiserem) abrangiam cada aspeto da sua natureza de músico, coisa que ela reconhecera desde tenra idade e treinara, e de que ele descendera de uma família que era inteiramente desprovida de conhecimento de música, pelo que até sentia indiferença."

Preciso explicar que a Sra. Weiss não tinha sido somente professora de Tovey, mas tinha-se tornado algo mãe adotiva dele.

A carta da Sra. Firth prossegue explicando que as pesquisas que o marido fizera no plano da vida de Tovey descobrira a informação de que a família da mãe de Donald era vasta e brilhante em dotes intelectuais, e que todas as irmãs falavam diversos idiomas, tinham sido entusiastas em relação à natureza, astronomia, e que cultivavam a literatura e a filosofia; alguns livros escritos, um que se tornara num bardo Galês - etc. O pai de Donald não só foi um pároco trabalhador, mas uma autoridade no poeta Thomas Gray, sobre o qual ele escreveu um livro; uma classicista, e não só aprendeu Grego e Latim, mas foi um explorador de Shakespeare para a Eton - etc.

O Dr. Firth descobriu igualmente que os dias comuns na Reitoria eram passados com Pai a treinar os estudantes na escrita dos seus próprios trabalhos, e a Mãe na sala de estar a ler e a conversar em Francês, Alemão e Italiano com um ou outro (ou a jogar xadrez); e todas as cartas dirigidas ao seu Querido Don falam dos seus jogos, das suas composições, e cada anotação diária do seu diário indica o jogo que ele fazia após a refeição da tarde quando se encontrava em casa. O seu pai jamais perdeu um concerto em que ele tocasse, e escutava-o todas as noites se ambos estivessem juntos - e de longo o melhor poema que ele escreveu num pequeno livro de poesia publicado foi "D.F.T."

A Sra. Firth concluiu dizendo: "O que era importante fora que ambos os pais se sentiam incrivelmente orgulhosos de tudo quanto ele fazia na música - longe de estar desinteressados, e que o vasto conhecimento que Donald tinha de línguas, literatura, filosofias, etc., etc., tinha vindo da família dos pais tanto quanto a qualidade da sua mente - o seu sentido de humor e bondade."

Acrescentou que a maioria do que ela me escrevera é revelado nas cartas e jornais da família, e que eles só tinham chegado à casa (dos Firth) durante o ano anterior. As minhas comunicações do Tovey vieram a mim muito antes dessas cartas e jornais passarem a estar ao dispor dos Firths, depois de terem estado trancadas e inacessíveis na Universidade. A carta da Sra. Firth é datada de 27 de Outubro de 1973.

Como um detalhe interessante vou descrever uma tangente aqui e relatar um incidente de cura confirmado na mesma carta da Sra. Firth. Em Maio de 1968 fiz uma visita aos Firths na sua casa de Edimburgh. A Sra

Firth pediu-me se eu aplicava alguma cura ao marido enquanto lá estive e descobri que a oração tinha evidentemente atraído a atenção do Sir George Scott-Robertson, um parente “,falecido” meu que fora um cirurgião do exército nesta vida, e que frequentemente dá uma ajuda quando estou a curar.

O Sr. George declarou que o Dr. Firth tinha um enorme tumor por trás do pescoço, e que desejava que eu o tratasse sob a sua direção. Eu informei o Dr. Firth disso e ele disse que iria tirar o casaco para poder ver onde se situava esse tumor - e certamente que o tumor surgiu onde Sir George tinha indicado, na base da nuca precisamente. Não podia ser vista enquanto o Dr. Firth estava a usar o seu casaco. Ponto nº 1: eu não podia ter noção da existência do tumor já que se encontrava impercetível com o casaco posto. Mas o Sr. George então instrui-me para eu unir as minhas mãos em forma de concha sobre o tumor, com as palmas voltadas para ele. O tumor começou a diminuir de tamanho perante os nossos próprios olhos.

Então, Sir George disse-me que lhe bastava manter um contacto contínuo e continuar o tratamento sem precisar que eu lhe impusesse mais as mãos sobre o tumor. A carta da Sra. Firth de 27 de Outubro de 1973 confirma que o tumor tinha lá estado há uma data de anos antes do meu tratamento, e que imediatamente após o tratamento, pareceu que tinha sido aplicado um calor, E NO ESPAÇO DE HORAS O TUMOR DESVANECEU-SE! Cinco anos mais tarde, ainda não havia sinal da sua presença, o que demonstrou que tal cura não foi mero fogo de vista.

Agora que cobri o conteúdo da carta da Sra. Firth, voltemos a alguns dos outros comunicados da parte de Tovey. Ele parece ter o dom de se fazer ouvir com clareza, o que não se aplica a todos os espíritos. Por uma razão qualquer, torna-se difícil senão mesmo impossível que alguns dos que partiram comuniquem; talvez não o desejem, ou não tenham nada em particular a dizer - à semelhança de muitos neste mundo.

A minha própria experiência em comunicação do espírito mostrou-me que por regra os extrovertidos conseguem transpor melhor, que os mais reticentes conseguem-no com determinação. Existe obviamente um grande número de condições que influenciam a comunicação já que varia tanta na clareza e por vezes quase se afigura impercetível, e outras tão claro quanto cristal. Os mesmos problemas do contacto telefónico podem dar-se com estas comunicações: a conversa pode ser abafada, pode verificar-se uma

comunicação pobre, e podem dar-se todo o tipo de interferências com o cruzamento de linhas.

Além disso, os próprios comunicadores, à semelhança das pessoas ao telefone, podem não possuir uma dicção muito clara. Daí poderem surgir erros de transmissão e uma palavra ou uma série delas poder tomadas por engano por alguma outra coisa. Tovey provavelmente obteve êxito em fazer-me passar a substância da sua conversa com notável exatidão, a despeito do facto de usar um tipo de discurso a que não estou acostumada - 'elevado,' como a minha mãe lhe teria chamado.

A 29 de Fevereiro de 1968, após a discussão do meu trabalho no Colégio de Pesquisa Psíquica que teve lugar nesse mês. Evidentemente Tovey decidiu explicar os objetivos das minhas atividades musicais com base nesse ponto de vista e no dos colegas. Eis o que ele disse:

"É tempo de se emitir uma declaração por parte da corporação incorpórea para a edificação daqueles que se interessem pela implementação de processos musicais por parte de um certo indivíduo. Isso, pois, representa a nossa primeira tentativa de ditar um relato da origem e propósito do esquema. A maior parte da descrição deste meu trabalho, Tovey, que é conhecido no "Outro Mundo" como "Tacitus." Não analisem de forma demasiado estreita as frases que se seguem: muita vez uma forma de resumo é usada em vista das limitações de tempo.

"Podereis interrogar-vos da razão porque me associo aos chamados fenómenos com os quais estais a ficar mais estreitamente ligados; e vocês sabem que eu não perderia tempo num sentido que não considero amplamente meritório.

"Foram feitas tentativas desde tempos imemoriais por comunicar com o vosso mundo, tentativas que frequentemente descambaram no fracasso ou na rejeição; quando muito, o êxito resultou mal amadurecido e não foi considerado digno de assimilação por parte daqueles que se julgam sagazes. Mesmo esse sucesso mal amadurecido foi condenado a ser explorado pelo Homem para os seus próprios fins, em muitos casos.

"Profetas e homens santos, e sábios pensaram ao longo dos séculos conduzir a humanidade a uma sincronização com elevados níveis de consciência, mas hão de concordar que pouco sucesso se conseguiu nesse sentido. Que mais poderá ser feito? Necessitamos de novas abordagens, abrir novos caminhos e a presentar as Leis Cósmicas a esta nova luz. O nosso motivo precisa ser suficientemente vasto para incluir a humanidade

toda e potente o suficiente para aguentar as influências perturbadoras dos credos inflexíveis.

"A música é a linguagem de todos os povos, linguagem que pode brotar do íntimo e chegar ao íntimo sem a necessidade de uma única palavra. Com isso em mente, planeamos utilizar a música num esforço por estabelecer a comunicação. Por meio da tentativa e do erro, pelos experimentos e pela experiência. Estamos a descobrir muitas das armadilhas das ligações nos dois sentidos com a Terra."

Este comunicado foi projetado primordialmente para os Firth, que na altura estavam ambos a cultivar um vivo interesse pela música que eu estava a receber da parte dos compositores que tinham partido. Aparentemente Tovey tinha introduzido um ponto de evidência em parte oculto nessa efusão, quando disse que é conhecido por "Tacitus" no outro mundo. O Dr. Firth informou-me mais tarde que Tovey tinha estudado Tácito na Universidade; a referência ao nome, refleti eu, podia ter sido uma forma indireta de revelar que ele se recordava dos estudos que fizera.

Ocasionalmente, Tovey comunicará por epigramas ou de forma muito concisa. Enquanto a discussão ganhava ritmo no Colégio da Ciência Psíquica, ele parecia notar tudo quanto estava a ter lugar. Subitamente fez-me o reparo de que: "O Génio é o canal mais eficaz para a Fonte Criativa," e quando eu passei esse comentário a Sir George Trevelyan ali mesmo, ficamos chocados pela originalidade e a interpretação que fizera da natureza do génio. Na altura, a discussão tinha-se voltado para a questão do génio, o que atrair a inteligente análise da parte de Tovey.

Alguns sagazes - ou falta de inteligência poderá ser mais apropriado - ao ouvir que eu acreditava estar em contacto com compositores do passado que me transmitiam nova música, sugeriram que Tovey estava por base de tudo aquilo, e que estava a perpetrar uma enorme pilhéria às nossas custas. Isso motivou a seguinte resposta da parte de Tovey, a 5 de Junho de 1968:

“Longe de mim induzi-los em erro, por mais belo que esse erro seja. Também nós temos os nossos ‘imitadores’ nos níveis mais baixos, mas podem ter a certeza de que eu fecharei energicamente a porta a tais intrusos. Quando estive na Terra, consegui prontamente identificar os imitadores musicais e sociais, ou por isso me congratulei a mim próprio, e por vezes divertia-me com as suas artimanhas inúteis! Aqui é até mais fácil detetar esses tipos e lidar com eles de acordo com os seus méritos.

"O nosso canal terreno," referindo-se a mim, "está constantemente de guarda em relação ao impostor e ao iludido da imposição e interferência de influências ilusórias nela (embora não necessariamente destrutivas)."

Tovey prosseguiu dirigindo-se diretamente ao Dr. Firth: "Agora, caro senhor, como poderemos expressar melhor o nosso apreço pela sua confiança e assistência? Podemos fazê-lo mais verdadeiramente respondendo com uma concentração do nosso contacto e comunicação. O discurso é limitativo; há ideias que desejamos comunicar que são difíceis de enunciar por palavras.

Classificamos por categorias desde as almas imaturas às mais desenvolvidas que se acham consciente e constantemente na presença de Deus. Desde as alturas a Luz irradia para baixo, e penetra nas almas recetivas ao seu Poder; essa Luz é uma força de energia, uma essência de vida, que é bastante real e factual. Necessitamos de energia para comunicar convosco; precisamos potenciá-la e dirigi-la; precisam aprender a recebê-la sem distorções ou oscilações. A mente humana é tal que interpreta todas as coisas de acordo com o próprio alcance de compreensão que possui."

Posteriormente em Junho, Tovey falou longamente sobre a perspetiva que o Outro Mundo tem do nosso. Eis aqui um extrato:

"A Humanidade no seu todo foi isolada da Divindade em resultado da sua insensatez e egoísmo; mas chegou uma altura em que não mais é prudente deixar a Humanidade entregue às suas caóticas ideias e violento estado emotivo; já teve como que suficiente corda para se enforcar, e quase se saiu bem-sucedida a fazê-lo. É tempo de pôr fim a isso e de ajudar a humanidade a reorientar a perspetiva que tem antes que se perca para sempre. Isso, direis vós, é mau prenúncio, mas nós não falamos em vão.

Há uma crescente preocupação aqui com respeito ao presente estado do vosso mundo, que nos parece a nós estar a tornar-se menos civilizado. Seria fácil para nós voltarmos as nossas costas e deixar a Humanidade entregue aos seus próprios fins, mas são tantos os inocentes que sofrem e tantos os que clamam por auxílio que precisaríamos ser efetivamente surdos para não ouvir.

"Um dos maiores pecados existentes na Terra é a prática da indiferença (laissez-faire); o outro extremo é o carácter oficioso (importuno) exagerado que augura interferência nos direitos do indivíduo. É verdade que o indivíduo não pode ser encorajado em detrimento das massas; porém, afundar a individualidade no atoleiro de consciência de

rebanho (que talvez devesse referir como inconsciência) representará o começo do fim. Aqueles que se satisfazem na repressão do indivíduo estão por vezes a tatear no escuro rumo a uma consciência de classe comunal em que todos se tornem um por virtude da sua unificação com o Grande Factor Comum - eu volto de novo aos sistemas matemáticos, que sempre achei fascinantes, e muita vez à mais lógica demonstração da Vida Eterna."

Tovey disse-me certo dia que gostaria de escrever um livro e de mo ditar caso isso fosse possível. Foi uma ideia fascinante, mas uma ideia que até agora não foi possível realizar devido às múltiplas exigências que me são impostas ao tempo para o voltar noutras direções. Há tanto a fazer - tratar da vida da casa, atender à correspondência, anotação das novas músicas transmitidas pelos "falecidos" compositores, ter que dar entrevistas e rádio e filmes, tentar cobrir as intermináveis exigências que me são impostas.

Raramente tenho tempo para tocar piano, embora precise desesperadamente para as ocasionais demonstrações públicas que são requeridas. Não creio que alguém me invejasse o fado que tenho se percebesse as longas e fastidiosas horas de trabalho árduo que envolvem, a par com os contínuos golpes que os céticos me dão, que podem chegar a ser muito hostis.

Tenho muito material proveniente do Tovey que podia ser usado num livro quando e caso o tempo mo permitisse. Ele deu-me um prefácio a 13 de Março de 1969, com a intenção de prefaciar o seu livro que disse iria versar sobre o tema da Imortalidade. Eis aqui o prefácio, a anunciar as suas intenções.

"Lê isto, e tu ficarás mais esclarecida. Poderás já estar a par d maioria do que é avançado nestas páginas, mas garanto que até mesmo a pessoa mais bem informada colherá daqui umas quantas ideias, senão mesmo factos. Pelo menos será, caso as minhas intenções sejam cumpridas, um livro que prenderá a atenção até mesmo do mais insensível e superficial leitor. Adoçá-lo-ei com belas ideias, e condimentá-lo-ei com humor, avivá-lo-ei com drama, e, mas não menos importante, ornamentá-lo-ei com tal erudição como a que reuni ao longo do meu tempo.

"Cheguei a decidir-me escrever este livro, como em muitas das minhas decisões, lentamente, de forma ponderada, contudo com tal crescente certeza que precisa ser criado para minha satisfação caso devesse

sê-lo de todo. Nunca fui de meias-medidas, nem tampouco o sou agora que me encontro num mundo imaterial.

Se me mostro por vezes contundente, isso deve-se ao desejo que tenho de ser claro no que afirmo para que não joguem com o sentido das minhas palavras; ao mesmo tempo, não tenho o menor desejo de ofender nenhum sector do público. Se a ofensa se apresentar será acidental e far-se-á acompanhar das minhas profundas desculpas por não ter tido o bom senso nem a elegância de expor as minhas experiências num contexto mais agradável.

Isso soa como sarilhos antecipados, e suspeito que possa dar causa para isso naquilo que se segue. Espero não causar sarilhos, mas a longa e por vezes dolorosa experiência ensinou-me que numa população densa de diversos tipos de gente sempre espreitam os inevitáveis arruaceiros, picuinhas atribuidores de culpa, os cáusticos críticos e os tortuosos e trapaceiros que distorcem as palavras. A essa diversidade de agitadores só posso apresentar as minhas condolências por serem as vítimas desafortunadas de algum tipo de sentido interior deformado que os compele a tais práticas destrutivas.

“A todos os outros que dedicarem ao meu livro um exame atento, ou leitura, poerão sobrevir algumas revelações brilhantes que os deixe alegres pelo resto das suas vidas terrenas, e os ajude a conduzir-se com a serenidade ao passarem pela experiência da morte física para a imortalidade.”

O anúncio de Tovey de que pretendia escrever um livro sobre a Imortalidade também pode ter sido a sua maneira de dar mais provas sobre a sua identidade. Porque quando escrevi ao Dr. Firth e lhe contei desse desenvolvimento, ele escreveu-me de volta a dizer que lhe parecia que Tovey estava e recordar os seus dias da Universidade em que escreveu a tese sobre a "Imortalidade." Descobri que Tovey não falara muitas vezes dele próprio, mas dos seus muitos e variados interesses, e por vezes sobre música.

Ele era por vezes bem-humorado de modo que eu achava a sua presença não só revigorante por causa da mente culto, fina divertida e animada. O humor de Tovey jamais tomou a forma de se pôr às risadas de um modo indelicado às curtas de alguém, embora ele mostrasse que podia ver muito de cómico na natureza humana. Um dia, após eu ter sido emboscada por uma senhora que parecia acreditar que só ela tinha acesso à

sabedoria celeste, Tovey veio-me consolar pelo ataque pessoal que ela me fizera em ligação com o meu trabalho.

"Pobre Sra. X," disse ele," ela anda por aí a trotar qual gelado, e à semelhança do gelado, derrete-se toda."

Certa vez eu trabalhara com Tovey durante cerca de três horas, concentrando-me intensamente à medida que ele falava num esforço por o ouvir de forma distinta e anotar corretamente aquilo que dizia no papel. Não é processo fácil, muita vez assemelhando-se ao esforço que fazemos frequentemente por captar a conversa de alguém num mau telefonema. Tovey disse que eu estava cansada, e decidiu dar-me uma folga.

"Repousa um pouco," disse ele, "que eu vou-me retirar para apanhar uns botões frescos de sabedoria dos Campos Elísios."

As suas palavras conjuraram uma visão na minha mente da ampla forma de Tovey a tropeçar levemente por alguma pradaria celeste à medida que arrancava flores de um modo descuidado - o que era, porventura, a própria visão que ele pretendia criar para me aliviar do peso da exaustão cerebral. Em Setembro de 1968 ele ditou uma pequena homilia sobre o caminho para a verdade que à primeira vista poderá parecer surpreendente por causa da referência que faz à importância daquilo a que ele chama "mente intuitiva."

Eis aqui um resumo:

"O mundo no presente dificilmente consegue ver Deus nos 'ismos' e 'ologias.'* Até que o Criador seja antes de mais colocado antes das ideias a humanidade irá continuar a viver na confusão e no caos. O homem pensa que consegue objetivar a Verdade - a Eterna Verdade - com o seu cérebro; não é assim, conforme rapidamente descobrimos ao entrarmos na Vida depois a Morte. O cérebro do homem, quando sabiamente empregue, é capaz de realizar muitas tarefas nobres e muito úteis, mas é somente através dos seus poderes mentais superiores, da mente intuitiva do aspeto Divino que ele conseguirá alcançar a Verdade Eterna. Isto é um facto claro, e não uma afirmação sem sentido inadequada à aplicação da vida do dia-a-dia.

** (NT: Os "Ismos" aqui citados referem-se a ideologias políticas, sociais e económicas que dividem a humanidade, como o capitalismo, o comunismo, o fascismo, o materialismo, o ateísmo. As "Ologias" referem-se às disciplinas académicas e científicas, Ex: biologia, psicologia, sociologia que, embora úteis, podem tornar-se redutos de orgulho intelectual que ignoram a causa primeira.)*

"É razoavelmente claro que, tivesse sido o cérebro do homem o instrumento que poderia conduzi-lo à Verdade, e ele tê-la-ia alcançado há muito tempo; por o Homem ter buscado ao longo dos séculos - não, ao longo de milhares de anos obter acesso à Verdade. O seu cérebro ajudou-o a compreender muitas das leis que governam os planos físico e material, e deu-lhe uma certa perceção da psicologia do indivíduo, mas em parte alguma ao longo da evolução ter-lhe-á ele trazido muita luz de modo a influenciá-lo quanto à natureza e função de Deus, ou revelou muito com respeito à alma ou à parte imortal do Homem.

"Poderá ser deduzido que o cérebro não se acha construído de tal modo que seja capaz, por si só, de penetrar os planos interiores menos tangíveis. Contudo o Homem, no seu orgulho e intelecto, por vezes acredita que a iluminação só possa chegar por meio da expansão do seu intelecto.

"Bom, eu conduzi-los-ia num caminho diferente que os conduz aos níveis de consciência que, embora igualmente ligados ao intelecto em muitos casos, transcendem de longe os poderes de perceção do cérebro físico. A fim de evitar confusão, referimo-nos ao intelecto do corpo como o cérebro, e à superior faculdade mental como mente.

O cérebro perece junto com o corpo físico, mas nós demonstramos os nossos contínuos poderes do pensamento e da imaginação e da memória após termos desocupado os nossos corpos físicos. Isso mostra que o Homem imortal funciona independentemente do cérebro físico, e que ele possui órgãos etéreos imperecíveis e que continua a operar depois da morte física. É reconfortante saber que podemos continuar a expandir-nos em consciência após termos deixado o plano terreno, e que estendemos o nosso desenvolvimento além dos limites que ele tiver alcançado durante a nossa vida terrena.

"Assim como com todos os órgãos ou faculdades, a negligência da superior faculdade da mente ou intuição, chamem-lhe o que quiserem, produz um estado de atrofia. A Humanidade no seu todo negligenciou ou ignorou durante tanto tempo essa faculdade que ela caiu num flagrante desuso; de facto, o mais das vezes ele nem sequer tem consciência da sua existência, e pode até mesmo tenazmente negá-la.

"Parte da tarefa do nosso reino celestial consiste em promover uma consciência dessa faculdade e sustentar a sua ressurreição. Transmitir o conhecimento que pode instruir o Homem a usar essa faculdade adormecida revela-se tarefa prolongada e delicada; precisamos fornecer

exemplos do funcionamento dessa faculdade para lhes dar um vislumbre das magníficas realizações que se colocam pela frente neste campo para quantos se devotem ao cultivo dos poderes mentais superiores,

Nós estamos a esforçar-nos por usar tantos canais a fim de indicar o âmbito desses poderes, e por dar aos psicólogos uma abertura para a investigação das suas funções. Os nossos empenhos muita vez têm que ser sustentados em face da descrença cega: cega de facto, por não haver cego mais cego que aquele que não quer ver. esforçamo-nos por eliminar erros e mal-entendidos na transmissão, o que é por vezes causado por factores no nosso nível e outras vezes por condições que rodeiam o vosso mundo ou os canais que selecionamos.

Até que um aparelho eficaz seja inventado e construído no vosso mundo capaz de receber transmissões da nossa parte, precisamos depender nos canais humanos com toda a variação que apresentam."

CAPÍTULO 12

Os mandamentos de Tovey para os músicos

Uma das mais longas comunicações provenientes de Tovey foi um conjunto de ensaios que ele intitulou "Os Dez Mandamentos para os Músicos". Estes ensaios podem oferecer uma leitura interessante tanto para músicos como para não músicos, por isso incluo-os aqui numa versão abreviada. Acredito que estes mandamentos pretendem ser levados bastante a sério, apesar da suspeita de que Tovey fala, por vezes, com uma certa ironia.

"1. A primeira e óbvia lei relativa à música é a necessidade de uma dedicação absoluta e exclusiva na sua busca. Isto não significa que não se devam seguir outros interesses simultaneamente: estes são também uma necessidade para proporcionar alívio entre períodos de concentração e para enriquecer a mente noutros aspetos, permitindo aplicar à própria música uma maior medida de julgamento maduro, uma perceção mais aguçada dos seus valores e uma apreciação mais profunda das suas belezas de estrutura e som.

"Digo-vos que, se pretendem ser músicos de corpo e alma, devem dar tudo à música, todo o vosso ser, amando-a com todo o coração tão ardentemente como um jovem apaixonado ama a sua primeira namorada; sondando-a com toda a mente tão meticulosamente como um biólogo dissecando o objeto do seu estudo; e, acima de tudo, adorando-a com toda a alma nas suas expressões mais elevadas, que são como as línguas poderosas de anjos a falar, as vozes doces de coristas celestiais, os verdadeiros ecos dos tons majestosos do Todo-Poderoso.

"O meu amor pela música é profundo e ouço-a não só com os ouvidos, mas também com o coração, a mente e a alma. Encontro nela todas as coisas, o suficiente para satisfazer o músico em mim, o cientista em mim, o sonhador em mim, e o peregrino e buscador em mim; ela satisfaz cada faceta do meu ser. Em nenhum outro assunto consigo descobrir o tudo no tudo; ela é completa, mas multifacetada; íntegra, mas divisível; falando uma língua, mas rica em muitos dialetos. Pode suavizar uma fronte febril com um toque de bálsamo infinito, como diz a velha canção; pode confortar um coração entristecido e aplacar o medo e a ansiedade; pode animar os desolados, despertar os letárgicos, acalmar os violentos, curar os doentes e elevar-nos até à própria Presença desse Grande Ser a quem chamamos Deus.

"Uma coisa de tal riqueza e maravilha merece, de facto, a nossa atenção; e a recompensa pela nossa atenção é uma alegria infinita e crescente, novos êxtases de som e novos prodígios da sua arquitetura inerente. Estou a exaltar aquilo que eu pessoalmente designo como música, na qual não incluo toda a miscelânea recente de ruídos que se mascaram sob esse nome. Isto traz-me ao segundo mandamento:

"2. Não farás falsas imagens da música nem te prostrarás diante delas ou daqueles que as geraram.

"Muitos são hoje em dia enganados por uma espécie estranha de esnobismo atual, aceitando quase qualquer novo ruído como música. Onde, oh onde, está o vosso discernimento, ó geração de enganadores e enganados? Quantos, inchados de vaidade pelas suas próprias imaginações vãs, se descrevem como compositores: de que são eles compositores, na verdade? Todos podemos compor algo em som e produzir algum ruído: a criança que bate num tambor de lata; a criança mais velha que dedilha uma

guitarra; até a velha que cantarola com voz rachada; é concebível que todos eles formem uma nova série de sons ou composições.

Mas um amontoado de sons não faz música, e uma multidão de notas nas pautas musicais, como um bando de estorninhos nos fios do telégrafo, produz frequentemente apenas ruído de uma natureza muito desagradável. Uma composição não garante automaticamente música, a menos que o compositor esteja a criar não só com o cérebro, mas também com aquela parte misteriosa de si mesmo que é a mente da alma, distinta da mente do corpo. Sustento a crença de que todos os músicos de verdadeira visão saberão exatamente o que quero dizer. A verdadeira música não vem da substância do vosso mundo, mas da substância do céu e dos reinos angélicos e, por vezes, denota uma qualidade que inflama a alma com esplendor e acende a centelha divina no peito humano.

"3. Falando do terceiro mandamento em relação à música, este deve ser ilustrado citando a parábola de não lançar pérolas a porcos. Por outras palavras, é sensato (se desejam um evento de sucesso e uma boa ovação) assegurar, tanto quanto possível, que qualquer programa de música elaborado para apresentação ao público seja calculado para suscitar a sua apreciação, seja qual for o nível em que estejam equipados para responder. Nunca pensem em assumir o papel de um messias cuja missão é converter os pagãos a adorarem o que consideram ser boa música. Temos de lembrar em todos os momentos que o que é carne para um homem é veneno para outro, e que aquilo que é uma boa audição para uma pessoa pode ser totalmente impalatável para outra.

"Tentem avaliar os gostos prováveis do vosso público e a sua capacidade de absorver vários tipos e estilos de música; deem-lhes algo em que se possam banquetear com deleite, um banquete nem tão rico que cause indigestão musical, nem tão frugal que fomente a subnutrição. É igualmente prejudicial comer em excesso como passar fome, e isto aplica-se à música não menos do que à comida.

"Tomarão, de facto, o nome da música em vão se insistirem em apresentar um programa que seja totalmente pouco atraente para os vossos ouvintes. Geralmente, eles pagaram bom dinheiro pela sua experiência auditiva e, portanto, têm o direito de obter algum valor pelo seu bilhete. Se as ideias deles sobre o valor diferem das vossas, isso não vos dá o direito de lhes impor os vossos padrões particulares, por muito corretos que vos pareçam.

"Introduzam com o maior cuidado e em doses minúsculas qualquer género de música cuja receção seja duvidosa: isto é, se desejam preservar a pérola sem ser espezinhada para aqueles que saberão o seu verdadeiro valor. Se não temem que as pérolas sejam espezinhadas, nem que se voltem contra vós e vos despedacem, então podem experimentar audaciosamente e arriscar o resultado.

"4. Prosseguimos para o quarto mandamento. É minha firme opinião que todas as pessoas, sejam criadores de música ou ouvintes da mesma, devem ter intervalos de absoluta abstinência de música de qualquer espécie. Nunca dar a si próprio um descanso da indulgência na música pode muito bem embotar os sentidos e diminuir a prontidão das respostas. Sei que muitos discordarão de mim e me dirão que nunca se cansam da música ou que nunca a têm em excesso mas, como proclama Beethoven, a música é composta não só pelas notas produzidas, mas também pelos silêncios que nelas intervêm; uma quietude subtil entre sons, ou as pausas flagrantes e dramáticas entre passagens.

Podemos apreciar verdadeiramente as coisas por contraste; podemos mais facilmente conhecer a luz pelo seu oposto, a escuridão; podemos saborear melhor a comida pelos intervalos entre as refeições; só podemos voar até aos píncaros da alegria sondando as profundezas da tristeza.

"Tenhamos isto bem em mente e concedamos a nós próprios um descanso completo, periodicamente, de toda a audição e participação na música. Descobriremos então os nossos apetites musicais aguçados, os nossos ouvidos descansados, as nossas mentes renovadas com entusiasmo para um novo contacto com a música. Precisamos de férias da música, de um Sábado, por assim dizer, para nos mantermos realmente frescos para ela. Ensaiar em excesso sem qualquer interrupção pode tornar o intérprete saturado e derrotar o seu objetivo: nomeadamente, atingir a perfeição; e a excessiva indulgência na audição pode, de forma semelhante, fazer o apetite adoecer e morrer ou, pelo menos, tirar-lhe o vigor.

"Portanto, lembra-te do Sábado e observa-o em medida apropriada em relação à música.

"5. O quinto mandamento na Bíblia exorta-nos a honrar pai e mãe. Em relação à música, quem podemos considerar como o pai e quem como a mãe? Cada obra musical requer duas fontes para ser criada:

(a). A partitura fornecida pelo compositor, a mãe, digamos, que concebe e dá à luz a criança. (b). O intérprete ou intérpretes que se unem à partitura para produzir a descendência de forma audível. Assim, os intérpretes significam o princípio masculino, ativo e extrovertido.

"Até que uma obra seja executada, ela jaz virtualmente dormente na partitura. Há aqueles que, como eu, podem perfeitamente passar sem uma execução real de uma obra e extrair a sua essência como uma abelha que suga o néctar de uma flor, apenas lendo a partitura em questão. Esta compreensão visual dá origem a um som inaudível, mas realista. A maioria das pessoas, contudo, necessita de uma apresentação em plena escala.

"Devemos honrar, portanto, não só o compositor (embora, sem dúvida, ele ou ela deva receber a parte inicial e maior da honra, já que sem a sua criatividade não haveria nada para aclamar), mas também o bom intérprete que faz uma representação fiel das ideias do compositor.

"Estes, então, podemos considerar como os pais do mundo da música. Quanto mais estreitamente identificado estiver o intérprete com o compositor na compreensão, e quanto mais completamente consumada for a composição e a execução no casamento estético, tanto mais o resultado será uma criação bela e perfeitamente formada, e uma reprodução fiel da conceção do compositor.

"6. O sexto mandamento diz: 'Não matarás'. É demasiado fácil matar uma obra musical fazendo uma má execução, quer por falta de atenção às intenções do compositor, quer por ensaio inadequado. Na verdade, cabe ao intérprete dignificar ou arruinar uma peça; falo daquelas pessoas que adquiriram técnica suficiente para lhes permitir fazer uma boa interpretação através de um estudo inteligente da partitura em questão, aliado a uma prática cuidadosa.

"O padrão de execução atualmente, especialmente no piano, é notavelmente elevado, devido em parte à forte competição no mundo profissional da música e, em parte, a uma apreciação mais ampla e profunda da música em geral.

"Há ainda muito desperdício desnecessário de talento porque nem sempre se disponibiliza uma formação completa ao virtuoso ou compositor latente. Muitas pessoas dotadas são postas de lado por aqueles que têm vantagens financeiras ou de influência; muitos mais caem vítimas da simples obrigação de encontrar um meio fiável de assegurar o sustento.

"A música, afirmo, é uma necessidade, não um luxo, como exporei num mandamento posterior. Assim, no caminho musical, bem como em todos os aspetos da vida, não permitamos que um talento em botão seja murcho e perca a glória da plena floração; nem queiramos, gratuita ou descuidadamente, danificar ou destruir criações meritórias, pois tais são comparativamente raras.

"7. O próximo mandamento, 'Não cometerás adultério', liga-se ao anterior. Uma má execução pode adulterar uma obra musical; pode estragar a beleza intacta que o compositor pretendia transmitir; pode obscurecer a visão pura que se pretendia partilhar. O objetivo deve ser dar a melhor execução possível, nas melhores condições possíveis, de modo a demonstrar uma verdadeira integridade musical.

"Existe outra forma, mais subtil, de adultério cometido por estudantes sérios de música: aquele que ocorre quando o aspirante a compositor ou intérprete se perde em distrações e diversões a tal ponto e de tal maneira que arruína a sua proposta de parceria com a música por mera falta de fidelidade. Deve haver outros interesses e outras atividades, como afirmei noutro lugar, mas aquele que aspira a ser um compositor ou intérprete de primeira água deve conceder à música a primeira lealdade. Aqueles que não estão preparados para dedicar total fidelidade à causa da música

seriam, se sensatos, desistentes à partida, a menos que pretendam que ela seja apenas um passatempo.

"Quando a interpretação musical é prostituída à técnica ou vice-versa, isto é equivalente a uma adulteração; deve haver um equilíbrio refinado entre ambas como num casamento perfeito, onde ambas as partes dão igual deleite uma à outra e observam plenamente os direitos mútuos. Ao desposar uma técnica soberba com uma interpretação sensível, temos algo de belo, o "filho" específico do cérebro do compositor sendo dado à luz fiel à vida.

"8. 'Não furtarás', afirma o oitavo mandamento. Possivelmente, este é o pior crime de todos. Quebra-se o sexto mandamento ao destruir uma vida por homicídio ou negligência; está-se ao mesmo tempo a roubar uma vida num certo sentido, quebrando assim dois mandamentos simultaneamente. Pode-se roubar os bens ou propriedades de outrem, ou os seus direitos, ou até a sua saúde, agindo de uma maneira que lhe seja prejudicial. Tirar a paz de espírito de outrem ou arruinar a sua felicidade é também roubar-lhes algo.

"Os compositores pedem frequentemente emprestado uns aos outros, aberta ou furtivamente; onde traçar a linha entre a imitação elogiosa e o roubo descarado é difícil. Os motivos e o tratamento subsequente do material musical emprestado podem possivelmente decidir o aspeto moral.

"Liszt era bem conhecido por dar as suas próprias interpretações e transcrições de obras de outros compositores. Frequentemente (concedo isto com alguma relutância) ele produzia efeitos mais belos do que o compositor tinha originalmente, e isto por vezes ajudava a estabelecer o compositor em questão, aumentando a sua reputação musical e perpetuando uma fama duradoura.

Os motivos de Liszt eram sem dúvida variados; muitas vezes, como ele admitiria, produzia estas transcrições para exibir a sua própria mestria suprema de improvisação e técnica pianística; mas, na maioria das vezes, realizava esses feitos em admiração aberta pelo compositor envolvido.

"Aqueles que deliberadamente se aproveitam do cérebro de outrem e tentam fazer passar o material extraído como trabalho seu são ladrões e enganadores; felizmente, estão em minoria e é improvável que consigam levar os seus esquemas a bom porto com sucesso. Oferecer uma nova apresentação como tributo ao criador original é outra questão, e um esforço exemplar se for bem executado.

"Isto traz-me ao assunto da tarefa invulgar de Rosemary Brown. Esta não é uma tentativa da sua parte, consciente ou inconscientemente, de criar transcrições de obras antigas ou de produzir o que por vezes tem recebido o nome errado de 'pastiche': ela é, de facto, completamente incapaz de conseguir uma imitação de composições antigas, tanto por falta de formação e conhecimento como por falta de qualquer talento pessoal. O seu

trabalho não consiste num empréstimo da música do passado, mas é um fluxo de genuína nova inspiração dos compositores que cooperam com ela. Folgamos por haver alguns musicólogos que são suficientemente perspicazes e corajosos para pronunciarem as suas opiniões de que a música que flui da pena de Rosemary Brown carrega um tom de autenticidade.

Vemos que ela nem sempre é capaz de receber a transmissão completa e que acontece, por vezes, haver um obscurecimento dos contornos finos: mas, com aplicação constante, a sua capacidade de receber com precisão e com maior extensão está a aumentar. Estamos francamente maravilhados por ela ter realizado tanto sob a nossa orientação, e isto inflama-nos com entusiasmo para levar o trabalho a píncaros maiores, expressando-nos em obras mais complicadas e avançadas. Mas divago, por isso prossigamos para o próximo mandamento, que nos diz que não devemos prestar falso testemunho contra o nosso próximo.

"9. Referiria este mandamento em grande parte aos críticos musicais, já que este ensaio é uma adaptação dos dez mandamentos à música. Compreendemos que a crítica musical é o meio de subsistência escolhido pelos críticos em muitos casos, tanto o seu "ganha-pão" como o trabalho igualmente necessário, ou até mais necessário, do varredor de ruas. Mas, infelizmente, alguns destes cavalheiros abusam ocasionalmente do poder que lhes é confiado e enganam deliberadamente o público.

Quando escrevem um relato que expressa a sua opinião honesta, por muito distorcida que esta possa ser, não pode haver dúvida de que seguiram a sua vocação fielmente de acordo com os seus próprios padrões. Eles protestarão dizendo que estão apenas a fazer o seu trabalho, mesmo que questões pessoais estejam em jogo e reputações se percam pelos seus relatos.

Se os contratos de um homem são reduzidos e a sua mulher e família sofrem através da consequente perda de rendimentos porque ele recebeu uma crítica devastadora, o crítico pode alegar que não é moralmente responsável por esta catástrofe. O que é tantas vezes esquecido é que a crítica representa meramente a opinião de um homem, que pode estar muito longe de ser uma avaliação adequada da sua vítima. Temos apenas de examinar várias críticas depreciativas proferidas no passado sobre compositores e artistas que, desde então, se tornaram altamente bem-sucedidos e aclamados, para ver quão errados os críticos podem estar. Se a sua crítica foi um erro de julgamento, devemos tirar a conclusão de que eles podem não estar suficientemente qualificados para a função de crítico. Se, contudo, permitiram que a sua crítica fosse colorida pelo preconceito, são culpados de uma traição de princípio moral e renderam a sua integridade pela sua deturpação deliberada.

"É louvável que a maioria dos críticos se orgulhe do seu trabalho e que a honra seja, no geral, mantida. Pode haver a tentação de o crítico armar-se em Deus e esperar que a sua palavra seja tomada como final, ou de ele querer defender interesses próprios. O crítico carrega uma grande responsabilidade perante compositores, intérpretes e o público em geral. Para ser um verdadeiro crítico, ele deve fazer justiça aos três corpos; se temperar a sua justiça com misericórdia, então somos abençoados com um crítico que não é apenas frontal, mas também íntegro.

"10. Chegamos ao décimo mandamento, que nos exorta a não cobiçar. Este é o último mandamento da Bíblia, mas eu poderia inventar mais do que alguns outros mandamentos para músicos que muito provavelmente se revelariam tediosos ou mesmo irritantes. Estou ciente, a esta altura, de que posso ser excessivamente exigente nas minhas expectativas em relação a estudantes e profissionais, por isso limitar-me-ei ao mesmo número do Antigo Testamento.

"A música, como afirmei anteriormente, não é para mim simplesmente um luxo, mas uma necessidade premente no mundo ruidoso e discordante como um meio de restaurar alguma harmonia e beleza. Está a tornar-se aparente que a música possui grandes potencialidades para curar os doentes do corpo e, mais especialmente, os doentes da mente ou do coração — falando aqui do coração não como o órgão físico, mas como o veículo das emoções. Música de um tipo apropriado pode aliviar ou mesmo reparar as condições de rutura existentes no interior de algumas pessoas.

"Agora, perguntarão, o que tem tudo isto a ver com a cobiça? Se olharem para o mundo hoje, verão que uma grande proporção do sofrimento que existe é o resultado da cobiça por parte de certas pessoas. Há uma cobiça contínua da propriedade ou posses de outrem, ou do seu estado, ou da sua posição, ou do seu rendimento, e assim *ad infinitum*. A cobiça causa miséria àqueles que cobiçam, pois uma pessoa cobiçosa não pode ser uma pessoa feliz. Pode também causar sofrimento àqueles para quem a cobiça é dirigida, já que é passível de resultar em fricção, contenda e até violência.

"O preceito antigo e ultrapassado de que as pessoas (especialmente aquelas em circunstâncias humildes, notem bem) devem aceitar o seu destino, conhecer o seu lugar e por aí fora, é algo que não defendo de todo. Acredito que as pessoas têm o direito de melhorar a sua sorte tanto quanto possível, desde que, ao fazê-lo, não prejudiquem os outros.

Houve um tempo em que a música era quase exclusivamente prerrogativa dos ricos, quando apenas os ricos podiam dar-se ao luxo de contratar músicos. Que sorte as massas terem agora muito mais acesso à música graças à introdução da radiodifusão e através da invenção de vários instrumentos de gravação. Mesmo aqueles que estão enfermos e confinados

às suas próprias casas ou a instituições podem desfrutar da audição de música tão livremente como as pessoas mais móveis.

"A música é algo que pode ser partilhado por milhões e unir pessoas de todas as esferas da vida num interesse comum. Nada perde ao ser partilhada, por isso não se deve temer que um companheiro de audição tire mais do que a sua justa parte: a música flui livremente nas ondas sonoras sem favorecer um único membro da audiência. É imparcial; é democrática, se quisermos considerá-la nesse sentido.

Não produz um som diferente para um par do reino ou para um plebeu, como muitos sicofantas e esnobes são culpados de fazer. Não abriga discriminação, não conhecendo barreiras de língua, nacionalidade, classe, crença, patente, idade ou sexo. Entregando-se igualmente a todos os que podem e querem ouvir, contém a essência da fraternidade e fala numa linguagem universal. Beethoven deve ter percebido isto quando escreveu a sua grande sinfonia coral: 'Ó vós, milhões, eu abraço-vos!'

"Permitam-me terminar prestando homenagem à música e dando graças ao Criador, sem cuja beneficência não existiria uma única nota."

CAPÍTULO 13

Sombras de Shaw e Shakespeare

Entre os meus visitantes fantasmagóricos, chegou um dia um cavalheiro alto, magro, barbudo, com cabelo cor de cenoura e olhos azuis penetrantes. Disse-me que era George Bernard Shaw.

"Prove-o, se puder", foi a minha pronta resposta, pensando que existem provavelmente dezenas de espíritos que se assemelham a Shaw.

"Terá de acreditar na minha palavra", retorquiu ele, "Quanto ao resto do mundo, mesmo que lhes aparecesse em pessoa, alguns diriam que eu era uma alucinação e outros diriam que eu era o diabo, sem dúvida."

Poderia ser Shaw, pensei. Certamente parecia-se com as fotografias dele nos jornais. A única maneira de tentar descobrir se era realmente Shaw era envolvê-lo em mais conversa, por isso confrontei-o com outra pergunta.

"Por que veio ver-me?"

"Sei que está a escrever um livro, minha senhora, e o meu plano é aumentar o interesse desse livro."

Naturalmente, acolhi a ideia de ter uma contribuição de Shaw. Estava a pensar se "minha senhora" poderia ser considerado um elogio ou se ele estava a ser paternalista, quando percebi que ele estava a falar novamente.

"Nunca pensei vir a ser um *ghost-writer* [escritor fantasma], muito menos neste sentido."

Suponho que ele nunca pensou que viria a ser um fantasma, refleti.

"Há comentários que desejo fazer sobre a situação mundial", informou-me, "E uma pequena peça, uma versão condensada de uma muito mais longa, que ditarei para a sua pena."

Preparei-me para ouvir com atenção. Shaw colocou as mãos atrás das costas, levantou ligeiramente a cabeça e começou:

"O título da peça é 'A Vingança de César' e as personagens são retiradas de Shakespeare. Está pronta?", perguntou ele, lançando-me subitamente um olhar perfurante.

"Sim, estou pronta. Prossiga e farei o meu melhor para o acompanhar", prometi. (Durante as sessões que se seguiram, ele usou por vezes o presente, por vezes o passado, mas para manter a consistência usei principalmente o pretérito).

Ato primeiro, cena primeira, anunciou ele, passava-se num dos níveis inferiores do Além, um que é algo parecido com um jardim de infância: um lugar onde as almas imaturas permanecem até terem evoluído o suficiente para passar para um nível mais avançado. Duas personagens participam nesta cena: Bruto e Calpúrnia.

Mas permitam-me citar a versão adaptada que me foi dada:

Bruto estava num estado de espírito muito pensativo naquele dia fatídico. Ali estava ele, a descansar nos Campos Elísios, enquanto Calpúrnia se sentava ao seu lado, entrançando as margaridas celestiais em grinaldas, quando ele subitamente se decidiu.

"Calpúrnia", dirigiu-se ele a ela. Depois parou, perguntando-se como reagiria ela à sua decisão.

"Sim?", inquiriu ela distraidamente, com a atenção ainda nas suas correntes de margaridas.

"Decidi voltar à terra", desabafo ele.

"O quê?", gritou Calpúrnia, deixando cair as margaridas, "Voltar para aquele lugar? Deves estar louco."

"Não pensei que aprovasses", murmurou Bruto.

"Não é uma questão de aprovação", retorquiu Calpúrnia de forma algo gélida, "Apenas não consigo imaginar o que te deu uma ideia tão estúpida."

"Bem, vês, gostaria de um pouco de ação ou de algo que fosse um desafio", explicou ele, "Tudo é bastante monótono aqui."

"A culpa é tua, *Brute*", disse ela asperamente. Ela chamava-lhe sempre "*Brute*" [Bruto/Brutal] quando estava aborrecida.

"Poderias tornar a tua vida muito mais interessante aqui se fizesses o esforço", continuou ela, "És demasiado preguiçoso, é o que é."

Bruto franziu a testa. Odiava que lhe chamassem preguiçoso, talvez porque sabia que era perfeitamente verdade.

"Está bem, sou preguiçoso", admitiu ele, "Razão acrescida para eu ir para um lugar onde não possa ser preguiçoso. Além disso, estamos aqui há tanto tempo, devem ser centenas de anos."

"Oh, querido Bruto, não vás", lisonjeou Calpúrnia, mudando o tom, "Por favor, não vás. Pensa quão sozinha ficarei aqui sem ti."

"Mas eu não me iria embora para sempre. Mesmo uma vida longa na terra é um mero momento na eternidade. E tens imensos amigos para te fazerem companhia. Atrevo-me a dizer que o velho Júlio ficaria contente por eu estar fora durante uns tempos, também."

"Aposto que é por isso que queres ir", comentou Calpúrnia.

"O que queres dizer?"

"Sabes como ele te aborrece aparecendo para te ver de vez em quando e insistindo sempre na forma como o assassinaste."

"Bem, é o suficiente para dar cabo dos nervos a qualquer um. Afinal de contas, já pedi desculpa ao tipo e foi tudo há tanto tempo. Pensar-se-ia que ele tentaria esquecer isso agora."

"Ele ter-te-ia perdoado se tivesse sido realmente o patriotismo a fazer-te dar ouvidos àquele Cássio de língua melíflua, mas sabes muito bem que, quando ele chegou aqui, depressa descobriu que tu estavas interessado em mim e quiseste tirá-lo convenientemente do caminho."

"Tu também estavas interessada em mim, não te esqueças. Deves ter estado farta de estar presa àquele fraco físico que era incapaz de te amar e que tentava enganar a população dizendo que tu eras estéril."

"Sim, ele era um verdadeiro fardo — e continua a sê-lo; é por isso que não quero que vás. Seria simplesmente horrível ficar aqui presa com ele a regozijar-se porque me tinhas deixado."

"Querida, eu não te estaria a deixar, apenas ia para uma pequena aventura. Podes vigiar-me se quiseres e tentar enviar-me algumas mensagens celestiais de vez em quando. Talvez me possas avisar sobre coisas que eu deva saber enquanto estiver na terra."

"Isso é mesmo de homem, sempre a pensar em si próprio e a usar uma mulher de todas as formas que pode! Eu posso ficar aqui, a sussurrar palavras doces que provavelmente nunca conseguirás ouvir, enquanto tu andas por aí na terra em diversão a esquecer-te de mim. Oh, como pudeste! Seu bruto!"

"Não te zangues, querida. Sabes que te amo. É apenas que quero uma mudança."

"Está bem. Vai lá ter a tua mudança. Volta para a terra. E se pensas que vou ficar aqui docilmente a vigiar-te, estás enganado."

"O que queres dizer com isso?"

"Se tu fores, eu também vou. Não pensas que te vou deixar ir para lá sozinho, pois não? E muito provavelmente encontrares outra mulher para o meu lugar? Além disso, se não estiveres aqui, o Cássio pode importunar-me

— sabes que ele parece estar a ficar cansado dos seus comparsas masculinos. Não suportaria se ele virasse as suas atenções para mim, o que ele pode decidir fazer se não estiveres aqui para me proteger."

"Poderias depressa livrar-te dele. Sabes ser muito boa a desprezar as pessoas quando queres."

"Não acredito que não queiras que eu vá contigo!"

"Não é isso, querida. Apenas não quero que tenhas a terrível maçada de passar por toda a burocracia e preencher todos aqueles formulários de candidatura para obteres um passaporte terreno. Sabes que odeias todo o tédio das formalidades oficiais. Não gostaste nada da tua última visita à terra, por isso porquê ir outra vez?"

"O mesmo se aplica a ti, querido Bruto. Lembras-te de como te sentiste atormentado depois de ajudares a liquidar o Júlio? E que estorvo foi a Pórcia com a sua cena de parte ofendida quando tu querias vir viver comigo? E como te sentiste culpado quando ela tirou a própria vida porque ficou tão demente com todo o assunto? Depois, quando descobriste que o Cássio estava apenas a usar-te para os seus próprios fins, ficaste tão amargurado que eras simplesmente impossível."

Bruto gemeu.

"Esqueçamos tudo isso. Talvez desta vez seja diferente. Afinal de contas, as coisas mudaram muito na terra agora que há toda essa permissividade. Imensos homens e mulheres vivem juntos sem casar. Até o Cássio seria mais tolerado — eles até passaram uma lei para legalizar o tipo de indulgências dele, desde que praticadas em privado."

"Acho isso terrível. E continuam a ocorrer assassinatos e homicídios. Pensa em todas aquelas bombas pavorosas que fazem hoje em dia e nas guerras horríveis que continuam a ter. Na verdade, não avançaram muito nalguns aspetos. A natureza humana continua a mesma. Oh, Bruto, eles podem obrigar-te a lutar numa das suas batalhas miseráveis e poderias ser morto."

"Se eu fosse morto, seria mandado de volta para aqui, não seria? Portanto, isso acabaria bem porque estaria de volta para ti."

"Pior do que isso, poderias ficar terrivelmente mutilado e ter de viver durante anos como um vegetal. Não suportaria isso, Bruto querido. Não vás, por amor de Deus, por minha causa. Não pode haver diversão lá. Vamos tentar animar as coisas aqui em vez disso."

"Como podemos, Calpúrnia? Sabes que não nos qualificamos para o Reino da Bem-aventurança Eterna ou sequer para o Plano Secundário da Alegria Celestial Semipermanente. Não podemos escapar às nossas consciências até termos expurgado as nossas almas, e não podemos expurgá-las até termos alcançado algo para compensar as nossas más ações. Na verdade, estamos aqui num círculo vicioso, que criámos nós próprios.

O que nos rodeia é bastante belo, eu sei; mas estamos prisioneiros das memórias dos nossos erros, mesmo que tivéssemos boas intenções quando cometemos esses erros. Devo encontrar algo que me tire de mim próprio. Algo que me ajude a encontrar Deus. Ele deve estar aqui em algum lugar. É tão angustiante; aqui estamos nós no limiar do verdadeiro Paraíso, mas nunca capazes de entrar porque os nossos passaportes não estão bem em ordem. Devo fazer algo em relação a isso."

Ouviu-se um ténue toque de trombetas distantes.

"Ouve isso!", exclamou Calpúrnia, "Cada vez que mencionas Deus, essas trombetas tocam. Eles devem saber quando falamos n'Ele. Às vezes gostava de O poder conhecer mas, claro, nós cortámo-nos d'Ele. Não é propriamente desagradável aqui, Bruto, mas às vezes torna-se monótono, devo admitir. Sentirmo-nos excluídos da Presença Celestial é tão miserável, e é horrível não podermos visitar alguns dos nossos melhores amigos porque foram destacados para planos superiores a este. Sei que eles nos vêm ver de vez em quando, mas é bastante humilhante pensar que não podemos visitar as casas deles, mesmo que nos convidem. Este pequeno prado celestial que nos foi atribuído é tão pequeno que se torna claustrofóbico. Mas lembra-te, Bruto, podemos fazer o que quisermos aqui, embora seja tão confinado."

"É precisamente isso. Quero movimentar-me, ir a outros lugares, fazer coisas novas em vez de me entreter aqui século após século. Não consegues compreender, querida? Nunca sentes o mesmo?"

"Suponho que sinto, para ser honesta. Mas a nossa única alternativa é voltar à terra, e eu não quero fazer isso."

Calpúrnia suspirou.

"Se fôssemos...", ponderou Bruto.

"Bem?"

"E vivêssemos vidas realmente boas, nunca magoando mais ninguém, poderíamos ganhar o direito de ir para os Campos da Expansão Divina, onde há imenso espaço para te desenvolveres. Ouvi dizer que é muito interessante lá. Ou, se nos esforçássemos muito, poderiam dar-nos autorizações para entrar nos Salões da Meditação Sublime."

"Ora! Eu não quereria ir para lá. Deve ser ainda mais aborrecido do que aqui, estar sentado durante eras em contemplação."

"Cinna, o poeta, diz que já lá esteve e que achou o lugar muito pacífico e belo. Escreveu um soneto sobre isso: agora, como era mesmo?

Templo de paz onde a luz envolve a alma Com asas iridescentes de suave brilho: É aqui que a eterna dita põe o tempo em fuga, E a harmonia interior resolve todas as coisas.

"Oh, suponho que seja um lugar maravilhoso para poetas e sonhadores", interrompeu Calpúrnia, "Mas não creio que te servisse de todo. Sabes que não suportas estar sentado quieto muito tempo. Também

não gostas muito de pensar, e eles devem estar a praticar alguma forma de pensamento lá."

"Cinna disse que não é nada disso. Eles não 'pensam', apenas esvaziam as suas mentes e deixam que a Paz Suprema as preencha."

"Tu não deverias ter problemas em fazer isso", provocou Calpúrnia, "A tua mente está vazia a maior parte do tempo."

"Se vais ser rude, vou-me embora", anunciou Bruto com um ar de dignidade ofendida.

"Oh, meu querido, não te ofendas. Não queria ser rude, a sério. Mas tu podes ser um tonto, e eu adoro-te quando estás assim, tal como um escolar despreocupado. Essa foi uma das tuas principais atrações para mim. O velho Júlio era tão intelectual, tão formidavelmente inteligente e sempre tão sério. No momento em que te vi pela primeira vez, tão varonil, tão forte, e te ouvi a rir às gargalhadas com alguma piada, apaixonei-me perdidamente por ti. O Júlio não conseguia rir mesmo que tentasse; nunca parecia ver o lado engraçado de nada."

Bruto tinha ficado subitamente em silêncio.

"O que se passa, querido? Disse algo de que não gostaste?", perguntou Calpúrnia.

"Não. Acabou de me ocorrer um pensamento horrível. E se eu fizer asneira na minha vida na terra e acabar pior do que comecei? Posso ser enviado para as Regiões de Reforma quando deixar a terra!"

"Mas não farias asneira, porque pretendes viver uma vida boa, não pretendes?"

"Claro que pretendo. Mas tenho receio de que, quando chegar à terra, me esqueça disso e me deixe levar por todas as tentações e armadilhas. Supõe que alguém como o Cássio aparecia na minha vida com um plano tortuoso que me envolvesse —"

"Oh, Bruto, tenho a certeza de que não deixarias ninguém convencer-te a fazer nada precipitado novamente, não depois daquela experiência com o Cássio."

"Não, não creio que deixasse, mas às vezes sou assombrado pelas próprias palavras de Cássio: 'Quem é tão firme que não possa ser seduzido?'. Isso faz-me sentir inseguro de mim próprio."

"Mesmo antes de nasceres de novo, diz a ti próprio firmemente que não serás desencaminhado novamente", aconselhou Calpúrnia, "Os médicos da mente aqui acreditam que o que determinas nos teus pensamentos imediatamente antes de partires para a terra se imprime na cifra pré-natal e fica programado para desencadear uma reação de memória subconsciente."

"Só espero que esses médicos da mente tenham razão. Eles ainda não sabem muito sobre as ligações entre esta dimensão e as dimensões da terra."

"Talvez se esperasses alguns anos, por essa altura eles poderiam ter descoberto como fazer os feixes de memória ressaltar para a consciência terrena. Então terias a certeza de te lembrares."

"Mas pode levar eras até descobrirem isso, e não podemos ter a certeza de que alguma vez encontrarão uma forma."

"Deve haver alguma maneira. Afinal, muitas pessoas aqui conseguem comunicar com pessoas na terra, não é verdade? Lembras-te de o Lúcio ter dito que, quando estava a tocar num Concerto Celestial há pouco tempo, alguém na orquestra lhe disse que a própria Santa Cecília estava a patrocinar experiências para transmitir música para a terra? Muito difícil, naturalmente, com todas as vibrações pesadas do mundo e os efeitos abafadores da matéria."

"Sim, lembro-me. E ouvi dizer que Sofia, a profetisa, prevê um grande avanço para breve, quando a atmosfera da terra se tornar menos densa após a concentração de um novo Raio Cósmico sobre ela."

"Sofia pode ter razão. Os nossos cientistas estão a trabalhar arduamente para encontrar formas infalíveis de comunicar com as pessoas na terra. Quando conseguirmos comunicar mais facilmente, seremos capazes de avisar as pessoas de que se encontrarão aqui nas Terras Devastadas se desperdiçarem ou fizerem mau uso das suas vidas na terra. Mas a comunicação está ainda tão longe de ser aperfeiçoada, sendo tanto uma questão de sorte..."

"Não ajuda nada que tenhamos de fazer todo o trabalho pesado aqui. Se ao menos as pessoas na terra fizessem mais esforço para estabelecer comunicações connosco", interrompeu Calpúrnia.

"Bem, eles estão em desvantagem devido à oposição de pessoas mal orientadas que pensam ser errado tentar a comunicação. Não acham errado telefonar a um parente no outro lado do mundo; não acham errado comunicar por rádio ou televisão; mas acham errado entrar em contacto connosco. Tão ilógicos, os seres humanos."

"Tornar-se-ão mais lógicos à medida que evoluírem, suponho. E nós também nos tornaremos mais lógicos, não é verdade, Bruto?"

"Eu pensava que estava a ser lógico quando estava no mundo. Mas agora vejo que não era realmente lógico de todo. As emoções metem-se no caminho; desenvolvem-se situações tão complexas que a lógica é obscurecida por questões e lealdades conflituantes. Se a lógica fosse uma coisa simples que todos pudessem compreender e aplicar, tenho a certeza de que o mundo não estaria em tal caos."

"Parece piorar lá a cada dia. Porquê ir para lá, Bruto? Há tanto tumulto e agitação, e muito mais violência do que havia no nosso tempo."

"Eu sei. Mas se essa é a única forma de progredir, é melhor eu dar o salto. Aí vem o Cássio. Quem me dera que ele se mantivesse afastado. Cada vez que ele aparece, lembra-me das minhas más ações."

Cássio aproximou-se deles, assumiu uma pose dramática e começou a recitar:

"Que rumor é este que ouço, soprado suavemente no ar celestial, de que um chamado Marcus Brutus procura da nossa presença para a terra voar? Que esperança tem ele na terra de escapar ao clamor da consciência? Não fará o fantasma de César a sua alma trémula boquiaberta ficar? Pois César a sua alma perseguirá e nunca o deixará de se arrepender desse dia nefasto e desse ato cruel que fez o poderoso César sangrar."

"Vai-te embora, homenzinho asqueroso!", gritou Calpúrnia. "Foste tu, na realidade, quem assassinou o César, de qualquer forma, sabes isso muito bem. Foste astuto o suficiente para levar outros a juntarem-se ao teu trabalho sujo, só isso. Vai-te embora, ou chamo o César imediatamente."

"Palavras más não movem os meus sentimentos, nem ameaças vazias provam um perigo. Se chamas César, então eu, rápido como um relâmpago, para junto de Pórcia correrei, e trá-la-ei aqui para ficar um tempo, para com justa ira te fazer contorcer", retorquiu Cássio.

"Cala-te!", gritou Bruto, "Tu é que te devias contorcer, seu verme."

"Ah! Essa é muito boa: contorcer e verme! Usarei essa rima no meu próximo verso", riu-se Cássio com desdém.

Bruto virou-se para Calpúrnia.

"Isto resolve a questão. Vou definitivamente voltar para a terra, quanto mais não seja para fugir do Cássio."

Calpúrnia voltou-se para Cássio em fúria.

"Vê o que fizeste! Expulsaste o Bruto daqui. Empurraste-o de volta para a terra."

"Tal ira, como o teu semblante fica, minha querida, os teus olhos de fogo a minha própria alma queimariam, fosse eu suscetível a artimanhas femininas, e..."

"Não vou ouvir mais nada", interrompeu Calpúrnia, voltando as costas a Cássio.

"Nem eu", disse Bruto.

"Vamos diretos ao Controlo de Passaportes da Terra e pedir a Reentrada no Mundo", sugeriu Calpúrnia.

"Certo", concordou Bruto.

E lá foram eles.

Capítulo 14
Shaw adensa a trama

A segunda cena do Ato I leva-nos de volta ao Mundo do Além. César estava sentado a mexer nos polegares e a olhar pensativamente para o

espaço. Cássio, que estava sentado por perto, sabia que era melhor não interromper o seu fio de pensamento. Por fim, César falou.

"Então, Cássio, o Bruto decidiu fazer um regresso à terra. Bom da tua parte deixar-me saber, porque me permitiu fazer alguns preparativos meus. Posso desprezar-te, Cássio, mas tu dás jeito como portador de notícias."

Cássio sorriu de forma bajuladora. César continuou.

"Suponho que estejas a tentar redimir-te por incitares os meus outrora amigos a matarem-me quando estávamos na terra. Se queres realmente expiar os teus pecados, podes fazer algo por mim."

"Qualquer coisa que desejes, nobre César", prometeu Cássio em tons ligeiramente vacilantes.

"Eis o que quero que faças." César fez uma pausa por um momento, como se ruminasse. "Aquele sujeito, o Bruto, precisa de aprender uma ou duas coisas antes de poder passar para o plano seguinte. E tu também, claro, Cássio."

"Sim, sim!", concordou Cássio obsequiosamente.

"Primeiro, vai ao Gabinete de Verificação de Passaportes e substitui os papéis do Bruto pelos da Calpúrnia. Terás de o fazer no último minuto, antes de eles partirem, para que não haja tempo para a substituição ser notada por nenhum oficial. Inventa a desculpa de que eu, Júlio César, desejava ter a confirmação de que o Bruto e a Calpúrnia partem no mesmo momento, mas que estou demasiado ocupado para tratar disso pessoalmente. Quaisquer detalhes que eu exija, ou qualquer confirmação que eu procure, não me podem ser negados no Gabinete de Verificação de Passaportes, uma vez que tenho certos direitos que posso exercer sobre Bruto e Calpúrnia até que eles tenham expurgado as suas dívidas para comigo."

"Mas, ilustre César, isso significará que o Bruto encarnará no lugar da Calpúrnia, e vice-versa."

"Que perspicaz da tua parte, Cássio. Faz tudo parte de um plano que concebi para os coagir a saldar as suas dívidas. Mais ainda, organizei para que tu regresses à terra para saldares também a tua dívida, e podes levantar os teus próprios papéis e documentos que encontrarás à tua espera no Gabinete de Verificação de Passaportes, juntamente com um passaporte devidamente autorizado."

"Mas eu não disse que voltaria para a terra!", gritou Cássio, horrorizado com a ideia.

"Não tens muita voz na matéria, Cássio, uma vez que perdeste a tua vida para mim quando provocaste a minha morte. Estou a reivindicar o meu direito de me sobrepor a ti, fazendo-te regressar à terra. A morte ao contrário, poder-se-ia dizer, uma vez que nascer na terra é como morrer para este mundo."

Cássio empalideceu e abriu a boca como se fosse falar.

"De nada serve protestar, se é isso que ias fazer. Deixei-te permanecer aqui no Mundo Espiritual por muito tempo e dei-te imensas oportunidades para me compensares pelo teu crime. Mas fizeste mal algum esforço para fazer reparação, por isso decidi que deves voltar para a terra. Tudo foi acordado pelos Senhores da Justiça Celestial, e eles assinaram e selaram o meu pedido. É inútil apelar pois, como sabes, nenhum apelo é permitido a quem tirou a vida a outro ou deliberadamente fez com que fosse tirada por motivos como os teus."

"Que tipo de vida está decretada para mim?", inquiriu Cássio com uma expressão apreensiva.

"Verás quando lá chegares", respondeu César de forma provocadora. "Agora, vai. Afinal de contas, será um alívio para ti saldar a tua dívida para comigo, não será? Adeus, Cássio. Estarei a observar para ver como progrides."

"Suponho que não tenho escolha", disse Cássio tristemente, "Oh, bem, vou-me embora então. Adeus, César."

Cássio deixou César sentado numa rede celestial, a sorrir para si mesmo e a esfregar as mãos de satisfação.

O segundo ato, primeira cena de *A Vingança de César* passa-se na Estação de Lançamento para o Voo Mundial. Shaw continuou com a história.

Calpúrnia e Bruto sentaram-se lado a lado na Sala de Partida para o Mundo, à espera que o Anjo Gabriel tocasse o sinal na sua trombeta cerimonial para o embarque. Tinham-lhes sido atribuídos todos os documentos necessários para lhes permitir o regresso à terra, os pais tinham sido devidamente nomeados e tudo estava organizado para as suas respetivas vidas, nas quais estavam programados para se encontrarem em idade precoce. Assim que os documentos tivessem sido finalmente verificados e tivessem recebido o selo de aprovação do Anjo Guardião da Fronteira, estariam a caminho.

Duas quadrigas, atreladas a cavalos voadores, estavam prontas para transportar cada um deles. Os cavalos batiam com o casco no pavimento celestial impacientemente, ansiosos por voar em direção à terra no voo que podia ser observado por olhos celestiais, mas que não podia ser visto por olhos terrenos porque a sua velocidade relâmpago os tornava invisíveis às vibrações mais lentas do mundo.

"Estão a demorar muito com os nossos documentos", observou Bruto. "Espero que os achem em ordem."

"Claro que estão em ordem", tranquilizou-o Calpúrnia, "mas tu sabes como as burocracias podem ser lentas, mesmo nas esferas celestiais."

"Devemos partir em poucos minutos, pelo tempo da terra. Quem me dera que se despachassem."

"Não te preocupes", Calpúrnia tentou acalmá-lo, "vai correr tudo bem. Oh, Bruto, não te verei durante vinte anos — vinte longos anos da terra!"

"O tempo passará depressa, e eles organizaram para que tenhas uma infância e juventude muito felizes", disse Bruto. "Além disso, quando tivermos atravessado o Rio Lete, esqueceremos tudo até voltarmos a passar por ele."

"Eu sei. Mas isso preocupa-me um pouco. Não quero que te esqueças de mim, e não me quero esquecer de ti."

"Calpúrnia, lembra-te, é apenas a parte terrena de nós que esquecerá. As nossas almas nunca esquecerão."

"Sim, é verdade. Oh, estou a ficar nervosa com a ansiedade da espera."

"O tempo está a ficar muito curto. Consigo ver Gabriel a levar a trombeta aos lábios para tocar o toque de despedida."

"Oh! Oh! As nossas quadrigas vão partir sem nós. O que faremos?", lamentou-se Calpúrnia em desespero.

Houve um súbito alvoroço no Gabinete de Verificação de Passaportes quando um funcionário saiu a correr e se precipitou em direção a eles com os documentos.

"Depressa!", instou ele, enfiando os documentos nas mãos estendidas deles. "Não há tempo para os condutores os olharem antes de partirem. Devem examiná-los *en route*."

Calpúrnia e Bruto agarraram os documentos e correram para as quadrigas.

"Adeus, Bruto, meu amor, até nos voltarmos a encontrar", chamou Calpúrnia enquanto subia para uma das quadrigas.

"Adeus, minha querida. Vemo-nos na terra", respondeu Bruto.

Tah-rah! Tah-rah! soou a trombeta de Gabriel. Um toque para cada quadriga, pensou Bruto resignadamente. Os condutores puxaram as rédeas e SWOOSH! Lá foram as quadrigas a voar, disparando a uma velocidade superior a tudo o que pode ser cronometrado na terra.

Tendo colocado os cavalos em rota, os condutores pegaram nos documentos e começaram a analisá-los cuidadosamente. Por esta altura, as duas quadrigas seguiam caminhos amplamente divergentes, uma destinada a Londres, a outra dirigindo-se a Dublim.

"Oh, meu Deus!", exclamou subitamente o condutor de Bruto. "Tenho o passageiro errado."

"O quê!", gritou Bruto. "Queres dizer que estou na quadriga errada?"

"Receio que sim, senhor", respondeu o condutor. "E mais, não podemos fazer nada. Não se podem trocar quadrigas a meio caminho, se é que me entende."

Bruto estava horrorizado.

"Isso significa", disse ele lentamente, "isso significa que nascerei rapariga na Irlanda em vez de rapaz em Inglaterra."

"É exatamente isso que significa, senhor. Lamento muito. Não é culpa minha. Fui instruído para me dirigir a Dublim e não posso alterar a rota. Deixaram-no entrar na quadriga errada."

"Oh, que idiotas!", gemeu Bruto. Mas precisamente nesse momento a quadriga atravessou o Rio Lete. Ele esqueceu-se de tudo enquanto a sua mente era lavada e caía num sono profundo.

Ato Segundo. Cena Segunda.

Passaram-se cerca de vinte anos. Encontramos César a mexer nos controlos de uma televisão astral. Por fim, consegue a frequência desejada, e uma imagem de um salão de baile suburbano nos arredores de Londres aparece no ecrã.

"Ah!", exclama César. "A hora da vingança está próxima. Agora posso observar enquanto ela ataca."

O salão de baile está cheio de jovens, muitos deles no final da adolescência. Um grupo pop, fortemente amplificado, toca uma melodia animada, e todos os dançarinos se agitam ao ritmo da música.

Entre os dançarinos estão três pessoas que devemos apresentar sob as suas novas identidades. Primeiro, há uma jovem enfermeira irlandesa chamada Marcia McManus. Ela nasceu em Dublim, mas veio para Londres para trabalhar. Ela é, naturalmente, nada menos que o antigo Marcus Brutus. A dançar com ela está um jovem que é estudante no mesmo hospital onde ela trabalha. O seu nome é Calvin Gray, apelidado de Cal para abreviar, e ele é — ou era — a Calpúrnia. A terceira pessoa com quem estamos preocupados é um tal Caspar Smith, que é contínuo no hospital. Este contínuo é o outrora notório Cássio.

Caspar agita-se ao ritmo da música, fazendo par com uma rapariga bastante comum e insípida. Não faz qualquer tentativa de esconder o seu aborrecimento. De repente, avista Marcia ali perto.

"Ei! Marcia! Não me disseste que estarias aqui", grita ele.

Marcia volta-se e vê-o. "Não me perguntaste, pois não?", retorqui ela. "Disseste-me que não gostas de dançar."

"Não, não gosto propriamente. Mas o Cal pediu-me para vir com ele."

Caspar percebe subitamente com quem Marcia está a dançar e fica vermelho de fúria.

"O que estás a fazer com ele? Tu és a minha rapariga."

"Não sou a tua rapariga, e tu sabes disso. Já te disse vezes suficientes", protesta Marcia.

A música para abruptamente. Cal passa o braço pela cintura de Marcia para a tirar da pista de dança. Essa é a gota de água para o ciumento Caspar.

"Tira as tuas mãos sujas da minha rapariga", brama ele para Cal.

"Quem diz que ela é a tua rapariga? Não a ouviste dizer que NÃO é a tua rapariga?", responde Cal aos gritos.

"Eu disse para tirares as mãos dela!"

Ouve-se um grito de Marcia ao ver que Caspar tirou uma faca do bolso.

"Caspar, não faças isso! Deves estar bêbedo ou algo parecido. Larga essa faca!"

Marcia tenta tirar a faca a Caspar, e Cal junta-se à luta. Entre os dois, Marcia e Cal conseguem desarmar Caspar.

"Ufa!", exclama Cal. "Que génio tem o sujeito. Vamos sair daqui."

Ele afasta-se de Caspar e faz sinal a Marcia para o seguir. Marcia está paralisada no sítio devido ao choque, com os olhos ainda fixos em Caspar com horror. Com um movimento súbito e rápido, Caspar tira outra faca do casaco e investe contra Cal, que está completamente desprevenido.

"Não! Não! Deixa-o em paz", grita Marcia freneticamente. Ela faz um esforço desajeitado para o puxar para trás, mas falha e, num último ato de desespero, enterra a primeira faca, que ainda tem na mão, nas costas de Caspar. Caspar solta um grito terrível, arquejante e borbulhante, e cai.

"Oh, Deus! Matei-o!", grita Marcia.

César, que testemunhou todo o episódio na sua Televisão Astral, solta um suspiro de satisfação.

"Finalmente, Marcus Brutus, vingaste a minha morte e mataste o instigador da conspiração que levou ao meu assassinato. Finalmente, Caius Cassius, pagaste a pena pelo teu crime. Agora aguardo o regresso da alma de Cássio. A justiça foi executada."

Ato Segundo. Cena três. O episódio final. César, juntamente com o Comité Celestial para Reavaliação, aguarda no Salão de Regresso por Cássio.

O Presidente do Comité fala:

"Acaba de chegar a notícia de que Caius Cassius, ultimamente Caspar Smith, passou agora pelo Canal de Restauração da Memória e está a caminho daqui."

"Ah! Ele já terá tido a sua memória da vida como Cássio restabelecida a esta hora", comentou César.

"Assim é", respondeu o Presidente. "Agora podemos avaliar a sua nova posição. A dívida dele para contigo foi cancelada, naturalmente, mas, de resto, não consideramos que ele tenha feito muito progresso."

"Pena!", exclamou César. "Tive uma boa opinião dele outrora — antes de ele conspirar contra mim, entenda-se. Era um homem extraordinariamente inteligente na altura. Mas, claro, ele teve uma grande percentagem da sua inteligência retida enquanto era Caspar Smith, como penalização por tê-la usado mal durante a sua vida como Cássio."

"Como sabes, ele culpou o seu intelecto brilhante pela sua queda durante a encarnação como Cássio e apresentou uma petição para ser investido de um cérebro mais simples na sua vida seguinte na terra. Colocou-se, portanto, voluntariamente sob a operação da penalização. Deve ter-se em conta que a cada homem e mulher é concedido o privilégio de exercer o seu livre-arbítrio dentro dos limites a que têm direito através do progresso já realizado."

"Depreende-se dos relatórios agora preparados pelos Registos do Computador Celestial que o seu cérebro mais baço não resultou numa vida melhor. Isto prova que os Sábios têm razão quando sustentam que a bondade não coincide necessariamente com um intelecto brilhante nem acompanha mentes lentas."

"A tua ideia astuta de trocar os sexos de Bruto e Calpúrnia levou à vingança acidental do teu assassinato. Se Bruto tivesse encarnado novamente como homem, ele e Cássio teriam sido atraídos pelos seus antigos laços para se tornarem amigos, tornando improvável que Bruto se libertasse da influência nociva de Cássio sobre ele. Bruto e Calpúrnia mantiveram-se atraídos um pelo outro devido à sua associação anterior, de modo que quando Cássio atacou Calpúrnia sob a aparência de Calvin Gray, Bruto, embora na forma de mulher, saltou naturalmente em auxílio de Calpúrnia. Com motivos honrosos, como outrora, Bruto matou Cássio, sacudindo assim o domínio insidioso que este último exercia sobre ele. Desta forma, Cássio, que uma vez provocou a tua morte, provocou a sua própria morte ao incitar Bruto mais uma vez, mas desta vez em seu próprio detrimento."

"Em verdade, não previ que tudo resultasse assim. O meu objetivo era simplesmente, através de uma inversão de sexos, desembaraçar Bruto do astuto Cássio."

"Bem tiveste sucesso, César, e o teu estratagema liquidou involuntariamente a dívida pendente de Cássio. O teu assassinato foi vingado. Aquele que instigou o crime, aquele que desferiu o primeiro golpe contra ti, foi agora eliminado por Bruto."

"Saber que Marcus Brutus recuperou a sua honra ao libertar-se do poder de Cássio é, de facto, uma boa notícia. Verdadeiramente, este conhecimento torna doce a minha vingança."

Ao transcrever a história de *A Vingança de César*, notei que parecia haver reviravoltas surpreendentes no enredo. Quando Shaw começou por dizer que Bruto e Calpúrnia estavam reunidos, pensei por um momento que ele tinha as personagens de Shakespeare baralhadas. Vieram-me à mente recordações vagas de ter lido *Júlio César* na escola, e lembrei-me de que Pórcia era a mulher de Bruto, se estivesse correta. Desenterrei uma cópia da peça de Shakespeare e procurei apressadamente as personagens: com certeza, eu tinha razão.

No meu encontro seguinte com Shaw, murmurei de forma algo apologética que eu devia estar enganada ao pensar que ele tinha dito "Calpúrnia". Ele respondeu que eu não cometera erro nenhum, e que ele também não, como eu veria se acompanhasse o seu conto até ao fim.

A certa altura, talvez tenha ficado um pouco melindrada com ele porque me pareceu detetar uma continuação da sua antiga atitude antifeminina. Este meu melindre dificultou temporariamente a comunicação, até ao dia em que ele me convenceu a ouvi-lo.

"Se leres as minhas obras, descobrirás que tive uma dose generosa de apreço pelas várias qualidades e talentos do sexo feminino em geral. No entanto, vi que elas eram, na sua maioria, incapazes de perceber ou dar bom uso aos seus talentos porque se tinham permitido tornar meras sombras do seu verdadeiro ser. Tinham aceitado por demasiado tempo a posição subordinada imposta pelos seus homólogos masculinos mais astutos e precisavam de ser abanadas da sua apatia.

Com este objetivo em vista, nomeei-me a mim próprio para as estimular ao pensamento, para as espicaçar para a ação, pois não se podia deixar aos homens a tarefa de desacorrentar as suas mulheres, a menos que as próprias mulheres clamassem para serem libertadas.

"Eu não trabalharia contigo se não estivesse fortemente do teu lado e se não fosse um campeão implacável da igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas, independentemente do sexo, classe, nascimento e todas as outras contingências exploradas para privar certas secções da comunidade."

Após esta revelação da parte de Shaw, senti-me muito mais feliz a trabalhar com ele. Disse-me calmamente que me admirava e, quando levantei as sobrancelhas incrédula, acrescentou que a minha suspeita de lisonja era um sintoma do meu desapontamento geral com os meus semelhantes!

Disse que não podia evitar estar desiludida com alguns, pelo menos, dos meus semelhantes. Quando a crítica ao meu trabalho era adversa, e muitos intrometidos tentavam interrompê-lo, e ainda outros tentavam menosprezar a música, várias pessoas (incluindo os chamados amigos) trataram-me com frieza e muito mal. Depois, quando o manto da fama caiu sobre mim e a música começou a ser aclamada por especialistas, a maioria dessas pessoas mudou de tom. De repente, queriam cultivar a minha amizade, quando antes nem queriam saber!

"Bem, podes ter a certeza de que não te estou a cultivar por causa da tua fama", observou Shaw. "Travei conhecimento contigo porque te vejo como um canal para aumentar o conhecimento no mundo, ou pelo menos como um meio de pôr as pessoas a pensar. Há tanta apatia no mundo, e tanta coisa é dada como garantida. Pior de tudo, tanto é ignorado. As

pessoas olham apenas para o que está imediatamente à sua frente e não olham em volta.

Têm medo de olhar para o caso de verem algo diferente dos seus vizinhos ou dos seus compatriotas ou dos seus semelhantes. Seria tão embaraçoso para elas se vissem algo que os outros não vissem! Para se sentirem seguras, conformam-se, exceto nas coisas que podem desdenhar impunemente. Apenas uma minoria se atreve a alimentar ideias diferentes das do resto quando se trata de questões vitais. As novas vias de pensamento têm poucos a trilhar os seus caminhos ao início, mas, com o tempo, essas vias adquirem a respeitabilidade da idade e as multidões atropelam-se por elas, queiram ou não."

Será que isto se aplica realmente hoje em dia? Eu própria teria decidido que a maioria das pessoas teve a coragem de manter qualquer opinião que escolhesse na última década, mais ou menos. Sim, em muitos assuntos, Shaw concordou que isso era verdade; mas não em relação à evolução espiritual e à avaliação psíquica.

E quanto aos comentários que ele disse querer fazer sobre a situação mundial? Disse que o caos e a agitação se devem à mudança de valores, não apenas à mudança de valores materiais, mas à mudança de valores morais. O que queria ele dizer com valores morais? Nada relacionado com sexo, mas com o reconhecimento dos direitos de todos os povos de viverem nas melhores condições que possam ser disponibilizadas e de partilharem todos os recursos do mundo. Este reconhecimento está a crescer, mas demasiado devagar, concluiu ele. Apenas a cooperação mundial estabelecerá a paz e a prosperidade mundiais.

"E é certamente isso que todos vós quereis", foi a sua observação de despedida.

Capítulo 15
A BUSCA DA ALMA E JUNG

De longe um dos personagens mais encantador no Além com quem tive o privilégio e a alegria de conhecer é Carl Jung. A sua gentil presença e humor amável, a profundidade serena da sua enorme alma transmitem um profundo sentimento de serenidade.

Ele não procurou estabelecer a sua identidade terrena comigo, inicialmente. Disse-me que estivera recentemente no nosso mundo e que praticara psicologia, mas quando lhe perguntei o nome, ele respondeu um tanto caprichosamente: "Trata-se apenas por Joe."

Naturalmente ficou curiosa com respeito à sua identidade, embora respeitasse o aparente desejo de permanecer anónimo. Era frequente falar-

me sobre psicologia, talvez por conhecer a forte convicção que eu tinha de que devemos chegar a conhecer-nos tanto quanto possível de forma plena se quisermos fazer pleno uso dos nossos potenciais interiores. Quanto mais vivo mais sinto a insistente necessidade de desenvolvermos uma maior compreensão dos outros, por somente dessa forma talvez possamos aprender verdadeiramente a tolerar em relação aos pontos de visto dos outros, paciência em relação ao comportamento incompatível, e um aumento do dar e receber tão indispensável ao cultivo das boas relações.

Conforme Shaw deseja assinalar, se não conseguirmos desenvolver boas relações entre em pregado e empregador, entre governos e sindicatos, a indústria e o comércio, cairemos no caos e possivelmente num impasse. E uma boa parte desse relacionamento depende de um esforço honesto e consistente por apreciar os problemas dos outros e por cooperarmos na sua resolução efetiva e de um modo que não seja prejudicial para nenhuma das partes em qualquer disputa.

Mas essas são questões complicadas que envolvem custos de funcionamento, padrões de vida, custos de via, solvências e assim. Este capítulo desejo votar aos problemas da natureza humana, pelo que vou deixar as questões da economia e as questões das exigências feitas pelos empregados aos seus empregadores e vice-versa.

Podemos muita vez ficar intrigados com o comportamento dos outros, mesmo quando conhecemos as pessoas há anos, elas podem subitamente fazer ou dizer algo que pareça completamente estranho à sua natureza. O relacionamento que temos com os outros neste mundo tende a ser muito superficial baseado num conhecimento formado numa observação desconexa da sua aparência e modos, discurso e ação.

Frequentemente formamos uma opinião de alguém precipitadamente com base numa ou outra conversa que temos com a pessoa. Com efeito, o julgamento que fazemos dos outros é baseada em tais fragmentos de conhecimento que temos deles que na maioria dos casos, que podemos estar certos de que o nosso julgamento mais o das vezes é incompleto e inteiramente erróneo.

Temos o hábito de presumir coisas com respeito às pessoas quando na realidade não temos a menor ideia daquilo que são. Na minha própria experiência descobri que as pessoas acatam o dever de me passar julgamento sem me terem conhecido nem sequer uma vez - uma prática ridícula e perigosa da sua parte. Muitas pessoas têm prazer diabólico em

depreciar os outros, talvez por eles próprios possuírem um agudo complexo de inferioridade e procuram compensá-lo tentando menosprezar os outros. Isso poderá ser resultado da nossa herança dos antigos instintos primitivos que nos compelem, caso deixarmos que estabeleçam superioridade em relação aos outros. De facto, podia ser que esse mesmo instinto seja a causa de todas as nossas guerras.

Contudo, padecemos de uma ignorância abismal do nosso próprio ser interior assim como dos outros, mas conforme Jung persistentemente me assegurou, há um elemento na natureza humana que nos incita continuamente para a aquisição do conhecimento, da compreensão e da intuição no próprio seio da Criação e dos seus propósitos. O que o apoquenta é que parecemos não ter as ferramentas para abrirmos caminho para fora da prisão da ignorância em que parecemos estar quase perpetuamente trancados.

Primeiro, diz ele, precisamos criar as ferramentas requeridas para modelar a nossa própria consciência. Antes de podermos criar música, precisamos criar instrumentos com que a tocar; antes de escrevermos poesia, precisamos selecionar as palavras a empregar; antes de podermos contemplar a natureza inata do Homem, precisamos conhecer algo dos ingredientes psicológicos que contribuem para essa natureza. Por outras palavras, ele diz que precisamos ter uma ideia do que procurar e de como o buscar.

Eu pedi a Jung se ele poderia elaborar um pouco, e a resposta que deu foi muito simples. Basicamente, afirmou ele, revelamos uma ou duas reações contra tudo o que se intromete na nossa experiência; ou nos voltamos na direção da experiência ou nos afastamos dela, para falar em termos figurados. Podemos calcular as nossas reações inicialmente, para determinar se uma determinada experiência nos leva a voltar para ela ou a afastar-nos dela; mas aí podemos penetrar no mistério das nossas reações procurando descobrir por que reagimos como o fazemos. Não devemos simplificar demais essa regra e aplicá-la a situações óbvias tais como aquelas que apresentam a ameaça de perigo, caso em que a reação normal será a de rejeitarmos o perigo quer fugindo-lhe ou superando-o por um modo qualquer, em que ambas as ações, ou mesmo uma reserva que leve à imobilidade constitua uma desistência da experiência.

Mas nos mais obscuros casos da aceitação e rejeição das reações, assim que tivermos sido capazes de decidir qual a reação que se aplica, teremos dado o passo inicial que poderá pôr a investigação em marcha.

Ele dissera-me em tempos que favorecia muito a análise dos sonhos desde que fosse conduzido de um modo meticuloso e compreensivo. Quando lhe perguntei porquê, ele disse-me que durante a análise de confronto, uma tarefa laboriosa e por vezes impossível apresenta-se no processo de remoção de todas as camadas impostas pela mente consciente e subconsciente sobre certos factos que o paciente não desejaria ver trazidos à superfície.

Nos sonhos, assinalou ele, o censor ou o factor de supressão passa para o lado e permite à mente uma liberdade completa para operar conforme deseje; embora uma cuidadosa e informada interpretação dos sonhos seja essencial à sua compreensão, a verdade é revelada neles para exprimir algo sem recurso a qualquer subterfúgio para além do simbolismo em que expressa algo que não possa ser expressado diretamente.

"Sabes," disse ele, sorrindo um pouco timidamente, pensei eu, "alguns dos sonhos que eu revelei de facto eram experiências despertas por que eu tinha passado; mas percebi que seria considerado como um sonhador místico se revelasse isso ao mundo psicanalítico." Ele disse que se sentiria orgulhoso de ser considerado um místico caso empregassem o termo a fim de denotar uma relação com Deus.

"Vós viveis num mundo estranho," observou ele, "em que na vida do dia-a-dia as pessoas estão constantemente a ocultar aquilo que pensam e sentem. De vez em quando todo esse negócio da dissimulação torna-se demais para o indivíduo, e provoca um estresse excessivo e um colapso nervoso, como um cabo sob tensão derrete um fusível. Então o indivíduo precisará consultar um psiquiatra, que tentará encorajar a inverter o processo; a expor os sentimentos ocultos e a dar-lhes um bom arejo. Se as pessoas não fossem tão artificiais nos seus comportamentos diários, haveria poucos pacientes nos sofás dos psiquiatras.

Eu imaginei as pessoas a andar por aí a dizer o que lhes viesse à cabeça sem tentarem preservar qualquer constrangimento de educação, o que se me afeiçoou um quadro horrendo, segundo me pareceu. Como se me tivesse captado o pensamento, Jung disse:

"Não há necessidade das pessoas praticarem a agressão ou de tornarem arrogantes enquanto buscam uma política de modos naturais em

vez de modos artificiais. É uma questão de serem honestas consigo próprias. Por exemplo, se por alguma razão conhecida ou desconhecida, sentirem uma aversão intensa pela pessoa, não há necessidade de lho dizerem na face - afinal ela poderá ser perfeitamente inocente e uma pessoa muito sensível que não lhes tenha dado razão para a antipatia - mas se tentarem persuadir-se de que gostam dela, porventura por lhe terem dito que deviam amar toda a gente, isso originará um conflito na vossa mente e confundir-vos-á a mente subconsciente que não saberá se há de registar gosto ou aversão."

Pensei que tinha começado a captar uma vaga ideia do que ele queria dizer. Haverá porventura muita coisa que não admitimos para nós próprios, especialmente se for provável que venham a ofender a vaidade que muitos de nós possuem em algum grau. Muitos de nós gostam de se considerar como pessoas justas, e precisamos estar certos de que algumas das nossas atitudes que temos para com os outros não resultam de uma justa avaliação mas de uma reação impulsiva e instintiva.

Esse tipo de reação vem à luz com toda a clareza no preconceito racial, onde a antipatia é expressada simplesmente por um ser humano ter uma cor de pele diferente da nossa; sabemos que isso não tem justificação por a cor da pele nada ter que ver com o carácter e as qualidades, contudo alguns ainda sentirão aversão que poderá por vezes ser considerado como um temor herdade do estranho - um receio herdado que pode remontar aos tempos primitivos em que um estranho à tribo era naturalmente visto com suspeição ou medo.

Mas para voltar a Jung. Uma vez mais para simplificar as coisas, ele declarou que nós o mais das vezes registamos uma reação dual aos demais e às situações. Isso falando com respeito às situações civilizadas secções do mundo, em que a educação nos ensinou a procurar usar a razão. Nesse caso, a nossa mente poderá estar a empregar a razão enquanto os nossos instintos nos forçam na direção contrária rumo a uma reação aparentemente irracional que se ergue de memórias raciais e de outros factores ocultos.

Nas áreas menos civilizadas da humanidade não nos cruzamos com tanto conflito interior por o ser primitivo não dispor do eu intelectual para se lhe opor; as reações serão descomplicadas por qualquer processo de tentativa de análise ou de interpretação da parte da mente consciente. Ao avançar, a humanidade cria novos problemas para si própria e tem que superar muitas dificuldades conforme faz no desenvolvimento que obtém

em qualquer sentido. Quando essas dificuldades ameaçam tornar-se opressivas ou insuportáveis para a mente do indivíduo, dá-se uma tentativa de reverter ao estado primitivo em que a razão não funciona. É uma tentativa de escapar do presente para o passado que é menos atraente, ou melhor, aparentemente menos atraente.

Jung continuou dizendo que lhe parecia que a evolução dos poderes da razão da humanidade ilustram o significado da história alegórica da Queda do Jardim do Éden. A mente primitiva não conhece diferença alguma entre o que designamos bom comportamento e mau comportamento, porquanto a criatura primitiva haveria simplesmente de reagir instintivamente a qualquer situação sem aplicar qualquer sentido moral que no seu estado evolutivo ela não possui.

A criatura primitiva existe somente e não consumiu o fruto mitológico do conhecimento que a dotaria dos poderes da razão à custa dos méritos e deméritos do seu próprio comportamento e o dos outros. Nesse sentido, ela é inocente. Com a evolução perde a sua inocência e tem que o compensar inventando códigos de comportamento. Com a formação de códigos de comportamento desenvolve um sentido de responsabilidade, só que esse sentido de responsabilidade pode tornar-se numa coisa desconfortável, pelo que ele procura passar o fardo da responsabilidade para alguém mais ou para algo mais.

Tal tentativa de transferir a responsabilidade, essa tentativa de apontar um bode expiatório dá lugar a muitas lendas e fábulas, tais como a história de Adão e Eva e da Serpente. É interessante notar que, de acordo com essa fábula particular, foi a Humanidade quem deu o primeiro passo rumo à fundação de um código moral, e que deu o primeiro passo rumo à aquisição do conhecimento. De facto, em vez de se tornar no bode expiatório coisa que aparentemente o irresponsável do Adão procurou fazer, ele admitiu que ela era o pioneiro da verdade, o peregrino no caminho para o autoconhecimento.

Talvez ele se tenha sentido um tanto culpado por tentar passar a culpa das suas ações para ela e se tenha compelido a tentar reparar inventando ainda outro bode expiatório para ela: a mítica serpente, mais facilmente desculpável pelas suas ações com base no facto de não passar de mera criatura da terra e do solo, de que não se poderia esperar que aspirasse a qualquer estatura moral. Não resta dúvida de que tudo isto é altamente

alegórico, e os homens de ciência de hoje não se disporão a aceitar essa narrativa do Velho Testamento como facto histórico.

É fácil ligar o padrão repetitivo a uma tendência inata de passar a responsabilidade e a culpa aos outros. Por natureza procuramos justificar-nos, e por natureza, procuramos passar a culpa aos demais. E como bode expiatório selecionamos deliberadamente ou inconscientemente uma vítima que pareça mais fraca do que nós de modo que não possa atirar com essa responsabilidade ou culpa de volta para nós. Apenas as pessoas que são abençoadas com um sentido de humildade assim como um sentido de justiça aceitarão a culpa quando creem ser culpadas.

Jung disse que os estudos que fez e as cogitações que elaborou os conduziram à conclusão de que toda a mente se acha ligada à Mente Superior, embora o indivíduo geralmente não tenha consciência desse elo. Essa Mente Superior é a Inteligência Suprema que poderemos designar por Deus.

Ela dirige as funções automáticas do corpo, e está constantemente a trabalhar para manter o corpo num estado de saúde, e esforça-se por contrariar os efeitos de um ambiente pouco saudável, curar as feridas e compensar por qualquer perda de faculdades. A mente civilizada da Humanidade, à medida que se desenvolve torna-se autónoma, e estabelece-se como autoridade distinta; caso essa autoridade se isole da Inteligência Suprema, ela atua de uma forma obstinada o que pode ser muito destrutivo para os outros e em última análise para si própria.

Eu perguntei o que Jung queria dizer com isso de a mente se estabelecer como autoridade separada, ao que ele em traços largos respondeu que isso envolvia uma autoridade competitiva produzida por si própria tal como a que pode ser exercida pelo intencional ou descuidado mau uso do corpo quer em resultado de uma indulgência deliberada e prejudicial de algum tipo ou como efeito de simples negligência.

É como se o corpo possuísse um mecanismo qualquer de reparação dele próprio embutido, mas esse mecanismo não funcionasse corretamente caso sofresse a interferência de forças em discrepância com o seu programa. Aqui, pareceu-me, Jung estava a referir-se mais ao corpo do que à mente, o que ele tinha mencionado em ligação com a autoridade. Apressadamente, ele explicou-me a teoria da interação da mente e do corpo.

É, assinalou ele, a mente quem determina o comportamento do corpo na maior parte das suas atividades, a mente consciente e a mente subconsciente combinadas que governam essas atividades. Isso poderá não se aplicar em casos de total desorientação mental, prosseguiu ele, e aplicar-se-á dentro de certos limites somente nos casos em que o corpo, por meio do dano ou deterioração não consegue responder aos impulsos que lhe são assinalados. Para o expressar de modo mais cabal, ele referiu a autoridade natural da Mente Superior no seu papel de agente de manutenção e reparação, a natural autoridade que auxilia os medicamentos e as cirurgias na recuperação da saúde do paciente.

No passado, lembrou Jung, o corpo e a mente eram tratados como entidades separadas. Agora que estamos a perceber mais a fundo a ligação existente entre ambos, mais facilmente conseguimos reconhecer as causas de certas desordens e ter uma melhor hipótese de proceder a diagnósticos mais corretos o que é, evidentemente, chave num tratamento bem-sucedido.

Estes são comentários diretos que podem ser entendidos por todos. Muitas das verdades que estão gradualmente a ser descobertas pelos avanços da ciência médica foram expressados em termos simbólicos através de certos ritos e cerimónias associadas à religião. O Livro do Êxodo ilustra a profunda necessidade sentida de escapar não só de uma situação geográfica, mas das tiranias do mundo temporal, da impiedade e das restrições das autoridades mundanas.

A mesma necessidade que, talvez conduzam algumas almas aos mosteiros e aos conventos. As batalhas descritas ao longo de todo o Velho Testamento podem ser lidas como lutas entre o poder do bem e o poder do mal. Isso encerra um paralelo com o conflito interior existente entre o nosso desejo de nos conformarmos com o melhor da natureza humana e o desejo contrário, comportar- nos de um modo que mina o melhor.

O próprio Jesus habitualmente falava por parábolas, ciente de que a maioria dos seus ouvintes era incapaz de perceber o profundo significado espiritual das suas instruções; ele sabia que uma multidão de gente só podia confiar e viver pela fé cega sem uma verdadeira compreensão, caso que ainda se aplica a milhares ou possivelmente a milhões ainda hoje. De modo que as massas podiam de algum modo captar o sentido, por meio de símbolos, parábolas, e simples formulações da verdade precisavam ser representadas.

O serviço de comunhão encera um profundo sentido no simples facto de tomarmos o pão e o vinho sagrado. O mistério da comunhão e revelado como a necessidade que temos de nos identificar com uma natureza mais elevada, e de recordarmos que a carne e o sangue precisam ser espiritualizados, ou seja, elevados da esfera do carácter dos instintos animais para se tornar num veículo da natureza superior. Também indica àqueles que buscam tornar-se verdadeiros Cristãos, que precisam tornar-se um com Cristo, precisam permitir que o Seu espírito entre neles, e que precisam absorver essa corrente do Seu Ser (NT: Deturpação tolerável).

O Infinito, a Suprema Sabedoria, o Poder Absoluto, são-nos, num certo sentido, continuamente estendidos, mas só conseguimos servir-nos pela aceitação, pela partilha da sua substância, por uma efetiva absorção dos seus atributos. Por outras palavras, somos ignorantes, não porque não haja nada a saber mas porque por uma razão qualquer não podemos ou não conseguimos alcançar conhecimento.

Encontramo-nos separados da Corrente da Vida da Força Criativa, não porque ela não exista, mas por não nos identificarmos com ela. Para superarmos as estreitas limitações do nosso ego, temos que combinar a Grande Inteligência, e esse precisa ser o objetivo de todo verdadeiro místico, de todo sincero peregrino, e de todo dedicado buscador. Essa é uma doutrina que tem expressão em muitas religiões.

Jung disse que não excluía os cientistas, até mesmo os mais ateus entre eles, dessa alusão à Comunhão. Também eles estão em busca da Verdade, e tentam digerir os mistérios da Vida. O seu objetivo, se forem dignos da sua vocação, é a de alcançar uma vida mais abundante, incrementar o sustento da mente e expandir a nossa consciência.

Os processos externos do viver refletem-se dentro de nós. Somos, cada um de nós, mundos dentro de nós próprios. Conhecer o nosso próprio mundo e construir uma relação construtiva com ele equivale a conhecer em miniatura o equilíbrio entre espírito e matéria. Procurar fundo na mente, além do ego pessoal, equivale a captar um vislumbre do Divino, perceber vagamente essa Natureza Superior de que todos somos parte. A dificuldade está na tentativa por reconciliar os nossos diminutos seres com um Ser tão vasto que em grade parte parece que o que podemos esperar fazer no nosso presente estado é tocar a fímbria. Só podemos permanecer no limiar, contudo desse limiar podemos ser abençoados com uma visão do interior incomensurável, do salão da sabedoria, do reino da infinita compreensão.

Duas coisas tornaram-se óbvias para Jung, segundo declarou; uma, foi a necessidade que a humanidade tem por encontrar um sentido por detrás da vida, e por inventar um sentido caso não consiga descobrir nenhum. Mas esse sentido, se de algum se tratar, reside sempre dentro de nós e não pode ser revelado pelas coisas exteriores. Se o sentido não puder estar relacionado a nós próprios será desprovido de significado. Repetidas vezes ao longo da sua vida ele interrogou-se, disse-mo ele, de qual seria o sentido de tudo.

Possivelmente poderiam existir múltiplos sentidos ou nenhum, contudo o processo da individuação, o desenvolvimento da psique humana parecia-lhe ter um sentido. Ele raciocinou, de forma bastante imaginativa, admite, que será impossível não ter qualquer objetivo, pelo que a força da evolução precisa dirigir-se para alguma realização. Uma força que busca alcançar um fim possui um poder determinante a motivá-la. A ideia da existência evidente de um poder determinante encorajou-lhe o sentimento de um propósito subjacente e de um princípio unificador. Isso, em termos mentais foi o mais próximo, pensou ele, que o pensador científico podia chegar no momento do reconhecimento de um poder de Deus.

Abençoados são os verdadeiros místicos do mundo, anunciou ele em tom de conclusão, por serem capazes de prescindir as intermináveis e laboriosas invenções da ciência e da psicologia e fundir-se com o intangível e omnipresente Eu de que nós somos fragmentos. Contudo, tanto a ciência como a psicologia apontam na mesma direção, rumo a uma perceção de um conceito completo de vida e do lugar do indivíduo nesse conceito.

Antes de terminar este capítulo, devo descrever como cheguei a conhecer a identidade de Jung. Em 1970 os Serviços de Difusão da Columbia (CBS) fez um filme sobre o meu trabalho sob a direção de Jules Leventhal junto com David Dimbleby no papel de entrevistador. Entre as filmagens e por vezes entre uma pausa para o café ou para o almoço, Jules conversava comigo sobre muito tópicos que incluíam religião e psicologia.

Ele observou que eu exibia ideias muito semelhantes às de Jung em muitos aspetos e eu contei a Jules que me encontrava em contacto com um espírito que alegava ter sido um psicólogo num vida muito recente no nosso mundo, Por essa altura jamais tinha lido o que quer que fosse de Jung, mas quando Jules descobriu isso ao me interrogar da vez seguinte trouxe consigo um dos livros de Jung que trazia uma foto do autor. A fotografia mostrava um homem com o mesmo aspeto de “Joe.” Reconheci-

lhe as feições gentis, o mesmo brilho calmo de humor nos olhos, a mesma força delicada de carácter e senti-me segura de que não mais ninguém senão a mesma pessoa.

No contacto seguinte que tive com Joe, interroguei-o se era, de facto, um e o mesmo Jung. Ele admitiu que assim era, explicando que não achara necessário revelar-se a sua identidade terrena que disse "fora somente uma faceta do seu ser total."

Fiquei na dúvida quanto à razão porque ele decidira adotar o apelido de "Joe," mas ele respondeu que um dos seus colegas na terra o tinha tratado certa vez por "Santo Joe" por causa da absorção que ele mostrava nos assuntos religiosos e as estranhas visões hipnagógicas que tinha. Ele deixara cair o apêndice "Santo," prosseguiu explicando, por não ser mais santo do que os outros.

Até o dia de hoje, dirijo-me a ele por, "Joe," o que parece encerrar uma enorme familiaridade da minha parte em relação a um homem a quem Liszt aclama com um dos maiores que já viveu no nosso mundo. Mas como fora a seu pedido que eu e dirigia assim a ele, espero que ele próprio não se sinta de modo algum excluído pelo que os outros possam dizer com respeito à abordagem que uso para com ele. Para mim ele é apenas um grande psicólogo, porém um grande místico cuja penetração em alguns dos mistérios da religião me deram uma profunda compreensão dessas questões.

Fico-lhe especialmente grata por me ter tornado aceitáveis alguns dos dogmas e rituais Cristãos que não só anteriormente permaneciam incompreensíveis como quase repulsivos, dado que a minha razão não conseguia compará-los com os princípios da justiça e do bom senso comum. Por intermédio da sua ajuda, sou agora capaz de discernir um significado profundo e oculto nos credos e cerimónias do Cristianismo, e em vez de ver por um vidro escuro, posso ver face na face a gloriosa imagem da Divindade interpretada em termos e símbolos Cristãos.

Conforme Jung aduziu neste mesmo instante, só podemos medir Deus nos nossos termos e não nos termos Divinos, pelo que só conseguimos obter uma visão telescópica da grande e maravilhosa realidade. Mas dado que insistimos olhar através de muitos telescópios diferentes, estamos aptos a obter imagens diferentes e a ver o Omnipotente a partir de um estreito aspeto.

Um dia, diz ele, perceberemos que estamos a olhar para a mesma Verdade Resplandecente que é irradiada para baixo na nossa direção por muitos raios e pelas diversas densidades das "nuvens do desconhecimento." Ao crescermos na compreensão, aprenderemos a erguer-nos acima dessas nuvens do desconhecido e a contemplar a Verdade em todo o seu brilho claro e sem distorção pelas brumas da ignorância humana.

Este capítulo constitui um tributo pessoal ao "Joe," e um gesto de profunda gratidão que lhe estendo por me ter ajudado a compreender-me e aos demais de uma forma mais cabal; por me ter ajudado a restaurar a minha autoconfiança despedaçada quando outros me tinham rebaixado e denegrido, e por me ter trazido uma visão do Absoluto que me deu a chave para aquela liberdade da alma do seu pequeno eu que a capacita a entrar no Todo.

Capítulo 16

Chopin dá-me apoio

Em fevereiro de 1971, quando o meu primeiro livro foi publicado em França, os editores organizaram uma visita relâmpago a Paris para assinalar a ocasião. Deve haver muitas pessoas que visitaram Paris ou que gostariam de o fazer, porque até o próprio nome tem algo de mágico. Parti para França com grande entusiasmo e cheia de uma expetativa feliz, embora devesse ser, em grande medida, um evento de trabalho.

Acabou por ser um processo vertiginoso. Mal pisei solo francês, fui levada de carro para iniciar um programa ininterrupto de atividades que incluía emissões de rádio, aparições na televisão, conferências de imprensa e por aí fora. De vez em quando, era-me solicitado que tocasse piano em alguma função e, naturalmente, escolhi a maioria das peças da música que Chopin me tinha dado, alternando com algumas das novas composições de Liszt.

Havia mal um momento para respirar entre os vários compromissos. Durante um dos intervalos, perguntei ao *Monsieur* Jean Major, o representante dos editores, se haveria tempo para eu visitar o túmulo de Chopin.

"Não posso estar em Paris sem visitar o seu túmulo", disse eu.

"Ah!", respondeu o Sr. Major, "já organizámos tudo isso. Queremos filmá-la junto ao túmulo de Chopin."

Fiquei encantada por pensar que teria a oportunidade de prestar homenagem à memória de Chopin — embora, para mim, como é óbvio, ele não seja apenas uma memória, mas uma alma viva.

"Isso é bom", expressei a minha aprovação, "agora tenho de comprar algumas flores para colocar no túmulo de Chopin. Ter-me-ão dado tempo para comprar algumas para ele?"

"Mas também já organizámos tudo isso", respondeu o Sr. Major. "Já está encomendado um belo ramo de flores para a senhora levar ao túmulo dele."

Agradeci ao Sr. Major, refletindo sobre como tudo tinha sido pensado e cuidadosamente organizado.

Tivemos muita sorte com o tempo, que esteve seco e bastante quente. Uma semana depois, quando eu já estava de volta a Londres, o tempo em Paris tornou-se gélido, e brinquei com Chopin dizendo que ele devia ter providenciado o bom tempo para a minha visita!

Avançámos em procissão lenta pelo Cemitério onde o corpo de Chopin foi sepultado e, quando chegámos ao túmulo, dei por mim cheia de emoções muito contraditórias. Nunca tinha pensado que teria a oportunidade de visitar o seu túmulo durante a minha vida, que fora tão marcada pela pobreza que o custo estaria fora do alcance das minhas posses. É um túmulo belíssimo. Há um pequeno canteiro de jardim que é cuidado com zelo — e com carinho, não tenho dúvidas — e, no meio, há uma estátua de uma jovem sentada com as mãos no colo, com as palmas voltadas para cima.

Alguém tinha colocado nas suas mãos um pequeno ramo de violetas — a flor favorita de Chopin, a par das rosas. Senti-me subitamente muito comovida. Ali jaziam os restos mortais de um grande génio que morrera tão jovem, antes de ter tido tempo de derramar no mundo mais da sua bela música. Pensamentos sobre o seu sofrimento avassalaram-me e o passado pareceu emergir e envolver-me.

Embora fosse um dia soalheiro, parecia cair uma chuva invisível como se fossem lágrimas, e tive de me lembrar que ele continua vivo e ainda compõe música adorável para ser ouvida no céu ou aqui na terra por aqueles que quiserem ouvir.

Com um sobressalto, voltei ao presente ao ver subitamente que o próprio Chopin estava de pé ao lado do seu próprio túmulo. Ele sorriu gentilmente, pressentindo, creio eu, a tristeza que eu sentia. Observou-me a colocar o ramo de flores ternamente sobre a sepultura e depois falou em francês, como faz frequentemente — comentando como as flores eram lindas e agradecendo-me por elas.

"Não sei por que te sentes tão triste", continuou ele, "eu estou aqui, não ali dentro." Apontou para o túmulo.

"Ah, bem, suponho que seja um assunto grave (*grave matter*)", brincou ele, falando desta vez em inglês e fazendo um trocadilho com a palavra "*grave*" [que significa tanto "sepultura" como "grave"]. Ele está a

tentar animar-me, como faz tantas vezes, pensei. Ele é tão cheio de empatia e odeia ver alguém triste.

Quando regressei a Inglaterra, Chopin deu-me uma nova peça de música, um pequeno noturno, em comemoração da minha visita. É uma peça pungente em Lá menor que faz lembrar o cair de gotas de chuva ou de lágrimas. Ele consegue tornar bela até a tristeza.

Mais tarde, durante o roteiro, os editores organizaram uma visita ao Museu Polaco em Paris, onde estão expostas muitas recordações da vida de Chopin. As autoridades do Museu foram muito gentis e permitiram-me manusear a máscara mortuária de Chopin e os moldes feitos das suas mãos. Isto deu-me a oportunidade de verificar algo que Chopin tinha dito sobre as suas mãos. Ele disse-me um dia que as minhas mãos são muito semelhantes às dele; na verdade, afirmou ele, são exatamente do mesmo tamanho. Medindo as minhas mãos contra os moldes das dele, descobri que assim era.

Os retratos de Chopin nem sempre se assemelham muito a ele e a coloração está frequentemente errada. Olhei fixamente para os seus olhos, que são de um belo azul-acinzentado, por vezes parecendo muito azuis e por vezes fundindo-se num azul-cinza suave e enevoado. O seu cabelo, que observei cuidadosamente, é castanho-claro, tendendo para o louro. Já tive pessoas a discutir comigo sobre isto, sustentando que ele era moreno. Fiquei muito satisfeita por poder comprovar que tinha visto a cor do seu cabelo com clareza, pois havia uma mecha do seu cabelo no Museu, e era do mesmo tom.

Também no Museu estava uma poltrona, que dizem ter sido a última cadeira onde Chopin se sentou antes de falecer. Foi-me dada permissão para me sentar na cadeira — na verdade, fui convidada a sentar-me lá — e senti fortemente uma impressão de grande sofrimento, tanto mental como físico, ao sentar-me com reverência onde Chopin outrora se sentara.

Dá-nos uma sensação estranha quando olhamos para as relíquias de uma pessoa falecida, sabendo que a pessoa real, a alma imortal, é muito provável que apareça a qualquer momento! A natureza transitória da existência terrena é sublinhada com maior acuidade nestas circunstâncias, e o facto de ser tão transitória é realçado pela realidade vívida da Vida Eterna.

Se ao menos todos tivéssemos olhos para ver e ouvidos para ouvir! Mas talvez isto apenas complicasse as coisas para algumas pessoas, e outras ficariam assustadas, claro, se não estivessem habituadas a tais coisas. O medo do desconhecido é algo natural que está destinado a apoderar-se de todos nós em algum momento. Quando soubermos mais sobre a Vida após a Morte, quando percebermos que é uma realidade maravilhosa, esperemos que o medo da Morte, o medo da transição propriamente dita e o medo do que está para vir, sejam dissipados.

Uma vez, lembro-me, apareceu o espírito de um homem falecido recentemente, e ouvi-o clariaudientemente enquanto ele lamentava o facto de a sua mulher agora o considerar uma espécie de estranho bicho-papão apenas porque o seu corpo físico estava morto.

"Não consegue ela perceber", perguntou-me ele, "que eu continuo a ser a mesma pessoa e que a amo da mesma forma? Se ao menos ela não recuasse perante a ideia de mim e não pensasse em mim como um mero fantasma! Eu sou real, estou vivo, sou o homem que ela conheceu e amou."

Tentei explicar à mulher do homem, ou melhor, à viúva. Ela disse que compreendia o que eu estava a dizer, mas que era tão difícil visualizar o marido como um ser vivo.

"Diga-lhe", implorou-me ela, "que estou a tentar compreender. É apenas que ele não parece estar presente. Mas eu acredito que existe outra vida e continuo a amá-lo."

Isto pareceu consolar o espírito do homem.

"Estarei à espera dela quando ela vier para cá", disse ele, "e estarei a vigiá-la até lá. Diga-lhe que ela sempre precisou de ser vigiada."

Repeti tudo isto à senhora, e a parte sobre ela ter sempre precisado de ser vigiada significou obviamente algo, pois ela conseguiu rir-se.

"Ele costumava chamar-me sempre pequena *flirt*, mas eu não era realmente. Apenas gostava de ser admirada. Ele costumava dizer: 'Estou a vigiar-te'. Fez-me sentir que ele está realmente vivo. Agora não sentirei que ele é apenas um fantasma vago."

É estranho, talvez, ver o espírito de uma pessoa "morta" ao lado do seu próprio túmulo. Ainda mais estranho vê-lo ao lado do seu próprio caixão no serviço fúnebre! Foi o que aconteceu quando o meu pai morreu. Ele tinha pedido, muito antes da sua morte — muito antes de adoecer, para ser precisa —, que o seu corpo fosse cremado. Não creio que ele se importasse com a ideia de o seu corpo ser enterrado, mas tinha a crença de que a sua alma se libertaria mais rapidamente do corpo se ocorresse a cremação. De acordo com os seus desejos, a minha mãe e eu organizámos um serviço de cremação.

Fiquei ao lado da minha mãe, tentando envolvê-la em conforto durante o breve serviço. Embora a minha mãe por vezes "visse", creio que estava demasiado absorvida no seu luto natural para notar que o meu pai estava de pé mesmo ao lado do seu próprio caixão. Bastante surpreendida por vê-lo no seu próprio funeral, olhei para ele transfixada.

"O que se passa?", perguntou ele, "pareces estar a ver um fantasma, e eu não sou um fantasma, sou o teu pai."

Isto deixou-me um pouco preocupada, pois parecia que ele não sabia que tinha passado para o outro lado, mas as suas palavras seguintes tranquilizaram-me.

"Quanto àquilo", disse ele, apontando para o seu caixão, "que se lixe! Graças a Deus que saí finalmente daquele velho corpo."

Fiquei aliviada por ver que ele sabia e que não sentia qualquer receio sobre o destino do seu corpo. Disse-me que tinha vindo para estar perto da minha mãe e tentar animá-la, e confessou que lhe dava muita satisfação e um sentido de triunfo ver o seu corpo gasto, que tanto o fizera sofrer, a ser "liquidado!"

Durante a sua vida, o meu pai tinha de usar botas para apoiar os tornozelos, pois um deles era fraco depois de ter sido partido a andar de patins. Ele sempre quisera possuir um par de sapatos pretos de verniz e ter roupas como um "verdadeiro janota". Éramos demasiado pobres, claro, para que ele tivesse outra coisa que não fosse um fato de trabalho e um segundo fato, barato, para os domingos.

Quando ele me apareceu após o seu falecimento, estava vestido com um belo fato ao estilo de *Savile-Row* e a calçar, não surpreendentemente, talvez, sapatos pretos de verniz brilhantes! O seu desejo tinha sido finalmente realizado. Disse-me para escrever e contar ao meu irmão o que ele estava a vestir, e disse que iria ter com o meu irmão e mostrar-se a ele com o mesmo traje.

O meu irmão estava na Birmânia, na altura, no *Royal Corps of Signals*. Escreveu-me a dizer que sabia que o nosso pai tinha falecido porque o tinha visto. As nossas cartas cruzaram-se no correio, e a do meu irmão descrevia as roupas que o meu pai vestia na sua visita "espectral" e os sapatos nos seus pés... que eram de verniz preto brilhante! O meu irmão tem algum grau de capacidade psíquica, mas sabiamente mantém-se muito calado sobre o assunto, pois não vê razão para suportar os escárnios dos incrédulos.

Ele frequenta regularmente a Igreja e talvez tema que a sua Igreja desaprove tais capacidades. Mas se alguém tem estas capacidades, tem-nas, e não pode evitar ter sido feito assim. Claro que não são erradas em si mesmas — como pode algo que Deus fez ser errado? Mas ele sabe tão bem como eu que há pessoas que pensam ser errado ter tais faculdades, por isso ele mantém a sua paz.

Estranho como toda a Bíblia, tanto o Antigo como o Novo Testamento, está cheia de histórias sobre o sobrenatural, de visões e vozes, de profetas e anjos, e de acontecimentos que desafiam ou parecem desafiar a lei natural e, no entanto, a emergência de qualquer coisa que sugira o sobrenatural tem sido desde então desaprovada e os que estão ligados ao sobrenatural condenados por beatos de mente estreita. Se conseguem aceitar, de fio a pavio, todos os eventos relatados na Bíblia, e nunca se espantam com o facto de ela estar eriçada de sobrenatural, dificilmente são lógicos na sua rejeição das manifestações atuais do sobrenatural ou aparentemente sobrenatural.

O lema deles parece ser que na Bíblia está tudo bem, mas fora da Bíblia não. Isto é, de facto, desvincular um grande Livro da realidade, e não é preciso muito bom senso para perceber que qualquer coisa desligada da realidade corre o risco de cair em desuso e perder a consideração. Podemos precisar de olhar para a Bíblia sob uma luz inteiramente nova para beneficiar da sua fonte de sabedoria e compreender as lições sobre a natureza humana que ela contém. E que dizer de todas as outras Escrituras Sagradas de outras religiões? Quanto terão sido corretamente interpretadas e quanto compreendidas?

Quantas vezes terão ocorrido erros e omissões nos processos de tradução e cópia? O nosso caminho mais seguro parece ser viver pelo espírito e não pela letra. Complica as coisas se tentarmos rastrear o significado preciso de cada livro e de cada texto mas, se formos sinceros na nossa busca pela verdade, devemos continuar a examinar, analisar e aproximarmo-nos o mais possível da verdade. Nenhum Deus poderia pedir mais de nós — ou menos.

Chopin deu-me uma vez uma palestra interessante sobre os seus estudos no Além de alguns grandes volumes que ele disse chamarem-se "As Crónicas da Evolução Humana". Estas crónicas, segundo ele, registam o desenvolvimento da espécie humana na terra desde o seu início. Abrangem não milhares de anos, mas milhões. A forma animal foi primeiro evoluída lentamente para se tornar um veículo adequado para a inteligência humana. Notei que isto infere que houve primariamente uma forma animal que estava limitada a uma inteligência instintiva. Chopin confirmou que assim era e que houve uma passagem de tempo, longa em duração, antes de a forma animal ter sido suficientemente preparada para receber a primeira centelha de inteligência humana.

Este processo da introdução da inteligência humana, segundo o relato de Chopin, repete-se em cada nascimento humano, constituindo o bebé humano um mero animal na sua primeira chegada, com a centelha da inteligência a ser acesa ao longo do seu crescimento. Nos Mongoloides [termo da época para Trissomia 21], a centelha não pode ser devidamente produzida porque a isca, para prosseguir com a analogia, não é suficientemente inflamável.

No entanto, segundo o registo, mesmo nesses casos, uma alma está ligada ao referido infante; mas a alma, em tais circunstâncias, é incapaz de fazer pleno uso do veículo terreno e apenas pode fazer uma manifestação parcial. Pensei que isto devia ser muito frustrante para a alma, mas Chopin disse que há uma variedade de razões para tais vidas e que se podem aprender lições delas, tanto pela alma semiencarnada como por aqueles que dela cuidam.

Este processo perpétuo é um condicionamento da matéria e uma estimulação das suas respostas, sem a qual ela permaneceria inerte. Porquê

toda esta preocupação com a matéria? Porquê não permanecer no estado espiritual, no alegórico Jardim do Éden? Porque o conhecimento consciente vem apenas através da experiência dos opostos, que o espírito, na sua forma pura original, não consegue distinguir, uma vez que condições contrastantes como o calor e o frio não teriam transmitido qualquer significado até terem sido efetivamente produzidas na Criação.

É tudo uma questão de o Não-Manifesto se tornar Manifesto, e da perceção de que o Manifesto existia no Não-Manifesto antes da sua emergência. Muito instigante, e no entanto temos continuamente testemunho deste processo do Não-Manifesto a materializar-se nos ciclos da vida, nas estações, na chegada da Primavera, no crescimento de pequenas sementes em plantas e flores, e na lenta transformação de uma bolota num carvalho majestoso.

Não é que não saibamos, postulou Chopin, mas sim que não sabemos que sabemos! Saberá a bolota conscientemente que um dia será uma grande árvore? No entanto, o conhecimento necessário ao seu crescimento é inerente a si mesma. Este é um tipo de conhecimento diferente do obtido pelo intelecto através da aprendizagem; um é um conhecimento intrínseco mas inconsciente; o outro é um conhecimento adquirido e consciente. Esta é a diferença — a enorme diferença — entre o Estado do Éden e o Estado da "Queda"; no Jardim do Éden existíamos na bem-aventurança da ignorância, obedientes às leis da Criação porque não conhecíamos escolha.

A aquisição de conhecimento dá-nos uma escolha: começamos a aprender as leis e ou vivemos de acordo com elas ou as quebramos como resultado de negligência, desafio ou falta de compreensão suficiente. É obviamente importante trabalhar para a compreensão mais completa possível das leis e para a cooperação total com elas, a fim de viver em harmonia. Tendo dado a primeira dentada na maçã, somos obrigados a consumi-la porque uma porção de conhecimento — uma compreensão limitada — comprometeu-nos a aumentar esse conhecimento ou a permanecer parcialmente ignorantes por nossa conta e risco.

Onde levará todo este curso interminável de evolução? Chopin disse que o objetivo é que o espírito conquiste a matéria e que a raça humana está a aprender gradualmente como controlar, influenciar e dirigir a matéria ou o mundo material. Eventualmente, após uma era imensa de evolução, isto trará a reconciliação da matéria com o espírito. Tanto quanto lhe é possível determinar, afirma Chopin, não há atalhos no processo de evolução, mas este pode ser consideravelmente acelerado à medida que a consciência da Humanidade se expande.

Uma vez que o Homem perceba que é espírito aqui e agora e que não tem de esperar até algum tempo distante ou até à morte física para se tornar espírito, começará a reconhecer a sua própria natureza real, e isto tornará possível que ele dê expressão a este seu verdadeiro eu. O Homem limita-se

ao pensar em si mesmo como mera carne e sangue, e falha em recorrer aos grandes recursos do seu espírito derivados do Espírito Infinito, a Fonte Universal de toda a Vida.

Tudo isto parece muito ponderoso e pode apresentar um quadro avassalador para nós no nosso momento finito de tempo e lugar. Pode fazer com que alguém se sinta muito pequeno e insignificante. Pensa em ti como uma parte intrínseca do todo, aconselhou Chopin, na verdade, uma parte vital do todo como todos somos, por menos importantes que nos sintamos; pois cada alma é uma faceta da Grande Alma.

Não há necessidade de nos sentirmos perdidos no grande esquema das coisas, pois todos temos o nosso papel nele e somos todos parte da consciência em evolução. Sentimo-nos frequentemente tão separados, tão isolados, mas estamos todos envolvidos no Único Grande Espírito e estamos todos incluídos no Plano Divino para a transmutação autoeleita em perfeição, para a união consciente com o Todo ou Absoluto, para a transfiguração no Espírito Imortal. O processo é lento porque somos lentos a despertar e mais lentos ainda a fazer a escolha.

O que devemos ter em mente, foi-me dito, é que cada parte e partícula da Criação, e cada pessoa e alma tem de evoluir individualmente, com a evolução individual a auxiliar no avanço do todo. O ónus da nossa evolução repousa em grande parte sobre nós; ninguém nos pode entregar a sabedoria numa bandeja; ela tem de ser alcançada. O ritmo da evolução pode ser acelerado por esforços individuais ou, lamentavelmente, abrandado pela ausência dos mesmos. De certa forma, o todo depende da parte e a parte do todo, pelo que podemos auxiliar o movimento de avanço ou retardá-lo.

A nossa responsabilidade, portanto, não é apenas para connosco, mas para com os nossos semelhantes. Um pensamento solene que deveria abalar a complacência daqueles que não se importam com os outros.

"Pois Eu, se for elevado, atrairei todos os homens", são palavras atribuídas a alguém que tentou apontar o caminho. Isto, insinua Chopin, é um aforismo que pode ser aplicado a cada um de nós. Ao elevarmos a nossa consciência, ao subirmos os nossos padrões, pela aspiração, estaremos a ajudar a elevar a consciência mundial. Seguindo o exemplo demonstrado por um que nos precedeu, podemos ajudar na salvação da humanidade, através de bons pensamentos e atos, e de palavras gentis de encorajamento e compreensão.

Escrevi tudo isto porque o próprio Chopin me pediu que transmitisse a sua mensagem às pessoas. Se for demasiado denso para alguns leitores, que o ignorem, pelo menos por agora. Mas espero que faça outros sentir que os seus esforços para viver uma vida boa valem mais do que a pena, não apenas pela bênção que lhes pode trazer, mas pela bênção que pode ajudar

a trazer aos outros. Muitas vezes parece que os maus prosperam e que não há recompensa para a bondade.

Saber que nenhum esforço em direção à luz é desperdiçado, e que cada tentativa, por pequena que seja, é uma contribuição para a evolução, para uma compreensão e felicidade crescentes, é uma ideia para nos inflamar de novo quando começamos a sentir que estamos a travar uma batalha perdida.

Espero que as palavras de Chopin ajudem a acender em nós um novo zelo para fazer do mundo um lugar magnífico para se viver, cheio de pessoas admiráveis e uma alegria para o Criador.

Capítulo 17
A identidade, as suas raízes e o seu significado

O título deste capítulo foi sugerido por Bertrand Russell, mas não consistirá inteiramente em citações dele. Começarei por repetir a sua observação inicial sobre o assunto.

"A identidade é uma questão muito mais complexa do que o observador ocasional acredita; tem as suas raízes no passado distante do Homem e as suas ramificações são tão difusas que desafiam uma análise total. Há a questão da identidade pessoal, que é de suma importância para o indivíduo comum. Perder a identidade pessoal é tornar-se inexistente para todos os efeitos: é-se, de facto, uma nulidade em tais circunstâncias, um mero objeto e um exilado na terra dos vivos.

"A necessidade de um sentido de identidade é facilmente reconhecida no ser humano. Daí a luta do lactente para atrair a atenção para si próprio, não só para a satisfação das suas necessidades corporais, mas para ser

reconhecido *per se*. Mais tarde na vida, se for demonstrado um grau insuficiente de reconhecimento, o indivíduo pode reagir cultivando um complexo de perseguição ou delírios de grandeza, que talvez devam ser considerados dois lados da mesma moeda.

Pode haver tentativas de sobredramatizar a si próprio ou a sua situação, e todos conhecemos o tipo que tem sempre algo de errado com a sua saúde e disserta longamente sobre os seus sintomas. As tentativas de atrair a atenção por parte daqueles que sentem que a sua identidade é ignorada ou submersa podem assumir tantos disfarces diferentes que não é possível elucidá-los em detalhe. A forma mais comum de defesa é retratada na pessoa excessivamente egocêntrica, que pode sentir que é ignorada e compensa centrando a atenção em si própria."

Agora que Russell deu o pontapé de saída, paremos para pensar por um momento no quanto o sentido da nossa própria identidade significa para nós, e no quanto o sentido da identidade dos outros também nos significa. Toda a vida humana gira em torno desta questão da identidade e da relação entre identidades. É a identidade que dá significado e forma à vida, e um sentido de continuidade através da posteridade, sem o qual a vida se tornaria ininteligível e desconexa. Se percorrermos os caminhos da civilização, descobriremos que este sentido de identidade varia amplamente na sua qualidade. No século XX, graças em parte ao nascimento da psicologia moderna, o sentido de identidade pode tornar-se marcado por um elevado grau de autoconsciência, e a tendência para a prática da meditação pode aumentar este sentido.

Jung afirmou-me um preceito que ele diz que muitos mestres religiosos também postularam: o de que tornar-se absolutamente consciente da própria identidade é tornar-se consciente de Deus. Mas esta consciência de Deus só pode ocorrer quando todos os aspetos falsos da identidade pessoal foram abandonados. O processo de autoconsciência é algo que exige vigilância contínua, avisa ele, porque ideias negativas, como ervas daninhas num jardim, estão constantemente a ser lançadas na mente ou são autogeradas; devem ser sistematicamente removidas para dar lugar ao verdadeiro crescimento da autoconsciência, que é uma condição altruísta em oposição à sua condição falsificada, o engrandecimento pessoal.

A continuação da vida após a morte sem a retenção da identidade deixaria de ser uma continuação genuína. Se a identidade não fosse mantida, a pessoa tornar-se-ia algo ou alguém diferente — uma entidade distinta, não o próprio. Talvez seja por isso que aqueles que comunicam do além mostram frequentemente o desejo de provar a sua identidade de qualquer forma que possam demonstrar, referindo-se à sua própria vida passada e características, às suas memórias e sentimentos, e tentando mostrar que continuaram a ser a mesma pessoa. Podem, claro, progredir e

modificar-se, deve-se recordar, tal como podemos progredir e modificar-nos neste nosso mundo atual.

É obviamente de grande importância para a Religião Cristã que Jesus tenha demonstrado, após a sua morte, que era a mesma pessoa, que era essencialmente o mesmo carácter que os discípulos tinham passado a conhecer e amar. Foi isto que causou tal impacto neles; se ele tivesse aparecido sob um disfarce diferente, eles não o teriam conhecido e não teriam podido gritar em exultação: "Ele ressuscitou".

É notável que as principais religiões giram habitualmente em torno de um indivíduo, ilustrando o reconhecimento do papel significativo da identidade. E um grande número de pessoas só consegue conceber Deus como um indivíduo, como uma pessoa que conseguem identificar.

O segundo estatuto significativo na maioria das religiões é a exortação a ligar ou fundir a própria identidade com a identidade de Deus. É a humilde admissão da Humanidade de que a sua própria identidade é limitada, isolada e insuficiente, e o Homem procura superar as limitações identificando-se com aquilo que considera maior do que si próprio, aquilo que acredita ser autossuficiente, aquilo que é íntegro.

Torna-se consciente, segundo ensinam algumas religiões, de que está separado de Deus, expulso do Jardim do Éden onde vivia na esfera da influência de Deus; e, tendo-se tornado consciente de si próprio como uma identidade separada, é impelido, na maioria das vezes, a procurar a reunião com a Identidade Absoluta. Se ele próprio não procurar esta reunião, estará sujeito a ser instado, coagido ou mesmo intimidado a procurá-la por alguns dos seus semelhantes.

Assim, torna-se aparente que existe na natureza humana, genericamente falando, uma necessidade básica de ser reconhecido como um indivíduo e uma necessidade secundária, talvez mais fundamental do que a primeira, de unir esta identidade com outra ou outras. Identificamo-nos ao longo da vida com várias pessoas, com todos os tipos de crenças, movimentos, com a família em que nascemos ou, então, com um grupo externo que é, afinal de contas, um substituto para a família.

Mesmo o budista, ao procurar o desapego, está a apegar-se a algo: às suas crenças; continua a identificar-se com algo, embora este algo possa ser uma ideia abstrata. É natural que a pessoa normal desenvolva autoconsciência (consciência de si) à medida que cresce; de facto, a autoconsciência desdobra-se até certo ponto sem qualquer esforço aparente da sua parte. Mas o passo para sair desta consciência separada para uma consciência integrada com uma consciência mais plena, ou absoluta, requer um esforço que, nalguns casos, parece quase insuperável.

A consciência humana, tal como Jung a descreve, pode ser comparada a uma maré que flui das profundezas para a margem do plano terrestre e, depois, parece ser puxada de volta para as profundezas imensas. Mas,

enquanto banha a margem da vida terrena, continua a ser parte do grande oceano da consciência, ou da extensão mais plena da vida espiritual. É aqui que ocorre o "encontro das águas" do espírito com a margem ou franja da matéria. O fluxo e refluxo da maré exemplifica a flutuação da consciência exterior que quebra na praia do mundo material e retrocede para a cheia total da consciência interior coletiva ou absoluta.

Voltando aos comentários de Russell, ele pergunta o que é a identidade em relação à espécie humana? A definição da identidade essencial de uma pessoa é muito mais difícil de alcançar do que a mera descrição da aparência exterior pela qual reconhecemos aqueles que conhecemos. A aparência exterior, como sabemos, pode ser alterada pela passagem do tempo, pelo ataque da doença ou por meios artificiais como o uso de cosméticos e cirurgia plástica. Vemos, portanto, que a identidade de uma pessoa não é o invólucro exterior, mas o eu interior. Assim, quando o corpo perece, não é a verdadeira identidade que perece; a verdadeira identidade, o eu que é intangível no que diz respeito ao mundo material, sobrevive e continua a evoluir.

Agora, a questão intrigante, estipula Russell, é onde e como começa a identidade? O materialista presumirá que a identidade começa na conceção ou talvez com o nascimento propriamente dito. Não pode demonstrar que não é assim, mas apenas argumentar que o que está agora em manifestação deve ter sido sempre incipiente, pois não se pode ter algo a desenvolver-se a partir do nada. Admitindo que a identidade se torna consciente e palpável durante o curso da evolução, encarnação ou desdobramento, não podemos dizer categoricamente que houve um tempo em que ela não existia de todo em alguma forma. Num certo sentido, portanto, datamos do início dos tempos: estávamos no princípio e avançámos com a corrente da vida até ao presente. Começa-se a ter a sensação de intemporalidade e continuidade que são tão difíceis de imaginar para a mente humana.

Este desenvolvimento cronológico da identidade dá-nos mais claramente uma imagem da nossa evolução contínua. É inútil tentar rastrear desenvolvimentos específicos, mas podemos perceber o desdobramento geral que ocorreu e continua. O texto "Como era no princípio, agora e sempre será" começa a assumir um novo e mais profundo significado. "Antes de Abraão existir, Eu Sou". Podemos perceber a vida como um todo e ganhar um sentido de unidade. Podemos atribuir um propósito à vida, sem o qual nos sentimos perdidos, inseguros e fúteis.

Continuando a linha de pensamento de Russell, quase poderia parecer que um dos propósitos da evolução é o cultivo de um sentido de identidade. É este sentido que distingue a Humanidade do Reino Animal. Mas, na atualidade, a identidade é ameaçada pela orientação de massas para valores materiais que podem facilmente subjugá-la ao desviá-la da sua própria estabilização.

Para captar todas as implicações da nossa própria identidade (diz Russell) e para nos tornarmos plenamente familiarizados com ela, precisamos de saber muito mais sobre a natureza humana em geral. É por comparação que obtemos a maior parte do nosso conhecimento em muitos campos, não menos no campo do autoconhecimento. Na maioria dos casos, ensinam-nos tão pouco sobre nós próprios, e tão pouco nos é explicado sobre a natureza humana, que muitas vezes não nos conhecemos melhor na velhice do que na juventude. Não é de admirar que existam tantos mal-entendidos entre as pessoas, que tantos achem difícil viver com os outros e que se demonstre por vezes tão pouca tolerância entre grupos ou indivíduos.

O maior problema da Humanidade é ela própria. Muito do sofrimento dos seres humanos é-lhes infligido não por "vontade de Deus", mas por outros seres humanos. Muitas doenças, tanto do corpo como da mente, são causadas por atos impensados de outrem, pelas suas crueldades, negligências e descaso. A luta da Humanidade pela sobrevivência e bem-estar não é uma questão simples de lidar com os elementos, de superar a fome e a seca, de controlar as pragas que são inimigas do Homem, de encontrar e administrar curas para as suas doenças, mas sim de superar o egoísmo e a ganância inerentes à sua natureza e aprender a viver em paz uns com os outros.

Há uma crueldade na natureza humana, comenta Russell, que leva alguns membros da raça humana a não se deterem perante nada para conseguirem o que querem, e a não terem escrúpulos em empregar a violência para obterem o que necessitam. Muitas vezes parece fútil apelar às melhores naturezas das pessoas, que parecem virtualmente inexistentes em muitos casos. Na sua determinação cega de atingir os seus objetivos, são totalmente surdas à razão, aparentemente sem quaisquer remorsos de consciência e desprovidas de compaixão. É como se a centelha da divindade que gostamos de acreditar que cada ser humano contém se tivesse extinguido e não respondesse a qualquer esforço para a reacender. Numa palavra, é como se uma doença estivesse a corroer as suas próprias almas.

Enquanto a raça humana existir, está destinada a conter alguns elementos disruptivos, e haverá sempre os fanáticos, os aspirantes a ditadores, os destruidores gratuitos. Os amantes da paz devem ter rezado tanto ao céu pela paz que esses mesmos céus devem estar a reverberar interminavelmente com o clamor das suas petições. Deus não agita uma varinha mágica e transforma os de natureza violenta em criaturas pacíficas, disse Russell, e é evidentemente um edito do céu que nós próprios devemos construir a nossa própria paz. Reconheçamos que a natureza humana pouco ou nada muda e, tendo admitido isso, poderemos encontrar-nos numa melhor posição para negociar uns com os outros. Estaremos a lidar

realisticamente com a situação em vez de escaparmos para devaneios idealistas. Isto pode soar deprimente, mas a única forma eficaz de lidar com a natureza humana é encarar as suas fraquezas tanto quanto as suas forças.

Sabemos que há muito de nobre na natureza humana; sabemos que ela guarda dentro de si um impulso fundamental e prevalecente para se melhorar a si própria e ao que a rodeia; e este impulso deve triunfar em última análise. Mas o triunfo será alcançado apenas por esforços consistentes e unidos da parte da própria raça humana, e pela sua resposta ao Bem Criativo ou a Deus.

A secção seguinte é uma citação direta de Russell.

"Sou muito menos cínico do que era, embora continue à espera de ser convencido de muitas coisas. Contudo, continuo muito cínico no que diz respeito à natureza humana, talvez mais ainda porque agora consigo ver a sua pequenez em detalhes mais nítidos. Não lamento ter deixado o vosso mundo, pois embora me tenha dado uma medida generosa de sucesso e bens mundanos, dificilmente é o lugar para o idealista, que era o que eu era no fundo. No entanto, fornece muito material para o filósofo; é um pensamento triste que um mundo perfeito estivesse propenso a tornar a filosofia supérflua. Bernard Shaw observou-me um dia que um mundo perfeito também poderia tornar Deus supérfluo. 'Na verdade', disse ele, 'se Deus já não existisse, a maldade do Homem faria d'Ele uma necessidade virtual'."

"O Shaw tem o hábito de exprimir sucintamente em poucas palavras ideias que eu próprio descreveria de forma mais ponderosa e, provavelmente, mais ambígua. Aquela sua observação mordaz em particular fez mais para me convencer da existência de Deus do que muitos homens de igreja. Quão irónico que a maldade do Homem tenha desferido um golpe pela verdade que a bondade do Homem não conseguiu fazer, no que a mim pessoalmente diz respeito.

"Acredito em Deus agora? Muitas pessoas quererão saber a minha resposta. Sim, acredito agora sem equívocos e com uma compreensão intelectual positiva, que era e é a única proposição aceitável para mim. Vi Deus? Isso coloca a próxima pergunta inevitável. Não vi Deus nesse sentido. O olho não pode contemplar a glória do semblante de Deus! Vi Jesus? Desta vez posso responder afirmativamente. Vi este Homem que foi o representante de Deus na terra. Na sua presença sinto-me pavoroso, pois a sua pureza e compaixão inundam de tal modo o seu ser que sinto estar na presença de Deus. É um sentimento desconcertante para alguém que mede as coisas pelo intelecto.

"Poderão não acreditar que sou eu, Bertrand Arthur William Russell, quem diz estas coisas, e talvez não haja prova conclusiva que eu possa oferecer através deste meio algo restrito. Aqueles com ouvidos para ouvir poderão captar o eco da minha voz nas minhas frases, o tom da minha

língua na minha tautologia; aqueles que não desejam ouvir conjurarão, sem dúvida, toda uma tabela de truques para refutar a minha retórica retrospetiva.

"Chegará um tempo, já inaugurado nos assuntos humanos, em que a mente será capaz de alcançar a mente independentemente de meios materiais. Este processo de mente-a-mente será a chave para uma comunicação alargada com mentes desencarnadas. Sou capaz de contactar muitas mentes no vosso mundo, mas isto é feito sem o seu conhecimento porque as suas mentes não reconhecem a interpolação do pensamento, que interpretam mal como sendo seu. Regra geral, só é possível tocar em pensamento aqueles cujas mentes têm uma sintonia semelhante. Não precisam de temer estar todos a ser sujeitos a um bombardeamento contínuo de pensamentos de seres desencarnados (e encarnados) de todos os tipos; têm o vosso próprio comprimento de onda e só podem receber nessa frequência.

"Experiências supervisionadas pelos vossos atuais cientistas demonstrarão que um intercâmbio de pensamentos é uma ocorrência muito mais comum do que o previsto. Existe uma rede de ondas de pensamento, tal como existe uma rede de ondas de rádio, e as duas no vosso mundo estão intimamente entrelaçadas. Estão à beira de descobertas surpreendentes neste campo, e levará algum tempo para que o mundo se ajuste às revelações. A necessidade de uma abordagem sensata e equilibrada tornar-se-á rapidamente aparente, e os charlatães em cena poderão tirar partido da descoberta até que um sistema de deteção esteja suficientemente organizado para discriminar entre operações válidas e simuladas.

"Trabalhar com a Sra. Brown tem sido para mim uma experiência de comunicação interessante. Tenho podido observar que a 'linha' de comunicação transporta por vezes frases inteiras na sua totalidade, sem a perda de uma única sílaba. Outras vezes, as palavras foram mutiladas ou obliteradas por completo, sem culpa minha ou da recetora. Tanto ela como eu estivemos por vezes conscientes destas deficiências e esforçámo-nos por as corrigir. Ela teve muitas dúvidas sobre se registou certas palavras com precisão e questionou várias comigo. Tentar verificar comigo revelou-se útil, creio eu, mas não podemos garantir um manuscrito infalível ou o que ela disse que Tovey apelidou de uma 'prova à prova de tontos'."

"Procurei usar uma linguagem simples porque desejo ser inteligível para o maior número de pessoas possível e não me dirigir especificamente aos intelectuais. Os intelectuais consideram frequentemente ser sua prerrogativa exclusiva avaliar tudo e interpretar tudo. Espero que a população não se deixe dominar por esta secção pequena e muitas vezes circunscrita da sua comunidade. A população pode não ter adquirido a mesma perícia em lógica e argumentação que os seus homólogos

intelectuais, mas possui uma inteligência natural que é, frequentemente, perfeitamente capaz de alcançar a compreensão do abstruso. A inteligência não é monopólio dos ricos nem da aristocracia, o que é uma sorte para eles, pois se assim fosse, a estrutura da sociedade, que se baseia num sistema de trabalho, colapsaria rapidamente.

"Tomei muito do tempo e da energia da Sra. Brown e espero que os leitores sintam que valeu a pena. O mundo em que vivo agora é um mundo de ideias, mas é, no entanto, um mundo muito real. Existe, de facto, uma permanência neste mundo onde habito agora que contrasta fortemente com o mundo material, e este último parece bastante insubstancial a partir das minhas dimensões atuais. Certamente podem compreender que o vosso mundo é um mundo transitório onde tudo está sujeito à mudança e à decadência. É tão transitório, de facto, que seria de esperar que mais pessoas buscassem valores permanentes e a corrente da vida eterna.

"O mundo material é também um mundo de ideias — ideias que se expressam em termos de matéria ou substância material. Mas a matéria tem uma frequência relativamente muito lenta que responde apenas de uma forma rudimentar. Tem um efeito obstruidor sobre a mente e o espírito que entorpece a inteligência e sobrecarrega a alma. Através da luta pela libertação deste efeito obstruidor, a inteligência da Humanidade tornar-se-á mais poderosa e a sua alma elevar-se-á.

"Desejo mencionar outro assunto que poderia ser de alguma ajuda para muitos com o seu trabalho ou problemas. A Sra. Brown mal pôde acreditar em mim quando lhe chamei a atenção para o facto de que uma técnica mental que ela utiliza frequentemente era uma que eu também utilizava. Ela disse-me que, tanto quanto se recorda, deparou-se com esta técnica em criança. Tendo-se tornado consciente do facto de que a vida consiste em mais do que o aspeto material (através da sua natureza psíquica inata), ela percebeu que poderia extrair conhecimento de outros planos, de outros níveis de consciência.

À medida que crescia, desenvolveu o hábito de recorrer à 'Sabedoria Suprema' para orientação e esclarecimento. Se desejava ou precisava de saber que curso seguir em relação a alguma preocupação específica, ela (para usar as suas próprias palavras) 'contava a Deus e esperava pela resposta d'Ele'. Ela estava a usar a mesma técnica que eu usava, embora expressando-a em terminologia diferente. Eu tinha a prática de implantar os meus problemas, especialmente em ligação com o meu trabalho, na minha mente subconsciente, mantendo-os firmemente por algum tempo na minha mente consciente; deixava então o problema em gestação e, no devido tempo, o subconsciente dava à luz a solução. É um processo tão simples que qualquer pessoa o poderia adotar, embora exija uma grande dose de concentração e prática para o aperfeiçoar.

"A Sra. Brown descobriu que podia aplicar este processo a muitos campos, incluindo os psíquicos. Ao focar a sua atenção intensamente, conseguiu alcançar uma comunicação eficaz com vários músicos no meu mundo, sujeita, inevitavelmente, a variações no grau de sucesso. Ela sentava-se em profunda meditação, buscando esclarecimento, ou em contemplação de Deus aguardando inspiração divina, e isto preparava o canal para que ela extraísse a sabedoria oculta e alcançasse harmonia com seres inspirados ou com a própria fonte de inspiração.

"Eu sabia, mesmo durante a minha vida na terra, que estava de alguma forma a tocar as raízes de uma inteligência universal, mas isto implicava a existência de uma Inteligência Suprema que as pessoas classificariam como Deus. Como esta conceção me era algo insustentável, descartei-a e dei à minha mente subconsciente todo o crédito pelas soluções que recebia, as quais assumiam certamente a forma de revelações.

"É necessária a aplicação de uma certa dose de inteligência, como é óbvio, nesta prática de semear problemas no subconsciente e colher as soluções. Existem agora algumas escolas de psicologia que dão instrução nesta prática; algumas pessoas descobrirão que possuem um talento natural para o processo, mas outras poderão achar que o esforço exigido demanda demasiada exaustão se não estiverem habituadas à concentração mental.

"No mundo, as pessoas voltam a sua atenção quase exclusivamente para a mente consciente e ignoram as subcamadas da inteligência profunda latente no subconsciente. A mente consciente é como o topo de um icebergue; submersa abaixo da superfície, a maior parte da mente flutua invisível. A maioria das pessoas permanece na superfície toda a vida; poucas têm tempo ou inclinação para sondar as profundezas e elevar os tesouros que lá aguardam.

"Como observação de despedida, gostaria de dizer às pessoas que elas são feitas de forma muito mais terrível e maravilhosa do que suspeitam. São deuses em formação, mas a formação tem de ser obra delas próprias. A tragédia é que tão poucos a realizam."

Capítulo 18
O piano que tocava sozinho

e outros fenómenos

Para além da clarividência, da clariaudiência e de outros aspetos do "mediumismo mental", como tais dons são por vezes conhecidos, tem havido manifestações ocasionais de natureza mais física no campo psíquico. Talvez seja pena que tais manifestações não sejam mais comuns, para que um maior número de pessoas pudesse experienciar atividades psíquicas que elas próprias pudessem ver ou ouvir. Por outro lado, tais ocorrências poderiam revelar-se um pouco arrepiantes para os não iniciados.

Todos já ouvimos falar de assombrações em vários locais, e existem histórias de edifícios famosos e antigos que estão positivamente infestados de fantasmas. A investigação levada a cabo por organismos como o *Ghost Club* acumulou tantos registos de tais assombrações que, a menos que sejamos totalmente ilógicos ou tenhamos demasiado medo de acreditar nestas coisas, temos de reconhecer que elas acontecem, embora possamos não as compreender.

Eu própria acredito que muitas destas assombrações são ecos psíquicos de coisas que aconteceram há muito tempo, coisas que foram tão carregadas de tragédia ou terror que deixaram uma impressão vívida no ambiente. Não creio que se devam sempre à presença de um espírito ativo, mas sim a uma "reprodução", para usar um termo moderno, de atos que aconteceram no passado. Pode não ser fácil determinar quais são ecos do passado e quais são as atividades de uma presença fantasmagórica. A investigação poderá eventualmente revelar como podemos distinguir entre as duas.

Ocasionalmente, eu própria testemunhei o movimento de objetos terrenos ou ouvi com os meus próprios ouvidos sons que claramente não eram explicáveis pelo que chamamos "causas naturais". Não estou particularmente interessada em tais manifestações — o que é talvez a razão pela qual não ocorrem com muita frequência na minha presença — e costumo descartá-las como sendo levemente interessantes, mas sem propósito.

Uma destas manifestações ocorreu quando eu estava na adolescência e mantinha uma discussão com uma amiga de escola sobre religião. Esta minha amiga tinha sido educada num convento católico romano, um local onde o medo de Deus, do Diabo e do fogo do Inferno tinha sido incutido profundamente na mente da pobre rapariga. Ela era um farrapo humano porque estava demasiado consciente — como qualquer pessoa honesta — das suas falhas, e vivia em pânico constante do fogo do Inferno que estava

convencida que a esperaria após a morte. Era também vítima de um pai sádico que se embriagava regularmente e lhe batia impiedosamente com uma cana sob o mais leve pretexto. Pergunto-me muitas vezes o que terá sido feito dela. Perdemos o contacto durante a guerra, da mesma forma que muitas pessoas perderam o contacto com amigos ou familiares devido à interrupção das comunicações e à destruição e convulsão geral.

Tentei dar-lhe alguma paz de espírito e atenuar parte do mal causado pelo ensino a que tinha sido submetida. Ela perguntou-me se eu acreditava noutra vida, e eu respondi que não só acreditava, como tinha a certeza, porque tinha visto o meu próprio irmão e conversado com ele depois de ele ter morrido. Disse-lhe que ele me tinha assegurado, desde a sua partida, que Deus é um Ser de Amor Infinito, e não a divindade vingativa e punitiva que por vezes nos é apresentada erradamente.

A minha amiga sentou-se ao meu lado no sofá em frente à lareira. Olhou fixamente para o fogo e disse como era terrível pensar que um dia seria lançada no fogo, o fogo eterno.

"Disparate!", exclamei, "Tens de tirar essa ideia da cabeça. Não é verdade. Deus não faria uma coisa dessas; se fizesse, não seria um Deus de Amor, Misericórdia e Compaixão. Deus ama-te. Ele ama-nos a todos, embora não sejamos perfeitos."

"Oh! Quem me dera poder acreditar que Deus me ama", gritou a minha amiga, retorcendo as mãos em desespero, "Quem me dera que o teu irmão me pudesse dar algum sinal para me mostrar que não irei para o inferno quando morrer."

Fiquei horrorizada ao ver tais danos numa mente jovem e sensível causados por pregações equivocadas. Parecia que a minha amiga passaria a vida atormentada pelo medo que lhe tinha sido imposto. Silenciosamente, rezei para que ela fosse ajudada e para que compreendesse a grande profundidade do amor terno e envolvente de Deus.

De repente, fomos ambas sobressaltadas por um som de batidas fortes vindas da prateleira da lareira. Olhámos para cima e observámos hipnotizadas enquanto uma jarra grande e pesada, que estava no centro da prateleira, se movia para trás e para a frente, batendo no espelho que estava atrás dela. Bateu no espelho três vezes ao todo, regressou depois à sua posição central e ficou imóvel. Por um momento, eu e a minha amiga ficámos em silêncio, sem palavras perante este estranho acontecimento. Então a minha amiga explodiu subitamente:

"Foi um sinal! Foi o sinal pelo qual eu tinha rezado, o sinal da Santíssima Trindade. Não vês, a jarra bateu três vezes, o número da

Trindade. Eu estava a rezar ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo por ajuda, e essa foi a resposta à minha prece."

Caiu de joelhos, chorando baixinho e gaguejando: "Louvado seja Deus. Ele ouviu-me... Ele respondeu-me."

Teria sido o meu irmão em espírito, a bater com a jarra contra o espelho? Estaria ele ciente da angústia dela, da sua premente necessidade de conforto, e teria causado a manifestação para a consolar? Teria sido uma intervenção divina em resposta às suas preces desesperadas? Fosse o que fosse, ou quem quer que tenha produzido o fenómeno, foi certamente miraculoso no efeito que teve na minha amiga. De uma pessoa trémula e medrosa, transformou-se numa jovem radiante e autoconfiante, segura do cuidado amoroso de Deus por ela.

Pergunto-me por vezes onde estará ela agora. Se alguma vez ler isto, gostaria de lhe dizer que conservo essa jarra até hoje e, sempre que olho para ela, lembro-me do "Sinal do Céu" que a libertou do seu fardo de medo. O nome dela era Mary McGowan, vivia em Streatham e andava na minha escola. Suponho que se tenha casado jovem — era uma rapariga bonita — e espero que tenha tido uma vida feliz.

Devo dizer que aquela jarra nunca mais se comportou assim! Mas possuíamos um objeto que muitas vezes se comportava de forma estranha. Tratava-se do velho piano recondicionado que consegui adquirir vários anos após a Guerra. Começou a fazer as suas habilidades no tempo da minha Mãe. Estávamos as duas sentadas calmamente, a tomar o chá da tarde em plena luz do dia, falando de pequenos assuntos quotidianos, quando o piano decidia subitamente tocar!

A tampa sobre o teclado era frequentemente deixada aberta, pois a minha Mãe tinha a teoria de que era melhor para o piano, mantendo-o "arejado" de alguma forma. Sentávamo-nos a observar as notas do teclado a subir e a descer como se estivessem a ser premidas por dedos invisíveis. Liszt disse-me em anos posteriores que ele era o responsável, pois estava a tentar atrair a minha atenção.

Alguns anos depois de a minha Mãe ter falecido, e também o meu marido, a minha filha, então com cerca de dezassete anos, não conseguia dormir numa noite. Contou-me na manhã seguinte que decidiu levantar-se e fazer um chá. O irmão dela e eu estávamos profundamente adormecidos nos respetivos quartos. Ela preparou o chá e estava a bebê-lo na cozinha, nas traseiras da casa, com o nosso cão e o gato ao lado dela, quando ouviu vários acordes a serem tocados com bastante força no piano, que estava numa sala na parte da frente da casa.

Pensando que eu tinha descido do meu quarto e começado a tocar, foi à sala perguntar-me se eu queria uma chávena de chá — e a sala estava vazia! Descobriu que eu ainda estava a dormir na cama, dois lanços de escadas acima, na parte da frente da casa. Raciocinámos que, se um rato tivesse sido o responsável, poderia ter feito possivelmente algum som ligeiro... embora duvide que o peso de um rato pudesse produzir sequer uma nota *pianissimo*! Mas um rato certamente não conseguiria tocar acordes com força... a menos que fosse um rato muito musical e poderoso!! Presumimos que Liszt fosse o intérprete.

Esta história teve uma sequência notável. Quando me mudei da grande casa antiga que era a herança de família, tive de ir para uma residência muito mais pequena. Por esta altura, um benfeitor bondoso e generoso tinha-me presenteado com um piano vertical novo e pequeno, e mal havia espaço para este na minha nova casa, quanto mais para o velho piano recondicionado. Fui obrigada a desfazer-me do piano velho, e este tornou-se propriedade de uma amiga minha com uma casa espaçosa de três andares. O piano estava instalado na casa dela há cerca de seis meses quando deu motivo para alarme.

A minha amiga tinha um inquilino na sua casa, um jovem que é católico romano, e ele foi a testemunha, neste caso, da atividade do "piano assombrado".

Uma noite, quando não conseguia dormir, ouviu o "pianista fantasmagórico" em ação. Um acorde, não apenas uma nota isolada, foi tocado de forma clara e distinta, mas todos os outros na casa estavam na cama a dormir. Ele disse que ficou tão assustado que quase saiu a correr de casa, mas como era meio da noite, pensou melhor, especialmente porque receava acordar o resto da família do seu sono. A minha amiga relatou-me o incidente alguns dias depois, quando nos encontrámos, e disse que tinham provocado o inquilino dizendo que ele devia ter ingerido demasiado espírito do tipo alcoólico. Ele negou categoricamente que tivesse bebido o que quer que fosse e disse que sabia que não tinha imaginado aquilo, pois não é dado a voos de imaginação.

Ele não sabia na altura, nem a minha amiga, que o piano tinha adquirido o hábito de tocar sozinho — ou de ser tocado por dedos fantasmagóricos. Eu não fiz qualquer menção ao fenómeno quando o piano mudou de mãos, pois tinha a impressão de que o tocar fantasmagórico apenas ocorria na minha antiga casa. Não esperava que o pianista fantasmagórico fosse transferido juntamente com o pianoforte!

Uma vez que tais ocorrências não transmitem qualquer mensagem, ou qualquer mensagem inteligível, por via de regra, o meu próprio interesse

nelas não é muito profundo. Prefiro uma comunicação que seja de tal natureza que forneça uma indicação definida do comunicador, e uma mensagem que valha a pena. De qualquer forma, a experiência com a jarra tinha certamente cumprido um propósito valioso sem que a minha amiga ou eu soubéssemos exatamente quem ou o quê era responsável pela manifestação.

Houve uma vez uma manifestação psíquica num Centro de Televisão que foi vista por várias pessoas. Isto ocorreu em Birmingham, nos Estúdios da *Associated Television*, enquanto eu lá estava para participar num programa produzido por Wendy Cooper em maio de 1971. Wendy escreveu um artigo sobre este evento no *Birmingham Post*, e foi publicado na secção *Saturday Magazine*. Ela contou toda a história da entrevista e mencionou o fenómeno visível sob o subtítulo: *A capa moveu-se*.

A capa em questão era a capa do meu livro, *Unfinished Symphonies*. Wendy tinha obtido uma cópia do livro para analisar antes de se encontrar comigo. Foi a primeira vez que eu própria vi a capa ilustrada do livro e, depois de eu a ter olhado, Wendy colocou-a no banco do piano e afastámo-nos do banco para nos sentarmos e conversarmos em duas cadeiras enquanto esperávamos que o cenário fosse preparado para a transmissão. No relato publicado pela própria Wendy, ela escreveu:

"No passado, fui certamente um pouco cética no que diz respeito ao sobrenatural, e nenhum dos médiuns ou clarividentes que conheci e entrevistei fez nada para me fazer mudar de ideias.

Rosemary Brown fê-lo — ou, pelo menos, forçou a minha mente a abrir-se para o facto de que há algo na sua história e na sua música que desafia qualquer explicação racional.

Todo este assunto é extraordinário, e torna-se ainda mais por estar a acontecer a uma mulher aparentemente tão comum. Ali estava ela sentada, de meia-idade, de classe média, de Balham, explicando-me simplesmente que Liszt estava ali connosco, e que ia sempre com ela a concertos ou programas de televisão relacionados com a sua música.

Ocasionalmente, ela fazia-lhe perguntas e dava-nos as suas respostas. A certa altura, Liszt pegou efetivamente e moveu a capa ilustrada do seu livro."

A ênfase é minha. Parecia extraordinário que Liszt fosse capaz de demonstrar tal fenómeno num estúdio de televisão movimentado, cheio de técnicos e aparelhos.

A minha mãe e eu testemunhámos frequentemente um fenómeno invulgar na nossa antiga casa em Balham. No patamar, havia uma fila de ganchos, cerca de meia dúzia, nos quais costumávamos pendurar os nossos

casacos. Quando nos apercebemos pela primeira vez deste fenómeno, éramos apenas três a viver na casa. O meu irmão do meio tinha falecido e o meu irmão mais velho tinha casado e mudado de casa. Restavam apenas os meus pais e eu.

Pendurávamos os nossos casacos pelas alças destinadas a esse fim, simplesmente fazendo passar cada alça por um gancho. Quando voltávamos para ir buscar os casacos, encontrávamos as alças enroladas vezes sem conta, de forma tão apertada que tínhamos dificuldade em tirar os casacos dos ganchos! Isto acontecia repetidamente, e a minha mãe encarava-o como uma espécie de brincadeira por parte de algum espírito. Ou então dizia: "Ah! as fadas andaram outra vez com as suas tropelias."

Até tentámos enrolar os nossos casacos nos ganchos da mesma forma, mas descobrimos que era completamente impossível. Não havia obviamente forma de uma agência humana conseguir fazer com que aquelas alças ficassem torcidas em tantas espirais apertadas.

Este fenómeno em particular era tanto mais fascinante quanto costumava seguir-nos para onde quer que fôssemos. Encontrávamos os nossos casacos com as alças torcidas em inúmeras espirais nas casas de outras pessoas que visitávamos, para grande mistificação dos nossos anfitriões. Uma vez, depois de o meu Pai ter falecido, a minha Mãe e eu conseguimos juntar dinheiro suficiente para pagar uma semana de férias em Christchurch, onde ficámos numa pequena pensão. Para economizar, partilhámos um quarto duplo. Pendurámos os nossos casacos nos ganchos da porta.

Como seria de esperar, a mesma coisa aconteceu ali, e a minha Mãe disse: "As fadas vieram connosco."

Eu costumava dormir sempre mal na primeira noite numa cama estranha e, por isso, passei as horas sem dormir após a nossa chegada a Christchurch. Não havia ninguém naquele quarto senão a minha Mãe e eu; no entanto, durante a noite, as alças dos casacos foram de tal forma torcidas que tivemos de quebrar uma das alças de um casaco para o remover do gancho. A minha Mãe tinha dormido profundamente durante a noite, alheia ao que estava a acontecer, e embora eu tivesse sentido uma presença no quarto, não tinha visto nada de invulgar — embora na escuridão consiga ver clarividentemente com a mesma clareza ou, por vezes, ainda mais.

Desde que a minha Mãe faleceu, este fenómeno cessou. De alguma forma, estava aparentemente ligado a ela, porque a seguia de lugar para lugar. Cheguei à conclusão de que poderia ter sido causado por alguém em espírito que estivesse ligado a ela, tentando atrair a sua atenção. Após a sua transição para o Mundo Espiritual, suponho que já não fosse necessário

para a pessoa responsável pelo fenómeno entregar-se ao enrolar das alças! Talvez a pessoa em questão tenha conseguido contactar a minha Mãe no Mundo Espiritual e revelar-lhe a sua identidade.

É de estranhar que não existam mais casos de fenómenos que possam ser vistos ou ouvidos pelas pessoas em geral. Certamente que uma grande dose de ceticismo seria severamente posta à prova se tais acontecimentos fossem comuns! Mas Liszt disse que a maioria dos espíritos evita tais atividades porque não nos querem assustar a nós, "mortais", e eles compreendem que muitos de nós ficariam moribundos de medo perante manifestações psíquicas. Fomos submetidos a uma forte lavagem cerebral ao longo dos séculos para termos medo de tais fenómenos.

Foram feitas tentativas, e continuam a ser feitas por algumas pessoas ou organizações, para nos isolar do Mundo do Espírito. Não podemos ser isolados, claro, uma vez que o espírito tudo permeia e transcende a matéria; mas nós, neste mundo, obstruímos os esforços para realizar uma abertura devido aos nossos medos, superstições e preconceitos.

É muito difícil para o espírito manifestar-se onde um ambiente de antagonismo os confronta. Na verdade, é muito provável que muitos espíritos que se prezam não se deem ao trabalho de se esforçar para aparecer sob tais circunstâncias. Mesmo neste mundo, dificilmente nos inclinamos a visitar aqueles que nos tratam como convidados indesejados!

Se nos sentimos malvindos, costumamos manter-nos afastados, e sem dúvida que isto se aplica com igual força aos habitantes de outros planos.

É o amor que supera as barreiras do tempo, do espaço e da morte. É a força mais poderosa de todas e, à medida que as pessoas se tornam mais amorosas (não no sentido sentimental ou sexual, mas no verdadeiro significado da palavra "amor"), talvez o fosso entre a matéria e o espírito seja atravessado de forma cada vez mais completa. O amor é uma força dinâmica, uma fonte de energia que pode ser usada para construir linhas de comunicação; é o amor que pode unir o mundo em paz e harmonia, e é a escassez de amor que ameaça destruir o mundo e aqueles que nele vivem.

O amor neste sentido significa simplesmente importar-se com as outras pessoas. É o amor que Jesus tentou ensinar-nos para nos salvar de nós próprios e uns dos outros. Só através do cuidado com as outras pessoas e outras nações podemos esperar construir qualquer tipo de aliança mundial que nos possa livrar das guerras e da destruição da vida e da propriedade. Só através do cuidado podemos fomentar o comércio mundial e a assistência mútua. E torna-se cada vez mais evidente que as nações e os povos precisam uns dos outros para sobreviver e prosperar.

Quando tivermos estabelecido a paz mundial e aprendido a trabalhar para os outros tanto quanto para nós próprios, quando tivermos evoluído para seres pacíficos que irradiam boa vontade, talvez as condições sejam mais favoráveis para que os grandes Mundos do Espírito se fundam connosco em harmonia e entreajuda. A nossa própria dureza deve repelir as grandes almas nos reinos "superiores"; as nossas vibrações discordantes devem certamente ter um efeito devastador sobre as suas naturezas pacíficas.

Não é de admirar, afinal, que ouçamos pouco desses outros planos de vida. O mundo é como um campo de batalha, constantemente dilacerado por conflitos, desentendimentos, intolerância e todos os males causados por seres humanos que se opõem uns aos outros, se atacam uns aos outros, se demolem uns aos outros. Desejariam os anjos caminhar entre tais pessoas? Entre pessoas que rejeitam Deus e negam aos outros o direito de viver em paz? Deve ser quase impossível para aqueles que pertencem aos Reinos Celestiais penetrar as nossas densas vibrações e causar qualquer impressão nas nossas naturezas indiferentes.

Há muitos no mundo que são pessoas de bem, que temem a Deus; mas há também muitos que são cruéis e sem Deus. Nações continuam divididas contra nações, e pessoas divididas contra si mesmas. Existe tanto antagonismo, mesmo entre diferentes grupos religiosos que todos professam acreditar em Deus, que a atmosfera psíquica que rodeia o nosso planeta deve estar eriçada de hostilidade e discórdia, o que deve continuamente ricochetear sobre nós.

Se queremos comungar com os santos e os sábios, temos de nos tornar amantes da paz; se queremos caminhar com anjos, temos de acertar o passo com eles; se queremos ouvir a voz mansa e delicada do alto, temos de estar quietos e escutar. Muitos, atualmente, não querem comungar com os pacíficos, não querem caminhar nos caminhos da paz, não querem ser guiados pela Sabedoria Cósmica: a perda é deles, pois ao serem belicosos negam a si próprios a paz e, ao fecharem os ouvidos à voz da Sabedoria, lançam-se vertiginosamente por caminhos de destruição.

Passamos por tempos de crise e o mundo inteiro foi apanhado num turbilhão de convulsão económica. Ao mesmo tempo, muitíssimas pessoas ficaram desiludidas com as religiões ortodoxas e necessitam de uma nova visão que lhes dê esperança e inspiração para trabalharem no sentido de melhorar o nosso mundo. Talvez este seja o momento em que almas avançadas e seres iluminados de outras esferas sentem a urgência de tentar chegar até nós e de tentar tocar a nossa consciência. Se assim se sentem,

podemos ter a certeza de que farão todos os esforços para nos contactar, direta ou indiretamente.

Espero que este livro ajude o seu trabalho, ajude a reacender a luz da inspiração nas nossas mentes e a compaixão nos nossos corações. Precisamos que a inteligência divina seja despertada dentro de nós para nos guiar através destes tempos sombrios e conturbados.

CAPÍTULO 19
A mensagem de Liszt para o mundo

Estou certa de que os compositores apreciam o amor genuíno e a afeição que muitas pessoas — de ambos os sexos — sentem por eles. Eles indicaram que, por vezes, ficam muito comovidos com a lembrança que o mundo tem deles e que se sentem honrados quando a sua música é interpretada e aplaudida.

Estamos muito obcecados com o sexo no nosso mundo de hoje, e deve ser difícil para as pessoas compreenderem a ideia de que o sexo é apenas um aspeto de uma alma. Eu própria passei a considerar as pessoas não tanto como homens e mulheres, mas como almas encarnadas numa forma masculina ou numa forma feminina. Quando se pensa quão pequena é a diferença entre bebés do sexo feminino e masculino no seu comportamento e reações, e quão pequena é a diferença, de igual modo, entre mulheres e homens idosos, pode ver-se mais facilmente a semelhança fundamental. Durante os anos entre a infância e a velhice, quando as características físicas tomam conta da alma, a manifestação exterior é tão predominante que somos inevitavelmente confrontados com uma divisão nítida.

Liszt, para mim, é uma alma, uma alma devota de qualidades nobres. Penso nele não como um homem — essa foi apenas a sua manifestação terrena — mas como um espírito. E o mesmo se aplica aos outros compositores e outros espíritos. Os assuntos mundanos, é evidente, já não preocupam as almas daqueles que são de natureza espiritual. Os que estão presos à terra podem ainda tentar ligar-se a objetos ou ambientes terrenos, mas acabarão por descobrir que isso é inútil e voltarão a sua atenção para temas mais elevados.

Perguntei uma vez a Liszt se o preocupava o facto de ser rotulado como um mulherengo. Ele respondeu que isso já não o inquieta e que, sendo verdade que ele era assim, não tem o direito de se queixar.

"Ganhei má fama em certos aspetos", disse ele, "E receio que a mereci. Mas quantas pessoas no mundo são melhores do que eu fui? As

pessoas estão tão prontas a apontar o dedo do desprezo e a esquecer os seus próprios pecados."

Disse que não importa realmente o que as pessoas pensam dele, desde que a sua música enriqueça o mundo e dê prazer ou, melhor ainda, tenha um efeito elevador. "O somatório da vida de cada um é o verdadeiro teste. Espero que o mundo seja mais rico por eu ter vivido nele, apesar das minhas muitas pequenas faltas."

Fala sempre com uma sinceridade tranquila que certamente desarmaria os difamadores deste mundo. Chopin fez muitas conquistas românticas, mas enquanto Liszt confessa que costumava vangloriar-se das suas conquistas pessoais, Chopin era mais discreto em relação às suas. Disseram uma vez: "Os homens são homens, e as mulheres adoram ser amadas: se tivéssemos sido imunes aos seus encantos, ter-nos-íamos certamente tornado grandes chatos, preocupados connosco próprios e falhando pouco cavalheirescamente em prestar tributo à sua beleza e valor."

Talvez haja algo de verdade no que disseram, ou talvez estivessem apenas a dar desculpas para si próprios!

Passando agora ao lado sério da natureza de Liszt — o verdadeiro Liszt. Perguntei-lhe se ele gostaria que eu transmitisse uma mensagem sua ao mundo. Ficou muito pensativo e disse: "A mensagem que eu daria ao mundo é muito simples, contudo considero-a uma mensagem da maior importância. Exortaria as pessoas a fazerem duas coisas que qualquer mestre religioso de discernimento e sinceridade ensinaria. Primeiro, procurem a verdade e nunca deixem de a procurar, mesmo quando pensarem que a encontraram. Segundo, promovam o bem-estar e a felicidade dos outros com todo o vosso poder. Desta forma, as pessoas estarão a preparar as suas almas para a Vida Além e a tornar o mundo um lugar melhor. Todos anseiam, no seu coração, pela felicidade, mas muito poucos estão dispostos a fazer algo para a criar. Como pode esperar receber aquilo que não está disposto a dar aos outros? A regra simples da vida é que se colhe o que se semeia; isto pode não ser muito óbvio no vosso mundo, uma vez que pessoas desorientadas derrotam a Lei Cósmica ao quebrá-la e ao lançá-la no caos, mas, mais cedo ou mais tarde, a Lei, que é inexorável, ajusta a balança e faz justiça. Portanto, compensa às pessoas cumprirem a Lei Cósmica para o seu próprio bem."

Uma mensagem simples, talvez, mas, não obstante, palavras muito solenes para um mundo cheio de pessoas egoístas, com apenas uma minoria disposta a trabalhar para o bem do todo. É a luta pela sobrevivência que, sem dúvida, torna as pessoas insensíveis e gananciosas; por outras palavras, são motivadas por uma falta de segurança. Mas Liszt

pode ter razão: o único caminho para a segurança é através da promoção do bem-estar comum e da felicidade universal. Se as pessoas pudessem ver que esta promoção as beneficiaria tanto a si próprias como aos outros, e ajudaria a ancorar a sua própria segurança, estariam provavelmente mais prontas a fomentá-la.

No que respeita à "verdade", Liszt disse que ela não tem limites e que é a humanidade que tenta estabelecer-lhes fronteiras. Podemos vislumbrar, diz ele, um raio da verdade e pensar que a vimos toda. E cada um de nós pensa que o seu raio de verdade é o único ou o correto — isto é, a menos que sejamos pessoas realmente iluminadas!

Poderíamos concluir que Liszt não disse nada de novo. Talvez não haja nada de novo a dizer. Mas é positivo que precisemos de ser lembrados, ou de nos lembrarmos a nós próprios, de certas verdades espirituais elementares que são tão fáceis de esquecer na azáfama da existência contemporânea. Como ele diz, podemos desdenhar da Lei Cósmica — não o fazemos todos por vezes? — mas inevitavelmente ela apanhar-nos-á. E creio que ele pretende que isto seja aplicado a uma escala nacional e internacional. Não é tão fácil encontrar formas e meios de sermos bons vizinhos para outras nações, mas há esforços crescentes por parte de muitos grupos, tanto oficiais como não oficiais. A sobrevivência mundial pode depender destes esforços. Como acrescenta Shaw: "É fácil para um homem ser um bom vizinho quando a sua barriga está cheia e o seu celeiro a transbordar; mas os famintos clamarão às suas portas se também não forem alimentados."

Liszt disse que sabe quão ansiosas muitas pessoas estão quanto ao que se segue à sua partida física. Naturalmente, perguntam-se onde se encontrarão, em que tipo de estado e como se adaptarão à sua nova vida. Já nos foi dito que estamos a construir o nosso próprio futuro em cada momento das nossas vidas e que herdaremos no Próximo Mundo o que construímos enquanto aqui estivemos. Como esse mundo é um mundo de ideias, embora um mundo muito real, descobriremos que as nossas esperanças, desejos e, acima de tudo, as nossas expetativas, fornecem a maioria das condições para a nossa nova vida. Esperanças, desejos e expetativas são, afinal, ideias, e se nós próprios criámos condições favoráveis à sua realização, experimentaremos a concretização dessas ideias.

Por exemplo, aqueles que desejam fervorosamente ou esperam ver Jesus serão atraídos para ele pelo poder propulsor do seu próprio impulso mais íntimo. Gravita-se na Próxima Vida naturalmente e sem esforço em direção àqueles que amamos, e vamos para onde as nossas inclinações nos

guiam. Neste nosso mundo atual, somos muitas vezes incapazes de estar com ou ver aqueles que amamos devido a certas circunstâncias; no Próximo Mundo, estamos livres da interferência de obstáculos materiais e, por isso, reunimo-nos com os nossos entes queridos. Neste mundo, muitas vezes temos de viver num ambiente que achamos desagradável; no próximo, já não estamos limitados por considerações materiais e podemos escolher um ambiente que nos seja congénito.

O Próximo Mundo ou Plano é, de facto, para a maioria das pessoas, uma espécie de paraíso, de acordo com Liszt e outros espíritos. Mas, repetidamente, enfatizam que é um paraíso no qual entramos apenas se tivermos o espírito certo, isto é, um espírito que esteja imbuído de motivos corretos. Podemos ter muitas falhas, mas se tentarmos fazer o nosso melhor, descobriremos que a porta para esse paraíso está aberta. É a primeira morada para a maioria das pessoas, mas existem muitos planos e lugares, adequados para cada tipo de espírito — muitas mansões. À medida que evoluímos, podemos progredir de um plano para outro até alcançarmos o mais elevado e habitarmos na Presença do Criador.

Existem alguns que, pelas suas próprias ações, se excluíram do paraíso. Mas uma mudança de coração e uma tentativa sincera de melhorar levarão, com o tempo, a esse paraíso. Como Liszt o exprime: "Deus nunca afasta ninguém que se arrependa verdadeiramente." Como é que as pessoas viajam ou se deslocam no Além? Uma pergunta que é frequentemente colocada. Todos sabemos o que é estar com alguém em pensamento, ou estar num lugar mas estar longe nos nossos pensamentos.

Na Próxima Vida, quando desejamos estar com alguém, o nosso próprio pensamento coloca-nos ao lado dessa pessoa; quando desejamos estar num determinado lugar, mantemo-lo nos nossos pensamentos e encontramo-nos transferidos para esse lugar. O movimento necessita de energia, e a energia é fornecida pela força do pensamento ou do desejo. O movimento é, portanto, um transporte pelo pensamento. Os pensamentos são asas.

Precisamos de sustento no mundo do além, é ainda outra pergunta frequente. Não há, naturalmente, necessidade de sustento físico, pois o mundo físico foi deixado para trás juntamente com o corpo físico. No entanto, há uma grande necessidade de sustento espiritual, uma necessidade que é sentida por muitos ainda no mundo material, mas por muitos mais no Mundo do Espírito, porque é um mundo onde o Espírito predomina.

Pode-se descansar no Próximo Mundo se se sentir necessidade, e as almas recém-chegadas precisam muitas vezes de descansar e recuperar das suas vidas terrenas, especialmente quando terminaram devido a problemas

de saúde prolongados ou que causaram muito sofrimento; em tais casos, o espírito foi testado até ao limite pelo sofrimento e é necessário um período de restauração. Mas não há descanso forçado e a maioria das almas deseja envolver-se em algum tipo de atividade, porque o descanso contínuo costuma revelar-se aborrecido.

Que tipos de atividade estão disponíveis? Essa é a pergunta seguinte. Há uma variedade infinita de atividades disponíveis nos campos das artes, das ciências que dizem respeito ao Além — ou das ciências que estão relacionadas com o mundo material, se se desejar estudá-las; há oportunidade de estudar ou criar em todos os ramos da literatura, música, dança, pintura, escultura, e assim por diante. A vida no Próximo Mundo não é um estado de solenidade ininterrupta, mas um lugar de alegria e riso, onde muitos tipos de recreações dignas podem ser seguidos. Há também ampla oportunidade de serviço aos outros, tanto entre os habitantes do Além como entre os que ainda estão na terra.

As pessoas perguntam-se — se acreditam noutra vida — que tipo de ambiente encontrarão lá. Aqueles que habitam em espírito dizem-nos que existem lá belas paisagens e jardins, cascatas e lagos tranquilos, grandes árvores e muitas flores encantadoras; a diferença em relação à terra reside nas cores mais ricas que brilham com vida e na gama muito maior de vida vegetal e arbórea. Existem também edifícios de muitos tipos para vários fins, e as pessoas têm a sua própria casa ou lugar que é criado para elas de acordo com o que a sua vida na terra tornou possível, ou que os seus próprios pensamentos construíram, por assim dizer. É estranho como tantas pessoas parecem pensar que não haverá lugar para todos os milhões e milhões de almas da terra — mas no Além não existem fronteiras terrenas, nem limitações geográficas, nem falta de espaço! As pessoas tendem a pensar em termos das nossas dimensões, o que é compreensível, uma vez que essas são as únicas dimensões que conhecem.

No Além, somos atraídos para aqueles com quem temos afinidades, e estes não precisam de ser membros da nossa própria família nem mesmo pessoas que tenhamos conhecido na terra. Uma vez que o Além é uma esfera onde o espírito é todo-poderoso, as almas já não são governadas pelas leis da matéria, mas pelas leis do espírito. Não existem barreiras materiais para manter as pessoas afastadas, apenas barreiras de compreensão ou, melhor, a falta dela.

As pessoas mantêm os seus preconceitos, os seus juízos e as suas atitudes dogmáticas durante algum tempo, até começarem a ver mais luz. Aqueles que ficam mais desconcertados na Próxima Vida são os que acreditavam que apenas às pessoas que aderiam à sua crença particular era

concedida a Vida Eterna; encontram pessoas que não tinham as mesmas crenças e que, no entanto, atingiram manifestamente o Mundo Espiritual. Têm de passar por um ajuste de perspetiva que pode ser difícil se as suas ideias falsas estiverem fortemente enraizadas.

Passar para o estágio seguinte da Vida, deseja afirmar Liszt, não é o mesmo que passar diretamente para a Esfera Mais Alta ou para o plano que a maioria das pessoas chamaria de Céu. Não somos muitos os que estão prontos para esse Lugar Alto quando partimos pela primeira vez, e pode levar bastante tempo até estarmos plenamente qualificados. Mesmo quando estamos aptos para o Céu nesse sentido mais elevado, alguns renunciam ao seu direito de entrar, escolhendo antes sacrificar o seu passaporte para a Bem-aventurança Eterna para poderem, em vez disso, ajudar aqueles que ainda não atingiram o nível necessário. Possivelmente o próprio Liszt está entre esse número, embora duvide que ele o admitisse. Ele é, pelo que descobri, em muitos aspetos uma alma muito modesta, uma alma de grande humildade, apesar da imagem popular dele como uma personalidade bombástica.

Nenhum de nós pode realmente dizer, à exceção de uma ou duas exceções, informa-nos ele, quão longe nos encontraremos no Caminho da Iluminação ou na Via do Desdobramento ou Progresso Espiritual. Alguns, diz ele, encontrar-se-ão muito mais adiantados no Caminho do que sonharam; outros, que se consideravam muito à frente dos seus semelhantes, podem ver-se a ficar para trás.

Nas suas próprias palavras: "Compete ao homem caminhar com humildade, não sabendo quando chegará a sua hora, ou como se apresentará perante a Luz do Julgamento."

Muitas vezes acontece que o menor é o maior, e o maior o menor. Os nossos padrões são tão deste mundo, com o sucesso mundano ou a estima popular como medida do valor ou importância de uma pessoa; mas nesse Outro Mundo, a estatura de uma pessoa é medida pelo seu valor integral, afirma Liszt. Assim, o varredor de ruas pode revelar-se um santo, e o nobre do reino um canalha impenitente; o simplório pode provar ser um anjo, e o intelectual nada mais que um demónio; o camponês analfabeto pode revelar-se uma alma de verdadeiro refinamento, e o pedante arrogante apenas um intruso vulgar.

Por baixo do verniz, ou da falta dele, jaz a verdadeira alma, o eu secreto de cada pessoa. É este eu real que coloca cada alma automaticamente no seu verdadeiro cenário.

Liszt não pretende insinuar que somos todos hipócritas ou sepulcros caiados, mas diz que julgamos demasiadas vezes pela aparência, vendo

apenas essa máscara exterior que a vida e nós próprios nos demos. Existem riquezas ocultas, diz ele, em cada pessoa, que na sua maior parte são deixadas enterradas. Milhões de almas nunca têm oportunidade de desenvolver as suas personalidades ou cultivar os seus talentos; este facto por si só, diz ele, deveria fazer-nos perceber a necessidade de outra Vida na qual nos desenvolvermos.

A semente, o embrião, é colocada neste mundo e abre caminho através da matéria, metaforicamente falando, emergindo finalmente no Mundo do Espírito. Enquanto a semente está enterrada na terra, não pode saber como é o mundo acima nem suspeitar que ele existe. Se lhe falassem sobre isso, muito provavelmente não acreditaria que tal lugar pudesse existir. Completamente obstruída pela terra e isolada do ar, pareceria que aquilo era tudo o que existia. Quão semelhante é a situação no caso da vida humana, encerrada no veículo físico num mundo físico e incapaz, talvez, de imaginar qualquer outro tipo de ambiente ou um mundo espiritual.

É muito difícil para algumas pessoas imaginarem um local de habitação não material. Para muitas pessoas, a única realidade é composta por coisas que podem ser detetadas pelos cinco sentidos do corpo; no entanto, um pouco de reflexão poderia alargar a sua ideia de realidade, pois quando a imaginação do Homem concebe uma noção que leva à criação de uma obra de arte ou de uma sinfonia, ou de um edifício magnífico ou de uma ponte imponente, ou de uma grande máquina ou de um satélite poderoso, isso demonstra a realidade dessa noção. A realização exterior é a expressão visível ou audível da realidade interior. De qualquer modo, o Próximo Plano de existência não é um lugar transparente, mas um plano que consiste numa substância igualmente real e sólida, num grau diferente do nosso próprio mundo terreno.

Existe, claro, uma grande diferença entre este mundo e o próximo: no nosso mundo, temos de nos esforçar para sobreviver, mas no próximo a nossa sobrevivência não depende dos nossos esforços. Aqui temos frequentemente de lutar para obter comida e abrigo, mas como a nossa vida não necessita de nada disso para a sua continuação no Além, herdamos uma liberdade em relação à dependência de coisas materiais que, em si mesma, é como um antegozo do céu. A ganância, que muitas vezes surge do medo da privação, é desenfreada na terra, algo de que não precisamos que Liszt nos recorde! Esta ganância dá origem a contendas e frequentemente a lutas, e podemos ver que muitos dos nossos problemas no mundo brotam de problemas materiais. Não podemos escapar aos problemas materiais enquanto aqui estamos, mas eles são parte integrante do desafio ao espírito do Homem; mas à medida que nos aproximamos do fim do século XX,

estes problemas materiais clamam por atenção e não podem ser adiados por nenhuma nação.

Estamos a ser colocados frente a frente com as nossas realidades atuais e já não podemos ignorar os gritos dos famintos e oprimidos. A situação dramática dos necessitados chega-nos agora não apenas através da imprensa, mas também pela rádio e televisão. Muitas pessoas têm vivido em torres de marfim, mas estamos a começar a descobrir que uma nação não pode sobreviver enquanto outras se afundam: vamos afundar ou nadar juntos. Temos de aprender uma grande lição, aconselha Liszt: que o Homem não pode sobreviver, quanto mais prosperar, a menos que coopere e partilhe com os seus semelhantes. É uma lição espiritual que seremos obrigados a aprender, se ainda não o fizemos, pela força absoluta das circunstâncias materiais.

Houve um Homem nascido há quase dois mil anos que tentou ensinar-nos a necessidade de cooperarmos uns com os outros, que tentou fazer-nos ver a sabedoria da partilha e perceber que fechamos os ouvidos às necessidades dos outros por nossa conta e risco.

Ele não era, interpreta Liszt, nenhum sonhador impraticável, nenhum idealista irrealista, mas um Homem séculos à frente do seu tempo, capaz de prever os desastres económicos e sociais que atingirão aqueles que falham em praticar políticas de intercâmbio ou, em termos simples, de dar e receber. Os recursos do mundo têm de ser partilhados se quisermos evitar reações mundiais em cadeia resultantes do desequilíbrio que provém da não circulação. É, como diz Liszt, uma questão de bom senso e não uma questão de ser piedoso. Aqueles que não têm compaixão e não partilham por bondade, aperceber-se-ão lentamente de que é uma boa política, para o seu próprio bem, partilhar, trocar e cooperar. Podem muito bem aprender a ser altruístas por razões egoístas!

Liszt não nos está a exortar a praticar princípios que ele próprio não praticou. Relatos da sua vida descrevem a sua grande generosidade e a sua prontidão em ajudar os seus colegas músicos. Foi generoso com os seus grandes talentos, atuando frequentemente para angariar dinheiro para causas dignas e de caridade; deu gratuitamente o seu tempo e energia para ensinar muitos alunos sem cobrar nada; ajudou muitos compositores ou intérpretes aspirantes a subir a escada do sucesso.

Com essa total ausência de ciúme tão característica dele, promoveu as obras de compositores contemporâneos bem como do passado, e até forneceu temas e ideias musicais a outros que procuravam inspiração no seu trabalho. Sem dúvida que era indulgente consigo próprio nalguns

aspetos, mas desde que essa indulgência não causasse infelicidade aos outros, não era, talvez, um pecado tão grave.

Conheço-o como uma alma que não só acredita nos princípios cristãos, mas que se esforça por praticá-los fielmente, com esclarecimento suficiente para se abster de fanatismos e da condenação das crenças alheias, e com compaixão suficiente para se importar com aqueles que sofrem. Eu, pelo menos, gostaria de lhe expressar a minha gratidão por todo o seu bom trabalho.

Capítulo 20
Fantasmas dão notícias aos jornalistas

Por vezes, tecem-se críticas aos repórteres em geral, alegando que são um grupo pragmático e insensível que não poupará ninguém para conseguir uma história. Na minha experiência, não é de todo o caso — pelo menos, não com a maioria dos jornalistas. Tive, naturalmente, uma receção mista por parte da imprensa, mas, no geral, sinto que me deram uma audiência e um tratamento justos nas suas reportagens.

Houve ocasionais citações erradas a meu respeito, que podem ter surgido porque algum ponto não ficou claro, ou devido a uma edição ou composição tipográfica apressada. A imprensa neste país tem um padrão elevado, de um modo geral, e a cobertura do meu trabalho tem sido maioritariamente imparcial, mesmo quando cética. Houve as inevitáveis observações sarcásticas e insinuações desagradáveis aqui e ali — atrevo-me a dizer que resultaram de alguns jornalistas não saberem o que pensar do meu trabalho e decidirem jogar pelo seguro, fazendo uma exibição de descrença sarcástica! Podem até ter tido medo de se exporem ao ridículo se se aventurassem a sugerir que o meu trabalho parece ser autêntico.

Ao ser entrevistada pela imprensa, recebi por vezes um apoio firme do Mundo Espiritual. É bom saber que existem almas bondosas do meu lado lá, e esse conhecimento ajuda-me a suportar os excessivamente céticos aqui. Tive muita sorte em ter um "testemunho espontâneo" de Tom Blau, o brilhante fotógrafo da famosa *Camera Press*, quando a sua falecida mãe foi trazida por Liszt para comunicar com ele. Estou muito grata ao Tom — e Liszt também — por me ter permitido publicar um relato desse evento no

meu primeiro livro. Outras duas pessoas ligadas a *Fleet Street* tiveram a gentileza de me dar permissão para relatar mais casos de comunicação espiritual que ocorreram de forma bastante espontânea e inesperada. Um é um relato de mensagens para Unity Hall, que escreve para o *News of the World*; o outro diz respeito a mensagens para Vicki Mackenzie, que escreve para o *Daily Mail*. Desejo expressar a minha profunda apreciação a ambas por me permitirem citar as suas próprias reportagens.

Vicki foi enviada pelo *Daily Mail* para me entrevistar sobre o meu trabalho. A entrevista foi bastante longa, pois Vicki questionou-me conscienciosamente, e ela escreveu um excelente relato que, infelizmente, foi afastado da edição de Londres por notícias mais atuais. No entanto, foi publicado nas edições do Norte. Quando a entrevista estava quase a terminar, vi o espírito de uma mulher de pé perto de Vicki. Muito do que esta senhora tinha a dizer não pode ser publicado, pois diz respeito a assuntos familiares privados (tantas vezes a melhor "prova" acaba por ser demasiado pessoal para ser tornada pública!).

Descrevi a aparência da senhora e mencionei um anel com uma pedra grande que ela disse ter-lhe pertencido, mas que nunca usava porque achava que era grande demais. Disse que esse anel e algumas miniaturas ainda estavam na posse da família e que, se Vicki verificasse, veria que assim era. Mas permitam-me citar o próprio relato de Vicki:

"Perto do fim da minha entrevista com Rosemary Brown para um artigo do *Daily Mail*, Rosemary disse-me que conseguia ver uma mulher de pé perto de mim. À medida que Rosemary começava a descrever esta mulher — pequena, delicada, com um rosto redondo e um sotaque não inglês —, pensei que soava bastante à minha tia checa que tinha morrido um par de meses antes. Aparentemente, esta mulher estava vestida com um vestido de seda crepe de seda rosa, cintado, com uma camélia na gola. No entanto, como só tinha estado com esta tia cerca de dez vezes em toda a minha vida, não poderia ter a certeza se era ela ou não, embora soubesse que ela sempre gostara muito de mim, tal como Rosemary me disse que ela dizia.

Rosemary disse-me então que esta mulher estava a dizer algo sobre um anel grande com uma pedra enorme que ela tivera, embora nunca o usasse. Estava a dar detalhes, também, de algumas miniaturas que ela tinha de alguns membros da família. Rosemary desenhou com lápis e papel o que ela tinha percebido ser o tamanho delas. E houve outras mensagens de amor e de natureza pessoal que coincidiam exatamente com a minha experiência naquela época.

Nessa noite, liguei ao meu tio, marido da minha falecida tia, e perguntei-lhe sobre o anel e as miniaturas (que, claro, eu nunca tinha visto nem conhecia). Ele ficou maravilhado e disse que havia, de facto, dois anéis, cada um com uma pedra grande, que a minha tia nunca tinha usado por sentir que eram demasiado grandes para as suas mãos pequenas. E havia três miniaturas num estojo de vidro contendo fotos dos primos da minha tia, miniaturas com duas polegadas de altura, exatamente o mesmo tamanho que Rosemary tinha desenhado. Quando mencionei o vestido, o meu tio pensou por um momento e depois disse que ela tinha usado um vestido cintado com uma camélia branca na gola, muito antes de eu nascer.

Tanto o meu tio como eu ficámos atónitos e emocionados com a precisão da descrição de Rosemary sobre a minha tia e os seus pertences, porque parecia fazer a minha tia ganhar vida novamente — embora nenhum de nós a tivesse visto ou ouvido desde a sua partida. E para mim, que não tinha conhecimento dos objetos descritos, foi a prova final de que a minha tia tinha sido vista por Rosemary Brown."

Creio que muitas pessoas ficarão gratas a Vicki por ter tido a bondade e a coragem de me permitir dar isto a conhecer ao mundo.

Antes de passar ao relato de Unity Hall, gostaria de mencionar uma ocasião em que a comunicação do Além ocorreu durante uma entrevista com Georgina Nazer, que escreve para o *Wimbledon News*. Tal como Vicki, ela fora enviada para me entrevistar para um "Perfil" que foi publicado em junho de 1973. Vi o espírito de um homem de pé ao lado de Georgina e perguntei-me se deveria arriscar e dizer-lhe. Nunca sabendo como tal informação será recebida, talvez com apreensão ou descrença, hesito por vezes antes de transmitir os detalhes! No entanto, Georgina pareceu-me uma pessoa muito compreensiva e não do tipo que fica nervosa, por isso arrisquei. Vou citar o seu próprio relato:

"A propósito", disse Rosemary, "o seu avô tem estado de pé ao seu lado nos últimos minutos. Perguntei-me quem seria ele, e ele acaba de me informar, com uma voz rouca, que era o seu avô."

"Ao início pensei 'Ah, ah, ela diz isto a toda a gente'. Mas ela descreveu-o tão bem e sabia tantas coisas sobre a família que isto, aliado ao facto de a minha avó ter de ser internada no hospital logo no dia seguinte, pôs-me a pensar. Ela poderia, claro, ter lido a minha mente"... poderia? Porque é que as pessoas tentam tantas vezes explicar tais acontecimentos como leitura de mente? Que dom notável eu teria de ter se conseguisse ler tamanha riqueza de detalhes (nos quais a pessoa obviamente não está a pensar no momento) a partir da mente! Tal proeza, se não se aceitar a

explicação verdadeira de que a informação é fornecida por espíritos, lançaria uma luz surpreendente sobre capacidades mentais espantosas.

Georgina continuou:

"Mas, de algum modo, aquilo não tinha o sabor de um truque de sala. Mas porquê o meu avô?"

Por que não?

"Como é que ela sabia detalhes tão absolutamente típicos sobre ele? O meu avô veio porque, aparentemente, estava preocupado com a minha mãe, de quem era muito próximo, e tentava apoiar e confortar a minha avó, que estava muito sozinha e triste após quase 60 anos de casamento, e depois de o ter conhecido desde o nascimento."

Penso sempre como deve ser triste, depois de os espíritos terem conseguido estabelecer contacto, encontrarem-se perante a descrença. Mas podemos ser confortados pelo pensamento de que a descrença parece estar a derreter-se no mundo, e que as provas de Vida após a Morte estão a acumular-se constantemente através do bom trabalho de muitos médiuns dedicados e da experiência espontânea ocasional da pessoa não psíquica ou ligeiramente psíquica.

Peter Dorling contou-me uma vez uma história notável de manifestação espiritual que foi testemunhada por dois amigos dele, marido e mulher. Este casal estava a visitar o antigo colégio da esposa em Cambridge para uma daquelas reuniões de "Antigas Alunas". Estavam a atravessar um amplo relvado na propriedade quando a senhora avistou uma antiga colega de colégio vindo em direção a eles.

"Oh, credo!", exclamou ela para o marido. "Vem ali a fulana. Não podemos evitá-la, e ela é uma tagarela."

O marido olhou para a "antiga aluna" que se aproximava e respondeu que teriam apenas de ser educados.

"Estranho", observou a esposa, "ela está a usar exatamente a mesma roupa que usava quando andávamos no colégio juntas, há vinte anos."

Cruzaram-se com a rapariga, que apenas sorriu para eles e passou.

"Ufa!", suspirou a senhora em alívio, "que sorte ela não ter parado para falar."

Marido e mulher entraram no colégio e, mais tarde, estavam envolvidos numa conversa com um dos professores quando mencionaram ter visto a rapariga em questão enquanto caminhavam pelo relvado.

"Tem a certeza?", perguntou o professor com um olhar sobressaltado.

"Ora, sim", respondeu a esposa, "e notei como era estranho ela estar a usar a mesmíssima roupa que usava quando estávamos juntas no colégio."

O professor ficou em silêncio por um momento. Depois disse lentamente: "Essa rapariga suicidou-se pouco depois de vocês terem deixado o colégio."

O aspeto mais extraordinário deste caso é que o marido foi testemunha deste fenómeno. A visão da esposa poderia ser explicada pelos céticos como um truque da memória; a do marido não, pois ele nunca conhecera nem vira a rapariga cuja aparição surgiu.

Muitíssimas pessoas experienciaram casos isolados de ocorrências psíquicas ou conhecem alguém que experienciou um acontecimento isolado. Pode haver várias explicações para isso, tais como ecos psíquicos de eventos passados. Em casos onde as aparições, fantasmas, espíritos — chamem-lhes o que quiserem — fornecem voluntariamente informações que eles próprios não saberiam antes da morte, temos de procurar algo mais do que um mero eco. Quando o casal de que Peter Dorling me falou viu o espírito de uma antiga estudante universitária, tratava-se provavelmente de uma visão real de um espírito verdadeiro, porque este reconheceu e sorriu para a esposa. Um eco psíquico dificilmente faria isso.

Agora que sabemos que sons e imagens podem ser transmitidos pela televisão e rádio respetivamente, possivelmente estamos um passo mais perto de compreender como sons e imagens podem ser transmitidos do Mundo do Espírito para o nosso mundo da matéria. No entanto, quando sons ou imagens acontecem espontaneamente ou sem aviso, só podemos estudá-los em retrospetiva, em vez de durante a ocorrência real.

Os melhores resultados na comunicação espiritual surgem muitas vezes de forma espontânea. Penso que isto poderia ser explicado pela probabilidade de os resultados serem obtidos mais facilmente quando existe um relaxamento total e nenhuma tentativa de forçar a comunicação. Durante um período de seis meses, trabalhei um dia por semana na *Spiritualist Association of Great Britain* como clarividente, em parte como uma experiência para descobrir se é possível funcionar psiquicamente por encomenda, e em parte na esperança de ajudar algumas pessoas.

A Associação não pode pagar nada além de uma taxa moderada aos médiuns ou clarividentes que lá trabalham — quase uma taxa nominal se os médiuns tiverem despesas pesadas, como transportes, que a maioria incorre ao viajar para o local. Portanto, ninguém pode sugerir que os médiuns que lá trabalham estão a obter lucros exorbitantes pelos seus esforços. Aqueles que operam privadamente podem ganhar muito com o seu trabalho. Não os estou a criticar, contudo, porque o trabalho mediúnico pode ser extremamente exaustivo; somado a isto, os médiuns enfrentam o escrutínio de céticos e críticos hostis, e muitas vezes merecem qualquer recompensa

que recebam por darem o seu tempo e energia aos seus consulentes ou clientes.

Os resultados que obtive durante o meu trabalho na Associação, tanto quanto posso julgar pelos comentários dos consulentes, quase sem falha alcançaram algumas boas provas e contactos claros. Por vezes, disseram-me, os resultados foram brilhantes, outras vezes bons mas não sensacionais. Isto satisfez-me quanto à possibilidade de atender continuamente uma variedade de pessoas de todos os estratos sociais, com diferentes pontos de vista e histórias, e ainda assim obter resultados. Mas demonstrou claramente que os próprios consulentes podem ajudar ou dificultar os resultados, de acordo com a sua própria atitude e estado emocional. É extremamente difícil obter bons resultados para uma pessoa muito antagónica; as vibrações hostis estabelecidas evidentemente afastam os que estão em espírito e, certamente, tornam difícil para o médium entrar em contacto com o Mundo do Espírito.

Embora estivesse a atender, claro, em horários rotineiros e por marcação, tentei manter-me relaxada e não permitir que surgisse qualquer tensão. No momento em que a tensão se desenvolve, a comunicação é dificultada. No entanto, os médiuns devem por vezes ficar preocupados com a responsabilidade que assumem e talvez fiquem excessivamente ansiosos por produzir demonstrações satisfatórias. Verdadeiramente, a sua sorte não é invejável, especialmente quando têm consulentes que esperam que eles resolvam todos os seus problemas mundanos!

Enquanto trabalhava na S.A.G.B., vim a conhecer alguns dos médiuns que lá trabalhavam regularmente. Sem exceção, pareciam ser sinceros e movidos por bons motivos para tentar dar conforto aos enlutados e provas da Vida Além aos inquiridores. No entanto, alguns deles pareciam falhar lamentavelmente quando postos à prova por repórteres anónimos de um jornal nacional.

Lembro-me de um dia ter entrado um cavalheiro na sala para uma consulta comigo, e eu não o conhecia de lado nenhum. Liszt, no entanto, pareceu estar de sobreaviso, pois disse-me rapidamente que o homem apenas viera porque estava a fazer uma investigação. Passei esta informação ao homem, que admitiu ser esse o caso. A seguir, Liszt disse que o homem escrevia relatórios sobre a sua investigação; passei isto também, e o consulente reconheceu ser verdade. Nessa altura, a minha mente tinha ficado alerta e não conducente à comunicação. Apesar disso, foram feitos alguns contactos e fornecidas algumas informações que o homem, relutantemente, ao que parece, concordou estarem corretas. Parecia haver uma amargura na sua atitude que não ajudava a estabelecer

uma relação harmoniosa com o espírito. Senti que ele era um daqueles que não acreditaria mesmo que alguém ressuscitasse dos mortos diante dos seus próprios olhos!

Parece ser de senso comum que uma atitude amigável em relação ao espírito encorajará o contacto. Entraríamos nós num ambiente hostil se pudéssemos evitá-lo? Claro que não, e pelos vistos os espíritos também não. Além disso, a comunicação parece ocorrer mais facilmente quando não há uma atitude exigente nem rigorosa por parte do médium e dos consulentes. Da mesma forma que tentamos evitar pessoas que são exigentes e rigorosas neste mundo, também os espíritos parecem esquivar-se a esse tipo de coisa. É melhor deixá-los dizer o que querem dizer, em vez de lhes fazer perguntas intermináveis e tentar extrair a informação que queremos. Por vezes, eles oferecem-se para tentar responder a perguntas, embora, claro, não possam garantir saber as respostas. No geral, se vêm ter connosco, é habitualmente porque querem dizer algo, e podem não gostar de ser submetidos a qualquer tentativa de interrogatório.

Quando se trata do tipo de pessoa que se arma em espertalhão com o intuito de os apanhar e desacreditar a mediunidade, não é de todo surpreendente se os resultados forem confusos, enganadores ou imprecisos. Consulentes ou investigadores que praticam o engano são culpados de causar estragos ao criarem o equivalente a perturbações atmosféricas que interferem com a receção na rádio e na televisão.

Os jornalistas são geralmente de mente aberta, o que precisam de ser se quiserem fazer reportagens imparciais. O seu dever, presumimos, é cobrir as notícias da forma mais abrangente e precisa possível. Neste país, uma vez que temos uma certa liberdade de expressão e de escrita, temos a sorte de nos serem dados relatos geralmente fiáveis de eventos fornecidos por uma imprensa que, na sua maior parte, se orgulha da sua integridade. Correntes políticas podem por vezes ter alguma influência, mas em assuntos religiosos raramente se deteta discriminação.

Talvez seja esta mesma atitude de imparcialidade nos jornalistas que criou condições favoráveis para o contacto com o espírito durante entrevistas com alguns deles. Os jornalistas também têm de ser bons ouvintes, e isso deve ser útil. O relato seguinte de uma comunicação bem-sucedida do Além é fornecido por Unity Hall, que pode ser julgada como uma observadora perspicaz e não tem interesses religiosos a defender.

Conheci a Unity há quase quatro anos através do meu trabalho. Simpatizei imediatamente com ela, achando-a uma ouvinte compreensiva com uma visão aguçada das fragilidades da natureza humana. Em pouco tempo, dei por mim a confiar nela sobre a forma como tinha sido

"empurrada" por pessoas mandonas e sido vítima de muitos ataques acrimoniosos na imprensa e na fala (mesmo por alguns que eu tinha considerado meus amigos)!

"Bem", disse ela, "o seu trabalho é naturalmente muito controverso, e algumas pessoas serão suficientemente inescrupulosas para não só serem depreciativas a esse respeito, mas também para tentarem difamá-la." Foi alegado mais de uma vez que eu estava a fazer tudo por dinheiro (isso é uma anedota — eu poderia ter ganho muito mais como dactilógrafa ou operadora de tele-impressora ao longo dos anos do que o que acumulei em direitos de autor e a ocasional taxa por tocar piano!), mas, como a Unity salientou, a maioria das pessoas pensa primeiro e acima de tudo no dinheiro e suspeitaria de outros estarem a fazer o que elas próprias fariam e de estarem "à caça do lucro". Suponho que seja verdade que julgamos os outros maioritariamente pelos nossos próprios padrões!

O que era mais espantoso de tudo em relação às críticas adversas eram as alegações de que a música "não presta". Essa, talvez, seja realmente a menor causa de preocupação, uma vez que no passado houve críticos que disseram que a música de Schubert não prestava, que a música de Chopin não prestava, e assim por diante *ad infinitum*! Num recital, alguns críticos foram ouvidos no bar durante o intervalo a conspirarem efetivamente para decidirem como poderiam "liquidar" a coisa toda. Um foi ouvido a dizer que não queria uma mulher a intrometer-se no seu território! Juntos, os conspiradores admitiram que não podiam negar que a música estava no estilo dos compositores em questão. Então, decidiram dizer que era música péssima, por outras palavras!

Felizmente — para bem dos compositores que se esforçam por estabelecer a autenticidade da sua descoberta — um número grande e crescente de músicos presta homenagem a parte da música, tecendo-lhe elogios. A *Novello's* publicou agora um primeiro álbum de algumas das peças para piano, e isto arrancou uma medida de respeito de alguns dos detratores da música. Como alguém comentou sabiamente, os editores não podem arriscar publicar nada de qualidade duvidosa. Os editores apresentaram-me o Diretor de Música de Jersey e das Seychelles, e fiquei absolutamente emocionada quando ele me disse que, se eu tivesse composto a música eu própria, ele me teria tornado doutora em música com base nisso.

Unity recebeu comunicações em duas ocasiões distintas. A primeira ocorreu quando ela, eu e outro convidado estávamos a relaxar após o jantar, e apercebi-me de que o espírito de um jovem estava de pé atrás dela, com uma mão no seu ombro — a qual ela não conseguia sentir, e ainda bem,

pois poderia ter sido um pouco enervante para ela! Descrevi a sua aparência e ela foi capaz de o identificar. Então, ele passou a dar uma mensagem sobre algo tão secreto que a deixou completamente boquiaberta. Era um segredo conhecido apenas por ela — mas os nossos segredos são muitas vezes conhecidos pelos espíritos, como neste caso.

A segunda ocasião foi em minha casa, quando estávamos a terminar uma refeição e a tomar café. Ao lado da Unity estava o espírito de outro homem, e ele assemelhava-se tanto a Stan Laurel (o famoso comediante da dupla com Hardy) que estive quase a começar a rir. O espírito tinha até aquela mesma pequena poupa de cabelo espetada na cabeça! Tinha o rosto mais rechonchudo e uma estrutura mais robusta, pelo que percebi que não era o comediante Laurel. Tendo descrito a sua aparência à Unity, disse-lhe então o que ele tinha a dizer. Era o pai da Unity, que tinha passado muito recentemente para o Mundo Espiritual. Ele falou de uma série de assuntos familiares, dos quais eu não poderia ter conhecimento, e enviou uma mensagem reconfortante à sua esposa. Ele manifestou-se de forma tão clara que a Unity ficou bastante comovida — *Fleet Street* tem coração, embora possa não o demonstrar abertamente!

A sequência desta manifestação deu motivos para alegria. A Unity transmitiu fielmente as mensagens à mãe que, naturalmente, estava em sofrimento e sem conseguir dormir. A Unity contou que, após receber as mensagens, a sua mãe teve a primeira noite de sono descansado desde a morte do pai. Poderá ter sido apenas uma coincidência ela ter dormido bem, mas gosto de pensar que o pai da Unity conseguiu chegar à sua esposa (ou viúva) com as mensagens e dar-lhe algum conforto e tranquilidade.

Isto levanta a questão por vezes discutida pelos Espiritistas e outros que acreditam noutra vida: a de que não devemos sofrer por alguém que faleceu. Isto, na minha opinião, é um perfeito disparate. Mesmo que saibamos que existe Vida após a Morte, mesmo que saibamos que os nossos entes queridos que partiram para além do véu estão perto de nós e a velar por nós, se formos humanos e os amarmos, é claro que sentimos falta da sua presença terrena, dos pequenos mimos da partilha da vida quotidiana, das conversas afetuosas. A menos que não tenhamos sentimentos, é certo que sentiremos alguma tristeza, a mesma que sentimos quando amigos próximos ou familiares amados emigram para um país distante e é pouco provável que os vejamos durante muito tempo.

Entregar-se a um luto desenfreado, contudo, é possivelmente algo egoísta, pois provavelmente estamos apenas a ter pena de nós próprios pela nossa perda. Além disso, não deveríamos gostar de pensar que os nossos entes queridos que partiram podem ver quão profundamente estamos

imersos na dor. Eles quereriam que fôssemos o mais felizes possível, e a nossa tristeza poderia muito bem ensombrar a sua recém-descoberta libertação. Ir para o outro extremo, e suprimir todo o sentimento, não é um caminho sensato, como eu própria descobri.

A minha amada mãe morreu em janeiro de 1961. Apenas sete meses depois, o meu querido marido também faleceu. Porque eu não queria que os meus dois filhos pequenos estivessem rodeados por um ambiente miserável, mantive a minha tristeza enterrada profundamente e lutei arduamente para não ceder às lágrimas, mesmo quando eles estavam a dormir. Foi, segundo me disse o meu médico alguns meses mais tarde, um grande erro da minha parte. Em fevereiro do ano seguinte, fiquei gravemente doente com gastroenterite ou algo do género. Quando recuperei, o médico disse-me que tinha escapado por pouco.

"Tem estado a suprimir o seu luto", afirmou ele percetivamente, "e isso cobrou o seu preço, minando a sua saúde."

Posso dever a minha vida à vizinha que vivia em frente a mim naquela altura. Tinha aguentado durante vários dias, piorando progressivamente, mas pensando que estaria melhor no dia seguinte. Então, numa manhã, senti-me demasiado doente para conseguir sentar-me na cama. A minha filha, pobre criança, estava a sofrer um ataque de asma e sem condições para sair à procura de ajuda. Não tínhamos telefone e a única pessoa que restava para ir buscar auxílio era o meu filho, que tinha acabado de fazer cinco anos.

Pedi-lhe que me trouxesse lápis e papel e escrevi uma nota curta a dizer que estava muito doente e precisava do médico, e se alguém poderia, por favor, telefonar para um. Enviei então o pequeno rapaz a uma vizinha próxima que eu sabia ter telefone. Para meu espanto, ele regressou a dizer que a senhora em questão estava demasiado ocupada a fazer a sua lavagem semanal para telefonar. Enviei-o novamente a outra vizinha do lado oposto da estrada, instruindo-o a atravessar com cuidado. Ele voltou de novo, para relatar que esta senhora estava demasiado cansada para fazer o que quer que fosse!

Nessa altura, eu estava a ficar desesperada. Sentia que, se não recebesse assistência médica, poderia muito bem passar eu própria para o Próximo Mundo.

"Tenta a Sra. Jenkins, em frente. Talvez ela ajude", disse eu.

Os meus filhos conheciam ambos a senhora rechonchuda e bondosa da frente, que era ela própria mãe de dois filhos adultos. Ela veio imediatamente com o meu filho, olhou para mim e exclamou: "Meu Deus! Vou buscar o médico."

Esta querida senhora — católica romana, por coincidência — era a bondade em pessoa. Encarregou-se das crianças e disse-me para não me preocupar com elas.

"Eu cuido delas até que estejas melhor", ofereceu-se ela.

Não fosse por ela, eu poderia ter morrido no quarto no topo da casa sem que ninguém soubesse. Ela era uma verdadeira cristã, Deus a abençoe.

CAPÍTULO 21
De onde e para onde

Dois mistérios imponderáveis expressam-se nas palavras que dão título a este capítulo: dois mistérios que muitos procuram resolver porque, como seres num mundo transitório, sentimos a necessidade de alguma explicação sobre a origem do Homem e o seu destino. Uma vez que vivemos num mundo de causas e efeitos, ou seja, num mundo onde o passado moldou o presente e o presente está a moldar o futuro, alguns de nós olham inquisitivamente para o passado em busca de pistas para o padrão contínuo da nossa existência.

Mas o passado distante não é muito acessível e não sabemos quão longe o passado se estende atrás de nós. Não podemos sequer ter a certeza de que o nosso passado começou neste planeta. Assim, o passado permanece envolto em mistério.

O futuro, também, deve permanecer um mistério, uma vez que ainda não aconteceu — pelo menos, no que nos diz respeito. Parece estar ainda em gestação, ainda a ser moldado a partir do presente. O passado acabou e não pode ser alterado; podemos nós dirigir o futuro tanto quanto desejamos? Essa é realmente a questão importante para a humanidade.

Até certo ponto, podemos detetar a Lei da Causa e Efeito em funcionamento. Sabemos que certas ações produzirão certos resultados. Parece, no entanto, haver um elemento de acaso em operação, e é provavelmente este elemento que nos fornece um vislumbre de esperança quanto à moldagem do nosso futuro. Se não houvesse elemento de acaso, poderíamos planear e executar tudo com precisão matemática e criar uma existência ao estilo de um robô. Sem um elemento de acaso, não poderia haver livre-arbítrio; sem livre-arbítrio, seríamos meras marionetas sem qualquer volição mental ou corporal gerada por nós próprios. Não poderíamos, então, ser responsabilizados pessoalmente.

No entanto, reconhecemos que as leis que governam o universo parecem ser imutáveis; por conseguinte, temos a lei imutável a encontrar algo que é bastante incongruente com a sua natureza — o elemento de

acaso. Não existirá realmente tal coisa como o acaso, afinal, ou haverá o que poderíamos considerar uma falha no funcionamento do universo? Dará isto alguma indicação de um plano que correu mal? Não teria um plano perfeito previsto todos os eventos e cadeias de eventos? Quanto mais pensamos sobre isso, em águas mais profundas nos encontramos.

Se examinarmos o assunto mais de perto, descobriremos que o aparente elemento de acaso está, de facto, sujeito às mesmas leis imutáveis. Um acidente acontece como resultado de certas consequências; logo, continua a ser dirigido pela lei da causa e efeito. Se eu avançar imprudentemente para o caminho de um veículo que se aproxima, é certo que ele colidirá comigo; mas se eu for cauteloso e tentar garantir que nenhum veículo está ao alcance de me atingir, posso atravessar a estrada em segurança. Isto aponta para a possibilidade de algum controlo do elemento de acaso. Temos um grau de livre-arbítrio, tanto quanto podemos julgar, mas sabemos que nem sempre operamos o nosso livre-arbítrio com sabedoria e previsão.

Podemos agora deduzir que a matéria está sujeita a leis imutáveis, mas que a mente parece ter alguma escolha. Até onde podemos estender a nossa escolha em assuntos quotidianos e em assuntos de valores eternos? A escolha quotidiana é largamente condicionada pelas nossas necessidades físicas e pelas influências governamentais exercidas sobre nós pelo Estado, país, clima, padrões sociais, e assim por diante. Em assuntos de valor eterno, temos uma escolha muito mais ampla, assim nos querem fazer crer os habitantes em espírito.

No mundo material, estamos sujeitos às leis da matéria; no mundo espiritual, não estamos sujeitos a estas leis, mas estamos sujeitos às leis do espírito. Estas leis são também imutáveis, segundo nos diz o espírito; dificilmente poderíamos esperar que fossem outra coisa senão imutáveis se existe um princípio constante a governar tudo. Onde quer que olhemos, no mundo físico ou no mundo espiritual, há evidências deste princípio constante em funcionamento. Eu deveria, talvez, usar letras maiúsculas ao falar dele, uma vez que este Princípio deve ser a Fonte Criativa ou Criador. É tranquilizador saber que existe um fator constante a funcionar: quão mais vulneráveis seríamos se todo o universo estivesse desprovido desta influência estabilizadora.

Existem leis. Leis Cósmicas, poderíamos chamar-lhes. Como é que estas leis passaram a existir? Formaram-se à medida que a Criação surgiu, relacionando-se automaticamente com cada fase da evolução? As leis vieram primeiro ou a Criação veio primeiro, ou aconteceram juntas? Parecemos regressar à velha questão da galinha e do ovo, e de qual veio

primeiro. Qualquer que tenha vindo primeiro, deve ter havido um desencadear de todo o processo. O quê ou quem desencadeou o Cosmos?

"Deus", responderá o religioso; e o cientista perguntará prontamente: "O que é Deus, ou o que quer dizer com Deus?". Só podemos raciocinar que Deus foi o princípio e existia antes do princípio. O que quer que seja, ou quem quer que seja que começou tudo, existia antes de tudo começar! A Infinidade apresenta-se, incompreensível para os limites da nossa compreensão.

Uma vez, quando estava em contacto com Einstein, perguntei timidamente se ele poderia dizer algo para me ajudar a compreender estes grandes processos cósmicos. Ele disse em resposta que cada universo é um vórtice de energia e que existem incontáveis universos. O que são estes vórtices de energia e como surgem, quis eu saber. De onde vêm, por outras palavras, e o que os põe em movimento?

"Tens de perceber, minha filha", disse ele, "que a energia existia *in toto*."

In toto? Tomei nota mental de procurar isso para saber o significado exato.

"Além disso", continuou ele sem interrupção, "a energia é indestrutível. Apenas podes transformar energia noutro tipo de energia, o que é um dos princípios básicos da ciência. Não podes aniquilar a energia: apenas podes empurrá-la para outra dimensão. É isto que está a acontecer na multidão de universos o tempo todo; a energia está a ser transformada noutros tipos de energia e é, assim, responsável por todas as manifestações da vida."

A energia, então, é a essência da Criação, pensei eu. Como se tivesse lido o meu pensamento, Einstein falou novamente.

"A energia é o impulso do Instigador de todas as manifestações. As ondas de pensamento do Todo-Poderoso, se preferires pôr as coisas dessa forma. A energia procede do Todo-Poderoso, do coração da Criação, da Mente Central, o verdadeiro núcleo de toda a energia. Não me perguntes sobre esse núcleo de energia. Ele desafia qualquer definição. Desafia a análise. Não pode ser abordado pelo simples homem, mesmo no seu corpo espiritual. Possui uma concentração de poder tão intensa que é indescritível mesmo em termos científicos. É de carregamento automático, inesgotável, perpétuo. Uma alma antiga com quem conversei numa das esferas de pensamento por aqui informou-me que, para te aproximares desse núcleo, deves primeiro descarregar toda a tua energia incipiente, tornar-te vazia de energia, por assim dizer; então e só então poderás mover-te para a sua esfera. É como falar por enigmas porque o assunto é muito complexo.

Apenas um vaso vazio pode ser preenchido a partir da fonte de energia. É um paradoxo porque a energia apenas pode ser deslocada para outro nível e não pode ser destruída. Níveis de energia, níveis de energia..."

Ele pareceu perder-se num rasto de pensamento, como se ainda ponderasse sobre o significado. Senti que tinha partido para outro caminho interminável de investigação. De forma algo fantasiosa, refleti que, se pudéssemos aproveitar essa energia, poderíamos superar a crise energética que atingiu o mundo.

Quando tive a oportunidade de pedir a várias das almas mais sábias noutras esferas que lançassem alguma luz sobre o destino último do Homem, as suas respostas concordaram todas umas com as outras, produzindo a mesma informação embora formulada em fraseologias variadas. A humanidade, de acordo com eles, está destinada a alcançar a reunião com a Divindade após evoluir através de eras em direção à iluminação completa.

Mas, insistem todos, a reunião não significará a cessação da individualidade ou da atividade; em vez disso, haverá uma amalgamação da individualidade com o Todo e uma atividade renovada como resultado dessa fusão — ou Matrimónio Espiritual, como alguns dos sábios preferem exprimir.

Entretanto, como todos apontam, podemos dar apenas um passo de cada vez e devemos relacionar-nos com o presente que é, para nós, a realidade imediata. Não recomendam que nos debrucemos sobre o passado ou sonhemos com o futuro, mas que prestemos atenção ao momento, a cada momento, aprendendo tudo o que pudermos ao passar por cada um deles; e, através de pensamentos construtivos, de palavras e ações positivas para o bem, construamos um futuro auspicioso através da aplicação criteriosa ao presente.

Muitas pessoas não se preocupam com o futuro, nem com o seu nem com o de outrem. Mas a marcha do tempo avança, transportando-nos a todos para o futuro. Somos aconselhados a não perder tempo a sonhar com o futuro, mas isto não implica que devamos ignorá-lo ou descartá-lo como se fosse inexistente. Sempre que temos uma margem de escolha entre o positivo e o negativo, entre o construtivo e o destrutivo, entre o benéfico e o prejudicial, essa é a nossa oportunidade — o elemento de acaso ou livre-arbítrio — de moldar o futuro num sentido ou noutro. Esta margem de escolha é a nossa oportunidade de introduzir influências que podem desencadear reações em cadeia de natureza boa ou má, que nos podem encaminhar para o céu ou para o inferno.

É-nos dada uma imagem da raça humana como uma espécie em evolução com oportunidades de exercer uma certa dose de livre-arbítrio durante as suas encarnações terrenas. É enfatizado que, à medida que exercermos a faculdade do livre-arbítrio, aumentaremos a sua eficiência e alcance, aprendendo a escolher cada vez mais sabiamente e expandindo a nossa capacidade de o exercer mais plenamente. Ao longo da vida neste mundo, a nossa vontade ou escolha será constantemente desafiada pela vontade ou escolha de outros, obstruída por circunstâncias materiais e, por vezes, derrotada por forças opostas.

Por muito que tentemos, nem sempre seremos capazes de fazer as coisas à nossa maneira. Isto, afirmam alguns dos comunicadores desencarnados, é para nos permitir aprender a grande lição do altruísmo e perceber que os outros têm os seus direitos e necessidades. Se nunca nos fosse negado o que queremos, tornar-nos-íamos quase certamente completamente egoístas; se fizéssemos sempre as coisas à nossa maneira, nunca aprenderíamos a ceder perante os outros. Assim, as limitações são muitas vezes oportunidades.

O mundo terreno é retratado pelo espírito como um estimulante para o pensamento e crescimento da mente; mas apenas nos estimulará a pensar e a crescer quando respondermos ao seu desafio. Por pensamento, eles não querem dizer a deriva ociosa da mente, ou os pensamentos vagos e casuais da pessoa que não pensa: querem dizer pensamento aplicado, concentração de pensamento, pensamento analítico, todo o pensamento onde é feito um esforço para o dirigir. É o pensamento que acumulou conhecimento e realizou grandes feitos de arquitetura, engenharia e tecnologia; é o pensamento que criou grandes obras de arte e de música.

O pensamento é, de facto, uma força engenhosa e poderosa, e não sabemos quão longe nos pode levar ou quanto pode alcançar. Sabemos pouco ou nada sobre ondas de pensamento, mas está agora a tornar-se evidente que elas existem. Uma vez que o pensamento resulta em tantas realizações e é obviamente tão importante para nós no nosso progresso e evolução, quanto mais pudermos descobrir sobre ele, sobre a sua natureza e funções, sobre o seu poder e qualidades, mais passaremos a conhecer os segredos do Cosmos.

É a capacidade de pensar do Homem que o distingue dos animais, como todos percebemos. É a capacidade de pensar do Homem que o pode elevar à estatura de um génio, de um santo, de um super-homem. Quão importante é que aprendamos a pensar com a maior eficiência, clareza e compreensão possíveis. Pois é aparente que o poder do pensamento,

retamente utilizado, nos pode conduzir a uma era de paz e abundância, de horizontes alargados e maior visão.

O pensamento pode ajudar a libertar a mente do Homem do fanatismo que por vezes ameaça restringir o seu desdobramento espiritual. O pensamento pode ajudá-lo a compreender-se a si próprio e aos outros — e a Deus. O pensamento pode até ajudá-lo a compreender o fanático que está fechado na sua cela mental autoconstruída e com medo de dar um passo para fora, para o grande desconhecido. O pensamento é o iniciador da fala e da ação, a mãe da invenção, o pai das ideias. O pensamento é o princípio, a elaboração e o produto final. O pensamento é energia latente. Cabe-nos a nós desenvolver as suas potencialidades.

Traçando a história da raça humana, pareceria que esta se moveu de um estado impensado, ou um estado animal, para um estado pensante. O desenvolvimento da mente através do pensamento trouxe mudanças enormes na vida da Humanidade ao longo das eras. A vida dos animais, contudo, não mudou significativamente, exceto onde influências humanas ou mudanças climáticas a afetaram.

Os humanos têm o poder de mudar e melhorar as suas vidas de uma forma negada ao reino animal. No entanto, desperdiçam frequentemente a vida numa escala incrível e terrível em guerras. Obtemos mais poder para destruir e usamo-lo muitas vezes de uma forma totalmente indiscriminada. Para o reino animal, se eles pudessem julgar, provavelmente pareceríamos ser deuses e demónios. Se nos comportamos como deuses ou como demónios, depende do nosso pensamento.

Se realmente pensarmos as coisas até ao fim, perceberemos certamente que as guerras não são benéficas para a raça humana e podem culminar numa conflagração massiva que consome tudo. Mas parece que ainda não pensamos as coisas plenamente. Vemos uma questão de cada vez e não parecemos capazes de ver todas as outras questões. Não vemos ou não escolhemos ver todas as repercussões possíveis. Não nos damos ao trabalho de pensar!

As trocas de pensamentos e ideias podem ajudar a inaugurar uma era de paz mundial e duradoura. Uma recusa em trocar ideias e em considerar as ideias dos outros está destinada a fermentar mais problemas. O uso diligente do pensamento e a sua aplicação criteriosa podem levar à solução de muitos problemas atuais e fornecer a base para negociações num pé de igualdade mutuamente benéfico. O pensamento astuto pode permitir-nos tornarmo-nos conscientes de todas as implicações de uma situação individual, nacional ou internacional, o que, por sua vez, torna possível

reagirmos da maneira mais aconselhável. A maioria de nós age e reage impulsivamente sem a devida consideração de todos os factos.

Não parece possível que o pensamento nos possa entregar a chave de todos os mistérios; se pudesse, há muito teríamos resolvido todas as questões relativas à vida, à morte, a Deus, e assim por diante. Durante séculos, provavelmente durante milhares de anos, a Humanidade dedicou o pensamento a determinar se Deus existe, se existe um propósito subjacente à vida, e considerou muitos outros problemas obscuros e complexos. Nunca se alcançaram respostas que satisfaçam toda a gente.

Existem pessoas que sustentam não haver prova da existência de Deus, e pessoas que sustentam ser impensável negar a Sua existência. Aqueles que são suficientemente astutos na manipulação das palavras conseguem, por vezes, argumentar de forma tão plausível que podem provar ou refutar praticamente qualquer coisa. Confiar apenas nas palavras pode ser uma prática precária. Precisamos de ir mais fundo do que as palavras que são, afinal, apenas as representantes das ideias, e muitas vezes representantes muito ineficazes.

No seu melhor, a linguagem é plena de limitações e presta-se a interpretações erróneas, particularmente durante o processo de tradução. Quando as pessoas falam, precisamos de olhar para além do valor literal das palavras que estão a usar para verificar o que tentam expressar.

O pensamento é capaz de conceber coisas que não podem ser expressas adequadamente em palavras. Isto poderá explicar a necessidade da Humanidade de música e arte; em tais domínios, podemos encontrar canais para temas que não podem ser revestidos de meras palavras. Tanto a música como a arte podem elevar-se acima do pensamento e transportar-nos para as esferas celestiais. Elas são tão necessárias à evolução do Homem como a linguagem e a comunicação mundana. Sempre que o Homem aspirou tornar-se algo mais do que um animal, procurou significados e efusões mais sublimes, e enriqueceu-se a si próprio e aos outros compondo música e criando arte. É como se soubesse instintivamente que a Humanidade está destinada a ser bela e nobre, e respondesse tentando produzir ecos desta visão em termos terrenos.

Isto leva-nos ao provável destino da raça humana, embora alguns, como de costume, entrem em disputa. Nos seus momentos mais elevados, a Humanidade, tanto na vida quotidiana como na sua visão da eternidade, procura e esforça-se por criar em seu redor aquilo que é bom de observar e de ouvir. Tem um impulso constante para melhorar, embelezar e elevar. Esta é a voz do seu verdadeiro eu, do espírito de Deus dentro dele. Inspira-o a procurar a perfeição e a criá-la dentro de si próprio e em tudo o que o

rodeia. É a voz de Deus dizendo-lhe que ele é feito à imagem de Deus. Cabe a cada alma refletir essa imagem na sua verdadeira semelhança.

Capítulo 22
Vozes da eternidade

Um dos encontros mais comoventes e memoráveis que tive como resultado do meu trabalho ocorreu na residência do Bispo de Southwark. Ele tinha tido a gentileza de me convidar para almoçar um dia e cheguei à sua casa sentindo-me um pouco intimidada com a ideia de tomar uma refeição com um bispo. Ele e o seu capelão logo me deixaram mais à vontade com a sua amabilidade e calorosa hospitalidade. Fizeram-me sentir que estava na presença de verdadeiros cristãos que não olhavam com superioridade para os humildes.

Enquanto almoçávamos, o Bispo fez-me várias perguntas sobre o meu trabalho e as minhas experiências psíquicas. Em resposta às suas instâncias, admiti que as minhas visões tinham incluído alguns de vários santos e do próprio Jesus. Raramente falo destas visões especiais, pois são tão sagradas para mim que as guardo dos descrentes.

Tudo o que direi neste livro é que tenho sido a testemunha maravilhada de manifestações que não me deixaram dúvidas de que Jesus foi o instrumento de Cristo, e morreu na Cruz porque o seu ensinamento era um desafio sem precedentes para os hipócritas e os egoístas. Algumas destas manifestações ocorreram durante a vida do meu marido, e partilhámos juntos algumas ocorrências espirituais verdadeiramente notáveis e avassaladoras.

Devo, porém, enfatizar que não aceito a Bíblia como sendo literalmente verdadeira, e que estou convencida de que uma investigação

honesta e profunda sobre a sua validade revelaria que esta foi mutilada através de más traduções, através de erros de copistas e, ocasionalmente, através de falsificação deliberada. É claro que não estou sozinha nesta convicção e estou familiarizada com o facto de que estudiosos e investigadores teológicos estão entre os que partilham a minha convicção. No entanto, a grande mensagem de Cristo brilha através das obscuridades do fraseamento e da reportagem defeituosa: ou seja, procurem Deus e cuidem dos outros. A mesma mensagem percorre todas as religiões verdadeiras.

Depois de terminarmos o almoço, o Bispo testou-me ao convencer-me a tentar a psicometria. Este é um ramo da ciência psíquica que não tenho por hábito praticar, mas descobri que funciona com sucesso. Com a prática, muito provavelmente melhoraria, como todas as atividades com a aplicação constante.

O momento mais dramático surgiu quando o Bispo me entregou um livro grande que estava inteiramente coberto com papel pardo liso, de modo que não havia pista alguma a retirar quanto ao seu título, autor ou conteúdo.

"Pegue nisto e veja que impressões obtém", disse ele.

Segurei o livro — um tomo bastante pesado — e percebi imediatamente que um espírito se estava a formar ou a tornar-se visível para mim. Comecei a descrevê-lo e a dizer ao Bispo como ele estava trajado. Não conseguia lembrar-me do nome correto para o chapéu alto que o espírito usava, mas descrevi-o pelas minhas próprias palavras. O Bispo disse-me que eu estava a dar uma descrição do Papa João XXIII com as suas insígnias papais.

O evento seguinte que ocorreu foi um que vivi com apreensão: senti-me a entrar em transe — algo a que costumo resistir fortemente, pois prefiro permanecer plenamente consciente e saber o que está a acontecer! Informei o Bispo de que me sentia a ser levada para um transe. Ele disse-me que estava bastante habituado a testemunhar tais ocorrências e que eu estaria, portanto, em boas mãos se permitisse que acontecesse. Deixei-me ir para a inconsciência, sentindo-me ainda apreensiva.

Quando recuperei os sentidos, descobri que tinha as faces molhadas de lágrimas.

"Porque é que estive a chorar? O que aconteceu?", perguntei, algo embaraçada por me encontrar em tal estado.

"Pedro falou", respondeu o Bispo.

"Que Pedro?", perguntei.

"Aparentemente foi Simão Pedro", respondeu o Bispo para meu espanto.

Senti-me muito abalada por ter permitido entrar em transe e ter uma alma tão exaltada a comunicar — isto é, se fosse realmente São Pedro. O facto de ter visto frequentemente um espírito que afirmava ser São Pedro não me deixou menos boquiaberta.

"Mas porque haveria São Pedro de vir e falar?", perguntei ao Bispo, perguntando-me o que Pedro teria dito e se teria sido realmente o próprio santo.

"Foi perfeitamente lógico", respondeu o Bispo, "o Papa seria considerado o sucessor de São Pedro, e você viu o Papa João antes de entrar em transe."

Senti-me um pouco tranquilizada.

"Agora abra o livro e olhe para ele", instruiu o Bispo.

Abri cuidadosamente o livro que ele me dera para segurar e descobri que era uma biografia da vida do Papa João XXIII. Portanto, eu tinha visto o espírito do Papa João aparecer quando peguei no livro sobre ele nas minhas mãos! Subitamente, senti-me muito humilde e muito comovida por ter tido o privilégio de o ver. E até hoje, sinto-me avassalada pelo pensamento de que o próprio São Pedro aparentemente falou através de mim, uma humilde dona de casa e modesta aspirante.

Desde esse dia, vi o Papa João muitas vezes e recebi dele conselhos sábios. Perguntava-me um dia se ele quereria que eu me tornasse católica romana, mas ele disse-me:

"Tudo o que importa é que sejas cristã."

E isso, talvez, coloque o cristianismo na sua verdadeira perspetiva. Não sei muito sobre o Papa João, claro, mas pelo que aprendi sobre ele, parece que tinha uma exaltada amplitude de visão e via para além de todas as mesquinhas divisões da fé cristã feitas pelo homem.

Como podemos esperar que os princípios cristãos triunfem quando um cristão se opõe a outro cristão e diverge em tantos pontos? Os princípios fundamentais do comportamento cristão encontram-se em todas as grandes religiões, embora cada religião faça as suas próprias interpretações e regulamentos. Mas o cristianismo ortodoxo usa frequentemente antolhos que permitem apenas uma visão estreita e o tornam cego para a grande verdade universal que os iluminados podem discernir no verdadeiro significado e sentido do cristianismo.

Lentamente, o mundo inteiro poderá aperceber-se de que a mesma água sagrada enche inúmeros tipos de vasos; que o mesmo sopro santo é soprado numa diversidade inumerável de almas; que o mesmo fogo divino

é aceso em inúmeras disposições de corações; que a mesma terra sagrada deve ser pisada no caminho para Deus por uma variedade infinita de peregrinos. Gradualmente poderá despertar em nós a ideia de que ninguém detém o monopólio da verdade, que ninguém possui Deus exclusivamente, que Deus está verdadeiramente em todo o lado e disponível para todos.

Destruímos a totalidade da verdade ao cortá-la em pedaços minúsculos. Imaginamos o Todo-Poderoso como um ser limitado que é parcial a favor de pessoas que detêm crenças específicas. Há um crescimento constante de desaprovação no mundo em relação à discriminação contra qualquer pessoa por conta da sua cor ou nacionalidade, por conta da sua classe ou credo, até por conta do seu sexo — talvez o preconceito mais persistente e enraizado de todos.

Podemos imaginar Deus a praticar discriminação para com a humanidade e a recusar conceder a vida eterna a qualquer pessoa que não seja um mero punhado de almas, cujas crenças estabelecidas se conformam exatamente com um certo padrão fanático e rígido? Especialmente quando recordamos que esses padrões fanáticos foram tecidos, não pela mão de Deus, mas pelos próprios seres humanos! Tentamos reduzir Deus à nossa escala — He, que é ilimitado, tudo abrange e tudo compreende, e está para além da nossa pequena compreensão.

Esse desabafo é o meu clamor pessoal contra as vinganças amargas que grassam entre religiões e até dentro das religiões. Penso em todos os que foram martirizados pelas suas crenças, cujo próprio martírio deveria envergonhar-nos e levar-nos a exercer a tolerância. As nossas crenças mudam ao longo das eras, novas religiões surgem e desaparecem e, em tempos recentes, o público afastou-se da religião ortodoxa.

Tendemos agora a conduzir as nossas vidas com base no que é definitivamente conhecido e pode ser cientificamente comprovado, em vez de em crenças que alguns consideram pouco razoáveis ou irracionais. Talvez estejamos a caminhar para uma era de tolerância muito necessária, pois a mistura de várias nacionalidades em todo o mundo exige essa tolerância. Temos de aprender a respeitar as crenças dos imigrantes se quisermos viver e trabalhar lado a lado com eles em paz. Temos de perceber que as religiões deles são tão verdadeiras para eles como a nossa é para nós, que os seus livros sagrados são igualmente autênticos para eles como a Bíblia o é para um cristão orientado pela Bíblia.

Perguntaram-me se as minhas experiências psíquicas e místicas levaram a quaisquer conclusões da minha parte ou se fizeram alguma diferença notória na minha visão das coisas. Como seres humanos, estamos sempre a tirar conclusões sobre todo o tipo de coisas, e muitas das nossas

conclusões são falíveis porque não temos em conta o facto de não estarmos familiarizados com todos os dados relativos. Mesmo quando acreditamos ter recolhido todos os dados disponíveis sobre um assunto, podemos estar a omitir um único fator que é tão vital que poderia alterar todo o nosso raciocínio.

Por conseguinte, as conclusões a que cheguei devem ser consideradas como tentativas preliminares de resumir as minhas experiências. O campo parapsicológico ainda se encontra largamente inexplorado e novos aspetos são continuamente revelados.

No que respeita aos horizontes psíquicos, estes estão apenas a começar a abrir-se para o mundo, e muitos hesitam em explorá-los, e alguns tentam impedir ou desencorajar outros de os explorarem. Mas a Humanidade está imbuída de um sentido de aventura e curiosidade e continuará a explorar e a experimentar enquanto a raça humana existir. Existe uma sede inextinguível de conhecimento na mente humana e uma fome insaciável de esclarecimento espiritual na alma humana. A centelha inextinguível acesa do fogo divino que o Criador soprou em nós pode acender grandes faróis para iluminar o nosso caminho.

O espírito humano está destinado a triunfar sobre todos os obstáculos colocados no seu caminho pelos ignorantes e fanáticos. Todas as indicações que tive apontam firmemente para uma expansão da consciência humana sem paralelo com nada do que aconteceu no passado. A Humanidade viaja em direção à consciência do seu verdadeiro eu e, através do alcance da autoconsciência iluminada, seguir-se-á para a consciência de Deus.

Na sua expressão mais elevada, a experiência psíquica funde-se com a experiência espiritual de forma quase intrincada. É possivelmente por isso que encontramos tantas descrições de manifestações psíquicas ao longo da Bíblia. Mas o poder psíquico, como todos os outros poderes, pode ser usado tanto para o bem como para o mal, tanto para fins construtivos como destrutivos. Devemos aproveitar as faculdades psíquicas para serem usadas ao serviço do Todo-Poderoso e para o bem da Humanidade.

Devemos usar as energias psíquicas para criar degraus em direção à paz. Devemos dirigir estas energias para curar não apenas corpos doentes, mas mentes doentes e almas doentes.

Estamos todos a usar energia psíquica ao longo das nossas vidas, quer acreditemos nela ou não. Mas poderá levar muitas décadas até começarmos a compreender a natureza e as funções da energia psíquica. Vivemos num mundo carregado de muitas energias ou energias latentes; não as compreendemos a todas e nem sequer estamos conscientes da existência de algumas delas.

Há um alcance ilimitado para investigação nos campos psíquicos para aqueles que são inteligentes e corajosos o suficiente para neles colocarem os pés. Precisamos de pessoas qualificadas para realizar investigações: cientistas, parapsicólogos e investigadores experientes. Precisamos de investigações feitas por pessoas que sejam completamente imparciais: aqueles que são a favor ou contra a crença em poderes psíquicos podem tender ou a forçar o ritmo ou a tentar travá-lo, de acordo com a sua inclinação pessoal.

As minhas próprias experiências levaram-me a perceber que existem muitas armadilhas no campo psíquico, especialmente para os excessivamente imaginativos, os excessivamente ambiciosos e os que vivem de ilusões. Acredito que temos de nos esforçar para excluir a emoção das investigações sérias e evitar quaisquer cultos de personalidade, pois estes levarão inevitavelmente a becos sem saída.

Infelizmente, os médiuns — e guias, diga-se de passagem — começam ocasionalmente a considerar-se como oráculos, e isto terminará certamente em desilusão. Os espíritos no Além não sabem tudo e, se afirmam saber, podem ter a certeza de que não são muito iluminados... nem muito honestos!

É claro que a investigação psíquica e as investigações paranormais, se conduzidas com perícia e total imparcialidade, revelarão aspetos extensos e importantes da natureza humana, da mente e da psique, até agora não sonhados na nossa filosofia. Seremos capazes de penetrar mais profundamente nos mecanismos do cérebro, do qual a maioria de nós usa cerca de um terço.

Os outros dois terços, quando postos em uso, poderiam produzir um afluxo de génio como o mundo nunca conheceu. E, sabe Deus, precisamos de cada átomo de inteligência que consigamos reunir para ajudar a resolver os problemas que nos enfrentam e para superar as barreiras entre nós e a ignorância. Uma vez que Einstein me afirmou categoricamente que a inteligência não depende meramente do número de células cerebrais saudáveis possuídas, poderíamos lucrar através dos nossos esforços para aprender como explorar todos os nossos recursos psicomentais disponíveis, incluindo os dos campos extrassensoriais.

A inteligência é uma qualidade ou entidade que opera através do cérebro e através de outros sentidos, e um uso conhecedor das faculdades extrassensoriais fornece uma saída adicional e valiosa para a inteligência inerente.

Através dos nossos medos, superstições e preconceitos, represamos o fluxo da Inteligência Cósmica que, corretamente empregada, poderia

produzir uma raça de super-seres. Somos, como Einstein e outros no Além nos asseguram, muito mais maravilhosos do que sonhamos, com tremendos poderes por explorar que nos poderiam transformar em verdadeiros deuses num reino de feitos brilhantes. Aceitamos demasiado facilmente sermos insignificantes conforme outros nos persuadem; adotamos prontamente uma atitude de inferioridade que tantas vezes nos é imposta por outrem; acreditamos depressa demais quando nos dizem que não temos importância no grande esquema das coisas.

Cada alma, individualmente, tem o seu papel a desempenhar no Grande Plano; e todas fazem parte do grande todo a que chamamos Deus. Podemos nem sempre comportar-nos de uma maneira digna do todo; alguns de nós podem até tentar separar-se dele; mas intrínseca e irrevogavelmente, somos fragmentos inseparáveis do poderoso Espírito Cósmico.

A luz lançada sobre o lado oculto da nossa natureza através de novos factos descobertos pela investigação da P.E.S. poderia ser uma ajuda no tratamento de mentes desordenadas e criminosas. Poderia também ser uma lâmpada para nos guiar no caminho para a Omnisciente, Omnipotente, Omnipresença. Pois se somos parte do todo, como nos é lembrado tão frequentemente, ao descobrirmos verdades sobre nós próprios, estaríamos a descobrir verdades sobre o Todo-Poderoso.

As minhas experiências místicas aprofundaram certamente a minha crença num Espírito Todo-Poderoso; de facto, aumentaram a minha consciência crescente da Presença de Deus. Mas as experiências místicas são tão pessoais que podem significar pouco ou nada exceto para a pessoa que passa por elas.

Dizer que me senti envolvida numa santidade tão intensa que criou uma sensação de elevação extática são apenas palavras, vazias para todos exceto para aqueles que tiveram uma experiência semelhante. Alguns psiquiatras explicarão tais experiências como alucinações — mas como sabem eles? A menos que possam REFUTAR a existência de Deus, não podem argumentar conclusivamente que tais experiências são meras ilusões.

As minhas visões de Jesus e de alguns dos seus discípulos não me transformaram numa fanática pregadora da Bíblia. Que Jesus viveu uma vida ensinando sobre Deus e curando, posso acreditar; que morreu na cruz parece ser um facto histórico confirmado durante o meu próprio contacto com o seu espírito, e pela indicação de Liszt de que o Santo Sudário é evidentemente o sudário autêntico do corpo de Jesus.

Mas é tão aparente que algumas palavras atribuídas a Jesus ou nunca foram proferidas por ele, ou então foram mal relatadas, que considero que o único caminho fiável a seguir é o do espírito do cristianismo em vez da letra. Muitas gerações tinham vindo e ido antes que fossem feitos relatos escritos da sua vida e ensinamento e, durante esse intervalo de tempo e a passagem de detalhes de boca em boca, é inevitável que surgissem discrepâncias e citações erradas.

Uma vez que me vejo por vezes citada erroneamente quase no momento seguinte, posso bem imaginar o que aconteceu às palavras de Jesus! Li em letra de forma afirmações atribuídas a mim que com toda a certeza nunca fiz em momento algum. A mente humana está constantemente sujeita a romancear, a exagerar, até a distorcer relatos de pessoas e eventos, como demonstrado pelos relatos conflituosos feitos por testemunhas nos Tribunais de Justiça. A história do Novo Testamento da vida de Jesus transmite uma mensagem espiritual imortal, diz-nos claramente que a vida continua após a morte e que devemos preocupar-nos com os outros tanto quanto connosco próprios. Exorta-nos a voltarmo-nos para Deus, como fazem todas as religiões.

Relata-se que Jesus disse que ninguém vem ao Pai senão por "mim". Terão sido estas as suas palavras exatas? Se sim, tencionava ele que isso fosse tomado literalmente, ou estaria a tentar fazer as pessoas perceberem que ninguém pode chegar a Deus através de outra pessoa, ou em segunda mão, mas que cada um deve vir ele próprio ou ela própria através do "eu" em cada um de nós que faz parte do "Eu" total? Cada um, por outras palavras, deve procurar Deus por si próprio, e não pode passar a responsabilidade para outra pessoa. Devemos vir individualmente a Deus num espírito de humildade e arrependimento, e ninguém mais pode fazer isso por nós.

Cada um de nós, ou seja, só pode aproximar-se de Deus através do Cristo interior, tendo permitido que o Cristo entrasse em nós ou nascesse dentro de nós. A nossa interpretação é talvez por vezes demasiado literal e por vezes demasiado superficial. O verdadeiro cristianismo é, podemos assumir com toda a reverência, muito mais rico do que muitos de nós percebemos, e não porta uma mensagem estreita e paroquial, mas oferece uma mensagem mundial e universal que incorpora todas as religiões.

Se eu tivesse tido apenas a Bíblia para fundamentar a minha fé, creio que a teria achado inadequada, ilógica e carente de provas suficientes da sua autenticidade. O Novo Testamento, tanto quanto se sabe, poderia ter sido inventado por um grupo de pessoas — anos após a morte de Jesus — para fundar o seu próprio ramo de religião. E desde o momento em que foi

passado para o papel, poderia ter sido alterado por uma sucessão de mãos, fazendo-o desviar-se cada vez mais dos factos originais. O que foi, poder-se-ia perguntar, que me levou a aceitar o caminho cristão, se sinto tanta dúvida e incerteza sobre a Bíblia?

Simplesmente isto: a minha própria experiência pessoal da Presença de Cristo, as minhas próprias visões de Jesus e de certos discípulos, e a impressão indelével deixada em mim pelo puro prodígio do Amor Infinito que me envolve, a mim, uma mera partícula na criação. Há coisas que se podem sentir mas para as quais não se encontram palavras para exprimir; há visões, como a do Espírito de Cristo, que são demasiado gloriosas para serem descritas por palavras.

O máximo que pode ser dado é a garantia de que as minhas experiências místicas foram reais, intensamente reais e vivas para mim, e que imbuíram a vida de um significado interior que me permitiu ver para além do cenário mutável da existência quotidiana, em direção à Realidade sempre presente do Agora Eterno. Não sou mais santa nem mais sábia do que qualquer outra pessoa, mas de alguma forma — talvez por não ter pretensões — fui abençoada com um vislumbre de luz e tocada por um sopro de consciência da Vida Suprema.

Isso é tudo o que posso dizer, tudo o que estou disposta a dizer. Em comum com muitos outros, senti-me sustentada ao longo da vida por uma força espiritual que ultrapassa o nosso conhecimento mortal. Não tive uma vida fácil. Foi carregada de tragédias e desilusões. Foi fustigada pela pobreza e pela doença. Juntamente com uma multidão de outras pessoas, passei por tempos de grande perigo e privação durante a Guerra de 1939-1945.

Nasci em Londres e vivi lá durante toda a guerra. Testemunhei muitos dos horrores dos bombardeamentos e vi de perto parte do terrível sofrimento que causaram. No entanto, durante todo esse tempo, parecia-me que Deus caminhava ao nosso lado, procurando restaurar a paz e chegar aos feridos de corpo, mente e coração. Também experimentei uma solidão dilacerante que só se tornou suportável pelo sentido da proximidade de Deus.

Este sentido de Deus tem sido constante em toda a minha vida e tem sido sempre mais agudo durante os meus tempos de necessidade e aflição. Por vezes, por desatenção, por tolice, por descuido, esse sentido foi atenuado; mas descobri que ele está sempre lá, à espera de despertar novamente na minha consciência. Não posso acreditar que algo tão duradouro, tão firme e inabalável perante todas as contingências da vida

possa ser desprovido de realidade, de fundamentos espirituais sólidos, de uma fonte autêntica.

A sua pura persistência, mesmo quando eu questionava tudo sob o sol, a lua e as estrelas, é por si só suficiente para me constranger a acreditar numa Divindade, num Deus-por-trás-de-tudo, na Providência. Talvez muito mais pessoas partilhem este sentido do que se imagina. Poderemos estar todos enganados? Estaremos todos a entregar-nos a uma espécie de sonho glorificado apenas para nos tranquilizarmos? Talvez exista em nós uma voz mansa e delicada que sussurra a verdade, embora muitos de nós não lhe prestemos atenção, e o cérebro sobre-intelectualizado possa negá-la desdenhosamente.

Cada um de nós tem de decidir se ela soa a verdade ou não, sabendo que não existe corroboração material para resolver a questão num sentido ou noutro. Deus parece ter-nos deixado numa situação difícil, mas talvez não seja realmente assim. Habituámo-nos a tentar pesar tudo com os nossos sentidos físicos e por meios materiais; este poderá ser o ponto fulcral da questão: o de que temos de aprender a exercitar os nossos sentidos espirituais e a nossa perceção espiritual para transcendermos as limitações terrenas.

Isto não implica que devamos viver nas nuvens ou levar vidas impraticáveis, ignorando as duras realidades do mundo contemporâneo. Pelo contrário, o que isto deveria provocar é uma consciência acrescida dos verdadeiros valores da vida humana e uma maior capacidade de lidar com todas as exigências que enfrentamos. Deveria dar-nos um verdadeiro sentido de perspetiva, colocando cada momento do tempo no contexto da Vida Eterna. Deveríamos ouvir as Vozes da Eternidade a exortar-nos a triunfar sobre o presente, sobre o próprio tempo, sabendo que somos de uma estirpe imortal.

Capítulo 23
Inspiração poética

Presta-se hoje pouca atenção à poesia, exceto em escolas e colégios. Parece uma grande pena, porque a poesia diz-nos frequentemente coisas que são raras, mas que pareceriam triviais na prosa vulgar. A poesia é uma cristalização do pensamento que, em poucas palavras, pode dizer volumes. A poesia tem o dom de dotar de beleza os detalhes quotidianos, aparentemente monótonos, da vida.

Pode ajudar-nos a apreciar as maravilhas do universo e o milagre de viver; a redescobrir os olhos da infância que olhavam com admiração e

espanto para a multidão de coisas maravilhosas em seu redor que nós, adultos, com os nossos sentidos entorpecidos, não conseguimos percecionar. A poesia pode desenvolver os sentidos estéticos, sem os quais somos meros animais. É a linguagem dos amantes, dos místicos e dos idealistas e possui certas qualidades, no seu melhor, para nos inspirar com valor, inflamar-nos com entusiasmos nobres e também para nos acalmar no tormento ou na dor.

A poesia é a música das palavras e brota da mesma fonte de inspiração que a própria música. A poesia pode falar em tons divinos e despertar o nosso eu superior.

Este capítulo é incluído para benefício daqueles que amam a poesia e para o possível interesse dos que não têm inclinação poética. Não estou a nomear os poetas de quem creio que parte da inspiração é retirada, porque a preocupação deles não é tanto provar as suas identidades, mas sim apresentar alguns poemas para leitura e fruição. De qualquer modo, o processo entediante de tentar fornecer provas para satisfazer o escrutínio público e individual tornou-se muito cansativo.

Após alguns anos de dissecação (muitas vezes de natureza implacável) por críticos de todos os quadrantes, sinto-me impelida a adotar uma atitude de "pegar ou largar", a qual, por si só, poderá convidar a algumas críticas! Afinal de contas, não faz diferença para mim, pessoalmente, o que as pessoas acreditam ou não acreditam, e as atitudes delas não alteram os factos relativos à vida após a morte.

A qualidade da comunicação ao nível poético pode ser afetada pelas flutuações aparentemente inevitáveis durante o contacto com o espírito. Pode ser tão clara como um sino ou abafada e desconexa. Acredito, contudo, que os poemas seguintes foram anotados por mim com poucos erros de transmissão, se é que houve algum.

O Cético

Quando a treva sobre a terra lança o manto,
E o mocho em seu lamento a noite invade;
Quando a árvore e a sombra, num encanto,
Se fundem na sombria imensidade;

Quando o gato pela relva se encaminha
Até que encontra um rival à espreita,
Que o faz bufar em fúria que era vizinha,
Rasgando o ar num grito que se rejeita;

Quando o luar, com pálida e baça cor,
Faz o mundo em baixo semirreal parecer;
Quando a calma se espalha com rigor,
E o lago brilha num estranho resplandecer;

Imagino, então, que em fantasmas acredito,
Pois tudo à volta parece mudar e oscilar;
O cenário familiar, dantes tão bendito,
Surge agora estranho e difícil de notar.

Vagos espetros em bruma parecem surgir,
Balançando incertos, sem rumo ou lugar,
Em formas sem rosto, vejo-os a fluir,
Até no vazio de novo se apagar!

"Que truques o luar prega!", digo para mim,
"São apenas sombras das árvores no chão."
Que acenam ao vento num movimento assim,
Fazendo o galho curvar-se na escuridão.

Mas chega a aurora e o feitiço é desfeito.
Quão cética me torno à luz do dia!
Sei que não há fantasmas, nesse conceito —
Pelo menos, até que a noite caia em sombria agonia.
Retrospeção

Se eu pudesse amar como já amei outrora,
Com mente clara e o peito em pleno gozo,
E ter de novo a alegria que foi embora,
E que agora é passado saudoso;

Se eu pudesse os trilhos do monte trilhar,
E subir as encostas sem nunca cansar,
No cume das montanhas me ver a habitar,
Sem o tempo ou a idade me virem pesar;

Se eu, sem o medo do frio cortante,
Vencesse o vento, a chuva e o temporal,
E ao correr não parasse nem um instante:

Se eu vivesse este tempo sem igual —

Eu daria o descanso que tanto me custou,
E de bom grado iria também abdicar
Do ócio que a velhice enfim me deixou,
E da poltrona ao pé do morno lar.

O Elísio teria de esperar um momento,
E deixar-me aqui em baixo ainda ficar.
Na beleza da terra e no meu sentimento,
Mundo mais belo não sei encontrar.
Contentamento

O que sabe da vida o homem da cidade?
Tenho pena dele, em verdade.
Ele não ouve o hino que as aves entoam,
Enquanto as manhãs ressoam.

O sol que se ergue por entre os outeiros
Para dourar os céus inteiros,
Verte uma glória que não é avistada
Por quem vive em rua asfaltada.

O milagre de cada nova Primavera,
Onde a vida enfim se liberta,
E as verdes alamedas que o campo gera,
Ele nunca as vê de forma certa.

Enquanto os botões as folhas vão abrindo,
E as flores desabrocham enfim,
Com mente grata vou a hora sorvendo,
Nesta paz que é tudo para mim.

Oh! Não quero para mim a pressa citadina,
Nem o comboio que se apinha,
O barulho e o brilho que o mundo fascina,
Nesta febre que a mente definha.

Contente estou os meus dias a passar
Neste retiro de sossego,

Desconhecida, mas a Deus sempre a louvar,
No destino ao qual me entrego.
Humildade

Um dossel de estrelas brilha lá no alto.
A lua desliza de um véu de nuvem, mansa,
Onde há pouco se escondeu num sobressalto,
Escapando à multidão que o céu alcança.

Pelos campos do céu agora ela caminha,
Com passo lento e nobre segue o seu roteiro,
Até que, com graça humilde, a luz que tinha
Rende ao sol que nasce no horizonte inteiro.

O sol, em chamas, faz a estreia do dia,
E rouba a cena celeste com brilho latente.
Oh, lua gentil! Não temas tal ousadia:
Pois ele também se apagará ante a Luz Maior e potente.

O Preservacionista

Ribeiros puros fluem ainda
Por entre a encosta e a ravina,
Onde o pé humano não encontra vinda
Para trilhar a margem que se inclina;
Por vales densos de arvoredo,
Onde a gazela bebe sem medo.

As águas deslizam calmamente
Sob a falésia alta e escarpada,
Onde a Natureza manda soberanamente,
Pela mão humana jamais tocada;
Em lugares tão remotos e sós,
Que o olhar humano não chega até nós.

Vejo a corrente o seu leito alargar,
E o seu curso aberto ser avistado
Por turistas com pressa de chegar,
Sem tempo para ver o que foi criado:
A beleza que a cena contém,
O cetim que a água no brilho mantém.

Oh Natureza, ouve o meu clamor!
Os teus recantos escondidos eu procuro
Para manter livre todo o teu esplendor,
Que aqui o teu coração viva seguro,
Consagrado num puro prazer,
Que o dano humano nunca venha a colher.
Justiça

Se os sonhos de imortalidade forem em vão,
E a vida for só uma passagem no chão;
Ou se a última carta que a morte nos der
Aniquilar a alma mal se deixe de viver —

Então no esquecimento iríamos mergulhar,
Sem mais nada sentir, temer ou pensar.
Escapando à vida e ao seu cruel fado;
O triunfo final seria o nosso legado!

A liberdade que os Budistas procuram alcançar
Seria de todos, sem terem de a buscar.
As almas seriam nada, sem mais existir,
Nem busca de paz nos faria partir.

Quão fácil seria o pecado esquecer
Se após a morte nada mais vier a haver.
Sem castigo, mérito ou recompensa a esperar;
Sem falta de perdão para nos vir atormentar.

Mas a Némesis não se deixa enganar:
Uma outra vida a todos vai aguardar
Onde cada um colhe o bem que semeou,
E paga por cada erro que o mundo deixou.
À Dor

O que serás tu, oh Dor, cujo toque fatal
Pode endurecer corações como o granito,
Mas outros abranda com luz divinal
Que nasce tão terna no alvorecer infinito?
Tempestades da Vida

No West End, as montras a olhar,
Turistas e vadios a deambular —
Nuvens de tempestade, é preciso abrigo.
A chuva começa o seu açoite inimigo.

As multidões, em desordem, a fugir.
Mais forte a água se faz sentir.
Nas ombreiras das portas as gentes se apertam.
Amantes, no abraço, a chance despertam.

Os passeios agora estão desertos.
Rostos confusos, em olhares incertos,
Espreitam de todas as direções;
Nas montras baças, há turvas reflexões.

Ruas outrora vivas, agora paradas,
Vida e movimento em pausas forçadas;
Pessoas esperam com ansiedade
Enquanto não cessa a tempestade.

Toda a atividade é interrompida.
Hopes e planos, com a alma ferida.
Temos de enfrentar o inesperado,
Pois sob a tormenta ninguém é poupado.

A vida pode ser tão desconcertante,
Ferindo sem regra a cada instante.
Temos de aguentar cada estação
Mesmo que nunca saibamos a razão.
Vida Inconstante

Oh vida infeliz, tomaste em tua mão
A minha alma crente mal eu nasci.

Levaste-me, sem eu ter noção,
Pela infância alegre que ali vivi.

Deste-me vinho em plena juventude,
Do primeiro amor provei o sabor;
Mas quando quis beber com plenitude
Rompeste a taça com cruel rigor.

Encontrei enfim uma doce mulher,
E partilhei com ela uma dita que voou,
Pois a morte invejosa, sem me querer,
Levou a minha noiva e a paz me roubou.

E agora aqui sento a pensar no meu fado,
No caminho da vida com o bem e o mal.
O que nos é dado é logo levado.
Terminamos a vida, como no início, com nada no final.

Mas quando chegar a hora de partir,
E noutro lugar do sono acordar,
Talvez uma colheita nos venha a sorrir,
E tudo o que amamos possamos ceifar.
Esperança!

Oh, não fiques triste quando o Verão
Abrir as suas asas e partir,
E deixar a Terra com o frio na mão
Sob os céus de inverno a rugir.

Pois há um tempo para descansar;
Há um tempo para o sono profundo,
Quando a Terra fica a repousar
Nos braços de Quem criou o Mundo.

A Terra irá de novo despertar,
Anunciando a Primavera em flor,
E o Verão logo se virá a instalar
Conforme as estações mudam de cor.

Pois há um tempo para acordar;

Há um tempo para enfim sorrir,
Ao ver que a Morte foi só um lugar
Onde estivemos um pouco a dormir.
O Explorador

Descoberta! Estou aqui no teu limiar,
E preparo-me para o mergulho final.
Irei eu, no fundo, uma pérola encontrar?
Ou será o meu fim, no abismo fatal?

Reúno as minhas forças em prontidão
Para as manter sob firme controlo,
Enquanto no peito faço uma oração
Para que o meu esforço não caia no solo.

Os inimigos do progresso cercam-me agora,
E gozam enquanto espero o sinal.
"Que loucura te move por essa via fora?
"Por que buscas a morte no abismo final?"

Eles não ouvem as lutas que o homem travou,
As alturas e abismos que ele cruzou
Em busca de saber e de poder real;
Os trilhos que em busca de Deus ele traçou.

Se eles lessem o que eu li, gravado no tempo
Na face de toda a imensa Criação,
Então saberiam o meu sentimento,
Seguindo trilhos novos com o coração.

Saberiam que a alegria infinita vem
Aos que levam a tocha da busca na mão.
Quando a luz da verdade nos toca também,
A terra e o céu em música cantarão.
Verdade

A Verdade era um colar no pescoço de Deus,
Num fio de pensamento puro e contínuo;
Cada conta uma pedra tirada dos céus,
Que Deus das Suas ideias fez, por desígnio.

Deus fez o Mundo, e o Homem criou,
Dando-lhe mente para ele pensar
E partilhar o pensamento que o fio deixou;
Das águas da verdade eterna poder beber.

Mas o Homem era como uma criança incauta,
Agarrando o que via com mão desejosa.
O colar de contas foi a sua pauta;
Agarrou-o sem jeito, de forma gulosa.

E assim o fio precioso foi quebrado;
As contas caíram por todo o lugar.
Agora a Verdade vive em estado fragmentado,
Sem força ou união para o Mundo guiar.
Agridoce

Conforme o passado se vai afastar,
Devemos colher o que é doce e bom,
Deixando a amargura enfim morrer?
Frágeis na vontade de o mal suportar,
Devemos calar cada triste tom
De ecos de mágoa de tempos de sofrer?

A doçura sozinha, se for em excesso,
Poderia enjoar o nosso apetite.
Que a nossa vontade seja universal!
Não queiras provar, em constante processo,
Banquetes de gozo sem qualquer limite:
Prova com coragem o que nos sabe mal.

Como a nossa alma se pode gastar,
Se, como criança que doces consome
Até dizer "Basta!" num grito de dor,
Nós formos apenas o açúcar provar,
Fugindo à comida que a força nos some,
Buscando no xarope o único sabor.

Se pudermos ser bravos na nossa jornada,
Pedindo à coragem que venha encontrar

Festas de mágoa, de angústia ou de dor,
O eu não será a nossa morada:
Pois a derrota não nos virá alcançar,
Ganhando da alma o seu nobre valor.
Barro

Quando a vida findar e nada restar
Senão as brasas que o passado deixou,
Que não aquecem o sangue a esfriar;
Quando a cada dia a vida se findou —

Irás olhar para trás como é tradição
Em busca de conforto no tempo passado;
Ou tentarás achar nesta vida a razão,
E por que não deves ser pela morte levado?

Sonhamos em vão que a hora não vem.
Mas virá para todos, sem exceção.
A Morte espera por nós, sabe-se bem,
Ou invade o corpo em lenta invasão.

Muitos vivem no mal e na crueldade
Como se estivessem acima da lei,
Sem terem de prestar contas à Eternidade
Quando o último fôlego derem ao Rei.

Com a morte nos calcanhares em cada dia,
O caminho do bem deveríamos seguir,
Mas seguimos o dano e a nossa porfia
Em hábitos que a alma virão a ferir.

Um duro despertar espera por quem
Ignora as leis que regem o viver.
Fazer o outro sofrer só desgraça nos traz também,
Numa miséria que iremos enfim colher.

Embora o cético se ria com desdém,
Não pode ter a certeza de que assim não será:
Que cada vez que ferimos alguém,
Uma mágoa futura nos aguardará.

Plantas uma roseira e, quando chegar a vez,
As rosas perfumam o ar com o seu dom.
Negligencia o jardim da tua alma com escassez,
E as ervas daninhas dirão "o que é bom".

O Oleiro pôs barro em cada mão
Para cada um moldar na roda da vida.
E quando a roda parar a sua ação,
A nossa obra será enfim exibida.

Vasos tortos, feios de se olhar,
Almas disformes o Oleiro verá:
Rejeitadas por se deixarem falhar,
Indignas da glória que Ele lhes dá.

Assim, postas na roda do Oleiro outra vez,
O barro deve ser refeito com mais cuidado,
Até que a roda da vida mostre o que se fez,
E um vaso mais fino seja enfim moldado.

Invoca então a tua perícia e usa-a bem,
E do teu barro um nobre vaso constrói;
Para que o teu trabalho seja bom também,
E a alegria eterna o preencha e corrobore.

Capítulo 24
John Lill

John Lill contribui com o excelente artigo incorporado neste capítulo. Na verdade, sinto que ele é tão completo em si mesmo, e fala com tal eloquência e clareza de pensamento, que não necessita de introdução ou explicação adicional.

Ao lê-lo, experimentei um impacto direto que brota de um caráter inequívoco — essa mesma qualidade inequívoca que distingue a própria alma de Beethoven. Ao enfatizar a sabedoria de desenvolver a nossa espiritualidade inata, o artigo assume um tom pragmático que dá testemunho da força inabalável de espírito e dos ideais corajosos de um

jovem que não é apenas um grande pianista, mas, sem dúvida, uma grande alma.

É, para todo o mundo, como se o próprio Beethoven tivesse tomado a pena e unido forças com John Lill para falar com audácia num tempo em que muitos se refugiam na rejeição pseudocientífica das potencialidades espirituais da Humanidade, e muitos mais demonstram receio de "perder a face" ao renegarem qualquer crença em faculdades psíquicas. Milhares de pessoas permitiram-se ficar totalmente obcecadas por um materialismo devorador; milhares tornaram-se desumanizadas por paixões avassaladoras de poder, posição e prestígio. Aqui, no artigo de John Lill, alguns de nós poderão ouvir a voz decidida de um profeta com uma capacidade churchilliana de nos despertar da nossa letargia espiritual e da nossa hesitação intelectual; de nos despertar para despojarmos a pretensiosidade sofisticada que, demasiadas vezes, é confundida com superioridade.

A Minha Visão da Espiritualidade, por John Lill

Quando algo faz parte da nossa alma de tal maneira, e vivemos com isso toda a vida, tendo-nos ajudado mais do que se pode dizer, sentimo-nos um pouco constrangidos perante a perspetiva de escrever sobre o assunto para outros. Constrangidos porque o tomámos como garantido, como a essência principal e lógica e o auxílio do nosso trabalho e da nossa vida, aparentemente na terra, e parece peculiar pensar que ainda existem muitas pessoas sem isso. Refiro-me, claro, à convicção interior profunda na existência, assistência e desenvolvimento espiritual.

No meu trabalho como pianista de concertos, dou cerca de cem concertos todos os anos em muitos países. Nasci em Londres, em 1944, e nunca conheci a vida sem ser capaz de tocar, por mais rudimentarmente que fosse. Segundo informações bastante fidedignas da minha mãe, parece que demonstrei um entusiasmo enorme pela música desde muito cedo, e já tirava melodias aos 3 ou 4 anos de idade. Tinha escrito uma sonata (deve ter sido terrível) aos 6, e dei o meu primeiro concerto aos 9, do qual me lembro bem! Para mim, parecia tão natural tocar piano que eu era incapaz de compreender por que razão os meus amigos de escola preferiam dar chutos numa bola e pareciam incapazes de partilhar o meu entusiasmo pela música, e especialmente pelo meu grande deus da música, Beethoven. A minha obsessão por ele era avassaladora e eu parecia não aprender mais nada além das suas composições.

Tenho pouca memória dos primeiros anos, à exceção de uma ou outra ocasião, mas é uma grande surpresa ouvir de amigos e familiares que me ouviam na altura o relato da extensão da minha paixão pela música.

Lembro-me de ser incapaz de perceber como era possível que as minhas mãos se movessem daquela maneira, e a minha memória musical era tão sólida quanto a minha memória não musical era comparativamente fraca.

Aprendi as sonatas, sinfonias e concertos de Beethoven de cor por volta dos meus quinze anos e tinha, entretanto, descoberto que outros compositores também tinham existido! Não admira que as pessoas pensassem que eu era um pouco "tocado", vindo de uma família muito pobre (mas emocionalmente muito segura) no *East End* logo após a Guerra, sem qualquer ascendência de músicos, tanto quanto consigo apurar.

Mas, por muito difícil que a vida fosse então, nunca me senti só. Solitário, sim, mas mesmo naqueles dias eu estava consciente de uma força sólida como uma rocha a injetar-me as minhas indescritíveis paixões pela criação musical e por Beethoven. Por que razão ele era uma figura paterna para mim era algo que nunca questionava, mas tenho a certeza de que milhares de intérpretes e ouvintes devem retirar uma força e um otimismo colossais da sua música.

Por esta altura, continuava os meus estudos no *Royal College of Music*, em Londres, e não tardou muito até ser mais ou menos forçado a sair devido à quantidade de concertos que me surgiam. Era simplesmente demasiado para conciliar ambos. Desde então, embora tenha havido tempos de "vacas magras", a minha carreira desenvolveu-se lenta e solidamente.

Talvez o exemplo mais notável de orientação espiritual, no que me diz respeito, tenha ocorrido em 1970. A minha mãe tinha sofrido um grave AVC no final de 1969 e senti que era essencial mudá-la da casa geminada exígua, num ambiente muito difícil e barulhento onde vivíamos, para um lar mais calmo. Era-me impossível comprar uma casa, a menos que vencesse um concurso de grande importância. Não havia nada a fazer senão tentar um, por isso decidi ir a Moscovo tentar o Concurso Internacional Tchaikovsky. Os meus amigos achavam que era muito arriscado, pois um mau resultado poderia prejudicar a minha carreira, que se estava a estabelecer bem gradualmente.

Contudo, senti-me impelido a ir a Moscovo e, durante todo o tempo em que lá estive, estive consciente de uma grande força espiritual a ajudar-me ao longo das semanas de tensão e a levar-me à vitória final de ganhar o primeiro prémio. Isto significou que pude comprar uma casa para os meus pais e mudá-los quatro meses depois para um ambiente mais calmo, onde a minha mãe pôde ter uma vida mais tranquila.

Não acredito que a força espiritual que senti a guiar-me através daquelas semanas de nervos em franja tenha sido puramente fruto da minha imaginação. As palavras não conseguem explicar a confiança e o poder

colossais que senti antes de tocar na ronda final, nem explicar a mensagem estranha que recebi, dizendo-me que eu venceria, antes da minha atuação final. Em competição com outros 67 jovens pianistas profissionais de todo o mundo, esta foi, de facto, uma experiência extraordinária. Sei que houve uma entidade fora da minha própria mente consciente que foi capaz de me inspirar e controlar, e da qual pude extrair poder quando mais precisei.

Apresentei este breve resumo do meu percurso para tentar explicar a extensão da ajuda espiritual de que tive consciência e da qual beneficiei — e continuo a beneficiar — face a pessoas e situações difíceis, invejosas e por vezes hostis. Embora praticamente nunca fosse à igreja e não tivesse a chamada religião no sentido convencional naqueles dias, foi-me, no entanto, dada uma segurança e confiança indefiníveis pelo que é, virtualmente, uma e a mesma coisa. O enriquecimento espiritual começa realmente onde tudo o resto (especialmente as coisas materiais) termina, e para aqueles que sentem que posso estar a falar de forma pomposa ou convencida, permitam-me recordar-lhes que todos recebem ajuda, mas nem todos se aproveitam dela.

Não foi senão em abril de 1973 que tive o primeiro contacto direto com aqueles em espírito — e sendo eu pragmático e um pouco "duro de roer" em relação a assuntos como o contacto direto, nunca pensei que fosse possível. Não explicarei como nem por que ocorreu, porque a experimentação leviana e o envolvimento irresponsável em algo tão importante não faz sentido e é, por vezes, perigoso psicologicamente, especialmente para quem o faz por diversão.

Aqueles que não o encaram como diversão não precisam de ter medo, pois sentem-se certamente o mais seguros possível no conhecimento de que estão certos. Uma vez que foram os que estão em espírito a contactar-me primeiro, não me senti mal ao tentar comunicar, a fim de obter o complemento de uma mensagem que tinha recebido anteriormente e, incrivelmente, consegui estabelecer um contacto vívido de imediato.

Ainda estava muito duvidoso, pois sentia que os espíritos significavam sempre influências duvidosas ou malignas (e, de facto, há muita verdade no facto de as pessoas menos desenvolvidas ficarem mais próximas da terra e tentarem frequentemente comunicar, daí o meu aviso anterior). Imaginem o meu espanto quando comuniquei logo com Beethoven. Por esta altura, todos considerarão isto como uma fantasia previsível, alucinatória ou subconsciente, e com razão — eu também o fiz!

Mas quando se conversa com alguém, e com muitos outros, durante o que perfaz uma média de uma ou duas horas por dia (muitas vezes muito mais), e se recebem factos que apenas são conhecidos pelo espírito e que se

provam estar 100 por cento corretos após verificação, até o maior cínico tem de repensar. Foram-me ditos inúmeros factos e nomes que, sublinho novamente, me eram completamente desconhecidos, mas que, com a ajuda de livros de referência e enciclopédias, foram e são provados completamente corretos todas as vezes.

Fui questionado um dia pelo próprio Beethoven se estaria interessado em ir a uma palestra dada por Rosemary Brown. Tinha ouvido falar dela e acreditava que era genuína, mas nunca a tinha ouvido falar nem ouvido as suas composições. Ele indicou o local e a hora — informámo-nos e tudo estava correto. Fomos à palestra e a música que ouvi pareceu-me ser genuinamente à maneira e no estilo dos compositores do passado que eram nomeados e que, não sendo de estranhar, continuam noutro comprimento de onda ou vibração.

Alguma da música estava simplificada de certa forma, ao que parece, porque, não sendo ela uma musicista profissional, nem sempre é capaz de transcrever música muito complicada até agora. Além disso, parece-me que o objetivo deles não é necessariamente tentar transmitir grande música, mas simplesmente provar a sua existência. Ouvindo-a falar e tocar, fiquei imediatamente comovido pela sua sinceridade, pois tudo era óbvio para mim (e, de qualquer modo, fora previsto pelo próprio Beethoven).

Durante a palestra, interrompi de forma algo brusca, anunciei-me e afirmei acreditar que ela era inteiramente genuína. Foi assim que nos conhecemos. Mais tarde, ela disse-me que Beethoven a tinha avisado de uma possível interrupção naquela noite por minha parte! Não nos encontramos frequentemente, pois estamos ambos muito ocupados, mas quando o fazemos é um prazer maravilhoso perceber que ambos estabelecemos contacto regular com os grandes compositores e outros que estão muito mais preocupados do que se pensa com os seus representantes na terra.

O que é mais gratificante é quando ambos recebemos a mesma mensagem independentemente, a qual descobrimos ser idêntica através de comparação posterior (como acontece frequentemente).

Continuo pragmático, pelo menos no que toca a questões de prova, mas seria simplesmente impossível e idiota da minha parte, com todas as minhas experiências tão vívidas na memória e comunicando todos os dias como faço, não perceber a realidade óbvia e forçosa que me foi agora provada mil vezes. Além disso, conheci recentemente clarividentes, pessoas que conseguem fazer escrita automática e muitos outros que aprofundam ainda mais a compreensão já abrangente que se pode ter dos poderes potenciais que se podem alcançar.

Em vez de esconder a cabeça e fingir que não há continuidade da vida, muitas vezes por ignorância ou medo, deve-se enfrentar a conclusão lógica e óbvia de que, mesmo que não houvesse "prova" por parte de nenhum daqueles, incluindo eu próprio, que tiveram a sorte de comunicar diretamente, continuaria a ser um insulto ao senso comum lógico pensar que, após uma vida tão curta nesta terra, com a beleza, a arte, o propósito e o plano óbvio de todo o panorama e cosmos tão perfeitamente concebido por Deus, e já parcialmente aparente para nós, a morte seja o fim.

Realmente não tenho nada a acrescentar, tendo possivelmente falado demais, percebendo quão rápidas algumas pessoas são a tentar prejudicar-nos assumindo que estamos em contacto com o que chamam de sobrenatural, etc. No entanto, a perda é deles. Na verdade, quando se considera quantas pessoas estabelecem contacto, deve admitir-se que as pessoas fazem muito bem em sequer ver espíritos. Imaginem ser capaz de "ver" uma onda de rádio ou de televisão não modulada, por exemplo.

Como é que algumas pessoas conseguem ser tão pomposas a ponto de sentirem que a ciência conhece agora todas as respostas, quando tanto continua por responder, é um mistério para mim. Afinal, não é verdade que houve um tempo em que seriam insultados por sequer sussurrarem a um amigo que o mundo fosse outra coisa senão plano?

O que continua a dar grande prazer é o facto de se poder fazer literalmente qualquer pergunta sensata, e aqueles em espírito darão sempre respostas úteis, muitas vezes profundas. De facto, tenho perguntado tanto sobre os enigmas da vida que as respostas que recebi poderiam encher inúmeros manuais. Comecei a escrevê-las, mas é demasiado. A bondade, generosidade e sentido de humor deles também não são geralmente percebidos por aqueles que sentem que o "assombro" sério ou transes na escuridão são necessários. Simplesmente não é verdade.

Não falei sobre as razões importantes e pessoais por trás da minha vida e comunicação. Algumas coisas é melhor não publicitar, pelo menos não ainda. Se e quando eu publicar a razão principal da minha existência, isso poderá criar muitas línguas viperinas. Foi-me dito que é agora o meu trabalho e vocação na vida assegurar que faço com os meus maiores poderes o que sempre senti e me foi dado o dom para fazer. Certamente nada pode dar maior êxtase ou agonia do que tal vocação.

Finalmente, permitam-me apenas dizer (parece a conversa fiada de políticos antes de um jantar) que, desde o último ano de verdadeira consciência, a minha vida tornou-se grandemente enriquecida, está mais feliz, mais saudável, e não creio que alguma vez tenha tocado melhor do que agora.

Não acham que vale a pena aceitarem os vossos verdadeiros poderes para os desenvolverem, e afastarem-se das atitudes, convenções e escapismos superficiais da nossa era decadente e obcecada pelo dinheiro, para os verem substituídos por valores a longo prazo de força e riqueza de espírito indescritíveis? Vale certamente a pena a mudança.

Talvez me seja permitido comentar o belo testemunho de John Lill sobre a ajuda e orientação espiritual que recebemos se nos sintonizarmos suficientemente com os planos espirituais. Quando dou uma palestra-recital, tenho de limitar a minha escolha de peças às "não-muito-difíceis", uma vez que não sou uma pianista de concertos formada. Por conseguinte, a música que John Lill me ouviu tocar não incluía nenhuma das peças realmente complicadas que recebo e que exigem um intérprete de primeira classe para as tocar com competência. Vale a pena notar que Peter Katin, por exemplo, comentou (tanto ao gravar parte da música para a *Philips* como ao transmitir na televisão) que algumas das peças são extremamente difíceis.

O que os compositores me deram até agora pode não ter superado o que deram durante as suas vidas, mas transmitiram certamente uma quantidade generosa de música que muitos músicos aclamaram ser de excelente qualidade e construção. Afinal de contas, não é tarefa fácil transcrever música nota por nota enquanto esta é ditada por alguém noutra dimensão — as pessoas provavelmente não têm a mínima ideia de quão laboriosa é essa tarefa, quão delicado é o equilíbrio de tal contacto e quão ténue é a linha de receção auditiva.

Gostaria de acrescentar outra coisa. Há uma vasta diferença, claro, entre comunicar com os planos de consciência onde habita a alma comum (possivelmente não despertada espiritualmente) e comunicar com os planos superiores de consciência. Devem desculpar-me por usar a expressão "planos superiores", que é um nome algo impróprio, pois estes planos não são mais altos no sentido de distância. Refiro-me aos planos onde a consciência espiritual é o único meio de entrada, planos nos quais a pessoa de mente materialista, a espiritualmente densa e a degenerada não conseguem penetrar.

Santos, almas altamente desenvolvidas e os espiritualmente despertos podem descer destes planos para planos inferiores para ajudar aqueles que ainda ali lutam. Estas almas elevadas podem chegar até nós aqui na terra por vezes, mas normalmente isso só acontece quando elevamos a nossa própria consciência para encontrar a deles. É por isso que acredito que é importante embarcar na comunicação num estado de espírito de oração; caso contrário, poder-se-á obter contacto apenas com aqueles que ainda são

muito limitados no seu desenvolvimento e conhecimento espiritual. Isto não é ostentar esnobismo espiritual: todas as almas são potencialmente iguais em qualidade, mas algumas avançaram mais na sua busca pelo Altíssimo.

Se nos contentamos com mensagens da querida Tia Maud, que era uma alma bastante simpática mas que mal consegue pensar ou falar de outra coisa senão do peixe com batatas fritas que adorava comprar na loja da esquina e das falhas do marido, então não nos importaremos se uma comunicação de natureza mais esclarecedora ou edificante não surgir. Mas se quisermos realmente aprender, desdobrar a nossa natureza superior e crescer mais perto de Deus, esforçar-nos-emos certamente por alcançar os planos superiores de onde emana a inspiração divina, a sabedoria e a expansão da consciência.

Mensagens comuns de almas que partiram podem ser de grande conforto para aqueles que deixaram neste mundo; por isso, os médiuns que prestam o serviço de estabelecer contacto para este fim estão a fornecer uma ligação valiosa. Fomos, afinal, instruídos a confortar os que choram. Frequentemente, esta primeira experiência dos enlutados na comunicação é um degrau no caminho para uma investigação, estudo e aplicação posteriores. Pode ser o primeiro passo em direção a um maior crescimento espiritual.

Aqueles que usam os médiuns unicamente para extrair mensagens intermináveis para sua própria satisfação dificilmente estarão a fazer qualquer progresso proveitoso ou a tornarem-se pessoas mais sábias ou melhores. Comunicar simplesmente por comunicar será provavelmente uma ocupação inútil. Seria como falar por falar, quando pouco de notável poderá ser dito. O motivo na comunicação é a questão fundamental.

Decidir passar uma hora ou duas a conversar com os "mortos" pode ser tanto uma perda de tempo e energia como o pode ser coscuvilhar com um vizinho. Resultados que sejam compensadores no sentido espiritual provavelmente só ocorrerão quando houver um propósito altruísta na tentativa de comunicar. Sinto necessidade de sublinhar isto porque algumas pessoas estagnam no seu desenvolvimento ao contentarem-se com o trivial e o trivial.

Terei uma mensagem final para os leitores deste livro? Apenas repetir as palavras do final do capítulo 21. Nos seus momentos mais elevados, a Humanidade, tanto na vida quotidiana como na sua visão da eternidade, procura e esforça-se por criar em seu redor aquilo que é bom. Tem um impulso constante para melhorar, embelezar e elevar. Esta é a voz do seu verdadeiro eu, do espírito de Deus dentro dele. Inspira-o a procurar a

perfeição e a criá-la dentro de si próprio e em tudo o que o rodeia. É a voz de Deus dizendo-lhe que ele é feito à imagem de Deus. Cabe a cada alma refletir essa imagem na sua verdadeira semelhança.

FIM

APÊNDICE I
Uma mensagem recebida por Rosemary Brown de Bertrand Russell, na qual ele comenta as tendências atuais

O futuro de qualquer país, é manifesto, depende largamente do seu desenvolvimento económico e social. Não repousa, como alguns possam acreditar, inteiramente nas mãos de uma minoria. Contudo, há sempre a necessidade, se não a conveniência, de controlos governativos e de manutenção distributiva se se pretender reter uma produção equilibrada e um nível de subsistência.

Lucros excedentes, por um lado, podem levar a uma deficiência, por outro, com um concomitante colapso na economia nacional, a menos que os lucros sejam dedicados, pelo menos em parte, ao fomento de um aumento geral da prosperidade, em vez de permanecerem uma fonte individual de vantagem.

O Capitalismo, tal como o conhecemos durante as últimas décadas, poderá bem estar a morrer de morte natural através do reconhecimento, por parte daqueles que rotulamos de "capitalistas", da conveniência de permitir que os empregados igualem os seus trabalhos ao valor dos seus produtos ou serviços, em vez de lhes ser atribuído um salário arbitrário pelo trabalho realizado. Isto não é sentimentalismo fútil, mas uma abordagem prática ao encorajamento da boa vontade entre empregadores e empregados, sem a qual a cooperação corre o risco de se tornar estéril. A cooperação, além de estar destinada a ser a palavra de ordem para uma prosperidade sustentada e uniformemente distribuída, disponível para todos, poderá revelar-se o elemento indispensável para a sobrevivência da espécie humana.

Todas as nações têm uma história de fortunas flutuantes que pareceram frequentemente inevitáveis e que foram, certamente, não planeadas. É apenas em tempos recentes, ou seja, desde a viragem do século, que uma proporção digna de pensamento e esforço tem sido dedicada ao bem-estar das massas, das quais depende toda a economia do país.

A religião foi explorada para exortar as pessoas a aceitarem a sua sorte e o seu suposto lugar na sociedade como sendo a Vontade Divina: um

mandato empírico, uma vez que ninguém pode definir a Vontade Divina com um argumento conclusivo. Como resultado, os oprimidos, hipnotizados pela aceitação desta situação, eram geralmente não contestatários e servis, derrotados pela sua pobreza e impotência social para negociarem um tratamento mais justo.

A difusão da educação permitiu que as massas se tornassem mais articuladas e capazes de questionar muito do que anteriormente era aceite como inevitável nas condições de trabalho e no salário. O desafio ao Capitalismo atual decorre, em grande medida, do aumento da consciência dos trabalhadores sobre a estrutura e função das empresas, e do seu crescente reconhecimento do seu próprio papel essencial como a base fundamental sobre a qual os magnatas constroem os seus impérios financeiros. Ao mesmo tempo, aqueles situados (por mais fortuita ou perigosamente que seja) no topo da pirâmide da classe e da riqueza podem afetar menos indiferença em relação à sorte dos seus irmãos menos afortunados, em parte através de uma crescente perceção de que uma nação, para manter as rodas da indústria a funcionar suavemente, deve cuidar dos seus trabalhadores a todos os níveis, e em parte para apaziguar as exigências da opinião pública, que é agora uma força a ter em conta devido ao seu poder de se fazer ouvir através dos meios de comunicação social.

Mudanças mundiais na estrutura e na condução das prioridades económicas são inevitáveis e aconselháveis. Os trabalhadores devem participar mais plenamente na vida da nação, tanto para o seu próprio bem como para o bem da nação como um todo. O privilégio deve caminhar sempre de mãos dadas com a responsabilidade, sob o risco de se tornar libertinagem. E deve ser sempre lembrado que a mais pequena engrenagem de uma máquina pode fazê-la parar se não lhe for dada a devida atenção e cuidado.

Uma vez que o ideal de governo pelo povo para o povo emergiu em oposição ao governo por um indivíduo despótico ou um grupo de tiranos, os esforços para criar um sistema perfeito de governo continuam e devem continuar, pois melhorias podem sempre ser feitas. Reter um sistema que seja suficientemente fluido para permitir que ajustes desejáveis sejam feitos é o mais próximo de uma norma verdadeiramente democrática que talvez seja possível atingir.

Um sistema que é totalmente inelástico está condenado a quebrar-se devido à sua incapacidade política de expandir o seu alcance para estar à altura da expansão mundial.

O governo pelo povo só pode ser conduzido por um processo indireto, uma vez que é palpavelmente impossível que todo o povo governe por meios diretos. Pode nem sempre ser fácil para a pessoa comum decidir quem melhor representará os seus interesses ou a sua vontade, porque cada candidato político fará o seu máximo para convencer o eleitorado de que representa o partido mais desejável.

É uma grande pena que um esboço das políticas planeadas de cada partido não possa ser elaborado e apresentado ao eleitorado por um comité totalmente desinteressado; mas onde se poderia encontrar um comité totalmente desinteressado? (Uma vez que todos estão envolvidos e são afetados pelos resultados de qualquer eleição.)

Se cada candidato pudesse e quisesse promover adequadamente os interesses de cada membro do eleitorado, a necessidade de partidos opostos tornar-se-ia, com toda a probabilidade, supérflua, pois os objetivos de cada partido seriam então idênticos. Interesses conflituantes constituem uma característica quase inevitável de qualquer nação, especialmente quando essa nação está a absorver uma quantidade de imigrantes mistos com diferentes culturas e necessidades. O candidato ideal seria aquele que pudesse reconciliar estes interesses conflituantes para a satisfação de todos os interessados, o que é uma tarefa na qual é improvável que tenha sucesso.

O político deve tornar-se um mestre do compromisso se pretende equilibrar as necessidades de todos os setores da comunidade, mas o compromisso não será fácil de atingir se ele tiver objetivos bem definidos a perseguir. Ele caminha sobre uma corda bamba que o derrubará se estiver demasiado esticada ou demasiado frouxa. Os seus motivos podem ser admiráveis, mas o seu desempenho medíocre, o que pode levar o eleitorado a substituí-lo por um candidato que tenha motivos menos dignos. Benevolência de espírito não basta num político; o público procura resultados, esperando que um membro do Parlamento seja, por vezes, algo parecido com um mágico.

A política hoje em dia não pode limitar-se a questões nacionais; está a tornar-se rapidamente uma questão de alcance internacional. Isto torna a tarefa do político mais onerosa, mas ele poderá ser capaz de transformar isto numa vantagem se conseguir captar a situação geral e ganhar aceitação tanto numa escala internacional como nacional. Já não há lugar para políticas insulares, mas ele poderá considerar parte do eleitorado lenta a perceber este facto.

O mundo precisa de homens de visão e coragem, homens que não procurem popularidade à custa de políticas sábias e de longo alcance que podem não merecer a aprovação dos impacientes que clamam por

resultados imediatos. No entanto, se não angariarem alguma medida de popularidade, não serão eleitos em primeiro lugar; ou, se já eleitos, não permanecerão no poder mais tempo do que o povo tolerará. Cabeça fria, mão firme e coração quente: estes são os atributos que talvez sejam os mais essenciais para o político bem-sucedido dos dias de hoje. Homens de tal estatura são raros, e se encontrarmos algum entre nós, seríamos sábios em escutá-los.

APÊNDICE II
A Música — uma opinião do Professor Ian Parrott, MA, DMus (Oxon), FTCL, ARCO

Na sua autobiografia, "Unfinished Symphonies" (Souvenir Press, 1971), Rosemary Brown descreveu com bastante detalhe como muitas das inúmeras composições "recebidas" lhe chegaram. Para o investigador psíquico, é notável que o fenómeno ocorra de todo. De certa forma, é semelhante à "escrita automática" mediúnica, mas a notação musical é mais difícil de escrever do que a linguagem das palavras. Rosemary teve apenas um conhecimento limitado dos rudimentos da música, mas isso ajudou a mantê-la como um vaso limpo e, de facto, ajudou-a a ser recetiva. Ela é humilde quanto ao seu dom extraordinário. Em "Performing Right", maio de 1970, escreveu: "Eu estaria orgulhosa, de facto, de reivindicar estas composições como sendo 'inteiramente o meu próprio trabalho'; tal reivindicação da minha parte não seria apenas desonesta e presunçosa, mas também se oporia aos esforços dos compositores para exibirem a sua consciência sobrevivente individual."

Para o músico, naturalmente, não é suficiente que haja uma comunicação com o "além". Alguma qualidade deve emergir. Isto, creio, o leitor atento encontrará. Também algum estilo. Devemos perceber aqui que os céticos, embora afirmem frequentemente ser científicos, podem ir a extremos ridículos para desprezarem as coisas se não quiserem acreditar nelas. É por isso que considero *Grübelei*, por exemplo, tão satisfatória — para os céticos. Não é, por um lado, uma pálida imitação do estilo inicial de Liszt; nem é, por outro, totalmente diferente de tudo o que ele escreveu. É algo intermédio: mais parecido com o tipo de composição experimental que ele poderia ter escrito a seguir, caso tivesse vivido mais tempo neste mundo.

Não esqueçamos que quaisquer imperfeições estilísticas ou impurezas nalgumas das outras peças podem dever-se às dificuldades de comunicação. Rosemary, afinal de contas, não é uma estudante de música

que constrói conscientemente, imitando deliberadamente modelos bem estabelecidos. E, quanto a isso, não conheço estudantes de música brilhantes ou animadores de tertúlias que pudessem produzir algo minimamente parecido com os resultados dela.

O trabalho de Rosemary poderá permanecer controverso por algum tempo, mas eu, pelo menos, estou disposto a apoiá-lo.